

A MINHA VIDA EM DOIS MUNDOS



GLADYS OSBORNE LEONARD

TRADUÇÃO: AMADEU ANTÔNIO

A MINHA VIDA EM DOIS MUNDOS

GLADYS OSBORNE LEONARD

Índice

- PRÓLOGO
- I — O RAIOS DE SOL DE ONTEM
- II — UM AMIGO «DESAPARECE»
- III — O VALE FELIZ
- IV — UMA REVELAÇÃO
- V — PROBLEMAS A CAMINHO
- VI — REÚNO FIOS IMPORTANTES
- VII — O MEU PRIMEIRO ENCONTRO COM FEDA
- VIII — «ONDE OS ANJOS TEMEM ENTRAR»
- IX — OS FIOS ESTREITAM-SE MAIS
- X — FEDA ATINGE O SEU OBJECTIVO
- XI — RELATIVAMENTE A UMA EXPERIÊNCIA
DESAGRADÁVEL
- XII — COMEÇO O TRABALHO A SÉRIO
- XIII — CONHEÇO UM GRANDE HOMEM
- XIV — ALGUMAS PROVAS DE SOBREVIVÊNCIA
- XV — MAIS ALGUMAS PROVAS — E UM REBATE
- XVI — EM QUE ENCONTRO O MEU PAI; PERCO-O E
ENCONTRO-O NOVAMENTE
- XVII — ENFRENTO NOVAMENTE UMA PROVA
DESAGRADÁVEL
- XVIII — OUÇO UMA PALAVRA ESTRANHA
- XIX — O OUTRO LADO DO MURO
- XX — TENHO UMA AVENTURA EXTRAORDINÁRIA
- XXI — DEIXO NOVAMENTE O MEU CORPO FÍSICO
- XXII — ALÉM DO MURO E COMO ELE É
- XXIII — UMA PERGUNTA EMBARAÇOSA É FEITA — E
RESPONDIDA
- XXIV — O MEU EU MORENO
- XXV — FENÓMENOS FÍSICOS
- XXVI — VEMOS MAIS DO QUE ESPERÁVAMOS

- XXVII — UM ESPÍRITO ACORDA-NOS UM POUCO
- XXVIII — RELATIVAMENTE A FADAS E ATAQUES AÉREOS
- XXIX — COISAS ESTRANHAS COMEÇAM A ACONTECER NA NOSSA CASA
- XXX — O PRIMEIRO SOPRO, E O QUE SE LHE SEGUIU
- XXXI — UM VISITANTE DA MEIA-NOITE
- XXXII — SURGEM ALGUMAS DIFICULDADES
- XXXIII — UMA PIADA À CUSTA DE MIM MESMA
- XXXIV — COMO «ELES» NOS AJUDAM EM MOMENTOS DE AFLIÇÃO
- XXXV — ALGUNS FENÓMENOS MARAVILHOSOS
- XXXVI — COMO DESENVOLVER AS VOSSAS FACULDADES PSÍQUICAS
- XXXVII — UM TRABALHO DE PREPARAÇÃO NECESSÁRIO
- XXXVIII — DESENVOLVER A MEDIUNIDADE FÍSICA
- CAPÍTULO XXXIX — SESSÕES DE MESA — E COMO CONDUZI-LAS
- CAPÍTULO XL — DESENVOLVER A MEDIUNIDADE DE TRANSE
- CAPÍTULO XLI — CLARIVIDÊNCIA
- CAPÍTULO XLII — CLARIANDIÊNCIA
- CAPÍTULO XLIII — PERCEPÇÃO
- CAPÍTULO XLIV — ESCRITA AUTOMÁTICA
- CAPÍTULO XLV — CURA E DIAGNÓSTICO
- CAPÍTULO XLVI — PROFECIA
- CAPÍTULO XLVII — DA ESCURIDÃO PARA A LUZ

PRÓLOGO

Por SIR OLIVER LODGE

ESTE parece-me ser um livro útil e muito necessário, repleto de informação que não é facilmente acessível. Representa de forma justa e verdadeira os sentimentos e as interpretações das experiências de uma sensitiva, e contém material para estudo psicológico. Representa também as dificuldades encontradas por uma aspirante a médium

nesta fase do conhecimento mundial sobre o assunto, em que ela se encontra constantemente em perigo de ser processada por violar aquilo que os tribunais consideram ser a lei.

Tomando a sua narrativa pelo seu valor nominal, ela progride na convicção da realidade de um mundo espiritual com o qual é possível, sob certas condições, entrar em contacto. Ela inclina-se a pensar (e eu também) que os habitantes desse mundo estão por toda a nossa volta, mas que a sua presença nos é inacessível, a menos que tenhamos um instrumento de receção: tal como não temos consciência das ondas etéricas enviadas de Daventry e de outras estações, embora estas apenas requeiram um instrumento devidamente sintonizado para a sua interpretação em voz e música.

Para comunicar com o mundo espiritual, a maioria de nós necessita dos serviços de um ser humano com um organismo treinado para se deixar utilizar por outras inteligências, que são assim capazes de demonstrar a sua existência e de enviar mensagens de afeto ou de conforto.

A Sra. Leonard é uma médium assim, e provou ser, no passado, a melhor ou uma das melhores que conheci.

As pessoas irrefletidas opõem-se frequentemente ao uso de um médium e perguntam-se por que razão não conseguem elas próprias entrar em contacto; esquecem-se de que, para muitos propósitos mundanos, um médium é necessário. A maioria das pessoas é totalmente incompetente para receber ou enviar um telegrama sem a ajuda de um operador, que atua como um médium. Todos nós estamos dotados de um aparelho adequado para enviar e receber mensagens de tipo habitual, como por meio da escrita ou da fala; é apenas quando tentamos comunicar com pessoas cuja existência é incerta, e que só podem ser contactadas de uma forma invulgar, que surgem dúvidas e dificuldades.

Os nossos órgãos sensoriais estão adaptados de modo a podermos facilmente entrar em contacto com inteligências que habitam o mundo material, embora o seu termo de vitalidade seja comparativamente evanescente. A minha crença é que o mundo etérico é habitado por uma multidão de seres tão variados como aqueles a que nos

habituíamos nesta esfera mundana, mas, dado que não causam qualquer impressão nos nossos sentidos, escapam, na sua maioria, ao nosso conhecimento.

A magnitude total da existência inteligente escapa-nos, portanto, e concentramo-nos na pequena porção do universo prontamente disponível. Ir além disso envolve perigos, tal como qualquer exploração, mas somos avisados contra eles, e é possível para qualquer pessoa sã, íntegra e de boas intenções escolher, sob uma orientação benéfica.

A Sra. Leonard foi impelida a escrever este livro a fim de nos informar sobre como todo o assunto aparece a uma pessoa dotada da faculdade necessária, e a sua narrativa não deixará de ser instrutiva, mesmo para aqueles que se inclinam a interpretar as experiências de forma diferente. Quanto a mim, contento-me com a interpretação direta de que as coisas são, no geral, aquilo que aparentam ser, e tentei demonstrar que isto não está em desacordo com as doutrinas da física moderna. Seja como for, todos ficarão certamente gratos a uma pessoa dotada de faculdades excepcionais por registar as suas sensações, e o que ela pensa serem as suas experiências, de uma forma simples e interessante.

Relativamente a uma grande parte das suas declarações em transe, que provaram ser de ajuda e conforto para milhares de pessoas, ela é forçosamente ignorante, uma vez que ela própria se encontra em transe durante a receção das mesmas, mas acumulou muita outra informação e expõe-na pelo valor que possa ter. Penso que, com isso, prestou um serviço muito considerável à investigação psíquica, e agradeço-lhe cordialmente pelo esforço.

17 de Junho de 1931.

CAPÍTULO I

O RAIOS DE SOL DE ONTEM

«— e nós também vivemos e passamos, reflectindo por um momento e na medida da nossa capacidade a luz e a maravilha do Eterno. E não será isso suficiente?»

Li estas palavras no *Sunday Express* de 1 de Janeiro de 1928. Eram as palavras de conclusão de um artigo sobre a Imortalidade escrito pelo Sr. H. G. Wells.

Num parágrafo anterior intitulado *«O Raio de Sol de Ontem»*, o Sr. Wells afirmava que *«Os homens de Ur viveram e passaram como a luz sobre as partículas no raio de sol de ontem, e tudo o que resta hoje de Ur, a antiga, são montes de entulho e coisas desusadas e gastas — e todas as suas vidas individuais não passam de uma memória que se esvanece.»*

O itálico é meu. Essas palavras pareceram-me terrivelmente tristes. Não estão de acordo com a massa de provas irrefutáveis que foram recolhidas durante os últimos anos por muitos investigadores cuidadosos e inteligentes relativamente à Sobrevivência Humana após a Morte.

As vidas individuais de Ur ainda persistem, tal como as vidas individuais de todos os homens que *«viveram e passaram»* Na Grande Guerra de há uns anos — a mãe que passou no ano passado, o pai ou marido, ou filho ou filha, de qualquer um de nós que passou no mês passado? — ou na semana passada, ou ontem — persistem. Nenhuma destas vidas individuais existirá apenas como uma *«memória que se esvanece.»*

Os factos e as provas que foram recolhidos provaram-nos que cada uma destas vidas individuais persiste (ainda como indivíduos) após a Alma ter deixado o corpo físico; mas o Sr. Wells, e muitos milhares como ele, não desenvolveram a faculdade perfeitamente normal da clarividência — ou clariaudiência — e não conseguem ver ou ouvir o ente querido que passou para a sua nova condição de Corpo e Ser, e por isso, porque não o conseguem perceber com a sua visão física, negam simplesmente a sua existência.

Supondo que estas pessoas céticas tivessem nascido surdas, teriam negado a existência da música porque elas próprias não tinham a faculdade com que a ouvir? Não aceitariam elas a palavra de todas as inúmeras pessoas que ouviram, ou julgariam as suas afirmações como mera evidência de alucinação ou delírio em seres humanos de outro modo equilibrados e sensatos cuja opinião seria aceite em qualquer outro assunto?

«E nós também vivemos e passamos, refletindo por um momento e na medida da nossa capacidade a luz e a maravilha do Eterno. E não será isso suficiente?» pergunta o Sr. Wells. Não — não, não é suficiente. Não é suficiente para aqueles que amaram, e que sentem a falta do companheirismo diário, do afeto, da compreensão e da simpatia do ente querido, que parece ter sido arrancado de nós pelo processo chamado Morte Física.

Deverão eles — os nossos entes queridos — ser pensados apenas como *« Raios de Sol de Ontem »*?

Ora, como este livro é um registo de experiências pessoais, sou forçada a falar de mim mesma ao longo de todo ele. Cada página estará pontilhada com muitos "eus", e provavelmente erichada de infinitivos divididos e outros erros gramaticais e literários, mas é possível falar das nossas próprias experiências mais facilmente do que das experiências de outras pessoas.

Numa parte deste volume proponho-me apresentar algumas das provas que me levaram a acreditar no Espiritualismo, e noutra parte dar — no melhor das minhas capacidades — algumas instruções no que diz respeito ao desenvolvimento das faculdades psíquicas. Penso que chegou o momento em que deveria haver um «médium» em cada

lar; talvez cada membro da família pudesse desenvolver-se, não com a exclusão de outros interesses e deveres, mas como um dom adicional — uma faculdade que pode, e deve, aumentar e ajudar cada ação, palavra e pensamento nas nossas vidas diárias.

Eu própria não considerei que o desenvolvimento da percepção psíquica diminua de forma alguma outros estudos chamados normais. Sou uma jardineira mais bem-sucedida do que costumava ser, sou uma cozinheira muito melhor; em muitas direções bastante comuns, mas extremamente úteis, sei que melhorei; a minha saúde e os meus nervos estão sob melhor controle, portanto são mais fiáveis do que alguma vez foram antes de eu desenvolver o que muitas pessoas consideram um poder anormal ou extraordinário.

(Uma senhora comentou, ao encontrar-me pela primeira vez, sabendo contudo que eu era médium: «Valha-me Deus, Sra. Leonard, parece perfeitamente sensata.» Tenho a certeza de que ela esperava ver-me com palhas no cabelo e uma expressão distraída à Ofélia.)

É o conhecimento daquilo que o Espiritualismo fez por mim espiritualmente, mentalmente e até fisicamente que me impele a tentar, neste livro simples, mostrar aos outros como agarrar a verdade da sobrevivência pessoal, e a serem beneficiados pela esperança e coragem acrescidas que nos dá para enfrentar as dificuldades e provações da vida quotidiana, e para encarar calmamente — até com esperança — a aparente tragédia chamada Morte, que a maioria dos pobres seres humanos afasta das suas mentes o mais que pode e durante o maior tempo possível.

Não é tanto a nossa própria morte — embora esta pareça apresentar terrores do desconhecido para um número considerável de pessoas — mas sim o medo de perder um parente ou amigo próximo e querido, e a terrível sensação de perda que vem com o silêncio — aquele terrível silêncio que se segue à passagem do ente querido — para aqueles que ficam e que esperam.

*Quando alguma voz amada, que para ti era
Ao mesmo tempo som e doçura, se cala de súbito,
E o silêncio, contra o qual não ousas clamar,
Te dói em redor como uma doença forte e recente —*

*Que esperança? Que auxílio? Que música desfará
Esse silêncio aos teus sentidos? Nem o suspiro da amizade,
Nem o cálculo subtil da razão, nem a melodia
Das violas, nem das flautas que Fauno soprou;
Nem o canto dos poetas — nem o dos rouxinóis,
Cujos corações se elevam pelos ciprestes
Até à lua límpida; nem ainda as leis das esferas,
Entoadas por si mesmas, nem as doces saudações dos anjos,
Que se dissolvem no sorriso de Deus; não, nenhuma destas coisas.
Fala Tu, ó Cristo poderoso! E preenche esta pausa.*

E. B. BROWNING

O Espiritualismo tem ajudado a «preencher a pausa» para milhares de pessoas, devolvendo-lhes a fé perdida, a esperança na Eternidade e a reunião com aqueles que amam.

CAPÍTULO II

UM AMIGO «DESAPARECE»

AS PESSOAS perguntam-me frequentemente: «O que a levou a pensar em tornar-se médium? Em primeiro lugar, o que foi que trouxe o assunto da Comunicação e da Sobrevivência à sua mente?»

A causa remonta a quando eu era criança, provavelmente com oito anos de idade. Tinha sido sempre cuidadosamente protegida pelos meus pais de ouvir falar de morte, acidentes ou qualquer coisa «desagradável». Os jornais eram cuidadosamente mantidos fora do alcance das crianças. Por acaso, não tínhamos tido nenhuma morte na nossa família, nem mesmo entre os nossos amigos íntimos.

Ora, nas manhãs de domingo, depois de termos ido à igreja, o meu pai e eu cumpríamos um programa regular semana após semana, ao longo de um período bastante longo. Caminhávamos pelos campos e pelas ruelas rurais para visitar um amigo do meu pai cujo nome, creio, era Underwood; em todo o caso, chamar-lhe-ei por esse nome.

O Sr. Underwood era um homem de cerca de 40 anos, do tipo robusto e vigoroso, muito aficionado da jardinagem e da vida ao ar

livre. Costumava levar-nos a passear pelo seu jardim em cada visita e exibia as suas plantas, rosas, etc., com grande orgulho. O Sr. Underwood, com o seu amor pelos detalhes, asseio e entusiasmo por todas as coisas vivas, tinha-se tornado uma espécie de instituição na minha pequena vida. Ele pertencia a — era uma parte essencial de — o meu mundo de coisas quotidianas e tangíveis. Ele alinhava-se com o banho matinal, o pequeno-almoço, a oração, as lições e tudo o que se esperava que continuasse amanhã tal como é hoje e foi ontem.

Depois veio uma manhã de domingo. O meu pai e eu partimos como de costume. Era uma manhã radiante e ensolarada, e eu estava ansiosa por ver novamente o bonito jardim do nosso amigo. Quando chegámos à casa, parámos para notar que as persianas estavam todas descidas. Isso pareceu estranho, pois a família gostava de sol e ar. O meu pai bateu à porta, que foi aberta pela habitual e alegre empregada de sala, com o rosto banhado em lágrimas. Ela disse imediatamente: «Oh, senhor, o Sr. Underwood, ele partiu!»

O meu pai, apanhado de surpresa, repetiu: «Partiu?»

«Sim — partiu — morreu durante a noite; o resfriado forte dele, de que ele não se cuidou muito, transformou-se em pneumonia e ele partiu.»

O meu pai entrou na casa, deixando-me no jardim, dizendo que demoraria apenas alguns momentos. Caminhei pelos caminhos. Vi as mesmas plantas, as mesmas árvores, a mesma relva que tinha visto no domingo anterior. O mesmo cão que caminhava connosco — ele estava lá. Tudo estava lá, exatamente na mesma, mas a figura central, o baluarte de toda a cena, não estava lá. Parecia inacreditável. Olhei em redor dos cantos, atrás das árvores, na estufa, meio à espera de que ele aparecesse de repente, segurando um vaso de flores familiar e mostrando-nos o seu tesouro mais recente, mas nada aconteceu.

O meu pai saiu da casa. Em silêncio, pegou-me na mão e caminhámos calmamente no nosso caminho de regresso a casa. Senti-me como se estivesse a sufocar com um medo extraordinário e uma espécie de terrível curiosidade que tinha de ser satisfeita, ou algo em mim rebentaria.

«Papá, onde está o Sr. Underwood?» «Ele partiu, querida.»

«Partiu para onde?»

«Não faças perguntas, querida. Compreenderás melhor mais tarde. Ele foi para o Céu.»

«But por que razão foi ele para o Céu? A Sra. Underwood queria que ele fosse?» «Não, querida.»

«Se ela não queria que ele fosse, não está ela terrivelmente assustada e miserável?»

«Sim, receio que ela esteja muito perturbada com isso.»

«Mas por que foi ele, se ela não queria que ele fosse?» «Não sei, querida. Não fazes mais perguntas.» O resto da caminhada foi feito em silêncio — uma caminhada terrível, cheia de pavores novos, vagos e estranhos.

Dois dias depois, notei que o meu pai não saiu de casa para ir para o escritório à hora habitual. Em vez disso, vestiu-se com trajes invulgarmente sombrios e saiu de casa a uma hora muito mais tardia. Vi-o partir da janela do quarto das crianças e, assim que as minhas lições matinais terminaram, apressei-me a descer para a cozinha, onde, por norma, não me era permitido estar. Apanhei uma criada, uma que estava connosco há pouco tempo, e perguntei-lhe para onde tinha ido o meu pai. Ela disse: «Ao funeral do Sr. Underwood.»

«O que é isso?» perguntei.

«Bem, vão enterrá-lo hoje.» «Enterrar — enterrar ... enterrar o Sr. Underwood?» Oh, pensamento terrível!

«Sim, claro, o mesmo que enterram toda a gente que morre — totó.»

«Onde o enterram?»

«Numa sepultura — debaixo da terra.»

«Dabaixo da terra — lá no fundo — onde ele não possa sair se quiser?»

«Claro que não pode sair. Ele não! Vá, despacha-te agora. Pára de fazer perguntas. Quero despachar o meu trabalho.»

«Espera um minuto, Ellen, eu preciso de saber. Toda a gente tem de ser enterrada? Toda a gente vai, vai, de modo a ter de ser enterrada e nunca mais subir, nunca?»

«És uma menina atrevida, Menina Gladys. Não te lembras de nada sobre a Ressurreição? Eles sobem, sim, quando a última trombeta soar, claro.» «Oh, eles sobem?» Um raio de esperança. «Quando — por quanto tempo devem ser enterrados antes da Trombeta?»

«Até ao fim do mundo, como te diz no Livro de Orações, se tivesses o bom senso de te lembrares.»

«O fim — o próprio fim? O fim do mundo?» Oh, séries infundáveis de aniversários, Dias de Natal e outros acontecimentos e datas tão esperados que, entre cada um, pareciam estender a eternidade, e agora dizem-me que são todos os meus aniversários e todas as outras datas, e milhares e milhares mais — milhares incontáveis.

Não, é impossível de alcançar. Devo descobrir por mim mesma. Como — onde — não sei, mas devo descobrir. Um pensamento ainda mais terrível surge, um que não se deixará reprimir. É mais devastador do que qualquer outro para a minha mente infantil.

«Ellen, só mais uma pergunta — algum dia — algum dia — a minha mãe irá — e terá de ser enterrada?»

«Claro que sim, e o teu pai, e eu, e tu, e toda a gente. É o caminho da Carne, como devias ter aprendido — indo à igreja regularmente — e tudo, como tu fazes. Parece que não aprendeste nada. És uma menina atrasada — —» e assim por diante.

Além disto, não ouvi mais. A própria vida tinha-se tornado um pesadelo. Onde poderia haver qualquer alegria possível em alguma coisa? O jardim, o baloiço, os jogos familiares depois do chá de que até ali tínhamos estado todos a desfrutar cegamente, inconscientes deste terrível destino que pairava sobre nós.

Como poderia eu voltar a ver beleza ou felicidade em alguma coisa? Quando jogava o jogo da «bola», anteriormente tão apreciado, no relvado, com a minha mãe tão ativa e cheia de vida como qualquer

um de nós, crianças, eu costumava parar de repente, olhar para ela e lembrar-me de que a qualquer momento ela poderia misteriosamente «ir», como o Sr. Underwood, e então seria enterrada — a minha amada, viva e vital mãe!

Por isso, li cuidadosamente a Ordem para o Sepultamento dos Mortos, mas não consegui compreendê-la. «*Ainda que os vermes destruam este corpo, contudo na minha carne verei a Deus*», era incompreensível para a minha mente de criança. «*Cinza à cinza — pó ao pó.*» Tudo parecia tão intrincado, tão contraditório e sem esperança.

Por esta altura, a minha mãe teve uma doença que durou alguns meses e, durante este período, foi-me permitido ir à igreja nas manhãs de domingo sozinha. Como o serviço da nossa própria Igreja de Inglaterra, bastante «Alta», tinha falhado em dar-me qualquer consolo espiritual definitivo relativamente aos medos e pavores que eu experienciava, tentei todas as outras igrejas, de todas as denominações, num raio de quilómetros.

Sendo as mais engenhosas as mentiras que eu tinha de contar para justificar o meu regresso tardio da nossa própria igreja, à qual se supunha naturalmente que eu tinha ido, e que ficava a curta distância de casa. Como a maioria das crianças faz, guardei as minhas imaginações para mim mesma por medo de que as pessoas se rissem de mim. Em anos posteriores, conversei com homens e mulheres de todas as idades, e muitos disseram-me que na sua infância foram assaltados e atormentados por medos muito semelhantes aos meus.

A infância para mim foi um tempo de dor e tortura, mais do que o tempo despreocupado e alegre que habitualmente se supõe ser, e sei que muitas crianças sensíveis passaram pela mesma experiência.

No Movimento Espiritualista há uma parte da organização dedicada às crianças. São realizados serviços que são especialmente pensados como sendo úteis, explicando o processo de transição do estado físico para o espiritual, de uma maneira perfeitamente natural e simples. Estes serviços fazem parte do Movimento Lyceum, como é chamado, e penso frequentemente na miséria de que teria sido

poupada se tivesse tido conhecimento desta organização enquanto era jovem.

Era um milagre que eu não me tivesse tornado uma criança muito nervosa e mórbida, mas eu era uma leitora voraz. Algures entre os sete e os dez anos, li Shakespeare, Byron, Dickens, Zola e tudo aquilo em que conseguia pôr as mãos e os olhos.

Devo mencionar aqui uma coisa bastante curiosa. O meu pai tinha ideias firmes em relação à educação. Achava errado fazer uma criança aprender o que quer que fosse por uma via escolar antes dos oito anos de idade. Aos seis anos, ensinei-me a mim própria a ler, sorrateiramente. Como o consegui, não sou capaz de compreender agora, mas fi-lo recortando letras grandes de capas de revistas e fazendo visitas secretas e apressadas à cozinha, onde importunava as criadas com perguntas sobre que letra do alfabeto era aquela e que palavra representava.

Até o carteiro foi chamado a ajudar; na verdade, qualquer pessoa em quem eu pudesse confiar para não me denunciar aos meus pais. Bem, de uma forma ou de outra, ensinei-me a ler e, antes dos oito anos de idade, devo ter devorado uma coleção extraordinária de literatura em todos os momentos em que conseguia estar sozinha. Os livros do meu pai costumavam ser escondidos numa bifurcação dos ramos de uma grande macieira, e até nas caleiras que passavam sob os beirais da casa, onde eu tinha de arranjar uma escada alta e subir por um caminho bastante aterrorizador para ocultar e recuperar o meu livro quando precisava dele. Dois ou três livros ficaram arruinados por terem ficado saturados de água, mas nunca fui descoberta como sendo a delinquente.

Pensar-se-ia que grande parte daquele material estranho que li me seria incompreensível, mas é extraordinário, olhando para trás, perceber o quanto compreendi. O *Manfred* de Byron, *Dombey e Filho* de Dickens, *Nana* de Zola e muitas outras obras de que as crianças pequenas normalmente nada sabem foram, de alguma forma curiosa, digeridas e assimiladas pela minha mente num grau extraordinário.

CAPÍTULO III

O VALE FELIZ

ALGO mais, de uma natureza inteiramente espiritual e psíquica, me estava a ser concedido por esta altura.

Todas as manhãs, pouco depois de acordar, mesmo enquanto me vestia ou tomava o meu pequeno-almoço no quarto das crianças, via visões de lugares absolutamente belos. Fosse qual fosse a direção para onde estivesse a olhar, a visão física da parede, da porta, do teto ou do que quer que fosse desaparecia, e no seu lugar surgiam gradualmente vales, encostas suaves, árvores encantadoras e margens cobertas de flores de todas as formas e matizes.

A cena parecia estender-se por muitas milhas, e eu tinha a consciência de que conseguia ver muito mais longe do que era possível com o cenário físico comum ao meu redor. A parte mais fascinante para mim era o verde repousante e aveludado da relva que cobria o solo do vale e das colinas. A caminhar, habitualmente aos pares e por vezes em grupos, estavam pessoas que pareciam radiantemente felizes.

Vestiam, na sua maior parte, trajes graciosos e fluidos, mas cada movimento, gesto e expressão sugeria, de uma forma indefinível mas positiva: uma condição de profunda felicidade, um estado de quietude em êxtase. Lembro-me de pensar para comigo: «Como são diferentes, como são diferentes das pessoas "Cá de baixo", como estão cheias de amor, luz e paz. Não há ali medo, dúvida ou mistério terrível.» Tudo parecia expressivo demais de Vida e Alegria para estar, de alguma forma, ligado ao estado insatisfatório em que eu vivia mentalmente.

«Aquele lugar», respondi eu, apontando para a parede da sala de jantar, que estava vazia, exceto por um par de espingardas ali penduradas.

«De que estás a falar?», perguntou o meu pai.

Tentei explicar, o que trouxe toda a família e a criadagem para o meu redor, num grande estado de ansiedade e irritação.

Ao início pensaram que eu estava a «inventar», mas como fui tão persistente e descrevi muitas das visões de forma tão minuciosa, viram-se forçados a concluir que havia algo ali — algo que não estava

alinhado com a forma convencional de eles verem as coisas. Fui severamente proibida de ver ou de procurar o Vale Feliz outra vez!

Devem compreender que a minha família era muito ortodoxa nas suas crenças. Acreditavam num céu de harpas e coroas, guardado especialmente para aqueles que se abstinham de «sondar» coisas que «nunca foram feitas para compreender».

Não sei se foi a sugestão coletiva de cada mente ao meu redor, pais, médicos e amigos, mas a verdade é que, pouco a pouco, as minhas visões desapareceram. Isto foi uma grande privação. Fiquei consciente de um vazio espiritual definido. Não consigo descrevê-lo com outras palavras. Em muitos aspetos, eu tinha um cérebro prático e sensato (ainda o tenho, após dezoito anos de extenuante trabalho psíquico!), e um sentido de instinto de sobrevivência impeliu-me a colocar de lado o sentimento de perda. Tentei sentir-me como Wordsworth escreveu:

*Embora o fulgor que outrora foi tão brilhante
Tenha agora desaparecido para sempre da minha vista,
Embora nada possa trazer de volta a hora
Do esplendor na erva, da glória na flor;
Não nos entregaremos à tristeza; antes encontraremos
Força naquilo que permanece.*

Mas sei que não tirei o melhor de, nem dei o meu melhor a, «o que fica para trás». Foi simplesmente um «ir sobrevivendo às coisas» o melhor que podia, tornando-me mais dura e egoísta, mais determinada a seguir o meu próprio caminho num sentido material, tendo perdido, por obediência aos ditames alheios, o conforto espiritual e mental que outrora possuía.

Um período de grande aflição abateu-se sobre a minha família nesta altura. O meu avô faleceu e, ao ser lido o seu testamento, revelou-se que ele não tinha de longe tanto dinheiro como os seus sucessores pensavam, tendo gasto uma grande parte em vida, nem sempre de forma sensata, receio bem, e que tinha afastado inteiramente os seus dois filhos, o meu pai e o meu tio, do seu testamento.

Isto foi um rude golpe, pois embora ambos os filhos fossem inteligentes em muitos aspectos, tinham exercido as suas diferentes vocações mais num estatuto amador do que num sentido profissional, ou sequer sério, e tinham estado a «viver à grande e à francesa» com a promessa de «dinheiro a caminho» após a morte do pai. A posição dos dois irmãos era desesperada, isto é, para homens com a criação e os temperamentos deles. O meu tio suicidou-se prontamente, atirando-se da janela do quarto andar do apartamento onde vivia; a sua esposa tomou ácido prússico poucos meses depois, e o meu pai pareceu ficar, durante algum tempo, mentalmente desequilibrado e sem qualquer sentido de responsabilidade. O nosso iate, a casa e os móveis foram vendidos, até os brinquedos das crianças, e deixámos a vizinhança e tentámos perder-nos no que nos parecia ser a miséria absoluta de uma nova condição de coisas. O comportamento errático do meu pai tornou impossível que permanecêssemos com ele.

Deixámo-lo, e começou então uma luta pela subsistência para a minha mãe e os seus quatro filhos, que tinham agora de viver com a pequeníssima pensão que nos era concedida por parentes de longa paciência da minha mãe, cuja paciência deve ter sido severamente testada, por vezes, pela incapacidade de qualquer um de nós fazer algo prático para se ajudar a si próprio. A culpa não foi inteiramente nossa, mas sim da criação e do ambiente, e da ausência de qualquer tipo de preparação para uma catástrofe como a que se tinha abatido sobre nós.

CAPÍTULO IV

UMA REVELAÇÃO

ENQUANTO eu estava no início da minha adolescência, os meus Guias fizeram várias tentativas em vários momentos para chamar a minha atenção para o Espiritualismo, na esperança de que eu fosse capaz de compreender e usar o poder psíquico que eles sabiam que eu possuía.

Um dia, fui fazer compras para a minha mãe e caminhava por uma rua movimentada e congestionada, numa cidade do norte do país, a algumas milhas de distância da nossa casa. A caminho do local onde tencionava apanhar um autocarro, calhou olhar para uma rua lateral estreita e vi uma placa afixada no exterior de um edifício bastante

degradado, na qual estavam as palavras: «Espiritualismo — Reuniões realizadas às 19:00 todas as quintas-feiras.»

As palavras em si nada me diziam, mas, ao parar e lê-las, surgiu a convicção de que eu tinha de assistir a uma das reuniões. Aquele mesmo dia era uma quinta-feira, pelo que voltei para casa o mais depressa possível, mas algum instinto disse-me para não dizer nada sobre o meu projeto.

Receio ter sido muito dissimulada, pois fingi que estava cansada e que iria para a cama depois do chá. A minha mãe ia sair para passar a noite até muito tarde, e uma coisa e outra conspiraram para tornar tudo fácil para mim e, assim que me foi possível, vesti-me e dirigi-me novamente para o local onde tinha visto o aviso.

Tinha a sensação curiosa de estar a embarcar numa aventura particularmente emocionante, uma aventura que viria a revelar-se de alguma importância para mim. Quando cheguei ao edifício, vi-me a subir por um corredor mal iluminado, nuns degraus sem carpete, e a entrar numa grande sala onde já se tinham reunido sessenta ou setenta pessoas, embora faltassem vinte minutos para a hora de início.

A maior parte parecia pertencer à classe trabalhadora mais elevada, embora houvesse uma mistura de homens — e mulheres — que poderiam ser tudo, a julgar pelos seus rostos perspicazes e intelectuais. Após um curto serviço, que me lembrou um pouco algumas das igrejas metodistas onde eu me tinha desencaminhado na minha busca por consolo espiritual uns anos antes, um jovem levantou-se na plataforma. O público ficou em silêncio absoluto.

O jovem (nunca o esquecerei) tinha um rosto pálido e solene, com olhos azuis grandes, sérios e protuberantes. Era algo gordo, mas com um aspeto anémico. Não gostei nada dele, mas observei, fascinada, enquanto ele permanecia calmamente na plataforma. Fechou os olhos, passou a mão pela testa duas ou três vezes e depois, para meu espanto, uma voz de falsete estridente de criança saiu-lhe dos lábios.

Toda a sua postura mudou. O jovem gordo e pesado tornou-se uma menina viva e atrevida de aparentemente sete ou oito anos de idade, com um forte sotaque estrangeiro. Pensei que se tratava de um

entretenimento novo e atraente. Do que tinha realmente acontecido, isto é, que ele passara a estar controlado por um espírito desencarnado, eu não fazia a menor ideia.

Ele procedeu então à escolha de várias pessoas na assistência e deu descrições minuciosas de outras pessoas, dos seus rostos, formas, caracteres, etc. Dissesse ele o que dissesse, a pessoa visada parecia responder apenas de uma forma, com apenas uma palavra: «Sim», ou «Está correto». Isto continuou por cerca de uma hora — a descrição detalhada por parte do jovem com voz de menina e um «Sim» afirmativo sempre por parte do ouvinte.

Perto do fim, começou a tornar-se monótono para mim.

A diversão que sentira ao ouvir a voz flautada da criança através dos lábios do homem desvaneceu-se, e fiquei com uma sensação de desilusão. Um hino ou dois, uma oração e a reunião encerrou.

Fui para casa a perguntar-me por que razão tinha tido tanto trabalho para ir visitar um lugar sobre o qual nada sabia e que tinha considerado bastante maçador e aborrecido. Estes sentimentos persistiram até cerca da terça-feira seguinte, quando comecei a sentir um interesse recorrente pelas reuniões de quinta-feira. Tinha uma sensação curiosa, como se os meus pensamentos estivessem a ser atraídos por, ou dirigidos ao lugar. Esqueci o meu tédio anterior e fiz secretamente preparativos para assistir ao serviço.

A noite de quinta-feira chegou e, a caminho do lugar, senti novamente a euforia e o interesse que tinha experimentado na semana anterior, antes e no início da reunião.

Pelo mesmo corredor sombrio, subindo as mesmas escadas cinzentas. As mesmas pessoas bastante desinteressantes, obviamente respeitáveis, as orações e os hinos — mas, em vez do jovem roliço, uma mulher de meia-idade, esguia e de aspeto delicado, com uma expressão suave, levantou-se na plataforma. Ela também fechou os olhos, esfregou a testa, mas cambaleou violentamente várias vezes.

Depois, para minha delícia, soltou um tremendo uivo — um uivo de fazer o sangue correr frio — e, após agitar violentamente os braços num círculo selvagem ao seu redor, falhando por pouco o presidente e

outros responsáveis na plataforma, uma voz de homem, forte e profunda, rompeu-lhe dos lábios, falando ao início numa língua desconhecida e depois caindo num inglês quebrado. Pelos livros que tratavam de aventuras no Velho Oeste — Buffalo Bill e outros — deduzi que a mulher estava a interpretar (perfeitamente, pensei eu) o papel de um índio norte-americano.

Esperei que ela fizesse algo de realmente emocionante e desesperado, mas, para minha desilusão, acalmou-se e adotou o mesmo procedimento bastante aborrecido da atuação da quinta-feira anterior, ou seja, uma descrição atrás de outra, um detalhe atrás de outro, de pessoas bastante comuns, mas imaginárias — como eu pensava na minha ignorância. Toda a gente dizia «Sim», «Sim» e «Está correto», tal como na ocasião anterior, até que a oradora se dirigiu a um homem idoso de barba. Deu-lhe a descrição de uma jovem mulher. Para minha surpresa, em vez de responder «Sim», ele disse prontamente: «Não, não a reconheço.» A oradora continuou com mais detalhes, a todos os quais o homem continuava a dizer «Não».

Pensei cá para mim: «Velho idiota, não conhece as regras do jogo. Talvez fosse uma amabilidade inclinar-me e sussurrar-lhe: "Tem de dizer 'Sim'."» Justamente quando eu ponderava fazer isto, a mulher afastou-se subitamente da descrição que estava a dar e disse, dirigindo-se ainda ao homem idoso: «Oh, agora vejo outra forma — a forma de uma mulher mais velha.» Seguiu-se aqui uma descrição, com muitos detalhes de personalidade, à qual o homem idoso respondeu imediatamente, dizendo: «Essa é a minha querida esposa; ela faleceu o ano passado, e agora lembro-me de quem é o primeiro espírito.

É a irmã mais nova da minha esposa, que faleceu vários anos antes.» Depois recebeu algumas mensagens e palavras de amor, às quais respondeu: «Dê-lhe o meu amor e diga-lhe que estou apenas à espera, muito feliz e pacientemente, até que chegue a minha hora e possa juntar-me a ela.»

Lembrem-se, leitores, que esta foi a primeira vez durante os serviços que alguém na assistência respondeu ou fez qualquer comentário sobre as descrições e mensagens; até ali tudo tinha sido muito unilateral, mas agora a verdade explodiu em mim! Foi como se

uma grande luz se acendesse subitamente sobre mim inteira. «Ora», disse para comigo, «eles estão a falar de pessoas mortas. Estão a afirmar que estas pessoas mortas estão vivas, e estão felizes, limpas e saudáveis, não a apodrecer numa sepultura horrível, como eu acreditava. Oh, que alegria! Agora sei a razão por que fui atraída para este lugar!»

Sentada na cadeira de madeira barata daquela sala pobre e degradada, senti uma segurança e uma paz invadirem-se como nunca tinha sentido antes — e talvez nunca tenha superado desde então, talvez porque a minha necessidade era então tão grande.

Depois a médium, como posso agora chamar-lhe, virou-se na minha direção, embora não olhando diretamente para mim. Toda a sua aparência sofreu uma alteração. Encolheu-se e tremeu. Acenando com a mão para a frente e para trás diante de si, disse: «Está alguém aqui que morreu afogado — um rapaz jovem. Ele estava tão assustado, pobre rapaz, e não conseguia compreender por que razão ninguém tentou salvá-lo. Estavam tantas pessoas perto dele na altura, mas ninguém tentou salvá-lo.

Oh, ele está a mover-se para perto da pessoa com quem deseja falar — é para si, a jovem ali — você — ele quer-te — o nome dele é Charley, e é vosso parente, embora não o conhecesse intimamente.» Ela apontou diretamente para mim. Reconheci imediatamente a descrição como sendo a do meu primo, Charley, que morreu afogado enquanto tomava banho, tendo sido acometido por câibras nas pernas, e à vista de todos os seus amigos, que não sabiam que algo estava errado com ele, pois era um nadador poderoso para a sua idade. Todos estes detalhes foram dados corretamente, e muitos outros assuntos foram mencionados em ligação com a minha família.

A médium continuou, dizendo que eu tinha «guias» que cuidavam de mim e que eu estava a ser preparada para um trabalho especial, semelhante ao que ela, a oradora, estava a fazer, mas que eu teria grande dificuldade em realizá-lo, e passaria por muitas provas e problemas antes de estar pronta para o trabalho. Esta parte da mensagem não me impressionou na altura, pois não fazia a menor ideia de como seria possível vir a desenvolver tais poderes, mesmo

que possuísse o núcleo deles, mas o efeito geral da mensagem foi notavelmente reconfortante — a percepção de que aqueles que «morriam» nunca estavam na sepultura, apenas os seus invólucros exteriores rejeitados — já não necessários — eram colocados debaixo da terra, e o seu verdadeiro eu, em novos corpos saudáveis, escapava e voava para uma terra melhor.

Viajei para casa nas nuvens. Tudo parecia diferente. Havia esperança em cada fôlego que dava. Cheguei a casa e cometi imediatamente um erro fatal. Em vez de subir calmamente as escadas para o meu quarto (a porta do nosso vestíbulo quase nunca estava trancada) sem que ninguém soubesse que eu tinha saído, fui direta para a sala de jantar e esperei impacientemente pelo regresso da minha mãe.

Senti que tinha de partilhar o meu glorioso conhecimento com toda a gente.

Que ajuda seria para a Mãe, que tinha tido tantos problemas e ansiedade, uma tal luta pela subsistência durante estes últimos anos miseráveis, quando eu lhe dissesse que as nossas provas eram conhecidas por pessoas amorosas e solidárias que tinham passado para o outro lado, e que estavam apenas à espera que nos abrissemos a elas — que lhes estendêssemos as mãos para que as pudessem segurar com piedade e compreensão, prontas a ajudar-nos da forma que fosse a melhor e a mais correta.

A Mãe entrou. Comecei a contar-lhe; tudo saiu num turbilhão. Talvez tenha sido impetuosa demais, ansiosa. Atrevo-me a dizer que estava agitada e excitada. A expressão dela — de irritada e sobressaltada — fixou-se numa de reprimida, mas profunda, raiva, aumentada por (eu conseguia vê-lo tão claramente) medo.

«Pára!», disse ela, numa voz calma mas aterrorizadora.

«Tudo o que me estás a dizer é vil e perverso, e proíbo-te de voltar a ir àquele lugar, ou de fazer o que quer que seja neste assunto. É terrível. Acontecer-te-á algo de terrível se seguires tais práticas malignas. São malignas, digo-te eu, malignas.»

Mais argumentos no mesmo sentido, repetidos vezes sem conta. Durante todo o dia seguinte e no outro, até que as minhas forças de resistência se esgotaram.

O pior de tudo era que não tínhamos amigos que pudessem, de alguma forma, ajudar-me, ou que se tivessem importado em tentar alterar as opiniões da Mãe. Naqueles tempos, o preconceito contra o Espiritualismo era muito grande. Por isso, tal como tinha sido forçada anos antes a afastar a memória das visões do Vale Feliz, fui agora forçada a abandonar as reuniões e qualquer plano ou ideia de dar seguimento ao assunto que me parecera oferecer tanto interesse e paz. Contudo, algo disso persistiu em mim, como uma voz suave e baixa, a lembrar-me de que um dia eu poderia ser livre e capaz de retomar tudo de novo.

CAPÍTULO V

PROBLEMAS A CAMINHO

À medida que fui crescendo, descobri que tinha uma boa voz para cantar e, durante vários anos, estudei com o objetivo de me tornar cantora profissional.

Estava mesmo prestes a assinar um contrato para trabalho em ópera quando adoeci com difteria e fui transferida para um hospital de isolamento.

Uma das enfermeiras de lá era Espiritualista. Depois de eu deixar o hospital, ela convidou-me a ir a sua casa, onde participei na minha primeira sessão de mesa.

Caso alguns de vós não saibam como se conduz uma sessão de mesa, devo explicar que é combinado um código através do qual o Comunicador no Mundo Espiritual pode soletrar mensagens inclinando a mesa ou dando pancadas nela para cada letra do alfabeto.

Nesta sessão foi-me dito que eu seria um dia médium e que estava a contribuir com uma quantidade bastante grande de poder para a sessão daquela noite.

Foram-me transmitidas algumas mensagens muito provatórias referindo-se a pessoas e assuntos do meu conhecimento, mas que os outros à mesa desconheciam, e fui-me embora a perguntar-me se haveria a possibilidade de eu recuperar a faculdade de ver as belas cenas que via em criança.

Ao regressar, ganhei coragem e contei à minha mãe tudo o que tinha acontecido em casa da enfermeira. Ela ficou horrorizada e começou novamente a falar-me do destino terrível que se abateria sobre mim se eu me «metesse nessas coisas». Eu seria, segundo ela me informou, empurrada ou para as drogas, ou para a bebida, ou para a loucura, ou talvez para todas estas coisas combinadas.

O meu sentido de humor levou-me a pensar, e a observar, que como estávamos sempre num estado de penúria, era pouco provável que eu tivesse posses para ópio, morfina ou bebida, e que até ao presente não tinha mostrado sinais de insanidade, e não via por que razão um assunto que me ajudava a ser feliz me haveria de enlouquecer! Receio ter sido um pouco impertinente, mas já era adulta, já não era uma criança, e determinei-me a seguir o assunto do Espiritualismo o melhor que pudesse.

Por esta altura, descobri que estava a perder a minha voz devido à difteria e às complicações de garganta que se lhe seguiram.

Comecei a assistir a várias reuniões públicas de clarividência e, por vezes, recebia mensagens a dizer-me que iria desenvolver poder psíquico.

A saúde da minha mãe piorou, mas como era uma mulher ativa, eu não fazia ideia de que fosse realmente grave.

Um dia — 18 de Dezembro de 1906 — fui passar a noite a uma cidade a trinta milhas da nossa casa. Durante a noite, acordei subitamente com a sensação de que algo de invulgar estava a acontecer.

Olhei para cima e vi diante de mim, mas cerca de um metro e meio acima do nível do meu corpo, uma grande mancha circular de luz com cerca de um metro e vinte de diâmetro. Nessa luz vi a minha mãe de forma bastante distinta. O rosto dela parecia vários anos mais

jovem do que eu o tinha visto algumas horas antes. Um rubor rosado de saúde estava nas suas bochechas, os seus olhos estavam límpidos e brilhantes, e um sorriso de absoluta felicidade estava nos seus lábios.

Ela olhou para mim por um momento, parecendo transmitir-me um sentimento intenso de alívio e uma sensação de segurança e bem-estar.

A visão desvaneceu-se. Eu estava totalmente acordada durante todo o tempo, bem consciente do que me rodeava.

Saltei da cama, risquei um fósforo e olhei para o relógio. Passavam escassos minutos das 2:00 da manhã. Voltei para a cama e caí num sono profundo e sem sonhos, acordando tarde na manhã seguinte para encontrar um telegrama do meu irmão, dizendo: «A Mãe partiu às duas horas desta manhã.»

Fiquei profundamente impressionada e senti a convicção de que a minha mãe tinha vindo ter comigo imediatamente após deixar o seu corpo físico para me fazer saber que ainda vivia, e que tudo o que eu tinha ouvido da parte dos Espiritualistas era verdade; que ela estava agora num corpo novo — um corpo muito real e saudável, como o que tinha vinte anos antes, e que todos os seus sofrimentos e preocupações tinham ficado para trás com o seu invólucro físico descartado.

CAPÍTULO VI

REÚNO FIOS IMPORTANTES

Com o passar do tempo, a minha voz não melhorou; na verdade, deteriorou-se. Descobri que era cada vez mais difícil controlar a língua e a faringe; não conseguia passar de uma nota mais baixa para uma mais alta sem dificuldade; uns dias estava melhor, outros pior; não podia depender dela, pelo que passei a aceitar papéis em peças nas quais não era chamada a cantar.

Felizmente, pouco depois da partida da Mãe, conheci o meu marido (de uma forma estranha, de que vos falarei num capítulo posterior) e descobri que havia finalmente alguém que era solidário com o Espiritualismo. Ele nada sabia sobre o assunto, mas quando lhe contei algumas das minhas experiências e ideias sobre a matéria, pareceu-lhe uma crença razoável, e ele ficou quase tão feliz como eu por ter algo de definitivo — num sentido espiritual — a que se agarrar. Tinha sido criado, tal como eu, num lar estritamente ortodoxo, mas ao atingir a maturidade, tal como demasiados outros, afastou-se das antigas crenças sem ter nada para colocar no seu lugar.

Ora, eu acredito sempre que devemos usar a nossa própria força de vontade e percepção no melhor das nossas capacidades a fim de lidarmos devidamente com a rotina diária da vida na terra. Não admitiria que fôssemos, em qualquer sentido, fantoches ou ferramentas, quer dos Guias superiores, quer daquela coisa misteriosa chamada Fado ou Destino. Mas, olhando para trás, para aqueles dias de que vos falo, consigo ver claramente que alguém ou algo me estava certamente a dirigir e a moldar o meu caminho. Em anos posteriores, os meus amigos espirituais disseram-me muitas vezes que me estavam a guiar suavemente em certas direções, mas como nunca lhes é permitido forçar ou coagir ninguém, mas apenas ajudá-los a escolher o melhor caminho, eu muito frequentemente adiava conscientemente os acontecimentos ao fazer algo que estava em desacordo com os planos deles.

Embora nessa altura eu não soubesse nada de definitivo sobre os meus Guias, comecei a sentir uma forte intuição de que tinha de encontrar meios e caminhos para investigar mais a fundo o Espiritualismo, mas como fazê-lo eu não sabia, pois por esta altura a saúde do meu marido começou a dar-nos alguma ansiedade, e afetava particularmente a sua garganta, o que, para um ator, era de lo mais lamentável.

Sabia que não haveria possibilidade de levar por diante o meu desejo de conhecer mais do Outro Lado se fôssemos fazer digressões e andar a mudar de um lugar para outro a cada semana, e senti que a única oportunidade para eu estudar o assunto era permanecermos em

Londres ou perto dela, na esperança de conhecermos pessoas que também estivessem interessadas nisso.

Era extremamente difícil conseguir isto. Passámos por grandes privações e provações, das quais não me arrependo agora, pois aprendemos muito sobre a luta terrível que milhares de pessoas enfrentam por quererem trabalhar e não conseguirem, porque parece haver gente a mais para qualquer trabalho disponível. Num Inverno, aceitámos um contrato muito fraco com uma companhia teatral que visitava os teatros suburbanos. O meu marido estava reticente em aceitar o contrato, era tão mal pago; mal conseguíamos subsistir com aquilo, mas senti a forte intuição de que era algo bom a fazer.

Durante os ensaios, a minha atenção foi atraída por duas jovens que, soube mais tarde, eram irmãs e, embora não tenha encontrado oportunidade de falar com elas durante vários dias, dava por mim a desejar continuamente fazê-lo. Elas também olhavam para mim, como se estivessem tão interessadas em mim como eu nelas. Não surgiu nenhuma oportunidade até à primeira representação, que era uma récita vespertina.

Descobri que tinha sido atribuído um camarim para nós as três — as duas irmãs e eu! Fui para o teatro muito cedo e descobri que as irmãs já lá estavam, a arranjar os seus vestidos e maquilhagem. Assim que entrei na sala, que era feia e despida, um lugar enorme num grande teatro antigo, fiquei consciente de uma atmosfera de lo mais amigável e acolhedora. Era como se aquela sala poeirenta e pouco convidativa estivesse cheia de luz e calor.

Disse: «Boa tarde», as primeiras palavras que lhes dirigi.

«Boa tarde», disse a irmã mais velha, virando-se da sua bagagem que desfazia e dando alguns passos deliberados na minha direção. «Está interessada em Espiritualismo?» Fiquei sem fôlego, recompus-me e disse simplesmente: «Sim, e a menina?»

«Sim, queres que experimentemos algo juntas? Tu, a minha irmã e eu?»

«Sim», respondi, sentindo-me como se estivesse num sonho, a falar e a mover-me automaticamente, percebendo a meias que algo de

grande importância para o meu futuro estava a acontecer, mas sem fazer ideia do quão importante era!

«Combinado! Experimentaremos esta noite, durante a longa espera no Ato III.»

«Combinado!», disse eu.

Foi esta conversa, tão curta e de poucas palavras como aqui a registei, que foi o início de tudo o que aconteceu depois, e se, através da minha posterior mediunidade, alguma alma enlutada foi ajudada, e penso que posso dizer, com toda a humildade, que muitas foram, tudo remonta a este encontro extraordinário e àquelas poucas palavras cruas que literalmente disparámos uma contra a outra naquela tarde memorável.

Entre a récita vespertina e a representação da noite, tomámos chá juntas e conversámos como pessoas que se conheciam desde sempre, embora tenha descoberto mais tarde que as irmãs eram habitualmente muito reservadas e discretas. Contaram-me que se tinham interessado por este assunto através de um amigo, de quem se tinham separado há algum tempo. A mãe delas tinha morrido por volta da mesma altura que a minha, e elas tinham um grande desejo de comunicar com ela e tentar descobrir que verdade existia por trás do Espiritualismo. Tinham estado à espera de conhecer alguém com quem pudessem investigar, exatamente como eu.

Elas — chamar-lhes-ei Florence e Nellie — sugeriram que devíamos começar por nos sentar à volta de uma pequena mesa, pois o amigo psíquico delas tinha-lhes ensinado como fazer isso, e eu também tinha tido aquela única experiência em casa da enfermeira, após deixar o hospital de isolamento. O meu marido conseguiu-nos uma pequena mesa e, durante a noite, quando chegou o intervalo de uma hora, puxámos solenemente e expectantes as nossas cadeiras para o redor dela e, colocando as nossas mãos sobre a mesa, aguardámos os acontecimentos.

Nada aconteceu.

Na noite seguinte, sentámo-nos novamente.

CAPÍTULO VII

O MEU PRIMEIRO ENCONTRO COM FEDA

CONTINUAVA a nada acontecer. A mesa comportava-se como qualquer mesa comum costuma fazer — permanecendo imóvel e sem vida. Destemidas, sentámo-nos vinte e seis vezes, sempre à noite, mas sem qualquer resultado.

Na vigésima sétima noite, Nellie ficou desalentada e recusou-se a «sentar». Disse ela: «Não há nada aqui. É evidente que as mesas não se movem a menos que alguém as mova.»

Pegou num livro e sentou-se na outra ponta da sala, sozinha. Florence e eu continuámos firmes e, no espaço de dois minutos, a mesa começou a inclinar-se para cima e para baixo! Radiante de alegria, expliquei como se usava o alfabeto e, em breve, a mãe da Florence e a minha estavam a soletrar mensagens provatórias.

Nellie implorou que a deixassem voltar. Foi concedida permissão e o seu regresso não fez qualquer diferença; a mesa continuou a mover-se. Soubemos posteriormente que de início houvera força psíquica a mais connosco as três. O misterioso poder era forte demais para começar. Mais tarde, isso já não pareceu importar.

Depois de as nossas respetivas mães terem transmitido várias mensagens, veio uma Comunicadora que deu o seu nome como Feda e explicou que era uma antepassada minha. Tinha casado com o meu tetravô.

A minha mãe falara-me frequentemente de uma rapariga indiana que casara com este antepassado, mas sabem como as crianças ficam aborrecidas com a história familiar frequentemente repetida? Eu não tinha prestado muita atenção na altura.

Depois de casar com esta rapariga nativa, o meu tetravô, William Hamilton, não era popular na Índia e fez preparativos para trazer Feda para Inglaterra. Na véspera de partir para os lados de cá, ela deu à luz um filho e morreu. Tinha então apenas treze anos. Isto foi por volta do ano 1800.

Feda disse-me (soletrando as palavras com o auxílio da mesa) que me vinha a vigiar desde que eu nascera, à espera de que eu desenvolvesse o meu poder psíquico para que pudesse colocar-me em transe e transmitir mensagens através de mim.

Devo confessar que a ideia de entrar em transe não me agradava. Tinha esperado poder desenvolver a clarividência normal e ver ou ouvir os espíritos no Outro Lado, tal como tinha visto a minha mãe naquela breve visão e os lugares a que chamara os Vales Felizes. A ideia de ser «controlada» enquanto no estado de transe por outra personalidade era-me repugnante; pelo que recusei, implorando a Feda que tentasse trabalhar comigo de outra forma que não necessitasse de eu perder a consciência ou de «me entregar» ao controlo dela ou de qualquer outra pessoa. Mesmo sabendo quem Feda era, eu não sabia qual era o seu carácter, temperamento e personalidade por essa altura.

Florence, Nellie e eu continuámos a sentar-nos à mesa noite após noite, recebendo sempre mensagens de grande ajuda e conforto nas nossas vidas diárias. Por vezes eram das nossas mães, mas mais frequentemente de Feda, que parecia ser uma espécie de Mestra de Cerimónias espiritual.

Ocasionalmente, éramos pedidas por Feda para providenciarmos uma mesa mais pesada, para que pudesse «mostrar a sua força». Experimentámos todo o tipo delas, até uma pesada mesa de carvalho com pernas como as de um piano. Foram precisos três homens para a carregar para dentro da sala, mas quando colocámos as nossas mãos sobre ela, moveu-se para cima e para baixo como se fosse um peso-pluma!

As paredes de uma das salas onde nos sentávamos estavam pintadas a cal branca. Sentávamo-nos sempre com uma luz boa mas ligeiramente atenuada, e nas paredes brancas víamos frequentemente as formas de Feda e dos nossos outros amigos espíritos recortadas de forma bastante distinta, como sombras nitidamente delineadas, que sobressaíam perfeitamente contra o fundo claro. Esta era uma forma interessante de fenómeno que nunca mais presenciei desde então.

Durante vários meses, vivemos em feliz comunicação com aqueles que amávamos no Outro Lado. Todas as nossas dificuldades e

provações diárias (andando nós as três, por esse período, com a nossa quota-parte cheia delas) eram aligeiradas pelo conhecimento de que aqueles que pensávamos estarem perdidos para nós estavam realmente perto e podiam ver-nos, ouvir-nos e ajudar-nos. A natureza extremamente provatória de muitas mensagens provava-nos isso mesmo.

Não vos consigo dizer o que isto significava para mim. As provas que nos eram dadas eram tão esmagadoras, embora pudessem ser colocadas na categoria de «triviais» por algumas pessoas picuinhas. Penso que Feda e os outros amigos escolhiam propositadamente testes simples para que os pudéssemos verificar facilmente, e éramos invariavelmente capazes de o fazer.

CAPÍTULO VIII

«ONDE OS ANJOS TEMEM ENTRAR»

NAS fases iniciais da investigação, eu aconselharia toda a gente a «ir devagar», a não tentar «testes» intrincados ou difíceis até que os próprios Guias estejam prontos para os dar e nós estejamos prontos para os receber.

De tempos a tempos, Feda lembrava-me suavemente o seu desejo de me controlar, mas eu recusava sempre e, eventualmente, ela deixou de mencionar o assunto.

Após algumas semanas desta comunicação simples e feliz com os nossos amigos de Além, que sentíamos agora estarem muito, mas mesmo muito perto, uma de nós calhou ler algures que era possível a um espírito materializar uma forma que pudesse ser vista, ouvida e realmente sentida — que se poderia sentir o toque sólido da mão materializada de um espírito. Perguntámos a Feda se ela se materializaria e se mostraria, não como uma silhueta, mas de modo a podermos senti-la a tocar-nos.

Feda respondia continuamente: «Não, não farei isso. É possível, tem sido feito frequentemente, mas não é para mim nem para vós, de momento.»

Durante uma semana ou duas, esta mensagem deteve-nos de insistir mais na questão. Quem nos dera ter esquecido isso por completo, pois ter-nos-íamos poupado a uma experiência aterrorizadora de que vos vou falar, para ilustrar um dos perigos para aqueles que tentam sondar demasiado profundamente matérias nas quais os seus amigos espíritos podem não estar preparados — ou qualificados — para os ajudar.

Um dia, no Inverno de 1909, como tínhamos uma récita vespertina, estávamos sentadas à tarde para a nossa habitual sessão de mesa. Tínhamos lido o relato de um espírito que tinha materializado a sua mão de forma tão completa que conseguia apertar a mão a todos os participantes. Tinha caminhado de um lado para o outro; tinha falado! Mas o que mais nos atraiu foi o facto de ele ser suficientemente sólido para tocar e ser tocado.

Pedimos novamente aos nossos amigos espíritos que nos concedessem uma experiência tão maravilhosa. Novamente nos foi dito: «Não é desejável.»

«Corramos o risco», dissemos nós. Houve uma longa pausa, uma pausa estranha, e depois a mesa começou a inclinar-se de uma maneira completamente diferente da de Fedá.

Um Comunicador que nos era estranho soletrou o seguinte: «O vosso desejo será concedido.»

Perguntámos quando, onde e como?

Ele deu as seguintes instruções: «Regressem ao crepúsculo. Usem a cadeira de madeira simples para colocarem as vossas mãos, em vez da mesa. Ajoelhem-se no chão em vez de se sentarem em cadeiras. Apaguem todas as luzes. Tranquem a porta.»

Após a récita vespertina, saímos e tomámos um chá; cheias de entusiasmo, regressámos à hora marcada. Trancámos a porta, colocámos uma cadeira simples de madeira curvada no centro da sala, descemos as persianas e apagámos a luz elétrica.

Achámos impossível deixar a sala completamente às escuras, como nos tinha sido dito para fazer, porque as luzes da rua lá fora brilhavam através das persianas, iluminando tenuemente a sala. A luz

não era suficientemente forte para nos permitir distinguir claramente os objetos na sala, mas, enquanto estávamos ajoelhadas em redor da cadeira, conseguíamos ver-nos vagamente umas às outras.

Eu estava ajoelhada entre a Florence e a Nellie, estando o encosto da cadeira entre elas e em frente a mim. A Nellie estava à minha esquerda, a Florence à minha direita. A Nellie vestia uma blusa branca e estava alinhada diretamente com a janela, de modo que eu conseguia vê-la com mais clareza do que qualquer outra coisa na sala.

Enquanto estávamos ajoelhadas e esperávamos, todas três comentámos que era uma atmosfera inteiramente diferente da que habitualmente se sentia nas nossas sessões.

Depois de estar ajoelhada por cerca de um quarto de hora, notei um brilho avermelhado peculiar no canto da sala, atrás da Florence. Pedi-lhe para se virar e ver se conseguia distinguir alguma coisa. Ela assim fez e comentou imediatamente: «Há uma espécie de fogo no canto atrás de mim, um pouco à minha direita. Pergunto-me o que será?»

A Nellie viu o brilho ao mesmo tempo. Depois, de forma bastante distinta, vimos a letra D formada no centro do mesmo. Intrigadas, inquirimos o que significava. A cadeira começou a inclinar-se e a soletrar: «Morte nesta sala.»

«A letra maiúscula D significa então Morte (*Death*)?», perguntámos.

«Não —: — nome de homem — em breve», foi a resposta. Não ficámos muito interessadas nisto na altura, mas é um facto que, na segunda-feira seguinte, um homem cujo nome começava pela letra D morreu subitamente naquela sala. Era um perfeito estranho para nós, pelo que a mensagem não teve qualquer significado pessoal para nós. Provavelmente ele estava doente na altura da sessão, e os espíritos sabiam que o desfecho seria fatal e queriam mostrar-nos que sabiam coisas que nos eram desconhecidas, muito embora muitas vezes não lhes seja permitido falar-nos sobre elas.

Bem, o brilho desvaneceu-se. Nada mais aconteceu e começámos a ficar algo impacientes.

«É tudo?», perguntámos. «Não podemos sentir algo, como prometeu que sentiríamos?»

«Muito bem», veio a resposta, «permaneçam quietas.» Os nossos joelhos doíam com o chão duro. Inquietámo-nos.

Comecei a achar aquela uma sessão bastante desinteressante.

Então, de repente, dei por mim consciente de algo de pé entre a Nellie e eu. Não vi nem ouvi nada neste ponto, mas o ar perto de mim parecia preenchido por algo desagradável — Algo que pressionava contra mim! Procurei uma causa, mas nada conseguia ver; apenas sentir o Algo invisível mas tangível.

«Não comeces com imaginações», disse para comigo.

Calhou então olhar na direção da Nellie novamente.

No seu ombro direito, o mais próximo de mim, vi uma pequena mancha preta. Enquanto olhava, esta alongou-se gradualmente. Tornou-se mais comprida e depois tomou uma forma curva que se estendia do seu ombro direito ao longo da parte superior do seu peito.

Justamente nessa altura, a luz através da persiana tornou-se um pouco mais forte, e a linha sobre a Nellie ficou mais nítida. Vi então que não era uma sombra ou uma marca — mas sim um braço! Não um braço como o teu ou o meu, mas um braço muito mais comprido, mais fino, de uma cor escura, e estava coberto de pêlos!

Perguntei-me se deveria dizer à Nellie o que conseguia ver. Enquanto hesitava, vi o braço mover-se para cima, em direção ao pescoço dela. Ficando eu própria agitada, estava contudo ansiosa por não sobressaltar a Nellie, pelo que fiz um esforço para lhe falar de forma calma e natural.

Não passei de: «Nellie, está um — —» quando ela deu um salto com um grito lancinante, derrubou a cadeira, empurrou-nos a ambas para um lado e correu cegamente para a porta, que sacudiu violentamente, esquecendo-se, no seu terror, de que estava trancada.

A Florence teve a presença de espírito de encontrar o interruptor e acender a luz elétrica. A Nellie estava num estado deplorável, branca como a cal e a tremer dos pés à cabeça. Depois de ela se acalmar um

pouco, perguntámos-lhe o que a tinha assustado. Contou-nos que tinha estado consciente da mesma pressão que eu sentira, e soubera que algo fora colocado no seu ombro e peito, mas tinha esperado para ver o que aconteceria.

Depois, de repente, sentiu o peso transferido para a sua garganta, e isso deu-lhe um sentimento de medo tão intenso que não conseguiu aguentar mais. Os nervos falharam-lhe e ela correu para a porta, sendo o seu único pensamento coerente escapar daquilo que quer que fosse que lhe tocara.

Conversámos sobre as coisas de forma calma e sensata, e chegámos à conclusão de que nos tinha sido dada uma lição bem merecida, pois tínhamos sido avisadas.

Num estado de espírito muito humilde, regressámos à mesa na segunda-feira seguinte, de alma muito castigada e a perguntarmo-nos se seríamos perdoadas pela nossa perigosa curiosidade que tinha provocado uma experiência tão assustadora, e ficámos muito contentes por pensar que íamos entrar em contacto novamente com as entidades espirituais que conhecíamos e em quem confiávamos.

Quando nos sentámos em redor da mesa da nossa forma habitual, Feda veio e disse-nos que sabia que tínhamos aprendido a nossa lição e tiraríamos proveito dela, e também que tinha um anúncio importante a fazer. Era no sentido de que eu deveria começar a desenvolver-me imediatamente como médium de transe, e que ela — Feda — me iria controlar para poder transmitir através de mim mensagens daqueles que tinham passado para o outro lado.

Por esta altura, senti que conhecia realmente tão bem a Feda, e a amava e confiava nela como tinha sido capaz de confiar em muito poucas pessoas na terra, que parecia absurdo e ingrato persistir em negar-lhe a oportunidade de realizar o trabalho que desejava fazer, simplesmente devido a um preconceito pessoal, que era provavelmente desprovido de qualquer fundamento real.

Pelo que concordei em deixá-la entrar-me em transe e perguntei-lhe o que devia fazer para ajudar a esse processo. Disse-me apenas para continuar a sentar-me com dois ou três amigos à volta de uma

mesa, e que eu mais tarde entraria em transe de forma bastante fácil e natural.

Sentámo-nos desta forma durante vários meses, mas nada aconteceu. Não sentia nada dos sintomas extraordinários que esperava a meias sentir. Comecei a ficar algo desalentada com isso, mas Feda encorajava-me e dizia que certamente viria com o tempo, mas que as minhas anteriores objeções ao transe estavam a agir como uma inibição subconsciente ao controlo dela sobre a minha mente. Disse-me também que eu teria de trabalhar profissionalmente, porque se trabalhasse apenas com um círculo estreito de amigos, um grande número de pessoas nunca ouviria falar de mim, nem seria capaz de vir e receber ajuda através de mim.

Disse a Feda que não gostaria de ser paga para ajudar as pessoas desta forma. Lembrou-me que os clérigos e os médicos eram pagos para ajudar as pessoas, e que eu devia dedicar todo o meu tempo ao trabalho dela, e não apenas as horas vagas que pudesse dispensar de outros deveres, quando poderia estar cansada e ser praticamente inútil para ela.

Surgiu um período em que as minhas amigas, Florence e Nellie, não se puderam sentar comigo. As circunstâncias obrigaram-nas a aceitar papéis noutra companhia, já que aquela em que estávamos se dissolveu, e o meu marido também teve de ir de digressão novamente, deixando-me sozinha.

CAPÍTULO IX

OS FIOS ESTREITAM-SE MAIS

SENTI que não podia perder tempo e pensei num letreiro que tinha visto por cima de uma ombreira enquanto fazia compras numa manhã. Esse letreiro indicava que ali dentro se realizavam reuniões, palestras e círculos Espirituais em certas noites, pelo que entrei e vi um homem que estava encarregue do pequeno edifício, e perguntei-lhe se sabia de algum círculo de desenvolvimento. Disse-me que havia um realizado todas as terças-feiras à noite, às oito horas, e depois de eu

lhe ter falado do meu desejo de me desenvolver, sugeriu que eu assistisse à próxima reunião.

Assim, a escassos minutos das oito, na terça-feira seguinte, vi-me numa pequena sala mobilada apenas com uma mesa redonda de mogno que tinha cerca de sete ou oito cadeiras encostadas a ela. Na sala encontravam-se cerca de meia dúzia de pessoas — o homem que eu conhecera anteriormente, que descobri agora ser uma espécie de presidente do círculo; um jovem sério, com o aspeto de quem poderia ser empregado bancário ou algo do género; um homem baixo, de óculos, de idade incerta, e três mulheres. Apenas me lembro de uma das mulheres; era forte, de cerca de quarenta e cinco ou cinquenta anos, com um rosto bondoso e maternal. Nunca soube os nomes deles e não me lembro se lhes dei o meu, mas acolheram-me no seu círculo de uma forma extremamente amigável. Havia uma atmosfera de simples e gentil camaradagem, e senti-me à vontade imediatamente.

Sentámo-nos em redor da mesa. As luzes foram atenuadas, mas não apagadas. Foi proferida uma belíssima oração pelo presidente, na qual pediu que todos os presentes fossem ajudados a desenvolver os seus dons psíquicos da melhor maneira possível, para que pudessem ser usados para o benefício e elevação de todos aqueles com quem entrassem em contacto. Após esta invocação, sentámo-nos calmamente por um pouco.

Subitamente, senti um formigueiro nas minhas mãos, que descansavam ao de leve sobre a mesa. O formigueiro espalhou-se pelos meus pulsos, subiu pelos meus braços, depois começou nos meus pés e pernas, até todo o meu ser se sentir como que preenchido por uma suave corrente elétrica. Veio depois uma sensação estranha na minha cabeça — uma pressão nas minhas têmporas como a de uma faixa atada ao redor delas, e também no topo da cabeça.

A pressão cessou e senti uma força curiosa a puxar-me da cadeira, impelindo-me a levantar-me. O que eu deveria fazer no caso de me pôr de pé parecia ser incapaz de imaginar. Era como um sonho no qual eu não estava nem consciente nem inconsciente, mas contudo consciente de que alguém exterior a mim me instava a fazer uma coisa de

cada vez, dizendo-me para não tentar pensar em qual seria a sequência dos acontecimentos.

Fui erguida sobre os meus pés por este estranho poder magnético que parecia operar de mesmo acima da minha cabeça. A minha boca abriu-se; um som emituiu-se dos meus lábios. O que era não sei, pois nesse momento o presidente tocou-me na mão, dizendo: «Está bem, amigo, não se preocupe, poderá falar num momento ou dois.» Ele dirigia-se ao espírito que sabia estar a tentar controlar-me, mas eu, tolamente, pensei que estava a falar comigo. Isso, e o toque na minha mão, quebraram o encanto.

Todo o sentido de controlo magnético me abandonou. Tornei-me o meu eu normal novamente e sentei-me apressadamente na minha cadeira, sentindo que me tinha tornado ridícula para fim nenhum. Subitamente, o jovem sério que estava sentado ao meu lado direito começou a tremer violentamente. Tremia como que com uma seção. Conseguia ver que ele começava a sentir o mesmo impulso para se levantar que eu tivera. Após alguns momentos, ergueu-se de pés. Toda a sua postura mudara. Uma beleza e dignidade extraordinárias insinuaram-se nas suas feições antes algo comuns. Literalmente, não se o reconheceria como sendo o mesmo indivíduo que estivera sentado àquela mesa cinco minutos antes.

Uma voz forte, sonora, mas muito melodiosa — completamente diferente dos seus próprios tons finos e incolores — saiu-lhe da boca, falando numa língua estranha, que um dos outros participantes reconheceu como sendo hindustani. O homem em transe virou-se para mim. Um fluxo de palavras, que, logicamente, eu não conseguia compreender, foi-me dirigido. Fez muitos gestos maravilhosos e graciosos com o corpo, mãos e braços, completamente diferentes de quaisquer movimentos que ele estivesse alguma vez inclinado a fazer na sua vida comum, estou certa disso.

Depois de ele terminar de falar, o participante que aparentemente tinha compreendido grande parte do que fora dito, contou-me que o espírito controlador tinha explicado que era um sacerdote indiano que morrera há muitos anos e andava a tentar em vão, há muito tempo, controlar o jovem. Disse que eu e o meu pretenso controlo tínhamos

muito poder e que, quando a tentativa de me controlar foi interrompida, a grande quantidade de força psíquica ao meu redor foi desviada e dirigida pelos Guias na direção dele.

Depois, a mulher forte de meia-idade recostou-se na cadeira. O seu corpo pareceu encolher para metade do seu tamanho. O seu rosto perdeu as linhas de expressão e tomou a forma e as curvas de uma criança pequena. Pouco depois, dos lábios daquele corpo maternal e de aspeto sensato veio o minúsculo chilrear da voz de uma menina. Dirigiu-se a vários dos participantes, descrevendo vários espíritos que estavam presentes, e depois virou-se para mim. «Tens poder. Tens um trabalho a fazer, mas não estás preparada para fazer este trabalho da maneira que os teus Guias desejam que o faças.»

(Pensei, culpada, nas minhas objeções a ser uma médium profissional.) «Tens de fazer este trabalho. Amanhã terás uma carta. Um grande problema vem nela. Segue-se-lhe um tempo muito problemático e difícil, mas quando estiveres preparada para fazer o que é exigido de ti, tudo ficará bem. A carta vem de um lugar a grande distância.»

Não conseguia pensar em nenhum problema imediato que estivesse prestes a abater-se sobre mim, pelo que a mensagem não me impressionou muito na altura.

Mal acordei na manhã seguinte, abri as minhas poucas cartas. A primeira que li era do meu marido, dizendo-me que tinha perdido o seu emprego por culpa não dele, mas por uma combinação de circunstâncias infelizes que tinham surgido muito inesperadamente, e que regressaria a Londres imediatamente.

Todos os nossos planos foram alterados. Mudámo-nos para um lugar muito distante de Florence e Nellie. Tudo correu mal. A saúde do meu marido piorou; a voz dele também. Foi um período da maior privação, durante o qual fizemos qualquer tipo de trabalho manual duro que se conseguisse obter.

Embora fosse extremamente difícil fazê-lo, senti que a todo o custo tinha de permanecer em Londres na esperança de que Florence, Nellie e eu nos pudéssemos encontrar novamente, por isso, quando o meu marido recebeu a oferta de um contrato especial de quinze dias

nas províncias, permaneci na cidade porque tinha um forte pressentimento de que algo de importante ia acontecer enquanto o meu marido estivesse ausente.

No dia seguinte à partida dele, conheci uma mulher que conhecia muito ligeiramente, e ela perguntou-me se por acaso conhecia alguém que quisesse fazer figuração num enorme espetáculo de grande produção que estava prestes a ser levado à cena num grande teatro do West End. Tive uma sensação curiosa de que me devia sugerir a mim própria. Disse ela: «Bem, não pensei que aceitasses o contrato, mas senti que tinha de to mencionar.» Deu-me todos os detalhes, hora dos ensaios para o dia seguinte, etc.

Quando cheguei a casa, para minha surpresa, havia uma carta da Nellie, de quem não tinha notícias há muito tempo. Falava desta mesmíssima produção, dizendo que ela própria tinha sido contratada para a mesma e já tinha sugerido o meu nome ao produtor, e pedindo-me para comparecer no teatro à mesma hora que eu já tinha combinado lá estar.

Fiquei radiante com a ideia de trabalhar com a Nellie novamente, embora triste por a Florence não ir estar lá.

Cheguei ao teatro na manhã seguinte, encontrei a Nellie e fui contratada pelo produtor. Enquanto esperava para o ver, escutava casualmente a tagarelice das dezenas de atores e atrizes em espera, quando o meu ouvido isolou uma voz de entre todas as outras. Parecia estranhamente familiar. Quando olhei para a pessoa que falava, vi que era uma completa desconhecida para mim, contudo senti-me muito atraída por ela.

O espetáculo precisava de muito mais ensaios do que a gerência tinha previsto. De facto, os ensaios prolongaram-se por algumas semanas, em vez dos quinze dias originais que tinham sido combinados. Durante os ensaios, a Nellie e eu fizemo-nos amigas da senhora cuja voz me tinha atraído. Para nosso espanto, descobrimos que ela tinha alguma experiência em investigação psíquica e estava extremamente interessada em todo o assunto. Isto uniu-nos muito às três.

Contámos-lhe (chamar-lhe-ei Agnes) sobre as nossas sessões de mesa e como Feda dissera que me iria controlar, e que eu tinha eventualmente concordado em deixar que ela o fizesse, mas que ela ainda não tinha sido capaz de o conseguir. Agnes sugeriu que devíamos tentar novamente (embora parecesse impossível em tais condições) e ver se Feda conseguia entrar-me em transe.

CAPÍTULO X

FEDA ATINGE O SEU OBJECTIVO

ONDE poderíamos nós sentar-nos, naquele edifício vasto e barulhento? Não havia lugar adequado no camarim superlotado, nem em qualquer parte do edifício, tanto quanto eu conseguia ver.

Devo dizer-vos que, nas nossas primeiras sessões, Florence, Nellie e eu tivemos sempre a sorte de ter um camarim só para nós, e costumávamos tornar as «condições» o mais harmoniosas que podíamos, não discutindo assuntos desagradáveis ou mundanos mesmo antes da nossa sessão, e cantando suavemente os hinos que pareciam adequados ao nosso propósito. Feda escolhia sempre «*Abide with me*». Cantávamo-lo frequentemente várias vezes na mesma noite e, às palavras, «*Where is Death's sting — where grave thy victory*», era-nos sempre dado algum sinal da sua presença, mesmo que tivesse havido uma ausência temporária de efeitos na sessão anteriormente.

Vestirmo-nos no meio daquela multidão de raparigas tagarelas era, por isso, uma experiência nova para nós, e todas três concordámos que era impossível tentar sentarmo-nos ali.

Costumávamos deambular pelo teatro, à procura de um local sossegado. Parecia desesperante, até que uma noite descobrimos uma escadaria muito íngreme e estreita que descia do palco. Descemo-la, embora na verdade não tivéssemos o direito de o fazer, e vimo-nos num grande lugar deserto, por entre todos os diferentes motores e máquinas que eram utilizados para o aquecimento, iluminação e outros fins do teatro. Nem uma alma estava à vista, e as paredes e o teto eram tão espessos que conseguíamos ouvir muito pouco exceto o

baque-baque abafado dos motores. Encontrámos um canto limpo, que parecia um verdadeiro porto de abrigo após todo o barulho e tagarelice lá de cima. O meu marido, que regressara das províncias e felizmente fora contratado para a produção mesmo antes de esta estrear, conseguiu uma mesa e três cadeiras estilo Windsor para nós. Levámo-las escada abaixo com o máximo secretismo, esperando desesperadamente não ser descobertos. Entre as nove e as dez horas tínhamos um tempo de espera, pelo que determinámos sentarmo-nos todas as noites a esta hora.

Assim fizemos, e ficámos encantadas quando Feda soletrou mensagens através da mesa no seu antigo estilo familiar. Lembrou-me de que me iria controlar o mais depressa possível, e disse também que Agnes, Nellie e eu tínhamos sido guiadas para este teatro a fim de nos podermos sentar e investigar juntas.

Disse-lhe que estava agora mais do que ansiosa para que ela me entrasse em transe, e ela disse que o faria assim que pudesse, mas noite após noite passava e, embora me assegurasse de que estava a tentar o seu melhor para o conseguir, parecia não fazer qualquer progresso.

Agnes e Nellie foram incansáveis. Nunca ficavam cansadas ou impacientes. Francamente, eu ficava ambas as coisas. Comecei a perder o meu entusiasmo inicial e senti que talvez Feda e os Guias tivessem sobrestimado os meus poderes psíquicos, e fiquei terrivelmente desiludida.

Ora, este teatro era comparativamente novo e fora construído recentemente por Sir Walter Gibbons, que era o director-geral. Eu não sabia absolutamente nada sobre ele, nem Agnes nem Nellie. Nunca o tínhamos visto até virmos para o seu teatro para esta produção especial.

Uma noite, logo após nos termos sentado para a nossa sessão habitual (Feda tinha deixado de soletrar mensagens, pois dissera que se queria concentrar inteiramente em controlar-me, o que tornava a coisa toda muito maçadora), notámos que Sir Walter, que tínhamos começado há pouco a conhecer de vista, tinha descido à casa das

máquinas e andava a caminhar de um lado para o outro, de um lado para o outro, com as mãos entrelaçadas atrás das costas.

Tínhamos descido um pouco mais cedo do que o habitual, pelo que nos limitámos a sentar, quietas como ratinhos, na esperança de que ele não reparasse em nós na penumbra. Ele olhou na nossa direção de uma forma algo casual, mas não nos ordenou de forma peremptória que saíssemos dali, como certamente esperávamos que fizesse. Em vez disso, continuou a caminhar de um lado para o outro, a cerca de quinze ou dezoito metros de onde estávamos sentadas.

Pensámos: «Será que ele nunca mais se vai embora?», e, enquanto esperava, caí num estado de sonolência invulgar. Senti-me mais pessimista do que nunca em relação às minhas possibilidades psíquicas. A sensação de torpor e cansaço aumentou. Pensei preguiçosamente: «Está mais escuro do que o habitual esta noite. Estou com sono. Elas não vão reparar se eu dormir um bocadinho.»

Dormi. Acordei.

Pareceu-me que poderia ter estado a dormir durante alguns meses ou durante outras tantas horas.

Agnes e Nellie estavam inclinadas sobre a mesa a segurar-me as mãos. Notei que estavam agitadas. A Nellie acendeu a luz e vi que as lágrimas cintilavam nas bochechas delas. «O que é que se passa, valha-me Deus?», perguntei.

«O que se passa!», disse Agnes. «A Feda esteve a controlar-te e a dar-nos mensagens dos nossos familiares. A mãe da Nellie também lhe enviou algumas mensagens. Tivemos um momento maravilhoso.»

Contaram-me muitas coisas provatórias que tinham sido transmitidas sobre assuntos de que eu nada sabia, contudo mal conseguia acreditar que fosse verdade. Senti-me demasiado atordoada e cansada para entrar no espírito de alegria e maravilhamento que Agnes sentia.

A sensação de cansaço, porém, desapareceu depressa, e comecei a sentir-me de facto muito feliz por, finalmente, Feda ter conseguido falar através dos meus lábios.

Perguntei-me por que razão teria acontecido nesta noite específica, e Agnes e Nellie disseram-me que Feda tinha apontado para onde Sir Walter Gibbons estava de pé e dissera: «O poder daquele homem ajudou Feda a passar.»

Vários anos mais tarde, quando eu exercia a minha mediunidade profissionalmente, Sir Walter Gibbons foi-me enviado de uma forma muito indireta, por intermédio de terceiros, anonimamente. Foi durante a guerra e ele estava em farda militar, e parecia tão diferente do homem em fato de noite que vagueara na semiescuridão da casa das máquinas que nunca suspeitei da sua identidade por um único momento, mas ao entrar na minha sala de consultas para o cumprimentar, experienciei uma extraordinária sensação de poder. Na verdade, era tão forte que mal conseguia falar com ele, e senti-me como se tivesse entrado em contacto com alguma força enorme. Caminhei mecanicamente até à janela para ajustar as cortinas, a perguntar-me como haveria de me recompor a fim de me sentar com um homem que possuía um poder tão avassalador. Contudo, assim fiz e, mal Feda passou através de mim, contou-lhe o que tinha acontecido no teatro dele, como ela o tinha influenciado a descer as escadas para que pudesse extrair algum poder dele de modo a ser capaz de me entrar em transe.

Ao início ele não se conseguia lembrar de nada do episódio, mas depois recordou a coisa toda, o quão estranhamente fora impelido a descer as escadas e a permanecer ali, embora mal fosse um lugar convidativo ou animado, e como tinha visto «três raparigas sentadas junto a uma pequena mesa, muito quietas, e se perguntara vagamente o que estariam a fazer, mas sem a menor inclinação para interferir com elas ou dizer-lhes que não tinham nada que estar ali em baixo».

Este encontro estranho com Sir Walter levou a muitas experiências extraordinárias, mas devo deixá-las para um capítulo posterior.

CAPÍTULO XI

RELATIVAMENTE A UMA EXPERIÊNCIA DESAGRADÁVEL

FEDA controlava-me sempre que eu conseguia encontrar um consultante compreensivo ou solidário, mas eu conhecia tão pouca gente que era muito difícil ganhar a experiência e a prática que eu deveria ter tido, e uma grande quantidade de tempo foi, sem dúvida, desperdiçada.

Hoje em dia existem vários locais excelentes em Londres onde se realizam aulas com o propósito de incentivar os poderes psíquicos que estão latentes em toda a gente, mas que são tão difíceis de desenvolver, em muitos casos, por falta de dinheiro, conhecimento e instrução. Penso que deve ser mais fácil agora para qualquer pessoa que sinta que a mediunidade é a sua vocação.

Felizmente para o meu trabalho, Agnes apresentou-me a alguns amigos, entre eles uma senhora idosa — uma Sra. Watkins, que, mais tarde, absolutamente me «empurrou» para iniciar o meu trabalho profissional.

Continuei a sentar-me com uma pessoa e outra, não avançando muito, pelo que conseguia ver, nem fazendo grande bem. Feda controlava-me, transmitia mensagens bastante interessantes e muitas vezes provatórias às poucas pessoas com quem me sentava. Assim, no final do Verão de 1913, pensei em tentar alargar o meu círculo de consultantes. Infelizmente, sofria ligeiramente de nevralgia e decidi que devia extrair alguns dentes, tendo ido a um dentista que me foi altamente recomendado. Foi-me administrado gás e foram-me extraídos vários dentes. Deixei o dentista, fui para casa, sentindo-me

(o tentando fazer-me sentir!) o mais alegre possível dadas as circunstâncias.

Nessa noite senti-me terrivelmente cansada e fui para a cama, adormecendo quase imediatamente. No mesmíssimo segundo em que perdi a consciência, tive uma experiência das mais horrendas e vívidas. Pensei que estava no consultório do dentista, sentada na cadeira operatória, e que o gás me acabara de ser administrado. Vi o médico e o dentista a fazer uma ou duas pequenas coisas, a afastar um suporte, a escolher um instrumento e assim por diante, e depois o dentista começou a extrair-me os dentes.

Senti a dor real de cada extração. Ouvi o ruído de «trituração» feito quando vários dos dentes se partiram nas gengivas em vez de saírem. (Lembrem-se, eu não tinha estado, aparentemente, consciente de nenhum destes detalhes na altura das extrações, nem de qualquer dor enquanto sob o efeito do gás ou após recuperar.) A dor agora era agonizante. Vi o médico inclinado à minha frente, a observar-me o rosto, e ouvi-o dizer ao dentista: «Continue mais um pouco», mas o dentista respondeu: «Não, acho melhor parar agora. Já tenho uma boa mão cheia.»

Acordei banhada em suor e a tremer de dor. Reunindo todo o meu autocontrolo, assegurei a mim própria que era tudo imaginação excessiva — apenas tivera uma espécie de pesadelo. Recompus-me e, após um pouco, o sono invadiu-me, mas quase imediatamente comecei a passar por uma repetição, em detalhe, da mesma experiência medonha. Novamente suportei toda a agonia das extrações e novamente acordei após toda a infeliz operação ter terminado.

Para encurtar uma longa e desagradável história — isto aconteceu noite após noite durante duas semanas inteiras. Tinha medo de adormecer e ganhei o hábito de tentar cochilar com «um olho aberto», aterrorizada com a ideia de me deixar ir mesmo que um pouco além da fronteira por medo de submeter-me novamente à provação.

Uma tarde tentei entrar em controlo, esperando que Feda passasse para falar com a Sra. Watkins, a senhora idosa de quem me tornara amiga através da apresentação de Agnes, mas assim que me preparei para entrar no estado de transe, senti a dor das extrações a começar

novamente, embora não a lembrança do dentista ou do consultório, mas simplesmente a dor aguda. Por alguns momentos tentei suportá-la, mas tornou-se pior e desisti da tentativa.

Isto acontecia sempre que eu tentava entrar em transe, pelo que pedi à Sra. Watkins que experimentasse uma sessão de mesa comigo. Ela consentiu e sentámo-nos, mas o poder era muito fraco e Feda apenas soletrou algumas frases lentamente e com grande dificuldade. Disse que o choque das extrações nos meus nervos e a falta de cuidados (eu vivia sozinha na altura nuns aposentos muito maus, estando o meu marido ausente), sem ninguém com quem falar ou que fizesse algo por mim, somado ao facto de eu já estar anteriormente muito debilitada, tinham provocado uma condição nervosa tão fraca que eu devia adiar qualquer ideia de começar o meu trabalho de forma profissional por alguns meses, ou até que ela — Feda — me desse instruções inequívocas para o fazer.

Isto foi uma grande desilusão, mas senti intuitivamente que Feda tinha razão. Disse-me que um índio norte-americano, chamado Estrela do Norte (*North Star*), me iria dar alguma cura e que eu devia levar as coisas com muita calma, sentando-me apenas ocasionalmente para a Sra. Watkins e a sua irmã, a Sra. Massey, ou um amigo íntimo.

Fui ficando gradualmente mais forte ao seguir este conselho, mas continuava a ter bastante medo de ir dormir. Uma noite, sentindo-me muito cansada, tinha rezado mais fervorosamente do que nunca para que me fosse poupada a provação dentária e me permitissem dormir e, para meu grande alívio, caí num sono perfeitamente natural por cerca de três horas, acordando entre as três e as quatro da manhã. Ao acordar, ouvi uma gloriosa voz de barítono a cantar o início do hino, «*Nearer my God to Thee*».

Sentei-me na cama rapidamente. A voz parecia estar no quarto.

Totalmente consciente, escutei esta voz a cantar a totalidade da primeira estrofe. (Era o tipo de voz que se esperaria ouvir numa ópera ou oratória de primeira classe.) Depois fiquei ciente de que o som parecia estar não apenas no quarto, mas em toda a parte. Saltei da cama e abri a janela. Era uma noite de luar radiante, a rua era uma

curva pequena e sossegada, nem uma alma à vista. O cantor continuou.

Arrebatada, repeti as palavras do hino, num sussurro, à medida que a voz as cantava, até à última linha. Senti-me mais calma do que me sentira em meses, meti-me calmamente na cama de novo, consciente de que me tinha sido dada uma manifestação maravilhosamente útil e reconfortante. Dormi, e nunca mais voltei a ter aquele horrível pesadelo, ou o que quer que fosse, sobre as extrações dentárias.

Estrela do Norte continuou a ajudar-me, ou pelo menos assim me foi dito.

Não posso dizer que estivesse consciente de ele me fazer o que quer que fosse, mas a verdade é que fiquei mais forte muito rapidamente. Ocasionalmente, Feda permitia que Estrela do Norte me controlasse, embora ela fosse habitualmente avessa a que alguém o fizesse exceto ela própria.

Estrela do Norte nunca foi capaz de falar através de mim.

Apenas emitia uma espécie de som gutural, mas usava as minhas mãos e braços de uma forma extraordinária, fazendo passes sobre o paciente, e a verdade é que curou várias pessoas de diferentes maleitas.

Por vezes, os pacientes eram trazidos à minha atenção de uma maneira muito estranha. Por exemplo, uma tarde a Sra. Watkins tinha-me convidado a ir a sua casa para o chá e para conhecer a sua irmã, a Sra. Massey. Quando cheguei, a Sra. Massey já lá estava. Parecia muito quieta e contida.

Estávamos sentadas a beber chá e a conversar de forma vaga. Várias vezes tive a sensação curiosa de que havia algo que eu devia dizer — ou fazer — à Sra. Massey, mas não fazia ideia do que poderia ser. A sensação intrigou-me muito. Tentei lembrar-me se me tinham dito algo sobre ela ou se me tinham dado uma mensagem para ela por parte de alguém, mas não conseguia recordar nada do género.

Ora, a Sra. Watkins, a Sra. Massey e eu estávamos sentadas em três cadeiras a cerca de dois metros de distância umas das outras. A

cadeira da Sra. Massey era uma cadeira de baloiço de madeira. Subitamente, a cadeira dela começou a baloiçar para a frente e para trás, suavemente ao início, depois ganhando velocidade, até baloiçar a um ritmo tremendo. O rosto da Sra. Massey era um poema de expressões porque, como ela nos contou mais tarde, não tinha sido ela a iniciar o baloiço. Estava perfeitamente quieta quando começou.

Depois, para nosso horror, a cadeira deu uma cambalhota completa. O mesmo aconteceu à Sra. Massey. Caiu mesmo de cabeça e ficou caída onde caíra. Corri para ela e, antes de me aperceber do que estava a acontecer, Estrela do Norte tinha assumido o controlo de mim!

Um galo do tamanho de um ovo tinha surgido na cabeça da Sra. Massey. Estrela do Norte colocou as minhas mãos sobre ele: em poucos momentos tinha desaparecido. Estrela do Norte deixou então a cabeça dela e procedeu a fazer passes sobre o corpo dela, particularmente sobre o coração. Deu grunhidos altos de satisfação e pareceu extremamente bem-disposto com algo.

Após cerca de meia hora de trabalho árduo, deixou de me controlar, e a Sra. Massey revelou então o facto de que se sentira muito doente nos últimos dias, e em toda a parte inicial deste dia específico, e andara preocupada com o seu coração. Todos os maus sintomas tinham desaparecido durante o tratamento de Estrela do Norte, e sentia-se melhor agora do que se sentira em meses.

Um método bastante drástico empregue por Estrela do Norte para a curar, pensarão vós! Mas, aparentemente, ele teve de criar o galo na cabeça dela para abrir caminho ao tratamento da maleita mais grave.

CAPÍTULO XII

COMEÇO O TRABALHO A SÉRIO

EM Março de 1914, Feda deu à Sra. Watkins uma mensagem direta a dizer que eu devia alugar alguns quartos onde pudesse

começar o trabalho como médium profissional o mais depressa possível. Feda repetiu esta mensagem através de amigos que eram psíquicos, através de *planchette*, mesa, escrita automática ou de qualquer forma que conseguisse.

Na Primavera de 1914, fui inundada com estes pedidos de que tinha de começar imediatamente, e cada mensagem terminava com as palavras: «Algo de grande e terrível vai acontecer ao mundo. Feda tem de ajudar muita gente através de ti», significando a mim.

Eu própria fui intuída como nunca antes e, com a ajuda da Sra. Watkins, aluguei três quartos em Maida Vale e coloquei um anúncio num jornal Espiritualista a dizer que dava consultas privadas diariamente e pequenos círculos públicos em certas noites.

Na primeira noite compareceram três pessoas para o círculo, todas estranhas para mim e entre si, creio eu.

Ao início não gostei nada do meu trabalho. Honestamente, preferia ter esfregado soleiras de portas para ganhar a vida. O sentido de responsabilidade era avassalador.

Tantas pessoas, uma vez que entravam em comunicação com um amigo espírito no Outro Lado, pareciam imaginar que cada dificuldade, cada problema das suas vidas diárias poderia ser descartado e todos os fardos colocados sobre os ombros dos espíritos. Esta é uma atitude adotada por muitos, e estou certa de que é errada. Os nossos amigos na vida espiritual têm, sem dúvida, permissão para nos ajudar quando não nos podemos ajudar a nós próprios, mas devemos assumir as nossas próprias responsabilidades a fim de fortalecermos e desenvolvermos os nossos caracteres. Este é o propósito para o qual estamos a viver na terra, estou bem certa disso.

Um dia, em meados de Junho de 1914, uma desconhecida veio ter comigo para uma consulta. Mais tarde, convidou-me a ir a sua casa para um serão musical.

Fui no sábado seguinte. Era uma casa antiga e interessante perto do Regent's Park. A sala em que nos reunimos para ouvir a música era comprida, tendo outrora sido duas salas, mas a parede divisória tinha

sido retirada. Fui sentar-me na parte de trás, com a minha anfitriã e uma senhora desconhecida a quem chamarei Sra. Norton.

A atmosfera era muito psíquica e pacífica.

Estávamos as três sentadas a ouvir a música quando, de repente, me apercebi de que o centro da nossa parte da sala parecia preenchido por uma névoa cinzenta. Pisquei os olhos, fechei-os e abri-os, mas a névoa continuava lá e tornou-se mais densa. A Sra. Norton estava também a olhar fixamente na direção da névoa.

Depois, no centro dela, formou-se gradualmente a figura de um homem, jovem e moreno. Estava de farda. O seu rosto era pálido e perturbado. Segurava algo nas mãos, um objeto redondo que eu não conseguia ver claramente.

Sussurrei à Sra. Norton: «Consegue ver alguma coisa?»

Ela respondeu imediatamente: «Claro que consigo. Vejo a figura de um jovem com a farda sérvia. Pelo menos, acho que é parecida com as imagens das fardas sérvias que tenho visto.»

De repente, percebi que ele era o jovem Rei Alexandre da Sérvia, que tinha sido assassinado uns anos antes. Pareceu pressentir o meu reconhecimento silencioso, pois olhou fixamente e com tristeza na minha direção e estendeu as mãos, de modo que pude distinguir claramente o objeto que segurava. Era uma pequena bala de canhão coberta de sangue. Murmurou algo, mas não consegui ouvir as palavras. Repetiu-as várias vezes, mas a única que consegui apanhar foi «país» (*country*).

A visão desvaneceu-se. A Sra. Norton e a minha anfitriã tinham visto tudo o que eu vira, e cada detalhe foi verificado por nós as três. A Sra. Norton disse que as primeiras palavras que o espírito proferiu foram numa língua estrangeira, mas que ele pareceu perceber que não conseguíamos compreender e repetiu depois várias vezes em inglês as palavras: «O meu pobre país!» («*My poor country!*») Seis semanas mais tarde começou a Grande Guerra. Compreendi então o propósito para o qual eu era necessária. Eu devia ser usada para provar àqueles cujos entes queridos tinham sido mortos que eles não estavam perdidos para eles e que os mortos nunca tinham morrido.

Durante esses primeiros terríveis meses de guerra, muitas mães e viúvas enlutadas recorreram ao Espiritualismo em busca de consolação, e encontraram-na. Muitas que estavam em perigo de perder a razão devido ao desgosto recuperaram a lucidez e levaram vidas úteis novamente, seguras no conhecimento de que os seus maridos ou filhos viviam e esperavam por elas.

Pergunto-me por vezes se muitas pessoas se aperceberam das extraordinárias condições psíquicas que prevaleceram durante a guerra; tantos milhares de homens jovens e ativos a serem subitamente projetados das suas condições terrenas habituais para outras inteiramente novas, o que deve ter sido um grande choque e surpresa para muitos deles.

Conseguia-se sentir o tremendo apelo de todos estes milhares de almas entusiastas e amorosas que provavelmente (penso, certamente) ansiavam por voltar para os entes queridos que tinham deixado para trás na terra. Sinto, de facto, a certeza na minha própria mente de que todos eles queriam realmente a oportunidade de regressar, nem que fosse por uma hora, para confortar aqueles que choravam por eles e para lhes contar algo sobre as suas novas condições e arredores.

Lembro-me de uma ocasião em que uma médium de voz direta visitou a minha casa em 1915 e deu uma sessão de muito sucesso a um círculo composto por cerca de uma dúzia de amigos nossos, o meu marido e eu. O Guia principal da médium, um escocês sábio e bondoso chamado David, foi ouvido a sussurrar primeiro numa parte da sala e depois noutra. Podiam ouvir-se trechos de conversa tais como:

David: «Ora bem, meu rapaz, qual é o teu nome?»

Voz Desconhecida, ansiosa e urgentemente: «Alec Clark» (ou outro nome qualquer — foram dados tantos que já os esqueci a todos).

David: «Bem, Alec, tens a certeza de que conheces alguém das pessoas aqui, porque, se não, não deves interromper. Tens de te afastar e deixar passar os rapazes que pertencem às pessoas aqui.»

Voz Desconhecida: «Mas talvez uma destas pessoas conheça a minha gente. Oh, eu quero tanto enviar uma mensagem.»

David: «Bem, rapaz, vou perguntar-lhes se alguma vez ouviram o teu nome.»

Depois ele virava-se, aparentemente, para o círculo e perguntava, numa voz clara e alta: «Algun de vós conhece Alec Clark ou os seus familiares?» Por vezes conhecíamos, muito frequentemente não.

David explicou que estavam centenas de «rapazes» presentes, todos ansiosos por dar mensagens na esperança de que alguns dos participantes pudessem um dia encontrar os seus pais ou outros familiares. Parecia terrivelmente triste. Desejei poder dividir-me em mil pedaços, se cada pedaço pudesse ser usado como um canal através do qual estas jovens almas ansiosas pudessem comunicar.

Por todo o país devia haver psíquicos que faziam o seu melhor para registar as mensagens que lhes eram dadas por aqueles que tinham passado para o outro lado, mas, mesmo assim, o número de psíquicos deve ter sido tão dolorosamente pequeno comparado com o número extraordinário de Espíritos que queriam comunicar. Desde então foi-me dito que os relativamente poucos que conseguiam, e conseguiram, estabelecer comunicação com os seus familiares do nosso lado, contavam a todos os outros que não o conseguiam, e isso fazia com que o abismo entre os dois mundos lhes parecesse menor, embora estivessem privados da satisfação pessoal de saberem que tinham transmitido alguma mensagem contendo uma prova definitiva da sua existência. Felizmente, muitas mães e esposas enlutadas, após experienciarem algumas sessões bem-sucedidas com um médium de confiança, sentiram-se inspiradas a tentar algum meio de desenvolver os seus próprios poderes latentes, e um bom número foi capaz de o fazer através do basculamento de mesas, escrita automática, etc., e ficavam então capazes de ajudar outras pessoas também, muitas das quais poderiam ter, naqueles dias, preconceito contra a visita a um médium profissional.

Como é evidente, além das pessoas verdadeiramente enlutadas para as quais eu sentia que era a minha missão especial «sentar-me», havia certamente alguns maníacos e excêntricos que eram atraídos por tudo o que fosse de natureza psíquica, simplesmente porque parecia oferecer a oportunidade de uma emoção ou de algum sobressalto.

Entrei em contacto com várias pessoas cujas ideias egoístas a respeito de si mesmas, dos seus próprios poderes, etc., eram totalmente absurdas (e trágicas num certo sentido, porque se sentia que eram um descrédito para o movimento, ou que poderiam trazer o ridículo sobre ele).

Senti-me algo desesperada depois de uma ou duas destas pessoas me terem visitado e informado de que eram controladas pela Rainha Isabel, por Sócrates ou por Shakespeare, todos os quais diziam os maiores e mais flagrantes disparates, e desejei poder evitar estes encontros, pois parecia uma perda de tempo tão grande e continha um elemento tão indesejável.

Durante o Inverno de 1914, o Sr. Hewat McKenzie, o fundador do Colégio Britânico de Investigação Psíquica, visitou-me, anonimamente. Nunca o tinha visto nem ouvido falar dele antes, mas Feda deu-lhe o que ele considerou ser uma sessão satisfatória e, a partir dessa altura, ele foi da maior ajuda para mim, enviando-me o tipo exato de consultante: pessoas enlutadas, mas equilibradas, até mesmo cétricas, para quem as sessões eram de benefício e utilidade.

CAPÍTULO XIII

CONHEÇO UM GRANDE HOMEM

UM dia, o Sr. McKenzie trouxe-me pessoalmente uma senhora de luto carregado, que estava obviamente num grande sofrimento. As suas sessões comigo trouxeram-lhe algum conforto. Ela conhecia Sir Oliver Lodge, embora eu não o conhecesse nesta altura, e quando o filho dele, Raymond, foi morto na guerra, no Outono de 1915, esta senhora organizou uma sessão para um «cavalheiro desconhecido».

Pode parecer absurdo, quase inacreditável, mas por acaso eu nunca antes tinha visto Sir Oliver Lodge em pessoa, nem sequer tinha visto um retrato dele. Tinha lido ou visto muito pouca literatura científica ou psíquica, e nunca tinha lido nada do que ele escrevera. Fosse como fosse, eu não fazia a menor ideia da sua identidade, mas Raymond, nesta que foi a sua primeira sessão comigo, comunicou com o seu pai através de Feda e, a partir dessa altura, foi meu grande

privilégio ter tido muitas sessões com ele, e também com muitas das pessoas enlutadas que escreviam a Sir Oliver, pedindo-lhe que as enviasse a alguém que lhes pudesse transmitir uma mensagem daqueles que tinham passado para o outro lado.

Sir Oliver e a sua secretária, a Menina Nea Walker, a autora e compiladora daquela obra maravilhosa, «*The Bridge*», davam-se ao trabalho infinito de triar as pessoas genuinamente enlutadas e de organizar todos os detalhes relativos às suas marcações comigo, de modo a que o anonimato pudesse ser estritamente preservado. A Menina Walker limitava-se a escrever-me e a dizer: «Na segunda-feira, 12 de Dezembro, espere uma senhora às 11:00. Na quarta-feira, dia 14, espere um cavalheiro à mesma hora», e assim por diante.

Este era um arranjo extremamente satisfatório, tanto para o consultante como para mim. Olhando para trás, percebo agora, mais do que nunca, o quanto devo a Sir Oliver e à sua sabedoria, paciência e bondade. Nunca conseguiria encontrar palavras que expressassem adequadamente o meu apreço por tudo o que ele significou e fez pelo meu trabalho. Na verdade, onde estaria o meu trabalho sem a ajuda de Sir Oliver Lodge? Não consigo imaginar.

Recebi consultantes através de outras fontes também. A Sociedade de Investigação Psíquica, cujos dirigentes e membros me demonstraram sempre a maior simpatia e consideração, eram todos consultantes admiráveis com quem era um prazer e uma satisfação trabalhar.

Quão grandemente o consultante pode ajudar a mediunidade de alguém a desenvolver-se! O consultante sábio, cauteloso e até cético, se tiver uma mente aberta, obtém os melhores resultados e é um grande factor para edificar definitivamente, pouco a pouco, as forças psíquicas e mentais do médium, e até do controlo. O tipo de consultante crédulo, do género «Estou disposta a acreditar em tudo, minha querida. Não quero testes», não melhora a qualidade da mediunidade de alguém, nem obtém os melhores resultados. O ceticismo de tipo razoável é muitas vezes uma boa condição nas fases iniciais da investigação. Tenho em mente um homem assim, e ele é o Sr. Robert Blatchford, que era certamente muito cético no início,

como toda a gente sabe, mas quando obtive o que considerou ser uma prova, reconheceu-o e, desde então, deve ter ajudado muitos milhares de pessoas através das suas declarações corajosas sobre as suas crenças e opiniões.

Apesar de todo o encorajamento e ajuda amigável que recebi, considerei que o desgaste constante de «sentar-me» para todo o tipo e feitio de pessoas era muito grande. Como veem, estavam quase todas enlutadas, terrivelmente enlutadas, mergulhadas nas profundezas da dor e da solidão de forma tão súbita. Se eu tivesse ousado deixar-me deter nisso, ter-me-ia sentido esmagada pela tristeza de tudo aquilo.

Apenas por dizer para comigo: «Sabes que isto é terrível, horroroso, mas não sejas uma tola sentimental e egoísta. Não percas tempo e poder a contemplar o óbvio, mas recompõe-te, de modo a dares as condições pacíficas corretas, para que aqueles que deixaram este terrível estado caótico na terra se possam aproximar de ti e comunicar através de ti.»

Sabia intuitivamente que tinha de providenciar mentalmente uma condição calma e harmoniosa, de modo a tornar as coisas o mais fáceis possível para os Espíritos Comunicadores. Isto foi-me incutido repetidas vezes por Feda, que é ela própria uma criaturinha tão alegre e otimista que tenho a certeza de que deve ter-me influenciado enormemente durante aqueles anos difíceis. Também o conhecimento de que, por causa das sessões, as pessoas estavam a ser resgatadas do desespero e da falta de esperança para voltarem a levar vidas normais e úteis ajudou-me a lutar contra as dificuldades e provações desse período.

Como veem, eu tinha ficado tão segura dos meus factos. Já não andava, como na minha juventude, a alternar entre a esperança e o desespero. Pouco a pouco, os Guias e Comunicadores do Outro Lado fizeram-me saber. Por vezes os consultantes falavam-me da prova que lhes tinha sido dada através de Feda, o que me era muito útil. Penso que irei relatar um pouco desta evidência, pois ajudar-vos-á a conhecer o tipo de material — simples mas definitivo — que ajudava o consultante enlutado e que também me impressionava.

CAPÍTULO XIV

ALGUMAS PROVAS DE SOBREVIVÊNCIA

EM 1916, veio ver-me uma senhora, a Sra. Kelway-Bamber, cujo filho, Claude, um aviador, tinha sido morto em França. Ela obteve uma grande quantidade de provas pessoais da parte dele que a convenceram de que era sem dúvida o seu filho quem comunicava. Um dia, quando ela veio ter uma sessão comigo, ele disse-lhe: «Mamã, sei que tu gostarias muitas vezes que eu te pudesse dar um teste que fosse absolutamente estanque, algo de que ninguém na terra soubesse nada.»

A mãe disse: «Sim, gostaria que o pudesses fazer: ajudaria tanta gente a acreditar na vida futura se eu lhes pudesse dizer algo que excluísse a teoria da telepatia.» «Bem, Mamã», respondeu ele, «lembras-te de um rapaz que era meu amigo particular na escola? Chamávamos-lhe sempre "Pequeno Willie".» (Aqui deu-lhe vários pormenores que estabeleceram claramente a identidade do outro rapaz.)

A mãe disse imediatamente: «Com certeza que me lembro dele, mas nós — não temos notícias dele há algum tempo.» O seu filho continuou: «O Willie acabou de passar para o outro lado. Foi morto em França, abatido num aeroplano. O corpo dele está num local onde não é provável que seja encontrado durante algum tempo. Tenho estado a ajudar a alma dele a afastar-se do corpo e das condições de guerra, porque será um grande choque para ele quando acordar e descobrir o que aconteceu.

»Ninguém sabe que ele foi morto — nem uma alma viva na terra neste momento, porque ainda não o esperam de regresso à base. Ele acabou de ser morto e estou tão contente por ter esta sessão contigo, para te poder falar sobre isso antes que mais alguém saiba.» A Sra. Kelway-Bamber dirigiu-se imediatamente ao Ministério da Guerra e fez indagações, mas foi-lhe dito que, tanto quanto sabiam, o oficial em questão estava são e salvo. Poucos dias depois, ele foi dado como «desaparecido», mas foi apenas um ano mais tarde que se provou que tinha sido morto. Descobriu-se então que ele tinha sido abatido

naquele mesmíssimo dia, momentos antes da sessão. Isto, considero eu, foi um teste que não pode ser explicado pela telepatia.

Por esta altura, veio ter comigo uma jovem viúva, pouco depois de o seu marido ter sido morto, também na guerra. Após algumas sessões bem-sucedidas (com Feda a controlar-me), ela pensou que gostaria de experimentar uma sessão de mesa. O marido dela provou ser um verdadeiro perito; de facto, dominou a «técnica» das sessões do lado dele de forma notavelmente rápida.

O seu controlo sobre a mesa era tão perfeito que eu apenas precisava de manter uma das mãos — a esquerda — muito ao de leve sobre ela, e ficava livre para usar a mão direita para escrever as letras à medida que ele as soletrava para nós. Era necessário que eu fizesse isso, pois ele movia a mesa tão depressa que, de outro modo, teríamos esquecido a ordem das letras.

Enquanto dava uma mensagem sobre um assunto comum mas bastante interessante, ele interrompeu-se, mudando de assunto ao dizer: «Nora, esqueceste-te do dia que é hoje?» «Não», respondeu a esposa, «mas pensei que tu te tivesses esquecido.» «Não me podes dizer o que o dia de hoje significa para ti, porque é um dia muito especial?» Sem a menor hesitação, as seguintes letras foram batidas rapidamente na mesa:

ATTRINITYCHURCHIMETMYDOOM

Olhámos para as letras, mas não conseguimos tirar nada de um tal amontoado como aquilo parecia ser. Num tom desapontado, a esposa disse: «Bem, querido, achei mesmo que te lembrarias do dia que é hoje.»

«E lembro-me», insistiu ele, «já te disse. Lê com atenção o que eu soletrei.»

Ao lermos de novo as letras que ele tinha dado, descobrimos que soletravam: «*At Trinity Church I met my doom*» (Na Igreja da Trindade encontrei o meu destino). A esposa ficou encantada, pois esse dia era o aniversário do casamento deles. Era exatamente o género de coisa que ele teria dito, explicou ela; ele queria dar o teste nas suas próprias palavras, à sua própria maneira — não na dela.

CAPÍTULO XV

MAIS ALGUMAS PROVAS — E UM REBATE

A IDEIA de que todas as provas podem ser explicadas pela teoria de que o médium se limita a ler a mente do consultante e ali encontra certa informação, fazendo uso dela ao convertê-la mental e verbalmente numa suposta comunicação de um espírito desencarnado, está agora a ficar tão gasta que os estudantes sérios e experientes do assunto estão a descobrir que esse tipo de telepatia entra muito pouco, ou de todo, numa sessão com um médium totalmente desenvolvido.

Se lerem livros como *Life Beyond Death, with Evidence* (A Vida Além da Morte, com Provas) e *Some New Evidence for Human Survival* (Algumas Novas Provas de Sobrevivência Humana) do Reverendo C. Drayton Thomas, encontrarão um número imenso de casos relatados nos quais a prova é de tal natureza que não pode ser explicada pela hipótese da leitura de pensamentos. Seria uma perda de tempo para mim repetir qualquer um desses casos aqui, pois todos os podem ler por vós mesmos na íntegra, juntamente com tanto outro material interessante e instrutivo.

Feda explica-nos frequentemente que no Mundo Espiritual existem o que só se pode descrever como Gabinetes de Informação, onde aqueles que estão ansiosos por enviar mensagens aos seus amigos na terra entram em contacto com alguns dos Comunicadores experientes, como o pai do Sr. Drayton Thomas, e lhes pedem ajuda, quer levando-os a uma sessão, quer transmitindo uma mensagem por eles.

Como é lógico, eu oiço muito pouco sobre as provas que a maioria dos meus consultantes obtém. Grande parte delas seria de natureza demasiado íntima e privada para o consultante mas relatar a mim, ou para as publicar num livro ou jornal, e muitas vezes é indesejável que eu ouça o que quer que seja sobre o assunto, pois o Comunicador pode querer continuar com as suas provas, e é sempre melhor que a minha mente esteja tão limpa quanto possível sobre qualquer assunto sobre o qual um consultante necessite de mais provas.

Pessoalmente, penso que a ideia de um médium «colorir» as mensagens é muito exagerada, mas temos de considerar que por vezes estamos a tentar fornecer provas que convençam o cético. Não estamos a tentar converter os convertidos.

De tempos a tempos, foram-me dadas provas pessoais notáveis. Gostaria de vos falar sobre um exemplo muito impressionante, mas como diz respeito a alguns parentes que não gostam do assunto da Investigação Psíquica e que desaprovam fortemente o meu trabalho nele, devo disfarçar os nomes, pois não desejo conscientemente irritá-los ou magoá-los.

Uma noite, no Outono de 1914, visitei o apartamento de um amigo em Bayswater com o objetivo de me encontrar com dois ou três outros amigos e ter uma sessão de mesa. Conhecíamos-nos todos muito bem, com exceção de uma senhora, a quem chamarei Sra. C. Através da mesa, vários Comunicadores soletraram mensagens curtas, nenhuma de tipo muito interessante, e houve um curto intervalo durante o qual a mesa pareceu ficar completamente «morta» e imóvel. Esperámos, a perguntarmo-nos se a sessão teria terminado, quando subitamente a mesa começou a mover-se de novo, primeiro de uma maneira hesitante, algo incerta, e depois tornando-se gradualmente mais firme e forte. Um nome — nome próprio e apelido — foi soletrado.

Nenhum dos outros participantes o reconheceu. Eu reconheci-o, mas não o admiti, pois não pensei por um único momento que fosse para mim, já que a única pessoa que eu conhecia com esse nome continuava, tanto quanto eu sabia, na terra, e tinha a certeza de que teria sabido se ele tivesse passado para o outro lado.

Por isso, não disse nada.

Novamente o nome foi soletrado, desta vez com muita força mesmo. A consultante, a quem chamei Sra. C., disse-me então: «Sra. Leonard, sou ocasionalmente clarividente, ou "percebo" as coisas, e tenho a forte intuição de que este Comunicador a conhece e deseja falar-lhe.»

«Bem», disse eu, «conheço de facto alguém com esse nome. É o nome de um tio, mas ele está, tenho a certeza absoluta, vivo e de boa

saúde, senão eu teria sabido. Tenho a certeza de que não pode ser ele.» Assim que acabei de dizer isto, a mesa ergueu-se alto e literalmente bateu com força: «Sim — sou eu — sou o teu tio — e parti subitamente», repetindo novamente tanto o nome próprio como o apelido.

Eu continuava sem conseguir acreditar e perguntei-lhe o nome da sua casa, que ficava num local a duzentas ou trezentas milhas de distância e completamente desconhecido de qualquer um dos outros participantes. Este foi dado corretamente. A Sra. C. falou novamente: «Consigo ver este Comunicador de forma tão distinta. Ele está de pé mesmo atrás de si, Sra. Leonard. Vou descrevê-lo.» Ela assim fez minuciosamente, e foi uma excelente descrição, que se teria ajustado a muito pouca gente exceto ao meu tio, que tinha uma personalidade muito invulgar. Senti, então, que tinha de ser ele e disse-lhe que estava contente por ele ter vindo ter comigo, pois a minha mãe e eu tínhamos sido muito afeiçoadas a ele; ele era um homem exceccionalmente bom e bondoso, se é que alguma vez existiu algum.

Ele procedeu então a dar-me algumas informações sobre o seu filho mais novo, informações que, mais uma vez, parecia impossível de creditar. Disse que este filho tinha sido detido como prisioneiro na Alemanha. Isto não condizia de todo com o que eu sabia dos planos e movimentos recentes da família. Fiquei mais intrigada do que nunca. Pediu-me então que escrevesse à sua esposa, a minha tia, a contar que ele tinha comunicado, e disse que ela confirmaria todas as suas afirmações. Prometi fazê-lo.

Eu, e os outros participantes, ficámos extremamente interessados em toda a comunicação. Escrevemos imediatamente tudo o que ele tinha dito, enquanto estava fresco nas nossas mentes, e todos assinámos e pusemos a data.

Ao chegar a casa, li a declaração ao meu marido, que disse não conseguir conceber que o meu tio tivesse passado para o outro lado, senão eu teria sabido por algum dos meus parentes, com toda a certeza pela minha tia. Pensei então na minha promessa de escrever à minha tia a contar que o Tio me tinha falado. Como poderia eu redigir a carta, perguntava-me? Como o meu marido dissera, eu não podia

escrever e dizer: «Por favor, Tia, o Tio morreu?» Por muito tato que eu pudesse ter no assunto, equivaleria na realidade a isso, pelo que me limitei a escrever dizendo que não tinha notícias dela há algumas semanas e que queria saber particularmente «se as coisas estavam bem por casa». A minha tia escreveu em resposta dizendo lamentar não ter escrito, mas o meu tio tinha passado para o outro lado muito subitamente três semanas antes, e houvera uma grande quantidade de negócios subitamente impostos sobre ela.

Disse também que o meu tio andara preocupado com o facto de o seu filho mais novo calhar estar de passagem pela Alemanha aquando da eclosão da guerra e ter ficado ali detido! Esta confirmação de tudo o que o meu tio nos tinha contado através da mesa foi impressionante, e enviei imediatamente para a minha tia a declaração assinada do que tinha acontecido na sessão.

«Como ela vai ficar feliz por saber que ele já tomou providências para comunicar a fim de mostrar o seu amor e interesse por todos nós», pensei eu, mas estava enganada.

A minha tia escreveu de volta dizendo esperar que eu nunca mais me referisse ao assunto e que não perturbasse o meu tio, mas que o deixasse descansar em paz. Vi que seria inútil explicar-lhe que eu não o tinha «perturbado». Ele é que me tinha «perturbado» a mim, de uma maneira extremamente determinada, e eu estava muito contente por ele o ter feito.

Na primeira oportunidade contei-lhe calmamente o que a Tia tinha dito (ele provavelmente já o sabia) e disse-lhe que não podia transmitir mais mensagens da parte dele. Disse que compreendia e que estava perfeitamente contente; era apenas o que ele já esperava a meias, mas que manteria o contacto comigo de tempos a tempos. Não tive muitas notícias dele, mas espero que ele ainda se sinta interessado por mim e pense em mim, mesmo que a sua vida e o seu trabalho (tenho a certeza de que ele está ocupado e ativo na sua vida atual) não o tragam para um contacto próximo com a vida terrena.

CAPÍTULO XVI

EM QUE ENCONTRO O MEU PAI; PERCO-O E ENCONTRO-O NOVAMENTE

UMA cadeia muito forte de matéria provatória foi tecida em redor do meu pai, do meu reencontro com ele e da sua subsequente «passagem para o outro lado».

Num capítulo inicial, contei-vos que as perdas financeiras tinham perturbado a mente do meu pai a tal ponto que ele pareceu perder todo o sentido das suas responsabilidades materiais como marido e pai. Aqui, devo observar, estou absolutamente certa de que eu era a sua filha favorita. Eu gostava de facto muito dele e, sendo a mais velha, tinha idade suficiente para o compreender melhor do que se poderia esperar que os meus irmãos ou a minha irmã fizessem.

Depois de o deixarmos, ele fez várias tentativas para me persuadir a ir viver com ele. Tinha um grande domínio de muitas línguas diferentes, compreendendo e falando fluentemente francês, italiano, alemão e outras línguas menos conhecidas, e tinha de tempos a tempos feito correspondência e outro trabalho durante diferentes guerras continentais e do «Próximo Oriente». Podia atuar como intérprete sob condições difíceis e complicadas e, logicamente, também ensinar línguas, mas não tinha paciência para o fazer.

Se eu tivesse deixado a minha mãe e tivesse ido para ele, teria tido sem dúvida uma vida mais fácil e interessante, embora boémia, viajando com ele pelo estrangeiro. Ele era um companheiro fascinante às vezes, embora noutras fosse terrivelmente sarcástico e cínico de uma forma divertida, mas extremamente cruel.

Nunca ninguém se aborrecia com ele. Era certamente o que se conhece como uma dupla personalidade, porque por trás de todo o seu charme, inteligência e amor pelo invulgar, havia uma curiosa veia ortodoxa e convencional, que foi sem dúvida responsável pela sua recusa em permitir que eu fizesse quaisquer perguntas sobre, ou visse algo de, o que ele chamava «o sobrenatural».

Eu ansiava por me juntar a ele. Era uma grande tentação, mas nós, crianças, sentíamos todas que o nosso lugar correto era com a nossa mãe, pelo que fiquei. Talvez tenha sido intuída a fazê-lo. Por

outro lado, se tivesse estado sozinha com o meu pai, talvez o tivesse trazido para a minha forma de pensar relativamente ao Espiritualismo. Os acontecimentos subsequentes fizeram-me crer que isso teria sido possível, embora não o pensasse na altura.

Ora, depois de eu atingir a idade de dezassete ou dezoito anos, até aos trinta e dois, não tinha visto o meu pai nem tido notícias dele, e não sabia se ele estava neste plano ou não. Quando a guerra rebentou em Agosto de 1914, trouxe-o muito à minha mente de novo, uma vez que ele tinha participado na guerra franco-prussiana de 1870, do lado francês.

Tinha uma grande amiga, Beatrice Chester, que sabia tudo sobre ele e, uma noite, quando estava em casa dela no Regent's Park, ela sugeriu que podíamos ter uma pequena sessão de mesa e ver se algum dos parentes do meu pai que tivessem passado para o outro lado vinha dar-me informações sobre ele. Concordei de bom grado e sentámo-nos da forma habitual. Para minha surpresa, apareceu alguém que disse chamar-se William Edward e ser irmão do meu pai.

Eu não quis acreditar nisso, porque tinha percebido que o meu pai não tinha outro irmão a não ser um chamado Harry.

— «Olá», disse eu, «Queres dizer que és o Harry?» Ele disse: «Não, sou o irmão mais velho do teu pai.» Eu disse: «Estás enganado, então, porque o meu pai não tinha irmão mais velho; ele era o mais velho.» Ele disse: «Sou irmão dele, mas morri antes de o teu pai nascer.» Eu disse: «Como podes ser o William, se não há dois filhos na mesma família chamados pelo mesmo nome próprio, e o meu pai era o William.» Ele disse que, apesar disso, tinha razão. Eu respondi: «Muito bem, tens visto o teu alegado irmão ultimamente?»

«Sim.»

«Onde? Está no Continente?» «Não, está em Inglaterra.»

«Podes dizer-me algo sobre onde ele poderá estar?» «Sim, em Leeds.»

Eu disse: «Não, isso não pode ser.» Pensei, por que haveria ele de estar em Leeds? Essa é uma das próprias cidades onde ele não estaria. No entanto, fiz indagações e, através do meu irmão, descobri que o

meu pai tinha sido visto em Leeds. O meu irmão, na mesma altura em que escreveu sobre isto, enviou-me uma mala velha contendo alguns papéis, pois estava a mudar-se do local onde vivia para outro. Nesta mala encontrei um envelope rasgado com o carimbo do correio de Leeds, que mostrava as últimas três letras do nome de uma rua — «IAN». Pensei, a partir disto, que era evidente que ele estivera em Leeds, pelo que disse que ia tentar descobrir através do espírito que se dizia irmão do meu pai se ele me podia adiantar mais alguma coisa sobre o assunto.

Assim, na primeira oportunidade, perguntei-lhe se ele poderia porventura descobrir algum endereço que o meu pai tivesse tido em Leeds, ou onde fosse provável encontrá-lo. Após muito trabalho e grafias erradas, ele soletrou as palavras: «Caledonian Road, Leeds». Não consegui obter o número da rua, mas pensei em escrever ao meu pai para essa morada e ver o que resultava. Para grande espanto meu, duas semanas depois, recebi uma resposta do meu pai, mas de um endereço completamente diferente.

Disse que se tinha mudado da Caledonian Road, que era uma artéria longa, e sem qualquer número era extremamente improvável que alguma carta o tivesse encontrado, mas algumas pessoas na rua, a quem o carteiro fez indagações, deram-se ao trabalho de lhe dizer para onde o meu pai provavelmente tinha ido, e as autoridades postais reencaminharam a minha carta para essa morada.

Na sua resposta, o meu pai dizia-se muito satisfeito e surpreendido por ter notícias minhas. Disse que gostaria de saber o que eu andava a fazer e perguntou se seria possível ver-me. Respondi que teria muito gosto em encontrar-me com ele; queria ele vir ver-me? Tentei explicar-lhe o que andava a fazer, pois por esta altura já estava a trabalhar profissionalmente como médium. Foi no Inverno de 1914. Vi que na sua carta seguinte ele ignorou um pouco o que eu dissera sobre o meu trabalho, embora tenha sido o mais tatuoso que pôde. Disse-me que não podia vir ver-me porque não se encontrava muito bem e não conseguia deslocar-se facilmente. Incidentalmente, contou-me que tinha casado de novo. A minha mãe tinha falecido há alguns anos. Não propôs que eu fosse ter com ele, mas descobri que na

semana de Natal o meu marido tinha um pequeno negócio em Wakefield, que não fica longe de Leeds.

Enviei um telegrama ao meu pai perguntando se ele poderia vir a um determinado endereço em Wakefield, que fica à distância de uma viagem de elétrico de Leeds. Ele respondeu: «Sim». O meu marido e eu fomos para Wakefield, e o meu pai veio ver-nos. Encontrámo-nos no terminal do elétrico; ele não me conheceu, mas eu reconheci-o imediatamente. Levámo-lo para o local onde estávamos hospedados e almoçámos; depois pedi ao meu marido que nos deixasse sozinhos para uma conversa confidencial, e abordei o assunto do meu trabalho com o meu pai.

Disse-me ele: «Bem, sempre duvidei dos médiuns e achei que eram fraudes — que poderia haver um certo elemento de leitura de pensamentos e telepatia nisto, e uma sugestão de hipnotismo; mas creio que és bastante sensata e bastante conscienciosa, e não acredito que te lançasses seriamente numa coisa destas sem acreditares que é verdade.» Respondi: «Achei que saberias isso, e que eu não o assumiria desta forma a menos que tivesse provado que é verdade.»

«Achas que alguém pode regressar?», perguntou ele.

Eu disse: «Sim, qualquer pessoa que o deseje pode fazê-lo, desde que haja alguém no plano terreno que também deseje comunicar.»

Ao que ele respondeu: «Bem, quando eu passar para o outro lado, como lhe chamas, voltarei para ti.» Pediu-me que explicasse uma ou duas coisas sobre o comunicar, e contei-lhe como ele poderia dar uma mensagem através de uma mesa, ou mostrar-se a uma médium para que ela o pudesse descrever, ou tentar pensar em algo para me convencer de que era ele. Disse ele: «Muito bem, farei isso quando passar, mas sinto-me bastante bem atualmente.» Contei-lhe o mais que pude sobre o assunto, e ele ficou cada vez mais interessado e fez perguntas intermináveis. Depois disse subitamente: «Sabes que tenho ouvido uma voz, uma voz objetiva, várias vezes durante as últimas semanas.»

«Oh», exclamei eu, «que interessante! O que diz a voz?»

«Morre no dia 15 de Janeiro», respondeu ele. «A voz nunca diz mais nada, mas sempre isso, "Morre no dia 15 de Janeiro". Não sei de quem é a morte de que se fala. Talvez seja do maldito do velho Kaiser», acrescentou, com uma gargalhada.

Nunca mais vi o meu pai em carne e osso. Morreu na manhã de 15 de Janeiro, apenas duas semanas depois de me ter falado da mensagem. Não compreendo por que razão a voz lhe falou da data, ou como «ela» sabia. Apenas o registo como um incidente interessante. Cerca de três dias após o meu pai ter passado para o outro lado, estava eu a descansar na minha cama à tarde, a ler, quando a minha atenção foi atraída por um movimento de qualquer espécie perto do lado da cama.

Olhei para cima e fiquei surpreendida ao ver o meu pai de pé à minha frente. Vi-o de forma tão distinta como se pode ver qualquer pessoa terrena comum. Estava de pé entre a minha cama e a lareira, de frente para o sol radiante de Inverno que entrava pela janela a incidir sobre ele. Notei que o seu corpo era sólido e tapava completamente parte da prateleira da chaminé e da lareira. Olhei para ele; ele olhou para mim, com uma expressão do género: «Sou um rapaz esperto — disse-te que o faria». Parecia vários anos mais jovem do que no nosso último encontro — radiante, alerta e ereto, com o rosto desfeito em sorrisos. Conseguia ver que ele estava encantado por se poder mostrar a mim. Poderia ter-lhe tocado se estendesse a mão.

Por um momento, esqueci-me de que ele estava «morto» e pensei que ele estava ali, no seu corpo físico. No momento seguinte, lembrei-me e, radiante de alegria e cheia de temor reverente, consegui sussurrar: «Oh, Papá.»

Ele sorriu ainda mais, acenou com a cabeça e desapareceu. Fiquei feliz por pensar que ele tinha considerado possível fazer-me vê-lo, mas, oh, a quantidade de coisas em que pensei depois e que gostaria de lhe ter dito enquanto ele ali estava, mesmo em frente a mim. Foi apenas uma questão de três ou quatro minutos, mas eu poderia ter dito tanto do que nunca dissera antes; contudo, prevejo que ele tenha captado os meus pensamentos e soubesse que eu estava demasiado surpreendida na altura para dizer tudo o que estava no meu coração.

Cerca de uma semana mais tarde, fiquei com a impressão de que o Papá gostaria que eu fosse a um médium para que ele pudesse falar comigo, pelo que assisti a um círculo realizado pelo bem-conhecido médium de transe, o Sr. J. J. Vango. O Sr. Vango não me conhecia, mas pouco depois de entrar em transe descreveu o meu pai exatamente como ele era na sua vida terrena, dando o seu nome, a forma como passara para o outro lado e muitos outros detalhes, o que me deu a certeza absoluta de que era o meu pai quem ele descrevia. O Sr. Vango falou-me então da visita do meu pai a mim, e de como ele ficara satisfeito por eu o ter visto, e que manteria o contacto comigo a partir de «Além». Seguiram-se outras mensagens. Foi uma consulta extraordinariamente provatória e reconfortante.

Desde então, o meu pai deu-me prova atrás de prova do seu interesse contínuo por mim e pela minha vida; na verdade, enquanto eu estava a escrever o parágrafo anterior, há escassos minutos, fiquei consciente de que ele estava sentado no sofá à minha frente, evidentemente muito interessado naquilo que eu vos andava a contar sobre ele.

CAPÍTULO XVII

ENFRENTO NOVAMENTE

UMA PROVA DESAGRADÁVEL

OUÇO tanta gente dizer: «Os espíritos chegam a dizer-vos alguma coisa de útil?»

É algo difícil definir a ideia de cada um sobre o que a palavra «útil» significa. Pessoalmente, penso que eles estão a ser úteis no melhor e mais elevado sentido de todos quando se dão a tanto trabalho para vir dar-nos provas de que existem, e se lembram de nós, como o meu tio e o meu pai fizeram, porque ao fazê-lo estão a dar-nos a felicidade de perceber que não há morte, e podemos portanto ansiar por outra vida onde eles nos acolherão.

Algures, alguém, não tenho a certeza de quem, escreveu:

«Quem afasta o aguilhão da morte priva a vida da sua amargura.»*

Sim, e acrescenta imensamente à sua doçura.

*«*The Psychic Faculties and Their Development*» [As *Faculdades Psíquicas e o Seu Desenvolvimento*], publicado pela *L.S.A. Publications, Ltd.*, 16 *Queensberry Place*, Londres, S.W.7.

Mas penso que sei o que os investigadores deste tipo querem realmente saber. É: «Podem os espíritos, e chegam a fazê-lo, dizer alguma coisa que ajude num sentido estritamente material ou terreno?» Sim, posso dizer com verdade que de tempos a tempos tenho tido provas de que eles nos podem ajudar quando é desejável que o façam, mas relembram-nos sempre que devemos assumir as nossas próprias responsabilidades, desenvolver a nossa força de vontade, sabedoria e discernimento, tanto quanto possível, uma vez que não lhes é permitido interferir no nosso desenvolvimento individual ao «ajudar» em toda e qualquer ocasião. As pessoas que esperam que eles o façam (e receio que haja uma grande quantidade) ficam frequentemente muito desiludidas.

Houve vários momentos diferentes na minha vida, em anos recentes, em que fui de facto «materialmente» ajudada pelos Guias e amigos que passaram para o outro lado, de uma forma que me impressionou profundamente na altura e desde então. No Verão de 1925, comecei a sentir-me menos forte e saudável do que o habitual. Sofria de extrema fraqueza e fadiga. Nada tinha a ver com o meu trabalho psíquico, pois começou justamente após eu ter tido umas férias invulgarmente longas.

Comecei a sofrer com o que parecia ser uma nevralgia aguda no rosto e na cabeça. Piorou. A dor era horrorosa. Desenvolvi febre e andava muito febril, desfazendo-me em suor durante a noite. Nunca tendo tido tais sintomas antes, sentia-me perplexa sem conseguir justificar aquilo de forma alguma, ou saber o que fazer. Devo dizer-vos que tenho uma amiga muito querida, a Menina Helen Macgregor, que muitos de vós poderão conhecer, não apenas devido aos seus finos poderes psíquicos, mas como co-autora de um dos melhores livros sobre desenvolvimento psíquico que alguma vez li!

Talvez apenas poucas pessoas saibam que a Menina Macgregor possui poder de cura num grau extraordinário. O seu dom para o diagnóstico é bem conhecido, mas os seus Guias apenas lhe permitem usar o seu poder de cura real em casos e circunstâncias excepcionais. Ela já me tinha curado várias vezes em ocasiões anteriores de um forte resfriado interno e, numa ocasião, após um acidente de viação, em que sofri alguns ferimentos muito graves mesmo.

Assim, como piorei de forma alarmante e a dor era tão aguda que eu não conseguia comer nem dormir, limitando-me a caminhar de um lado para o outro no meu quarto até estar exausta demais para andar mais, e caindo depois na cama até que a dor me forçasse a levantar-me e a caminhar pelo quarto novamente, o meu marido telegrafou à Menina Macgregor, suplicando-lhe que me viesse ver. Durante vários dias, o meu rosto tinha estado gradualmente a inchar e a perder a cor.

Quando a Menina Macgregor entrou no meu quarto, eu devia cá estar com um bonito aspeto. Por essa altura, o lado esquerdo do meu rosto tinha inchado até ao tamanho de uma bola de futebol e estava verde, vermelho, roxo e com a maior parte das outras cores do arco-íris. Um olho estava completamente fechado e eu mal conseguia abrir a boca.

Ela olhou para mim e, apesar do seu autocontrolo habitual, ficou sem fôlego! Nunca esquecerei a sua expressão de espanto e consternação. Ter-me-ia rido se não estivesse com tantas dores.

Fez-me sentar numa cadeira, embora eu duvidasse da minha capacidade de me manter quieta por dois minutos seguidos. Começou então a fazer passes sobre mim e, para meu intenso espanto, a dor horrorosa diminuiu, de modo que consegui ficar sentada com relativo conforto. Por quase meia hora ela «trabalhou» em mim, mal me tocando com as mãos, limitando-se a fazer os «passes».

O alívio e o relaxamento dos meus nervos cansados foi tão grande com a cessação da agonia que eu andara a suportar que mal conseguia acreditar quando a Menina Macgregor me disse: «Agora, olha-te ao espelho», e ao fazê-lo vi que o inchaço tinha quase desaparecido e a descoloração tinha desvanecido de modo que restavam apenas algumas linhas roxas ténues. Fiquei sem palavras de

gratidão; parecia um milagre. A Menina Macgregor disse então: «Gladys, tenho a forte intuição de que é algo dentro da tua boca que está a causar o problema; há aí umas raízes antigas, enterradas nas gengivas, e estão agora sépticas, e estão a envenenar-te fortemente. Tens de as extrair o mais depressa possível.»

Fiquei consternada, pois lembrei-me da experiência horrível que tivera após as extrações de uns anos antes — o quão doente tinha estado e o retrocesso que fora para o meu trabalho. Como é lógico, percebi que apenas os meus dentes tinham sido retirados nessa ocasião, e que o resto se tinha simplesmente partido nas gengivas e estaria provavelmente a criar problemas ali, como a minha amiga sugeria.

O pensamento de arriscar outra experiência tão horrível como a que se abateu sobre mim após aquela última operação dentária era aterrorizador. Além disso, eu tinha contratos importantes para cumprir agora e não queria pôr em perigo o meu trabalho psíquico, do qual tanta gente dependia atualmente. Contei tudo isto à Menina Macgregor, e ela sugeriu que dali a um dia ou dois, quando eu estivesse descansada, pedíssemos a Feda para me controlar e dizer se achava que eu devia extrair os dentes ou não.

A Menina Macgregor vinha todos os dias e dava-me mais cura. No final da semana, todos os vestígios do veneno tinham desaparecido, e toda a dor tinha passado também, pelo que pude retomar as minhas sessões; mas quando pedimos a Feda para vir falar connosco e aconselhar-nos sobre as extrações propostas, ela não o quis fazer, e fiquei com a forte intuição de que tinha de escolher por mim mesma, em vez de tentar colocar a escolha e a responsabilidade sobre as pessoas do Outro Lado. Senti a certeza de que, se escolhesse extrair os dentes, Feda e os outros amigos espíritos me ajudariam, mas não queriam que eu me apoiasse neles para uma decisão em assuntos que afetavam o meu eu físico.

Muito subitamente, uma noite, quando estava sentada calmamente sozinha, senti que tinha de me decidir a consultar um bom cirurgião-dentista de imediato e mandar retirar os dentes problemáticos. Pedi mentalmente a um amigo médico, que tinha

passado para o outro lado recentemente, se me ajudaria, e também pedi ao irmão da Menina Macgregor, que era um médico morto na guerra, se me ajudaria. Tive uma intuição muito forte de que, agora que decidira, tudo o que fosse possível seria feito a partir do Outro Lado para salvaguardar a minha saúde e o meu trabalho.

Na manhã seguinte, recebi uma carta da Sra. Kelway-Bamber, a autora de «*Claude's Books*» [Os Livros de Claude], que é irmã da Menina Macgregor. Na sua carta, dizia ter sabido pela irmã sobre a possibilidade de eu fazer as extrações e que, enquanto fazia uma visita a uma amiga, fora intuída a perguntar se esta amiga conhecia um cirurgião-dentista realmente bom, tendo ela dito conhecer um de facto excelente e dado à Sra. Kelway-Bamber tanto o seu endereço profissional como o residencial. Para surpresa da Sra. Kelway-Bamber, a casa dele ficava na minha vizinhança!

Mal li a sua carta, senti a certeza de que este era o dentista certo e, nessa noite, pedi ao meu marido que o visitasse e lhe dissesse que eu gostaria de o consultar profissionalmente, certificando-se de pedir desculpa por o procurar na morada de residência. O meu marido foi e, para certa surpresa sua, o dentista disse: «Passarei para ver a Sra. Leonard na sua própria casa amanhã, sábado à noite.»

Ora, eu tinha convidado uma velha amiga, a Sra. Nora Passy, para passar o sábado à noite connosco. Ela nada sabia sobre o meu problema de dentes, pois eu não a via há algum tempo, e vinha meramente jantar connosco e conversar, pelo que eu não a quisera maçar com detalhes sobre a minha saúde. Contudo, quando ela chegou, tive de lhe dizer que esperava alguém nessa noite e que teria de a deixar por uns minutos, explicando brevemente as circunstâncias. Disse ela: «Quem me dera ter sabido que querias um dentista de primeira classe. Há muito pouco tempo cruzei-me com um homem assim, puramente por acidente, de uma forma muito inesperada. Quem me dera que tivesses ficado com ele em vez deste homem desconhecido que arranjaste.»

Disse eu: «Qual é o nome do teu dentista maravilhoso?», e para meu espanto ela mencionou o nome do homem que vinha ver-me nessa noite! Lembrem-se, a Sra. Passy e eu vivíamos em locais

inteiramente diferentes, a várias milhas de distância, e ela apenas sabia do endereço dele no West End. Não fazia ideia de que ele morasse na vizinhança. Ambas pensámos que se tratava de uma estranha coincidência, para não dizer mais.

Ele chegou e a sua personalidade encheu-me imediatamente de confiança. Após examinar-me a boca, disse: «Tem dezanove dentes que têm de sair o mais depressa possível. Alguns deles estão partidos nas gengivas e serão difíceis de escavar, mas não tenha medo, eu tirá-los-ei; contudo, terá de levar clorofórmio e éter, pelo que ou terá de ir para uma casa de saúde ou terei de trazer um médico meu conhecido cá abaixo e realizar a operação no seu próprio quarto.»

Concordei com esta última sugestão e combinámos realizá-la no domingo, 8 de Novembro, ao meio-dia.

Dezanove dentes fora de uma só vez parecia uma tarefa hercúlea. Vários amigos avisaram-me de que eram demasiados e que seria um choque terrível para o organismo, e assim por diante, mas a Menina Macgregor vinha cá todos os dias e dava-me um tratamento de cura de modo a animar-me para a provação, e a Sra. Passy voluntariou-se mui amavelmente para vir ficar comigo e acompanhar-me em todo o processo, uma vez que tinha tido uma grande experiência em trabalho cirúrgico durante e após a guerra. Senti-me inundada de gratidão para com ela, pois sabia que assunto desagradável deve ser assistir a uma operação destas, mas o dentista dissera que eu tinha de ter uma enfermeira diplomada comigo e, quando lhe falei da generosa oferta da Sra. Passy, ele ficou muito satisfeito.

Não me disse quem era o médico que tencionava trazer, mas achámos melhor deixar esse assunto inteiramente ao critério dele. Na manhã de domingo acordei sentindo-me bastante feliz e calma, tomei um banho, não comi nada, logicamente, voltei para a cama e observei a Sra. Passy a preparar uma maca plana perto da janela para eu me deitar. Enquanto ela estava fora do quarto, olhei em direção à lareira e ali, para minha surpresa e alívio, vi ambos os médicos que tinham passado para o outro lado e aos quais eu pedira que me ajudassem, sendo um o irmão da Menina Macgregor e o outro o meu amigo que tinha passado para o outro lado justamente no último Verão.

Estavam sentados em cadeiras, um de cada lado da lareira, a discutir calmamente algo em vozes bastante baixas, pelo que não consegui ouvir o que diziam. Depois, um deles olhou na minha direção e disse ao outro: «Oh, ela vai ficar bem», e eu soube que se referiam a mim. O conhecimento de que estavam ali ajudou-me imenso. Mesmo quando ouvi o toque da campainha que anunciava a chegada do dentista e do médico, não me senti minimamente nervosa. A Sra. Passy tinha voltado ao meu quarto e, quando eles entraram, para grande espanto dela, o médico era um amigo dela! Ele ficou tão surpreendido por a ver ali como ela por o ver a ele! Outra coincidência, e das mais estranhas também, terão de o admitir.

Deitei-me na maca e o médico procedeu a dar-me o anestésico. Fiz como ele me disse, respirei-o suavemente, mas todo o inspirar parecia não fazer efeito. Ele continuava a dizer: «Ainda me consegue ouvir a falar consigo?» E eu continuava a responder: «Sim — consigo — infelizmente — quem me dera não conseguir», até que comecei realmente a pensar que nunca ia «apagar». Depois, justamente quando me sentia com vontade de dizer:

«Pelo amor de Deus, desista de tentar isto — não vale a pena, não consigo ficar inconsciente», ouvi uma voz forte de homem a sair dos meus próprios lábios e soube que estava a ser controlada por alguma forte influência desencarnada. Mais tarde soube que se tratava do Dr. Macgregor, que lhes disse para me darem mais um pouco do anestésico, pois sabia que eu necessitaria de muito mais do que a maioria das pessoas para me pôr «sob o efeito».

Penso que deve ter sido uma operação muito peculiar e penosa para o dentista e para o seu amigo, porque durante a operação estavam a ser literalmente pressionados a fazer isto ou aquilo e, a certa altura, quando eu estava a recuperar a consciência antes de as extrações terminarem, os meus amigos espíritos gritaram: «Deem-lhe mais.» O médico olhou interrogativamente para a Sra. Passy, que sabia o que estava a acontecer e que eu estava a ser «controlada», e ela sentiu-se intuída a dizer: «Doutor, dê-lhe mais, por favor — imediatamente.» «Bem», disse o médico, «ela já levou o suficiente para três pessoas, mas que seja», pelo que levei mais; na verdade, levei todo o material

sobressalente que tinham trazido com eles, bem como o que esperavam que eu pudesse necessitar!

Diretamente após terminar as extrações, o dentista deixou o quarto com o médico. Sabia que me deixava em boas mãos. Conseguia ver quão competente a Sra. Passy era, mas disse-lhe que eu provavelmente dormiria durante algum tempo. Assim que os dois homens deixaram o quarto, o marido da Sra. Passy, que fora morto no início da guerra e que está frequentemente perto dela, controlou-me e falou com a sua esposa de uma forma clara e provatória por cerca de dez minutos. Ela ficou estupefacta. Como observou mais tarde, certamente não esperava que lhe fosse dada uma pequena «consulta» durante uma operação dentária!

Quando o Major Passy parou de falar, acordei imediatamente, tão fresca e «perfeitamente lúcida» como se tivesse acabado de acordar de uma noite normal de sono retemperador. Saltei da maca e meti-me na minha própria cama como se nada tivesse acontecido, e a Sra. Passy contou-me algumas das coisas que tinham sido ditas através de mim ao médico e ao dentista, parte das quais eu tinha estado consciente, embora não tivesse sentido dor alguma. Desfazemo-nos em gargalhadas por causa de algumas das observações feitas, pois sabíamos que nenhum deles saberia o que raio tudo aquilo significava, exceto que eu era uma paciente muito peculiar.

A Sra. Passy contou-me que a operação, e a condução da mesma por parte do dentista, lhe pareceram espantosas, porque embora as gengivas tivessem crescido mesmo por cima de alguns dos cotos, ocultando-os inteiramente, ele não tinha lancetado as gengivas, mas parecia encontrar os dentes por instinto, puxando suave e calmamente cada um sem aparentemente esforço nenhum. A opinião dela era a de que ele estava a ser guiado por alguém que conseguia ver os cotos escondidos, mas o meu amigo dentista, que se orgulha de ser um materialista convicto, defende que estava simplesmente a ser um pouco mais brilhante do que o habitual! Não discuto com ele; tanto a Sra. Passy como eu temos as nossas próprias ideias sobre o assunto e, no fundo da mente dele, creio que ele pensa como nós, mas não o admite.

Uma característica curiosa foi que não houve o mais pequeno vestígio de clorofórmio ou éter no quarto imediatamente a seguir, embora todo o resto da casa empestasse com isso e, como estava tempo frio, a janela do meu quarto tivesse de ser mantida hermeticamente fechada; contudo, num instante, todo o vestígio do cheiro tinha desaparecido. A Sra. Passy disse que nunca vira tal coisa acontecer em toda a sua experiência hospitalar.

Pela noite dentro, as pobres gengivas começaram a rebelar-se contra o corte que tinham levado, e a dor foi piorando cada vez mais. A Sra. Passy disse-me que tinha de ser assim, e que se com a extração de escassos cotos se deve esperar dor depois, após a remoção de dezanove ter-se-ia certamente de «passar pelas brasas». Eu de facto «passei pelas brasas», e a tal ponto que quase desejei nunca ter arrancado os dentes, pois era tão mau como a dor de dentes mais violenta.

A Menina Macgregor tinha prometido vir por volta das oito horas dessa noite a fim de me dar um tratamento de cura, pois sabia o que eu provavelmente estaria a sentir. Veio, tratou-me e, no espaço de um quarto de hora, toda e qualquer dor tinha desaparecido, e a partir dessa altura nunca mais tive o menor desconforto em qualquer porção da minha boca. Penso que isso foi realmente extraordinário, porque o dentista mostrou os dentes à Sra. Passy à medida que os extraía, e havia um abcesso em quase todos eles. A Menina Macgregor é certamente um canal maravilhoso para o poder de cura, no que a mim diz respeito. Pode ser que os Guias do Outro Lado, e os meus, estejam em estreito contacto, e um tal trabalho de equipa em coisas espirituais é sempre muito satisfatório e bem-sucedido. Inclino-me a pensar que esta é a explicação para o notável efeito de cura da Menina Macgregor em mim.

CAPÍTULO XVIII

OUÇO UMA PALAVRA ESTRANHA

AQUI está outro exemplo do que se poderia chamar ajuda premeditada e trabalho de equipa por parte de vários amigos espíritos, combinado com uma tentativa (e das mais bem-sucedidas também) de

me dar algumas provas sobre coisas que me eram completamente desconhecidas na altura. Embora, conscientemente, eu não tenha sentido efeitos especialmente maus que pudesse associar categoricamente à doença e à operação dentária de que vos acabo de falar, descobri que durante algum tempo depois ficava facilmente debilitada e, um par de anos mais tarde, tive um forte ataque de gripe, do qual pareceu que recuperei rapidamente, mas descobri que se manifestava uma condição séptica no polegar da minha mão direita.

Inchou e tornou-se tão feio e desagradável que, por razões higiénicas, tive de o ligar. Após tentar tudo o que toda a gente me recomendava, continuava a piorar, e chamei um médico local, um cirurgião, que me chamou a atenção para o facto de eu ter um inchaço a surgir debaixo do braço, o direito, e que se devia à infeção vinda do polegar, que deveria ser operado. Não gostei da ideia de uma operação, pelo que ele disse que eu poderia deixar passar uns dias, mas não mais, e tentar uma pomada, etc., que ele tinha mandado preparar para mim, entretanto. Fiz como ele me disse, mas após dois ou três dias a condição estava pior. O meu marido estava muito convicto de que eu deveria tentar ainda outros meios e não fazer uma operação.

Ora, eu tinha-me cruzado várias vezes em casa de um amigo com um médico do West End, que é especialista em raios ultravioleta. Sabia muito pouco sobre o seu tratamento, mas escrevi-lhe a perguntar se era possível que este ajudasse o meu problema, que lhe expliquei em detalhe, e contei-lhe que o cirurgião dissera que uma operação era a única cura. Este médico escreveu de volta dizendo estar seguro de que me poderia ajudar e disse-me para ir ter com ele imediatamente.

Diretamente após eu lhe mostrar a mão, disse: «Um par de tratamentos com os raios ultravioleta vai limpar esse problema por completo.» Francamente, não acreditei nele. Estava tão cansada de tentar primeiro uma coisa, depois outra, mas fiz o tratamento, que consistia numa exposição de escassos minutos do meu polegar aos raios ultravioleta emitidos por uma lâmpada de vapor de mercúrio.

No meu caminho de regresso a casa, achei que a carne parecia com uma cor melhor do que a que tivera desde que a condição séptica

começara. Mal conseguia acreditar; parecia bom demais para ser verdade. Tive um segundo tratamento dois dias depois e mal se reconheceria o polegar. Fiz mais um par deles que limpavam inteiramente o problema, e só desejei ter-me lembrado de escrever ao médico quando os sintomas se manifestaram pela primeira vez; mas numa vida muito ocupada, como é a minha, a pessoa inclina-se apenas a adotar os meios que primeiro lhe surgem à mão. Esqueci tudo sobre o meu polegar (apenas demasiado feliz por o poder fazer) e continuei com muito melhor saúde por mais um ano ou dois. Uma tarde tinha uma marcação para uma consulta e, como é meu costume em tais ocasiões, fui deitar-me no meu quarto, correndo as cortinas a meio da janela.

Assim que me deitei na cama e fechei os olhos (nem sempre durmo nestes momentos, mas limito-me a relaxar), ouvi uma voz à minha esquerda, muito perto de mim, uma voz de homem, dizer uma palavra que me soou como «Ditânic» ou «Titânic». A voz era tão natural que eu disse imediatamente em voz alta, sem me mover ou abrir os olhos: «O que disse? Titanic? É alguém que morreu afogado no Titanic?»

«Não», respondeu a voz, de forma muito mais distinta e lenta, «eu disse "Diatínick".» (Estou a grafar como me soou na altura.)

«Oh», disse eu, «explique, por favor — o que significa? Não conheço a palavra. Explique, por favor», mas não ouvi mais nada.

Fiquei deitada a pensar naquilo, a perguntar-me o que a palavra estranha poderia porventura significar, e dei por mim a entrar numa condição psíquica. Vi, clarividamente, que havia várias pessoas ao meu redor. As suas formas não eram muito nítidas, mas vi uma de forma mais distinta do que as outras e reconheci-a como sendo o Sir — —, um distinto cientista que tinha passado para o outro lado recentemente e a quem eu conhecera. Ele tinha estado interessado no meu trabalho psíquico.

Ouvi-o dizer algo sobre «lembrar-te do teu polegar», mas foi muito indistinto. Tornei-me então perfeitamente normal de novo, levantei-me e desci as escadas, tentando arduamente juntar as peças. Primeiro, a nova palavra estranha, «Diatínick», depois as pessoas que

pareciam estar a olhar para mim de uma forma algo solícita, e o grande cientista que apenas murmurou «Lembra-te do teu polegar». Tudo parecia tão desconexo. A sobrinha do meu marido, Rita Watkins, estava hospedada connosco na altura, pelo que, como o meu consultante acabara de chegar, disse apressadamente: «Rita, alguma vez ouviste a palavra "Diatínick" e sabes o que significa?»

«Nunca a ouvi na minha vida», respondeu ela.

«Nem eu», disse eu, e deixei-a com um aspeto bastante baralhado, uma vez que não havia tempo para explicações. Durante o chá, após a minha consulta, contei à Rita a minha experiência intrigante. Ela pegou num dicionário e corremos todos os "Dy's" e "Di's" até encontrarmos a palavra «*Diactinic*» [diatínico], e o significado dado era « — aktis — aktinos — um raio — capaz de transmitir os raios actínicos ou químicos do sol».

Como é evidente, percebi imediatamente que isto significava o tratamento por raios ultravioleta, e a referência sobre «lembrar-te do teu polegar» encaixava, mas fiquei mais intrigada do que nunca, já que o meu polegar nunca mais tinha estado mau e eu sentia-me particularmente bem, pelo que afastei a coisa toda da minha mente.

Um par de dias mais tarde, desenvolvi um ataque de gripe realmente forte, que muito provavelmente tinha apanhado de uma consultante que viera ter comigo cerca de três dias antes e que sofria de gripe quando me visitou, embora não o soubesse na altura. Cuidei de mim, mas ao recuperar da própria gripe, descobri para meu desânimo que o dedo médio da minha mão direita começava a mostrar sintomas da mesma natureza que o meu polegar fizera dois anos antes. Então compreendi imediatamente a mensagem sobre «diatínico» e o que se lhe seguiu. Organizei imediatamente com o meu mui bondoso e prestável médico mais algum tratamento com os raios ultravioleta, sentindo-me bastante confiante quanto ao resultado, mas era incapaz de compreender por que razão o cientista muito famoso estaria interessado no assunto, quando havia várias pessoas

Além que conheceriam tanto o meu médico aqui como a mim mais intimamente, e que seriam mais propensas a dar-me uma tal mensagem do que este cavalheiro. Quando cheguei ao consultório do

médico, contei-lhe tudo e, quando cheguei à parte sobre o Sir — — a dizer: «Lembra-te do teu polegar», ele disse: «Isso é de lo mais extraordinário. Eu tinha passado a ocupar o antigo gabinete do Sir — — como meu consultório nesse mesmíssimo dia!»

Isto foi tanto mais provatório e interessante quanto eu não fazia ideia de que houvesse o mais pequeno elo de ligação entre o médico e o Sir — —, o cientista, e penso que este foi um excelente exemplo de uma tentativa de me avisar e, portanto, poupar-me uma grande quantidade de tempo e trabalho, e também dar-me um bom «teste» ao mesmo tempo.

Estes incidentes caseiros e simples dão à pessoa uma sensação muito feliz de se sentir vigiada, contudo (como quero incutir-vos fortemente) sem qualquer coação ou interferência na vontade ou liberdade de escolha de alguém. É este interesse sábio e solidário por parte dos nossos amigos espíritos que a pessoa aprecia tão profundamente. É tão isento de intolerância ou de críticas cruéis, embora muitas vezes nos seja dito algo de desagradável sobre nós próprios, quando os nossos amigos desencarnados o consideram necessário.

CAPÍTULO XIX

O OUTRO LADO DO MURO

*A morte não pode separar-nos por muito tempo.
Pois não será como se a rosa tivesse trepado
O muro do meu jardim
E florescido do outro lado?*

A. CAREY.

«Sim, mas onde, onde fica este invisível e misterioso outro lado?» é a pergunta habitualmente feita pelo homem ou mulher comum que nada sabe sobre a comunicação com os espíritos, mas que deseja ser capaz de ver, sentir e compreender a Terra do Além tal como consegue em relação a Glasgow, Manchester ou qualquer outro lugar na terra. Se alguém menciona Hong Kong e diz a uma pessoa que um amigo mútuo foi obrigado a ir para esse lugar por razões de

negócios, e que poderá nunca mais conseguir regressar ao seu país natal, ela aceita a notícia com uma certa dose de equanimidade e sem discussões quanto à tangibilidade e realidade de Hong Kong; mas se se lhe tivesse de dar a notícia de que o seu amigo tinha ido para a «terceira esfera no Mundo Espiritual», mas que seria consideravelmente mais fácil para ele comunicar a partir desse lugar do que se tivesse ido para Hong Kong, ela mal acreditaria em nós. Ela própria provavelmente nunca esteve em Hong Kong, mas aceita a prova de outras pessoas que lá estiveram, embora possa hesitar em aceitar a palavra de uma amiga ou amigo estimado e de confiança que lhe assegure que visitou a terceira esfera e conversou com as pessoas de lá.

Se fizéssemos um censo das pessoas residentes na Grã-Bretanha que dissessem ter estado na terceira esfera, e que dessem todos relatos corroborativos da mesma, e outro censo das pessoas que dissessem ter estado em Hong Kong, penso que as primeiras venceriam as segundas numericamente num grau surpreendente!

«Ah», ouve-se o cético dizer, «mas quando as pessoas falam de experiências de natureza espiritual ou psíquica, são propensas a imaginar, exagerar ou distorcer; isso é um facto bem conhecido.» Será? Eu, por mim, estou certamente ciente de que muitos «se dão a mais trabalho para levantar dúvidas do que para as dissipar», como li algures, recentemente; mas quando se conhece o tipo e a mentalidade dos indivíduos que juram ter visitado o outro mundo, decerto se pode aceitar a sua palavra, tanto quanto se aceitaria a palavra do viajante que esteve em Hong Kong, ou diz que esteve.

Talvez algumas das pessoas que nos dão uma longa e algo aborrecida descrição das suas viagens a Hong Kong, Birmingham ou Houndsditch, conforme o caso, estejam na realidade a esticar a corda da sua imaginação. Ao ouvi-las, penso frequentemente que sim, mas a nossa dúvida quanto à sua veracidade não elimina Hong Kong, Birmingham ou Houndsditch da existência.

Eu visitei a Terra do Além. Só vos posso falar sobre ela e sobre o que lá vi. Não vos posso fazer vê-la, nem fazer-vos acreditar que o fiz, mas provavelmente interessar-vos-á ouvir falar dela.

Não, não sei onde fica o Mundo Espiritual, num sentido geográfico. Parece tão perto. Talvez esteja realmente todo ao nosso redor — o outro lado deste lado.

A morte é uma porta com dois lados, e o outro lado dessa porta pertence à imortalidade, que nos pertence mais verdadeiramente do que o presente.

J. M. BLAKE.

Os nossos Espíritos Comunicadores dizem que isto é verdade, e contam-nos frequentemente que os conseguiríamos ver e ouvir se nos conseguíssemos simplesmente «sintonizar» com eles. O desenvolvimento da faculdade clarividente ou clariaudiente resume-se simplesmente a isto — aprender a «sintonizar». Mesmo o melhor médium é, em minha opinião, uma pessoa especialmente dotada, mas é alguém que, seja através de um esforço concentrado, seja por aptidão de temperamento, ou por ambos, foi capaz de desenvolver a capacidade de se sintonizar rápida e perfeitamente.

É a minha opinião sincera, e sou nisso apoiada por um grande número de Espíritos Comunicadores, que se alguém se deseja desenvolver psiquicamente, deve tomar em mãos o seu temperamento e a sua mentalidade primeiro. Não adianta pensar num dia: «Sinto mesmo que tenho poder psíquico. Vou avançar e desenvolvê-lo», e no dia seguinte dizer: «Não acredito de todo que o tenha.» Deve-se perceber a possibilidade disso durante todo o tempo. Outras pessoas, indivíduos perfeitamente sãos e comuns, desenvolveram estes chamados poderes supernormais — por que não vós?

Quando penso em todos os médiuns e psíquicos de sucesso, profissionais ou não profissionais, que conheci pessoalmente, sou forçada a admitir que são pessoas extremamente racionais e práticas, afeiçoadas às coisas simples e saudáveis da vida, e muito impacientes com tudo o que tenha resquícios do tipo bombástico ou sensacionalista.

Desenvolver as faculdades psíquicas significa levar uma vida tranquila, que alguns interpretam como maçadora, mas a pessoa pode estar ocupada e tranquila, se aprender de uma vez qual é o verdadeiro significado de ambos esses estados.

Num capítulo posterior, espero dar-vos algumas dicas sobre como desenvolver as faculdades comuns de clarividência, clariaudiência e outros métodos de comunicação, mas neste próximo quero contar-vos como comecei a perceber pela primeira vez que se podia deixar o corpo físico durante o sono e encontrarmo-nos no «outro lado da porta» de J. M. Blake.

Após ler as experiências de outras pessoas fora do corpo, ansiei por ser capaz de fazer o mesmo, e pedi repetidamente a Feda e aos meus outros amigos espíritos que me ajudassem a deixar o meu corpo físico e que, ao regressar, me fizessem lembrar de onde tinha estado e do que tinha feito. Fiquei com a intuição de que me deveria deitar, bastante plana, num quarto algo obscurecido, pelo que de tempos a tempos, quando era conveniente, retirava-me para o meu quarto por uma hora à tarde, já que descobri que à noite não conseguia nada exceto sonhos algo ridículos que, ao triar, conseguia habitualmente associar a alguma origem muito mundana.

CAPÍTULO XX

TENHO UMA AVENTURA EXTRAORDINÁRIA

DURANTE algum tempo nada de notável aconteceu, até que uma tarde estava a descansar na minha cama no meu quarto parcialmente obscurecido, quando senti uma sensação estranha de estar a ser erguida acima da cama. Não conseguia sentir a cama com o meu corpo físico de todo. Pensei que estaria a sair do meu corpo físico e fiquei alerta, interessada e um pouco excitada, mas imediatamente a sensação de flutuar no ar me abandonou.

Sei agora que deveria ter permanecido plácida e não ter pensado no que ia acontecer a seguir, mas sendo esta a minha primeira experiência do género, comecei a perguntar-me se estaria a ir a algum lado no meu corpo astral — a algum lado no plano terreno ou a algum

lado no Mundo Espiritual. Por ficar excitada, tornei-me de imediato normal e vi-me a descansar na cama.

Pensei — «Eu não conseguia sentir a cama há dois minutos, não me parece que estivesse a imaginar.» Durante algumas semanas após isso, deitava-me sempre num estado de expectativa e alerta mental, esperando uma repetição da experiência, mas fiquei desiludida e, por fim, perdi a esperança de ter qualquer manifestação semelhante.

Uma tarde, após eu ter deixado de pensar no assunto, esperava uma senhora e um cavalheiro. Tinham vindo regularmente uma vez por semana para comunicar com o seu filho, que lhes vinha dando provas maravilhosas quanto à sua identidade e ao seu conhecimento contínuo dos assuntos terrenos da sua própria gente. Eu não sabia praticamente nada do pai e da mãe além do facto de virem conversar com o filho. Viviam a muitas milhas de distância de Londres e vinham sempre sozinhos. Para me preparar para a minha consulta, deitei-me na cama sobre o meu lado direito. Sentia-me um pouco sonolenta, mas subitamente a sonolência desapareceu e deu lugar a um sentimento muito calmo, sem torpor nenhum.

Senti então um frémito em forma de formigueiro, como se uma ligeira corrente de eletricidade estivesse a passar pelo meu corpo, e tive novamente a sensação de não estar a descansar na cama. Conseguia pensar com toda a clareza mas, tirando uma lição do meu desapontamento anterior, mantive a minha mente sob um controlo sereno, dizendo para comigo que repararia em tudo o que ocorresse, mas não iria antecipar nem conjecturar.

O que aconteceu nunca mais o esquecerei; foi maravilhoso. Não me movi conscientemente de forma alguma, nem membro nem músculo, e os meus olhos estavam fechados. Perguntei-me a que distância estaria o meu corpo acima da cama e, por um pequeno esforço mental, abri os olhos, olhei para baixo e vi o meu corpo físico a descansar na cama, e eu, no meu corpo astral, parecia estar a descansar acima dele.

Para vos mostrar quão claros eram os meus pensamentos, notei que a cabeça do meu corpo físico estava deitada sobre uma bolsa de camisa de noite específica com um canto bordado. Fiquei

surpreendida ao vê-la ali, porque não tinha conhecimento de ela ter sido trocada nessa manhã pela que eu andara a usar. Pensei também quão engraçado era a minha cabeça estar ali apoiada, porque não costumo fazer isso. Fiquei satisfeita comigo própria por reparar nestas coisas.

A coisa seguinte que senti foi que o meu corpo astral se estava a afastar mais do meu corpo físico, e pareceu-me estar a pairar sobre a borda da cama por escassos segundos. Comecei então a sentir apenas um pouco de nervosismo, e o pensamento reluziu-me na mente: «Serei capaz de voltar facilmente?» Essa pergunta e o ligeiro medo puxaram-me de volta cerca de trinta centímetros em direção ao meu corpo físico. Mas o meu interesse levou a melhor sobre o meu medo e pensei:

«Aconteça o que acontecer, deixa-me ir até ao fim!»

No momento em que assim decidi, fiquei ciente de que o meu marido abria a porta do nosso apartamento, a qual faz um ligeiro ruído ao ser aberta, e falava com alguém no átrio lá fora. Falava em voz baixa para não me perturbar. Pensei: «Gostaria de ir ver com quem ele está a falar», e não sei como aconteceu, mas vi-me de imediato de pé ao lado do cotovelo do meu marido junto à porta do apartamento. Não tive consciência de passar pela porta do quarto, que é mantida fechada, mas ali estava eu.

Olhei através da porta aberta e vi que o homem com quem ele falava era da Companhia do Gás. Sobre o que andavam a falar não reparei, porque justamente após eu me juntar a eles (no meu corpo astral), uma criada de um dos apartamentos de cima passou por eles, e vi o meu marido, sem lhe falar, tirar uma moeda do bolso e entregá-la. Pensei: «Isso é engraçado! Por que razão deu ele uma moeda àquela criada?» Pensei também: «Lembrar-me-ei disso e perguntar-lhe-ei.» Organizei tudo isto metodicamente desta forma — Duas coisas para lembrar: (1) o homem do gás, e (2) a criada de cima.

Depois vi-me novamente de volta ao quarto, sem saber como. Notei que a minha lucidez de pensamento me estava a abandonar, tornando-me menos consciente, e pensei que isso se devia possivelmente ao facto de estar prestes a regressar ao meu corpo

físico. Pelo que me entreguei a isso e deixei de pensar, de modo a tornar o regresso mais fácil. Num momento ou dois, fiquei surpreendida por ver a minha mente começar a funcionar de novo mas, ao olhar em redor, vi de imediato que não estava na minha cama, nem sequer no meu quarto, mas sim noutra sala que nunca tinha visto antes.

O que mais me interessou foi ver que a senhora e o cavalheiro que eu esperava naquela tarde se encontravam na sala, a conversar com um cavalheiro que eu nunca vira antes. Ouvi o meu próprio nome ser mencionado pela senhora. Houve uma conversa considerável que não consegui apanhar totalmente, mas depreendi que os meus consultantes estavam a convidar o desconhecido a partilhar a consulta deles naquela tarde.

Detive-me com isto e pensei: «Devo estar a sonhar, porque estas duas pessoas nunca permitiriam que alguém se juntasse a elas naquilo que consideram um assunto muito privado e sagrado.» Olhei para o desconhecido e vi que era um homem de personalidade marcante, de todo um tipo comum. Fixei bem a impressão da sua aparência na minha mente, para a carregar comigo de volta ao meu corpo físico. Pensei: «Vou apressar-me a voltar e contar ao meu marido imediatamente, pois será um bom teste se este cavalheiro, afinal de contas, vier com eles.»

Esperei então ficar imediatamente de volta ao meu corpo, mas em vez disso vi-me a seguir a meio de uma escadaria, que ao início pensei ser a escadaria que descia para o piso inferior do nosso apartamento. Antes de conseguir tempo para pôr os meus pensamentos em ordem, fiquei ciente de cantos e música que pareciam vir do meu quarto.

Fiquei, como é natural, muito surpreendida, pois, logicamente, não há piano nesse quarto. Isso deu-me a primeira indicação de que aquele não poderia ser o meu quarto; nem poderiam ser as nossas escadas. Olhei para cima e vi o filho dos visitantes que eu esperava naquela tarde, de pé no topo das escadas. Sabia que era o filho deles porque, numa das nossas sessões, o tinha visto clarivamente e o descrevera a eles.

Quando olhei para ele, ele pareceu conhecer-me também e sorriu. Disse eu: «Olá, Philip, quem está a tocar e a cantar no meu quarto?» Eu não tinha a certeza absoluta, mesmo nessa altura, de que não era o meu quarto. Disse ele: «Não é o seu quarto, Sra. Leonard.» Disse eu: «Bem, quem está a tocar e a cantar?» Respondeu ele: «É a Gertrude.» «Gertrude», disse eu, «quem é a Gertrude?», pois sabia que ele não tinha irmãs. Respondeu: «Quando ela estava no plano terreno costumava vir todas as semanas tocar e cantar para nós, mas agora vem e fa-lo por mim.»

Subi então as escadas, passei pelo Philip, entrei na sala e vi de imediato que não era o meu quarto. Havia um piano de cauda numa estrutura muito escura e, sentada a ele, estava uma jovem senhora. Tomei nota da sua aparência, exatamente como fizera no caso do cavalheiro desconhecido escassos momentos antes. Mas conseguia sentir, mais do que ver, que tanto ela como o Philip eram de alguma forma diferentes das pessoas que eu vira antes, as quais sabia estarem no plano terreno. Não eram menos tangíveis; eram exatamente tão reais em aparência em todos os aspetos; contudo, senti instintivamente que eram pessoas do mundo espiritual. A jovem senhora não me prestou atenção. Disse ao Philip: «Essa é a Gertrude?» Disse ele: «Sim.» Fui mais para o interior da sala, que estava mobilada como uma sala de estar, e olhei pela ampla janela para um grande jardim. No relvado estavam uma boa quantidade de cadeiras e uma mesa. Perguntei-me suavemente por que estava ali e por que tinha pensado que era o meu quarto.

Depois pareceu-me perder novamente a minha capacidade de pensar de forma conexa e consciente. Não sei dizer quanto tempo a perdi, mas provavelmente, pela duração de toda a experiência, foram apenas escassos minutos. Quando retomei a consciência, descobri que estava de volta ao meu quarto, deitada no meu corpo astral justamente por cima do corpo físico. Não sabia como tinha ali chegado. Comecei a ter medo de não ser capaz de voltar a entrar no meu corpo físico.

O meu astral sentia-se trémulo, e veio-me o sentimento — vai haver dificuldades com isto. Depois disse a mim própria: «Não haverá dificuldade nenhuma se te mantiveres calma com isso; vais escorregar para dentro.» Pensei isso, ou obriguei-me a pensá-lo. Pareceu-me

então escorregar mais e mais para baixo, já não pensando de forma tão conexa como antes, quando subitamente descobri que estava a descansar na cama novamente.

Enterrei o cotovelo na cama e senti-a sólida, o que me fez perceber que estava de volta ao físico. Fiquei imediatamente muito alerta e viva tanto na mente como no corpo. Lembrava-me de tudo o que tinha acontecido em detalhe. Saltei da cama e desci as escadas. O meu marido tinha acabado de preparar o chá, e descobri que eram três horas, a minha hora habitual para me levantar. Comecei logo a contar-lhe as minhas experiências.

Quando lhe disse que o tinha ouvido a falar com alguém à porta, disse ele: «Oh sim, mas tu poderias estar meio a dormir e ouviste-me mesmo tendo eu baixado a voz.» O meu marido e eu gostamos de ser muito precisos e rigorosos na consideração de qualquer experiência, e cada um de nós tenta policiar o outro contra imaginações do que não é. Disse eu: «Sim, pensei nisso também na altura, mas quero dizer-te que era o homem do gás com quem estavas a falar, pois vi a farda dele.»

A seguir contei-lhe sobre ver a criada de cima e ele entregar-lhe uma moeda. Teve então de ceder e admitir que eu o devia ter visto, embora ele certamente não me tivesse visto a mim. Disse que era o homem do gás e, enquanto falava com ele, tinha dado à rapariga uma moeda de seis pence por um pequeno serviço que ela fizera dois ou três dias antes, quando calhou ele não ter troco. Não me tinha mencionado o assunto. De facto, ele próprio o esquecera até se lembrar subitamente ao ver a criada passar.

Contei-lhe então sobre o cavalheiro estranho que vira com os meus consultantes e disse ter ouvido convidarem-no a vir com eles naquela tarde. O meu marido disse: «Bem, isso tem de estar errado, pois sabes que eles nunca deixariam mais ninguém vir à consulta deles; nunca o fazem.» Disse eu: «Sim, suponho que tem de estar errado, mas vi-o tão claramente.» Dei ao meu marido uma descrição detalhada do homem e contei-lhe tudo sobre a minha experiência com o Philip e a senhora desconhecida chamada Gertrude.

Por esta altura eram 3:30, e um toque na campainha da porta anunciou a chegada dos meus consultantes. O meu marido subiu as escadas para os deixar entrar, como de costume, e um minuto ou dois depois desceu com um aspeto muito entusiasmado e disse: «C'os diabos, tinhas razão; eles trouxeram aquele cavalheiro que me descreveste!» Fiquei estupefacta e exclamei: «Trouxeram um cavalheiro com eles?» Respondeu ele: «Sim, tal como o descreveste.» Disse eu: «Não estás simplesmente a achar que é parecido com ele, pois não? Seja como for, eu vê-lo-ei por mim mesma quando subir.»

Quando entrei na sala e vi o desconhecido, ele era de tal forma identicamente o mesmo homem que eu vira quando no meu corpo astral que mal soube como me recompor e falar de uma forma comum com os meus consultantes. Nem sequer me consegui concentrar antes da consulta para lhes contar o que quer que fosse sobre a minha experiência. A senhora explicou que aquele era o seu irmão, que lhe tinha andado a falar de mim naquela tarde e o tinha convidado a vir com eles, pelo que não me pudera avisar de antemão que o trazia. Dei-lhes a consulta, mas imediatamente após esta terminar, o irmão teve de sair com grande pressa para apanhar um comboio.

Ato contínuo, contei à senhora e ao cavalheiro as minhas experiências. Quando cheguei à parte sobre a Gertrude, a senhora disse: «Isso é muito maravilhoso, pois o Philip tinha uma prima chamada Gertrude que vinha sempre cá a casa uma vez por semana tocar e cantar para nós.» Procedi à descrição dela, e a senhora disse: «Essa é uma excelente descrição.» Gertrude, disse ela, tinha passado para o outro lado há cerca de seis anos, e o Philip há cerca de um. Essa foi a melhor prova para mim de que a minha experiência tinha sido uma coisa real e não meramente um sonho, porque eu nunca soubera sequer da existência da Gertrude, embora soubesse da do Philip.

Descrevi a seguir a sala em que vira o Philip e a Gertrude, e a senhora disse que era exactamente igual à sala de estar deles em casa, a sessenta milhas de distância. Tinha uma janela lateral que dava directamente para o relvado, onde costumavam tomar o chá com frequência, com as suas cadeiras e uma mesa, quando Gertrude os visitava. Estive desde então na casa deles e descobri que a sala e o jardim eram exactamente como eu os tinha visto.

Isto intrigou-me não pouco na altura, pois pensei: «Eu vi sem dúvida o Philip e a Gertrude em espírito; e como foi que os vi nesta sala, que estava aparentemente no plano terreno?» Esta dificuldade foi-me esclarecida pelo Philip numa consulta posterior, quando me informou de que a sua casa no Mundo Espiritual era simplesmente uma cópia daquela que deixara para trás no plano terreno e de que tanto gostara, mas que, logicamente, era composta de matéria astral. Contou-me que Gertrude continuava a vir tocar e cantar para ele, exatamente como costumava fazer, não apenas as canções antigas mas também novas.

Uma semana ou duas mais tarde, voltei a sair do meu corpo, mas desta vez não estava minimamente nervosa. Vi o Philip de pé perto da minha cama, como se estivesse à espera para me levar a algum lado. Perdi novamente por escassos momentos a capacidade de pensar conscientemente, até que subitamente me descobri de pé num jardim dos mais belos, à orla de um pequeno bosque. O Philip e eu caminhámos juntos, e ele apontou-me vários locais belos, em particular um largo riacho que corria sob uma encantadora ponte rústica. Disse-me ele: «Isto é como a minha casa no plano terreno.» (Isso foi antes de eu a ir ver.) «Isto, tal como o vês, é a minha casa espiritual, onde estou à espera do meu pai e da minha mãe. Só que estes terrenos são em maior escala e mais belos.»

Isso foi tudo o que vi nesse dia. Um dia ou dois mais tarde, perguntei ao pai e à mãe do Philip se o que eu vira era uma descrição correta da casa deles, só que maior, e disseram que era decididamente que sim — um quadro perfeitamente exato. Desde então estive na casa deles e permaneci de pé na ponte rústica, e descobri que era exatamente como eu a vira — ou antes, a sua cópia — no mundo astral, com exceção de o riacho não parecer tão largo.

CAPÍTULO XXI

DEIXO NOVAMENTE O MEU CORPO FÍSICO

NOOUTRA ocasião, não tinha propriamente adormecido, mas começava justamente a sentir-me sonolenta quando senti aquele ligeiro «desprender-se de» ou «afastar-se» do meu corpo físico que

habitualmente precede uma experiência deste género. Parecia estar a flutuar ou a voar em direção a um lugar muito luminoso. Ao aproximar-me, vi uma grande casa de pedra, com uma varanda e terraços à frente ladeados por rosas.

Vários degraus largos conduziam a uma entrada ampla e, de pé no topo, estava uma senhora que tinha passado para o outro lado recentemente, que costumava visitar-me a fim de comunicar com o seu marido, que morrera quatro ou cinco anos antes e a quem ela adorava. Ela ansiava sempre por se juntar a ele e costumava dizer-me: «Como será por lá? Bem, não importa muito como seja, desde que o meu amado George esteja lá e possamos ter a nossa própria casa e jardim como tínhamos na terra.»

Quando me viu aproximar, sorriu e estendeu-me ambas as mãos, com sofreguidão. A sua expressão era de radiante felicidade (quantas vezes a pessoa é forçada a usar a palavra radiante ao descrever as pessoas e a vida no Outro Lado! É a única palavra que serve.) Era uma mulher elegante, e notei que estava vestida tão cuidadosamente como sempre, embora tenha ficado intrigada ao ver que usava um vestido de corte algo antiquado, quando em vida na terra cada peça do seu vestuário tinha de ser a última novidade da moda.

Este vestido em particular era do modelo princesa justo ao corpo, feito de renda de peça cor de creme, e tinha uma ligeira cauda. Justamente quando notei estes detalhes, vi-me a ser puxada de volta ao meu corpo novamente. Alguém tinha batido à porta do meu quarto e acordei, sentindo-me algo desapontada por não ter sido capaz de falar com a minha amiga, nem ela comigo; mas tinha trazido de volta o conhecimento de que ela estava profundamente feliz. Mais tarde descobri que o vestido de renda era um que o marido adorava que ela usasse quando na terra. Nunca mais a vi, mas ocasionalmente ela trazia-me o perfume de rosas vermelhas, e por vezes de violetas, de ambas as quais era muito afeiçãoada.

O meu marido e eu temos estado às vezes a caminhar por um campo despido no Inverno e fomos subitamente banhados por um ou outro destes perfumes. Cheiramo-lo simultaneamente, o que é corroborativo e satisfatório para ambos. Acontece sempre nos locais

mais improváveis. A minha amiga usava sempre violetas frescas sempre que era possível, e usava rosas vermelhas na sua casa para fins decorativos, na época delas e fora dela, pelo que estavam ligadas a todas as nossas memórias dela.

Entre os meus muitos consultantes contava-se um oficial do exército reformado, um homem muito perspicaz e intelectual. Chamar-lhe-ei Coronel Halifax, embora esse não seja o seu nome. A sua esposa tinha passado para o outro lado um ano ou dois antes de ele vir ter comigo pela primeira vez, e ele tinha sentido terrivelmente o seu luto. Penso que ele tinha tido uma grande quantidade de sessões com outros médiuns, bem como comigo, e parecera sempre ter retirado grande conforto das suas sessões, nas quais a sua amada esposa comunicava sempre com ele.

Na altura, eu tê-lo-ia catalogado como um crente absoluto na sobrevivência e na comunicação, mas muito mais tarde soube, através de amigos dele, que ele andara incerto na sua mente sobre o Outro Lado. Aparentemente acreditava que a sua esposa existia algures — de alguma forma — e que ela podia, e de facto comunicava com ele às vezes, com maior ou menor sucesso. As provas que ela dera tinham-no forçado à conclusão de que a entidade que dizia ser a sua tinha de ser ela. Mas como ela vivia — ou onde — e de que maneira se encontraria com ela novamente — se é que alguma vez se encontraria com ela — eram matérias sobre as quais nunca chegara a nenhuma conclusão muito definitiva ou satisfatória.

Sem dúvida, o sentimento de que a esposa lhe tinha enviado sequer uma mensagem o transformara de um homem de coração partido num homem que achava a vida suportável, para dizer o mínimo; e ele iniciou muitas outras pessoas no assunto que o tinha ajudado a superar as dores mais agudas do desgosto.

Eu calcularia a sua idade entre os cinquenta e os cinquenta e cinco anos e ele era muito ativo, pelo que ninguém pensava no Coronel Halifax como propenso a passar ele próprio para o outro lado naquela altura, mas ocorreu um incidente bastante curioso de que vos tenho de falar. O Coronel Halifax tirava ocasionalmente notas para

outros consultantes e tinha o hábito de acompanhar um cavalheiro em particular às suas sessões comigo.

Um dia esperava-os e tinha corrido ao meu quarto escassos minutos antes da hora marcada para ir buscar um lenço ou algo assim, e olhei pela janela, que dava para a estrada, e vi o meu consultante, com o Coronel Halifax a caminhar ligeiramente atrás dele. O consultante abriu o meu portão e o Coronel Halifax seguiu-o para dentro e pelo caminho acima. Saí do meu quarto e, inclinando-me sobre o corrimão, gritei para o meu marido, que nem sempre ouvia distintamente a campainha da porta da frente:

«Eles estão aqui — abre a porta», e voltei para o meu quarto por um momento. Quando descí as escadas, o meu marido disse: «O consultante está sozinho. O Coronel Halifax não veio. Por que disseste que eles estão aqui? . . . » Respondi: «Porque vi o Coronel Halifax de forma tão distinta como te vejo a ti agora. Ele deve ter vindo mesmo até à porta com o consultante e depois foi-se embora novamente antes de tu a abrires.»

Entrei então na sala de estar e o meu consultante contou-me que o Coronel Halifax não o pudera acompanhar por ter um compromisso anterior.

Não gostei nada disto.

Não gostei porque, em cada ocasião em que pensei ter visto uma pessoa e depois descobri que ela não tinha estado ali de todo, essa mesma pessoa tinha passado para o outro lado pouco tempo depois.

Não o consigo explicar. Apenas sei que aconteceu várias vezes, e não apenas a idosos, mas a jovens ou pessoas de meia-idade, e àquelas que, tanto quanto eu sabia na altura, gozavam de aparente boa saúde. Normalmente, a pessoa partia poucos dias depois, no máximo algumas semanas, mas num dos casos passou-se bem um ano, embora a doença inesperada que resultou na passagem prematura dessa pessoa se tenha manifestado pouco tempo depois de eu ter visto o «duplo», ou o que quer que seja.

A doença fatal já devia estar presente na altura em que vi o «duplo», embora não fosse suspeitada por nenhum dos seus amigos.

Como digo, não o consigo explicar, mas tenho uma teoria — que é apoiada por muitas coisas que têm sido ditas por experientes Comunicadores espirituais, e é esta — que quando alguém é atingido por uma doença maligna, ou entra em condições de tal perigo que a morte é inevitável, a alma sabe-o, embora a mente comum, ou o cérebro, não o saiba.

A alma pressente a sua rápida libertação do físico. Isto pode não ser assim em todos os casos, mas, pela minha experiência, é-o num grande número. Penso que a alma sabe grande parte daquilo a que chamamos o futuro (a sombra de amanhã, alguém me disse para lhe chamar) que está, talvez sabiamente, oculto da consciência comum.

Mas tenho de parar, porque estou a tocar em assuntos de que vos quero falar mais tarde. De momento, quero falar-vos do Coronel Halifax. Pouco tempo depois de eu ter visto o seu «duplo», ele adoeceu. O seu problema foi diagnosticado como apendicite e ele foi preparado para a operação habitual, mas aparentemente os cirurgiões descobriram que, afinal, o apêndice não precisava de ser removido, e o corte foi cosido, o Coronel Halifax foi remendado e parecia estar a recuperar; mas, alguns dias após a tentativa de operação, ele colapsou e faleceu devido a uma falha cardíaca. Ele estivera sentado na cama a conversar de forma bastante alegre com amigos quando isto aconteceu.

Algumas semanas após a sua passagem, eu estava a passar o fim de semana com amigos perto de Harrow. Na tarde de domingo, a minha anfitriã insistiu para que eu fosse para o meu quarto deitar-me e descansar. Preparei-me para dormir. Em vez disso, comecei a sentir-me muito desperta, mas senti a mesma sensação de deixar o meu corpo que descrevi anteriormente. De repente, dei por mim de pé num jardim muito bonito, repleto de todo o tipo de flores. Um pouco mais à esquerda ficava uma casa.

Olhando em redor, soube que me tinha sido permitido visitar novamente o Mundo Espiritual.

Enquanto estava no jardim, notei que, perto de mim, à direita, havia um longo barracão de madeira. Entrei. O lugar parecia uma pequena oficina de engenharia. De repente, um homem saiu

rapidamente da sala contígua e, para minha alegria, reconheci o Coronel Halifax.

«Sra. Leonard, estou tão feliz por ter vindo ver-me», disse ele. «Agora deixe-me dizer-lhe algo rapidamente, enquanto há tempo. É tudo verdade. Tudo o que me disseram sobre a vida aqui era verdade. Só que é muito melhor do que me disseram que seria.» Ele disse isto com grande ênfase, como se ansiasse impressionar-me com a sensação da sua felicidade.

Disse-me que a sua esposa se tinha reunido com ele imediatamente após a sua passagem, e que a sua alegria no reencontro foi grande e profunda. Depois disse: «Há alguém aqui que desejo que conheça, Sra. Leonard, e por favor olhe bem para ela, para que se lembre dela quando regressar ao seu corpo físico.» (Ele evidentemente estava bem ciente de que eu estava apenas numa visita temporária ao Mundo Espiritual e que partiria novamente quase de imediato.)

Voltei-me, esperando ver a sua esposa, mas vi logo que não podia ser ela, pois durante a sua vida terrena o Coronel Halifax tinha-me feito uma descrição dela, e a mulher a quem ele agora fazia sinal para se aproximar tinha uma personalidade muito diferente; na verdade, ela era tão marcante na cor e na figura que uma descrição sua não se ajustaria a uma mulher em cada mil.

Um momento depois, senti-me a ser afastada daquele lugar e encontrei-me no meu corpo físico, deitada na cama em casa dos meus amigos.

Cerca de quinze dias mais tarde, uma irmã do Coronel Halifax veio fazer uma sessão comigo. Eu não a conhecia antes, mas o irmão tinha-lhe falado de mim durante a sua vida aqui. Após a sessão, contei-lhe sobre a minha visita ao lar espiritual do irmão. Omiti a descrição do barracão, pois aquilo intrigava-me e parecia tão diferente de tudo aquilo em que o Coronel se interessaria. Mas quando descrevi a senhora — para mim — desconhecida, ela disse: «Essa era uma das pessoas que ele mais amava no mundo. Era a tia que o criou, que fez as vezes de mãe. Ele era devotado a ela, mesmo até à altura em que ela morreu.»

Fiquei contente por ouvir isto, e tive a certeza de que a mente crítica e inteligente do Coronel Halifax tinha providenciado para que eu conhecesse a sua tia em vez da sua esposa, pois ele sabia que eu nunca tinha ouvido falar da existência da primeira, e isso seria muito mais evidente para mim, e provar-me-ia que eu tinha estado realmente no seu lar espiritual e o tinha visto. Era próprio do Coronel Halifax pensar em tudo isto, pois ele era sempre muito aficionado por «evidências».

Algumas semanas mais tarde, a irmã partiu também, muito subitamente, e foi bom sentir que os seus últimos dias foram mais felizes por ter tido notícias do seu irmão.

O barracão de engenharia continuava fixo na minha mente; eu não conseguia imaginar que ligação tinha com o Coronel Halifax.

Vários meses depois, conheci um amigo do Coronel e, enquanto falava sobre ele, senti-me impelida a perguntar se o Coronel alguma vez se tinha interessado por engenharia. O amigo respondeu: «Claro que sim. Ele tinha sido um engenheiro muito talentoso e também gostava muito disso!» Fiquei satisfeita com esta informação, pois era algo totalmente fora do meu conhecimento sobre ele.

CAPÍTULO XXII

POR CIMA DO MURO E COMO ELE SE PARECE

Como este outro mundo se parece tanto com a terra! Pelo menos, aquela porção dele que tenho visto ao visitar os diferentes amigos que já partiram. Parece haver casas, jardins, prados, bosques, lagos, mas nunca vi o que eu chamaria de uma cidade manufatureira, uma cidade mineira, ou algo que se aproxime disso; pelo menos, não no plano onde tenho visto este tipo de pessoas normais do dia a dia, como o Coronel Halifax e os meus outros amigos.

Que existem outras condições além desta terceira esfera, como é chamada, estou bem ciente. Nunca estive nas mais elevadas ou, se

estive, não me lembrei ao regressar novamente à minha condição física. Provavelmente visitamos frequentemente a «terceira esfera» durante o sono, mas esquecemo-nos dela ao acordar. Sem dúvida, tal como existe o mundo, ou condição, físico, também existe o mundo, ou condição, espiritual ou etérico.

Temos o corpo físico que é tangível e visível à vista das outras pessoas, e também temos os nossos corpos espirituais ou etéricos que são invisíveis ao olho físico, mas são claramente visíveis à vista de outros corpos etéricos, quer esses corpos sejam ocupados por almas que deixaram temporariamente as suas condições físicas, enquanto em visita ao mundo espiritual, quer tenham «partido» e estabelecido o que só podemos chamar de residência permanente por lá.

Claro que, neste livro, estou a falar-vos de pessoas, lugares e coisas como os vi e recordei.

Outras pessoas podem «ver» de forma diferente, ou talvez seja o facto de nos lembrarmos deles de forma diferente ao acordar? Ao mesmo tempo, descobrimos, ao comparar notas, que existe um número surpreendentemente grande de pessoas que veem e se lembram do mesmo tipo de coisas enquanto viajam no mundo etérico. Tenho tido abundante corroboração de outrem acerca de muitas das cenas que presenciei dessa forma. (Até agora, falei-vos sobre os lugares e pessoas felizes que vi; na verdade, ficamos impressionados com a felicidade que emana das pessoas que se reuniram àqueles que amavam.)

Percebemos, por tudo o que os nossos amigos desencarnados nos dizem, que há muito para eles fazerem por lá. Não é um lugar de ociosidade. Parece que todas as formas de beleza são ali reproduzidas. Os músicos continuam a criar sons belos, o cantor canta, o artista pinta e, sem dúvida, o jardineiro entusiasta tem ali uma boa oportunidade, e foi-nos dito que aqueles que têm o dom de projetar e construir lares agradáveis o fazem agora, em benefício daqueles que partem e não desenvolveram a capacidade, ou o gosto, para fazer o seu próprio.

Não há «estacas quadradas em buracos redondos» nesse plano. O homem ou a mulher que foi espremido num emprego ingrato na terra, mas que tinha consciência da sua capacidade para fazer algo muito

melhor, mas não teve oportunidade, descobre que lhe é fornecido o trabalho que lhe convém quando parte: isto é, se estiver preparado para ele. Pessoas que nada sabiam sobre o estado futuro, e não quiseram nem tentaram saber, encontram-se frequentemente em desvantagem ao chegar ao novo mundo, e são ajudadas pelos parentes ou amigos que já lá se encontram a realizar algumas tarefas bastante simples a que estavam habituadas (mesmo que não tenham sentido anteriormente que esse trabalho fosse o seu *métier*) até ao momento em que estejam «aclimatizadas», como muitos dos nossos Comunicadores lhe chamaram.

A palavra de ordem lá é «serviço», e a sua única ambição é não só progredirem eles mesmos, mas também ajudarem aqueles que ainda estão na terra a progredir também e, acima de tudo, esforçarem-se por lhes ensinar algo sobre a vida como um todo, não apenas a porção física dela com a qual tantos de nós nos contentamos, mas todos os seus lados, especialmente os poderes e possibilidades espirituais e mentais no homem, para que ele possa estar melhor equipado para a vida superior quando estiver preparado para ela.

Na verdade, se pudéssemos apenas aceitar os seus ensinamentos à letra e aplicá-los às nossas vidas diárias na terra, tanto quanto humanamente possível, não seríamos capazes de viver essa vida superior antes de deixarmos os nossos corpos terrenos? Não é suposto que o façamos, em vez de esperarmos em ignorância e apatia, como tantos fazem?

Quais são os seus ensinamentos? Bem, há tantos, tantos livros, volumes deles, que não preciso de vos dar uma lista. Dois dos mais recentes que me vêm à mente são, *Your Infinite Possibilities* e *Your Latent Powers*, de Margaret V. Underhill.

CAPÍTULO XXIII

UMA PERGUNTA EMBARAÇOSA É FEITA — E RESPONDIDA

UMA VEZ assisti a uma sessão de voz direta em casa de um amigo. Durante a sessão, muitos Comunicadores espirituais falaram com os seus amigos deste lado e, em resposta à pergunta habitual, «Estás feliz?», responderam que sim. Na verdade, vários não esperaram que lhes perguntassem, mas ofereceram a informação por iniciativa própria, dizendo cada um, «Estou tão feliz», etc., por palavras diferentes. Imediatamente após a sessão, um assistente para quem aquilo era evidentemente uma experiência nova, exclamou: «Olhem cá, todos estes “Espíritos” dizem que estão felizes. Todos eles o disseram, sem exceção. Bem, por que razão estão felizes? Que direito têm eles de estar tão felizes?»

Alguém respondeu: «Bem, suponho que porque calharam ser pessoas decentes quando estavam na terra.»

«Sim», disse o recém-chegado, «mas nem todos somos santos, nem sequer decentes. Onde estão os canalhas? Eles nunca falam? E se falam, entoam todos em coro: “Estou tão feliz”?»

Ninguém parecia capaz de lhe responder satisfatoriamente.

Eu mal o conhecia e senti-me um pouco tímida em entrar no que teria sido forçosamente uma descrição detalhada das minhas próprias experiências na matéria, mas tenho a certeza de que é uma pergunta que muitas pessoas devem ter feito: «Onde estão os canalhas, os canalhas consumados, os canalhas parciais e os canalhas adoráveis, que só são reles porque não têm uma filosofia espiritual que seja suficientemente forte para os sustentar nas tentações e lutas da vida na terra?»

Tem sido a minha triste e dolorosa experiência visitar, durante o sono, alguns dos planos inferiores, especialmente para onde vão as pobres almas equivocadas que cometeram suicídio. Não me refiro agora ao homem que está temporariamente «fora de si» devido a doença ou ansiedade mental, mas ao homem que ignora deliberadamente a dor e o sofrimento que vai infligir a todos aqueles que estão ligados a ele e, recusando-se a carregar mais as suas

responsabilidades, descarta-as, conforme ele pensa — «livra-se delas»; ao pôr fim à sua vida física pela sua própria mão, apenas para descobrir que não se «livrou» de nada, nem «terminou» com a sua vida, mas apenas se precipitou para uma outra condição de existência.

Oh, a diferença entre a esfera para onde vai um tal indivíduo e os planos felizes que vos descrevi! Estes planos inferiores são mais escuros. O próprio ar parece cinzento. Uma visita a um lugar assim permanece na minha mente acima de todas as outras. Percebi que tinha deixado o meu corpo terreno e, após experimentar aquele movimento «ascendente» que mencionei antes, encontrei-me a flutuar sobre uma região rochosa, desolada e curiosa. Rochas escuras e sombrias, formando cavernas e fendas, poças de água escura e um sentimento avassalador de solidão são o que recorro mais fortemente sobre este plano sinistro.

Ao início, contemplei-o com uma certa quantidade de interesse distanciado, pois percebi a meias que tinha sido trazida, ou enviada ao lugar, como uma experiência; mas, ao olhar mais de perto através da atmosfera turva, vi muitas formas humanas a moverem-se, lenta e desalentadamente, e outras sentadas ou de pé nas rochas e grandes pedras que ali abundavam. O que me surpreendeu foi que as pessoas estavam todas de pé ou sentadas individualmente. Pareciam estar ou inconscientes da presença umas das outras, ou desinteressadas. A atmosfera de depressão e desesperança expressava-se pelo próprio «feito» do cenário, pelo «ar» dos seus miseráveis habitantes.

Dei por mim a aproximar-me de um homem em particular. Conseguia vê-lo distintamente, de tão perto que estava dele. O seu aspeto de abjeta desesperança era terrível, e mudava ocasionalmente para uma espécie de admiração intrigada sobre o que estaria ali a fazer. Senti-me dominada pela piedade por ele. O meu sentimento era tão intenso que ele pareceu senti-lo ou pressenti-lo.

Algo que parecia — ou estaria eu apenas a imaginar?... — como um ténue raio de esperança iluminou o seu rosto. Quis falar-lhe, mas imediatamente me vi a ser puxada de volta para o meu corpo físico outra vez. Acordei, lembrando-me claramente de cada detalhe do

lugar, das pessoas e da aparência deste homem em particular. Senti-me impelida a rezar por ele, e assim fiz.

Dois dias mais tarde, Sir Walter Gibbons veio ver-me, com um aspeto muito cansado e exausto. Perguntei-lhe o que se passava. Ele respondeu: «Tive um tempo terrível no plano astral durante o sono. Na noite antes da passada, fui levado ao plano para onde vão alguns suicidas e ali vi o meu velho amigo — que se matou no dia anterior, porque se tinha metido terrivelmente em dívidas e sarilhos financeiros.»

«Espere um momento», disse eu, «penso que também estive lá; espere até eu lhe descrever uma parte.»

Assim fiz, e alternadamente Sir Walter e eu descrevemos detalhes do lugar um ao outro, até termos a certeza de que tínhamos estado realmente no mesmo plano e visto o mesmo homem, ao mesmo tempo, embora eu não me lembrasse de ver Sir Walter, e ele não se recordasse de me ver a mim. De qualquer modo, ambos rezámos e pensámos no amigo dele, que, soubemos mais tarde, se redimiou e progrediu gradualmente para uma condição mais elevada e feliz.

Este não foi o único plano do qual Sir Walter e eu trouxemos de volta memórias completas e detalhadas.

Por vezes, ao acordar de uma tal experiência, Sir Walter olhava para o seu relógio e anotava a hora exata. Eu não fazia isso, porque no meu quarto consigo ouvir o relógio de sala dar as badaladas no átrio abaixo, e costumo ficar com uma boa ideia da hora através disso. Várias vezes notei que devia ter «voltado» por volta das cinco para as seis, pois o relógio dava as seis quase imediatamente após eu acordar.

Mais tarde, ao comparar estas notas, Sir Walter e eu concordávamos sempre relativamente à hora do nosso regresso aos nossos corpos terrenos. Existem tantos planos, alguns abaixo daquele onde vimos os suicidas, e alguns entre esse e o plano feliz a que algumas pessoas chamam «a Terra do Verão». Os nossos Comunicadores espirituais dizem-nos frequentemente que aqueles que magoaram outros — deliberada e insensivelmente — vão para os planos inferiores.

Aqueles que se magoaram a si próprios mais do que a outros continuam vinculados a uma condição de certo modo baixa no Mundo Espiritual, especialmente se se tornaram escravos dos desejos da vida física — o corpo carnal.

Um pecado isolado ou um lapso ocasional tem um efeito muito diferente no corpo da alma em comparação com o viver constante e habitual no cativeiro da carne, e a consequente eliminação de cada instinto espiritual.

O poder, então, que um homem terá, a posição que ocupará, o lugar onde viverá, tudo depende daquilo que ele fez do seu corpo da alma enquanto esteve na terra. Ele não pode «querer» ou «escolher» onde viverá no Mundo Espiritual; ele vai para o lugar para o qual se capacitou durante a sua vida no corpo físico.

Há muitas pessoas que poderiam ser classificadas como pecadoras ou canalhas pelas pessoas «incorruptas», pessoas que derivaram impensadamente para condições indesejáveis — sucumbiram a tentações sem nunca se darem conta do significado do que estavam a fazer. No entanto, em tantas outras vertentes, podem ser as pessoas mais gentis e adoráveis que é possível conhecer.

Tão poucos de nós são totalmente pretos — ou totalmente brancos!

Se tivermos equilibrado os nossos «erros» com boas ações e atos gentis, encontrar-nos-emos num plano que é bastante agradável — no nosso sentido terreno da palavra — mas não teremos pleno poder e liberdade na vida espiritual porque os nossos corpos da alma não estão preparados e capacitados para isso.

As descrições que me foram dadas dos lugares situados entre o plano dos suicidas e a Terra do Verão assemelham-se muito às condições da terra — não a terra no seu melhor, nem no seu pior, mas uma espécie de estado intermédio que não contém nem as belezas de uma, nem as fealdades da outra.

De uma coisa estou certa, é que não é tão fácil para aqueles que ocupam uma posição comparativamente baixa no Mundo Espiritual comunicarem nas condições comuns de uma sala de sessões.

Muitos Círculos de Resgate são realizados onde os médiuns e os assistentes são especialmente desenvolvidos de modo a ajudar e a aconselhar os espíritos infelizes que lhes são trazidos por Guias cuja missão é fazer este trabalho.

Tenho-me sentado frequentemente num Círculo de Voz Direta e tenho ficado profundamente impressionada com a facilidade e a desenvoltura com que os espíritos inteligentes e evoluídos falam, em comparação com a comunicação hesitante e laboriosa de alguém que partiu após causar grande sofrimento a outros devido à sua vida degradante e egoísta na terra.

O plano que Sir Walter e eu detestámos visitar ainda mais do que aquele onde vimos os suicidas, foi um lugar ao qual fomos várias vezes antes de descobrirmos o que era e por que existia.

Hesitei imenso sobre se deveria descrever esta esfera em particular ou não. Contudo, sinto que é cobardia fugir à verdade porque ela é desagradável, e parece uma política muito pobre apresentar sempre um lado de uma imagem e ignorar propositadamente o outro, quando se sabe que ele existe. Habitemos nos aspetos felizes e esperançosos da vida tanto quanto quisermos, mas não devemos imaginar que não há males a serem eliminados. Enquanto fingirmos que não existem, ou evitarmos propositadamente discuti-los ou tentar enfrentá-los, ajudamos a que se acumulem, tal como se faria ao ignorar a presença de sujidade ou pó numa divisão, porque não se queria arranjar problemas ao fazer uma investida contra isso.

Enquanto eu estava — erradamente, bem o sei — a considerar a conveniência de omitir este capítulo, estendi a mão, sem pensar, e alcancei um livro que estava numa mesa ali perto. Abri-o ao acaso e, fitando-me de frente, estavam estas palavras:

São escravos os que temem falar
Pelos caídos e pelos fracos;
São escravos os que não escolherão
O ódio, o escarnecimento e o abuso,
Em vez de em silêncio recuar,
Perante as verdades que necessariamente têm de pensar.

São escravos os que não ousam estar
Do lado certo com dois ou três.
J. R. LOWELL.

Isto fez-me corar de vergonha pela minha hesitação, por isso tenho mesmo de vos contar brevemente o que vimos nessas regiões inferiores. Devo dar a minha própria ideia delas, mas Sir Walter também viu o mesmo, ou alguns dos lugares.

Nas minhas primeiras visitas fiquei tão intrigada quanto à natureza dos lugares, que apenas trouxe de volta um sentimento de aversão e uma vaga memória de haver ali animais. Refleti calmamente sobre o assunto durante o dia e enviei um pedido mental para que os meus Guias, ou quem quer que me estivesse a enviar para esses lugares durante o sono, me dessem algum esclarecimento quanto ao propósito da sua existência. Caso contrário, parecia uma perda de tempo, se eu ia lá apenas para ter os meus sentimentos dilacerados por algo que não compreendia minimamente.

Durante algum tempo depois não vi estes lugares, e pensei que as minhas visitas deviam ter chegado ao fim devido à minha aversão instintiva por eles, e senti que devia fazer um esforço consciente para controlar tal sentimento no qual poderia estar latente um elemento de medo, que muitas vezes inibe as viagens e experiências genuínas «fora do corpo».

Devo mencionar aqui que notei que as verdadeiras experiências astrais, ou etéricas, são travadas pela relutância ou pelo medo, mas que os sonhos comuns ou os pesadelos, do tipo que são causados por indigestão ou por algum outro distúrbio físico que afeta o cérebro, não são travados; de facto, quanto mais se teme, mais se é fustigado por eles. Muitas pessoas mo disseram, e crianças também.

Uma noite, logo após ter reconhecido este facto, dei por mim a deixar o corpo físico, mas em vez do movimento de subida em voo, tive uma sensação de peso carregado, como se fosse forçada a viajar numa posição horizontal, e de repente encontrei-me numa rua estreita e escura. Descobri que conseguia agora colocar-me em posição vertical, como se me estivesse a ajustar mais facilmente à atmosfera,

mas não queria pôr os pés no chão, pois este estava coberto de lama e lodo.

Edifícios sombrios, semelhantes a estábulos, amontoavam-se uns contra os outros tão de perto que quase se tocavam, deixando apenas espaço suficiente para se caminhar entre eles. Aqui e ali vi uma abertura mais larga, que parecia conduzir a uma espécie de pátio, para o qual se abriam as portas de alguns dos estábulos. Olhei para dentro e vi que o pátio estava apinhado de animais — bois, porcos e ovelhas — mortos e, no entanto, vivos. Sabia que estavam mortos, mas também conseguia ver que estavam vivos, também. Moviam-se muito ligeiramente, muitos jaziam no chão. Compreendi de imediato pela sua aparência que tinham acabado de ser abatidos.

Controlei-me com um esforço tremendo.

O lugar e tudo nele era tão horrível que tive mesmo de fazer um esforço — um grande esforço. Notei que havia uma grande diferença na substância deste plano, comparado com o dos planos onde eu tinha visto a vida humana desencarnada comum. Até o plano dos suicidas era diferente, na medida em que parecia fixo e sólido. Este lugar medonho deu-me a impressão de ter apenas uma existência temporária. Não entrarei em mais detalhes sobre o lugar e a condição dos animais, mas apenas vos direi que era de facto muito terrível e repulsivo em todos os sentidos possíveis.

Cedo me apercebi de que alguém falava comigo, alguém que eu não conseguia ver e que parecia estar muito longe. Esta pessoa, que mais tarde vim a saber ser um dos meus Guias espirituais, disse-me que o lugar situava-se entre o plano terrestre e o etérico. A sua miséria devia-se ao tremendo abate de animais para alimentação que ocorre diariamente; tanta vida animal forte é subitamente forçada a sair da condição física real para uma que está de facto muito próxima da terra, e no entanto não faz de modo algum parte do mundo espiritual.

O que acontece aos astrais dos animais, não sei. Apenas me foi mostrada esta cena horrível no lado astral, que se seguia a toda a matança e dor no lado terrestre. No próprio ar em redor de mim havia um sentimento muito definido de um medo terrível, sofrimento e ressentimento cego que era ainda mais tangível do que os edifícios e

as paredes. O meu Guia disse-me que era este sentimento medonho que era de lamentar, não só porque era uma indicação dos sofrimentos que estes infelizes animais tinham experimentado, mas porque afetava a atmosfera espiritual e mental da terra, e tinha um mau efeito na vida e no progresso humano.

Ora, até há pouco tempo eu tinha sido consumidora de carne. Todos os dias comia a minha costeleta, cortada da peça, ou um pedaço de frango. Parecia sempre tão bom e apetitoso que, de algum modo, não se pensava nisso como sendo um pedaço de algo que tinha andado, respirado e sentido dor e desconforto, tal como nós próprios sentimos.

De tempos a tempos, a Feda tinha tentado desencorajar-me, e a outras pessoas também, de comer carne, mas como há apenas uma quantidade limitada de energia que pode ser usada, eu tinha sido obrigada a devotá-la às necessidades dos assistentes enlutados e, por isso, tivera pouca oportunidade de questionar a Feda sobre este ponto. Agora, depois de tudo o que vira, e da explicação que me fora dada sobre a razão da existência deste plano horrível, senti que queria fazer várias perguntas, por isso pedi a um ou dois assistentes que perguntassem à Feda sobre o assunto, enquanto falavam com ela através de mim.

Uma coisa que perguntámos foi: «O que aconteceria se todos nós, de repente, deixássemos de comer carne? Com certeza o mundo ficaria infestado de gado, ovelhas e outros animais?»

«Não», disse a Feda. «Não ficariam infestados deles porque deixariam de os criar. Não haveria nada que se parecesse com a quantidade que têm se não os tivessem incentivado de propósito através da criação.»

Ela disse que, com o tempo, à medida que as pessoas compreendessem mais o Mundo Espiritual, comeriam menos carne e sentir-se-iam melhor com isso, e, pela minha própria experiência pessoal mais recente, cheguei à conclusão definitiva de que a Feda tinha razão. Desde que deixei totalmente a carne, há alguns anos, a minha saúde melhorou imenso, apesar do trabalho árduo realizado sob condições por vezes muito difíceis.

O meu marido também encontrou um grande benefício ao tornar-se vegetariano, e o mesmo nos foi dito por muitos dos nossos amigos. A minha mente está mais clara e estou mais «aberta» à orientação espiritual direta do que costumava estar. Não devem pensar que todos os animais que morrem, ou que têm de ser «adormecidos», vão para lugares como os que descrevi. Um animal que tenham amado e que vos tenha amado, seja ele um cavalo, um cão, um gato ou um pássaro, vai habitualmente para a terceira esfera, onde alguém cuida dele e onde leva uma vida animal normal (exceto pelo facto de não reproduzir a sua espécie como faria na terra), sendo até trazido para vos ver por vezes enquanto ainda estão na terra.

Sei que se irão reencontrar com os vossos animais de estimação, os companheiros animais que amaram. Eu vi os meus gatos especiais e também um cão, um pequenês, ao qual o meu marido e eu éramos muito afeiçoados. Parece que os animais que amam, e são amados, alcançam direitos espirituais e têm uma vida pós-morte no mundo espiritual, tal como nós. Se as suas vidas «pós-físicas» continuam para sempre, não sei. Inclino-me a duvidar; isto é, duvido que continuem eternamente sob a forma animal, mas certamente vivem por um tempo considerável na forma pela qual os amámos e conhecemos e, graças a Deus, viverão connosco novamente quando partirmos.

CAPÍTULO XXIV

O MEU EU CASTANHO

PENSO que existem planos de um tipo intermédio, onde os Guias e Instrutores espirituais mais elevados se podem reunir connosco quando deixamos os nossos corpos durante o sono. Estes planos intermédios não estão, penso eu, na mesma esfera ou condição para onde as pessoas vão quando partem após a morte. Para mim, parece haver uma diferença. Sente-se isso, mas não se consegue explicar.

Há cerca de seis anos, após recolher-me à noite e preparar-me para dormir, dei por mim a deixar o corpo e tive uma sensação curiosa de que passou todo um intervalo durante o qual viajei pelo espaço naquilo a que se chamaria uma condição de «olhos vendados». Sabia que estava a ser escoltada por uma ou mais pessoas espirituais em

quem sentia total confiança, embora não as conseguisse ver. Apenas as sentia.

Passado algum tempo, a condição de olhos vendados começou a desaparecer gradualmente e encontrei-me num tipo de edifício, semelhante a uma escola ou instituição. O sentimento que me deu não foi de felicidade nem de infelicidade, embora eu seja habitualmente muito sensível aos lugares, quer no plano terreno quer no espiritual. Senti simplesmente que estava ali para algum propósito definido.

A sala onde me encontrava estava bem iluminada, e dela partia uma passagem, não tão clara; no final da passagem havia uma porta que conduzia a uma sala mais escura. Uma voz orientou-me a entrar nessa sala e eu obedeci sem questionar. Ao início não conseguia ver o que estava na sala, parecia tão escura após a atmosfera mais clara, por isso avancei e finalmente vislumbrei uma cadeira baixa ou assento num canto, e reclinada nesse assento estava a figura de uma mulher, aparentemente a dormir.

A visão dela deu-me um sentimento de profunda depressão. Havia algo nela que era — não repulsivo — mas triste. Para começar, tudo nela era castanho. O seu vestido, cabelo e até a sua pele eram de um castanho baço e lamacento. Enquanto ali estava, senti uma piedade avassaladora por ela. Ela parecia estar tão triste, sem esperança — estúpida, desajeitada. Senti tudo isto e o meu coração transbordou de piedade por ela. «Tenho de a ajudar», pensei. «Tenho de lhe dar algo da felicidade espiritual, da inspiração e da esperança de que estou tão consciente.»

Inclinei-me sobre ela, como se faria sobre uma criança, pretendendo envolvê-la nos meus braços e derramar todo o encorajamento e conselho que sentia que a ajudariam. Mesmo quando o estava a fazer, a mulher mexeu-se ligeiramente e entreabriu os olhos, e vi, para meu grande espanto e consternação, que era eu própria. Era exatamente como se estivesse a olhar para mim mesma num espelho muito sujo e escuro. Foi um choque terrível e fiquei paralisada, sem saber o que fazer ou dizer. «Oh, sua pobre criatura feia», foi o único pensamento na minha mente.

Após olhar para ela durante o que pareceu uma eternidade, ouvi uma voz, embora não conseguisse ver quem falava. Era uma voz profunda e ressonante, como uma nota num órgão. Na altura, cada palavra e cada mínima inflexão da voz ficaram profundamente gravadas na minha mente, mas agora apenas me consigo lembrar que esta voz me disse que a «mulher castanha», como sempre lhe chamei na minha mente, era o meu eu inferior; e que a minha mediunidade — a minha associação com entidades mais elevadas e as vantagens que tivera através do desenvolvimento das minhas faculdades psíquicas — não tinha provocado no meu eu terreno o melhoramento espiritual e ético que poderia ter havido. Parece que se espera muito de qualquer pessoa com quem os Guias cooperam e que desenvolve o poder de viajar e ver os planos espirituais em primeira mão, além do privilégio de ser capaz de conversar e ver aqueles que já partiram.

Nunca antes tinha percebido que, quando recebi ajuda do outro lado para me desenvolver psiquicamente, estava a incorrer numa pesada responsabilidade pela qual teria, algures no tempo, de prestar contas! Isto aplica-se, bem o sei, a todos aqueles que, enquanto vivem ainda no corpo físico, desejam comunicar com os seus entes queridos que já partiram. Não se trata apenas de uma questão de sabermos se conseguimos estabelecer comunicação, seja através de um médium ou diretamente, mas sim do que é que isso vai fazer por nós, ou do que vamos deixar que esse maior conhecimento faça de nós? Sim, o privilégio de comunicar traz-nos uma grande responsabilidade espiritual e moral, da qual não podemos nem devemos fugir.

Tudo isto me foi dito detalhadamente pela Voz. Não o imaginei, e nem uma palavra ou ideia disso estivera na minha mente. Na verdade, foi tudo um grande choque para a minha autoestima, pois eu tinha-me orgulhado bastante de cuidar do meu poder, usando-o para ajudar os outros e assim por diante. Mas foi-me dito que isso não era, de longe, o suficiente; que havia tanto egoísmo, vaidade e intolerância, aliados a uma disposição para seguir a linha de menor resistência se algo de muito desagradável tivesse de ser feito, ou algo que me tornasse impopular.

Oh, a Voz certamente «me pôs à prova!» Cada pedaço da minha autocomplacência reduziu-se a nada perante os tons belamente

modulados e uniformes que me lançavam estas verdades desagradáveis. Nunca me passou pela cabeça rebelar-me ou negar o que quer que fosse. Após o primeiro choque, decidi, mesmo enquanto a Voz falava, que tomaria as rédeas do meu eu inferior quando regressasse ao meu corpo físico.

Olhei novamente para a «mulher castanha» à medida que a resolução se formava definitivamente na minha mente. Pareceu-me ver um ligeiro aclaramento ou desanuviamento daquela tonalidade lamacenta e deprimente e, gradualmente, ela desvaneceu-se perante os meus olhos, enquanto eu tinha a consciência de estar a ser afastada do lugar, para baixo e de volta à terra, embora a Voz continuasse ao meu lado, dizendo-me calmamente quais eram as minhas falhas e tudo o que eu tinha de erradicar.

Ao acordar, lembrava-me de cada detalhe do que tinha acontecido e de cada palavra que me fora dita. Não foi propriamente como acordar do sono, mas como se se passasse de uma sala para outra. Normalmente não há período de inconsciência entre deixar o estado espiritual e reentrar no físico; pelo menos, eu não senti nenhum.

Fiquei deitada na cama a ponderar sobre a minha estranha experiência e a perguntar-me por que razão me tinha sido dada a lição mesmo naquela altura. Enquanto permanecia bem desperta, mas com os olhos fechados, ouvi a Voz novamente, dizendo-me que a minha saúde física estivera numa condição que, embora não parecendo séria em si mesma, estava a conduzir a uma crise na qual eu precisaria de ajuda não só dos meus amigos espirituais, mas do meu próprio eu superior, o que era ainda mais importante. Pouco tempo depois, tive a infeção séptica nos dentes, para a qual a Miss Macgregor me deu uma ajuda tão esplêndida, conforme relatei num capítulo anterior.

Compreendo agora que, se tivesse ignorado a lição que me fora dada e me recusasse a alinhar o meu desenvolvimento espiritual, ou até a colocá-lo à frente do progresso psíquico que tinha feito, não poderia ter aproveitado a ajuda dada pelos meus Guias e amigos espirituais, tanto através da Miss Macgregor como de outras formas. Evidentemente, a pessoa tem de ser capaz, bem como estar disposta, a receber ajuda de fontes mais elevadas.

A propósito disto, ocorre-me um incidente engraçado, mas um tanto patético. Nos primeiros tempos da Grande Guerra, um pai enlutado visitou-me com a esperança de comunicar com o seu único filho, que tinha sido morto recentemente na frente de combate. Pai e filho tinham sido evidentemente devotados um ao outro; um parecia de facto perdido sem o outro. Senti que seria uma sessão difícil, porque o pobre homem estava tão seguro de que não podia haver um Deus, não podia haver uma vida pós-morte, não podia haver nenhuma Providência amorosa, nem nada do género num mundo onde uma tal guerra continuava e onde milhares de belas vidas jovens eram deitadas fora diariamente.

Ele explicou-me tudo isto enquanto eu arrumava a sala e tentava fazer com que ele se acomodasse calmamente na sua cadeira para a sessão. Bem, a Feda trouxe-lhe o filho, e este deu ao pai tanta prova da sua identidade que ele ficou estupefacto e, após a sessão, partiu sem me dizer grande coisa, mas marcou outra sessão para uma data próxima — penso que algumas semanas mais tarde.

Após esta segunda sessão, ele disse-me que tinha recebido tanta evidência que estava agora seguro de que fora o seu filho quem comunicara com ele, e quem lhe mostrara que ainda o amava, que estava perto dele por vezes e que ansiava que estivessem juntos novamente. Disse que já não podia duvidar da própria sobrevivência, nem da possibilidade de comunicação. Senti-me muito feliz, pois tinha tido uma pena particular deste homem.

De repente, ele atirou o seu caderno de notas violentamente para cima da mesa e começou a caminhar a passos largos de um lado para o outro da sala. Passou a mão pela testa com um gesto confuso e gritou: «Porra! Saber esta nova verdade sobre a vida futura, e o meu filho e outros verem-me, e saberem o que ando a fazer, tudo isto vai ser um incómodo infernal para mim, vai revolucionar a minha vida empresarial.

Não posso continuar a gerir as coisas nos velhos moldes — teria vergonha. Sim, porra, isto vai dar-me algum trabalho.» Ele disse mais do que isto, e a sua linguagem foi muito mais colorida, mas eu não me importei. Vi que esta ebulição do seu sentido de responsabilidade era

realmente o resultado do seu grande alívio e alegria por encontrar o seu rapaz novamente.

Por outras palavras, este agnóstico empedernido tinha compreendido, em duas curtas sessões, a lição que a mim me tinha levado vários anos de estudo e desenvolvimento intensivos a aprender.

CAPÍTULO XXV

FENÓMENOS FÍSICOS

AO escrever este livro, espero que ele seja lido em certa medida por pessoas que tiveram pouca ou nenhuma experiência pessoal com o vasto tema dos fenómenos físicos. Na verdade, o meu objetivo ao escrever sobre as minhas dificuldades iniciais da maneira mais simples e direta possível é principalmente para que possa encorajar algum leitor interessado a encher-se de coragem e a investigar por si próprio.

Por isso, os meus amigos mais sofisticados e experientes devem perdoar-me por por vezes explicar de uma forma bastante elementar coisas com as quais estão tão familiarizados que provavelmente sabem muito mais sobre elas do que eu.

Até agora, falei maioritariamente daquilo a que chamamos fenómenos mentais e mediunidade mental, com exceção, talvez, daquele incidente em que a Florence, a Nellie e eu exigimos uma manifestação objetiva de poder, e que resultou na experiência bastante aterrorizadora do braço peludo em redor do pescoço da Nellie; também alguns dos fenómenos anteriores que experimentámos durante as nossas sessões com a mesa, tais como as silhuetas ou formas de sombra nas paredes, e os fortes golpes que acompanhavam o ritmo do nosso canto, e novamente, mais tarde, os perfumes intensos de que vos falei. Tudo isto entraria na categoria de fenómenos físicos.

Costumamos falar de todos os fenómenos objetivos como pertencentes à classe física, porque os resultados podem ser sentidos, vistos e ouvidos pelos sentidos físicos do tato, da visão e da audição; e falamos de fenómenos subjetivos como pertencentes à classe mental

porque a pessoa os percebe, ou pressente, ou reconhece, através dos canais da mente.

Penso que muitas pessoas ficariam intrigadas ao tentar saber em que classe poderiam colocar algumas das minhas experiências psíquicas, porque por vezes, quando ouvi uma voz, ouvi-a objetivamente — no entanto, sou uma médium mental. Também tive toques e pequenas manifestações, quando estava totalmente sozinha, que foram vistos e ouvidos pelos meus olhos e ouvidos físicos, e não por qualquer sentido interior.

Pode ser que em cada um de nós haja alguma pequena quantidade do tipo de poder que é chamado «físico» e, dada a condição correta, um pouco pode ser «espremido» subitamente por um operador invisível, e isto resulta em experimentarmos uma manifestação inesperada e espontânea de caráter objetivo. Sempre que isso me acontece, fico sempre consciente de uma sensação muito ligeira de «suspensão» ou de vazio. Durante talvez a fração de um segundo, a minha mente e os meus sentidos ficam «retidos», e imediatamente a seguir surge a manifestação. Nesse brevíssimo intervalo, penso que algum amigo invisível conseguiu extrair de mim a pequena quantidade de poder que era necessária para o seu «trabalho».

Por isso, agora quero falar-vos sobre a mediunidade e os fenómenos físicos, que suponho apelarem a muitas pessoas como sendo os mais interessantes e «empolgantes» de todos. Olhando para trás, consigo ver como tive muito mais emoções reais desta forma do que alguma vez conheci ao ver a peça de teatro mais emocionante e absorvente, ou ao ler o livro mais fascinante.

A minha primeira experiência nesta direção, exceto as que tive com a Florence e a Nellie, surgiu depois de eu ter começado o meu trabalho como médium profissional, no início de 1915, quando tive o grande privilégio de participar numa série de sessões com um conhecido médium de materialização. Até esta altura, o meu marido não tinha podido ter qualquer participação prática nas nossas sessões em casa, pois a Feda dissera sempre que ele não devia sentar-se comigo quando ela me estivesse a controlar, visto que ele também tinha a capacidade de entrar em transe, mas num estado mais profundo

do que o meu, e que isso poderia ser mau para a sua saúde a menos que fosse capaz de se desenvolver gradual e cautelosamente como eu fizera.

Claro que era impossível encontrar tempo e forças para nos devotarmos a um tal objetivo, além do meu trabalho, pelo que concordámos que o meu marido deveria manter-se normal e não procurar desenvolver-se psiquicamente de forma alguma, e que, se seguisse este rumo, o seu poder poderia ser utilizado pelos Guias para me ajudar; na verdade, o meu próprio poder seria aumentado por uma parte do do meu marido, e tenho tido abundante prova de que assim é. Aquilo a que se resume é — eu pareço dar as sessões, com a Feda a controlar-me, mas o meu marido desempenha indubitavelmente uma parte invisível nelas, e descobri que estou, até certo ponto, dependente dele para ter poder.

Por exemplo, nos primeiros tempos do meu trabalho profissional, estávamos a ter uma luta difícil para fazer face às despesas, pois havia tantas pessoas que precisavam dos meus serviços, e dos de muitos outros médiuns, e que não só tinham perdido os seus entes queridos na guerra, mas por vezes também a sua fonte de rendimento. Estas pessoas precisavam da nossa ajuda ainda mais do que aquelas que tinham sofrido a perda da companhia do marido, namorado ou irmão, mas foram poupadas à ruína financeira.

Portanto, não éramos muito abastados num sentido material, e quando foi oferecido ao meu marido um contrato bastante bom e fácil para fazer uma digressão pelas províncias, nós literalmente saltámos de alegria, agradecidos por saber que eu seria capaz de continuar o meu trabalho (o que exigia todas as minhas forças e vitalidade naqueles tempos difíceis e ansiosos), sem a preocupação de me perguntar como pagar as despesas do apartamento, o aquecimento, a iluminação e o custo de vida mais elevado que muito rapidamente se fez sentir.

Para nossa surpresa, a Feda não se mostrou nada entusiasmada com este contrato e, após o meu marido estar fora há um mês ou dois e estar a dar-se muito bem, sob uma gerência agradável, ela anunciou que ele tinha de regressar imediatamente e ficar de vez, pois descobria

que não conseguia usar o poder, ou não tinha o suficiente, durante a ausência dele.

Ela foi imperativa em relação a isso e nós certamente constatámos que a qualidade das minhas sessões melhorou após o regresso do meu marido, pelo que nunca mais arriscámos uma separação por mais do que alguns dias de cada vez.

Até ao início de 1915, embora o meu marido tivesse ouvido falar das minhas experiências com a Florence, a Nellie e a Agnes, e outras amigas, e estivesse ciente de tudo o que a Feda fazia através de mim, ele não tinha tido qualquer experiência própria em primeira mão. Lia literatura sobre Espiritualismo ocasionalmente, mas costumava sempre dizer que não conseguia ganhar grande entusiasmo por ler muito profundamente sobre o assunto até ter algum contacto pessoal com o Outro Lado. Assim, quando entrei em contacto com um médium de materialização realmente poderoso, pensei «que oportunidade esplêndida para o meu marido ver e ouvir algo por si mesmo».

Claro que eu devia tê-lo iniciado gradualmente, sentando-o à mesa regularmente, mas naqueles dias não me restavam forças, vitalidade ou tempo para muitas sessões pessoais depois de terminar o meu trabalho profissional de cada dia. Não me ocorreu que, embora uma sessão de materialização pudesse ser muito convincente e empolgante, também pudesse ser uma experiência extremamente alarmante para alguém que era um completo novato nestas matérias.

CAPÍTULO XXVI

VER MAIS DO QUE O PROMETIDO

CERCA de uma dúzia de nós reuniu-se com o médium numa sala absolutamente desprovida de tudo, nua exceto por uma cadeira simples de madeira vergada para cada assistente e uma para o médium; uma pequena mesa octogonal que media cerca de 2 pés e meio de largura, e um par de cortinas de sarja penduradas a um canto da sala, e um par de pedaços oblongos de madeira fina, com cerca de

12 polegadas por 6 polegadas, pintados de um dos lados com tinta luminosa forte que, foi-nos explicado, deveriam ser usados pelos espíritos em materialização para segurarem perto dos seus rostos, de modo a iluminarem as suas feições mais claramente. O médium referia-se a estas tábuas pintadas como «lousas». O chão estava inteiramente coberto com linóleo.

Todos os assistentes se conheciam entre si, mas eram desconhecidos para o médium. Nestas sessões, os assistentes eram colocados em formação de ferradura, homens e mulheres alternadamente, terminando as pontas abertas da ferradura perto do canto com as cortinas, no qual o médium se sentava durante parte da sessão. O médium deixou o bico de gás consideravelmente aberto na parte inicial da sessão. Conseguia ler-se letra bastante miúda com aquela luz.

A porta estava trancada.

O médium colocou-se agora em frente às cortinas, dentro da ferradura formada pelos assistentes, com a pequena mesa — cuja presença me intrigava — ao seu lado. Pediu-nos para darmos as mãos, fechando os dois assistentes que terminavam a ferradura a sua mão livre sobre a mão que agarrava a da pessoa seguinte. Isto, foi-nos dito, servia para reter o poder até que este se tornasse forte o suficiente para ser usado. O poder magnético gerado por este procedimento cedo se fez sentir; era como uma corrente elétrica fraca.

Após um par de minutos, o médium foi para trás das cortinas e ouvíamos-lo a esfregar as mãos vigorosamente e a respirar com dificuldade. Mais uns minutos, talvez oito ou dez, e ele subitamente afastou as cortinas e saiu para o círculo. Mal o reconhecemos. Olhei de perto para ele para ter a certeza de que era a mesma pessoa. Parecia ter pelo menos duas ou três polegadas a mais de altura, com uma postura extremamente autoritária, poder-se-ia dizer imperiosa, quase ditatorial. Rompeu num francês fluente e um dos assistentes respondeu-lhe.

Explicou que era um médico canadiano-francês — que era o Controlo regular deste médium, e disse que, à medida que ganhasse mais controlo sobre o cérebro do médium, seria capaz de usar mais da

linguagem do médium; isto, de facto, aconteceu, e ele falou num inglês macarrónico, facilmente inteligível para todos nós, mas mantendo ainda uma personalidade muito diferente da do médium no seu estado normal. Ele instruiu a assistente que estava na ponta extrema do lado esquerdo da ferradura a soltar a sua mão esquerda e a estendê-la na direção dele.

Ela assim fez, e todos pudemos ver um fluxo de matéria cinzenta pálida, como névoa ou vapor de uma chaleira, a emanar dos seus dedos. Tinha a forma de varas, com cerca de um pé de comprimento e uma polegada de espessura. O médium estendeu as mãos cuidadosamente em direção às pontas das varas e pareceu tentar persuadir o material cinzento a afastar-se mais da assistente, em direção a si próprio. As varas «adelgacaram» ligeiramente à medida que ele as induzia a estender-se e, após um par de minutos, o Controlo francês disse, falando através do médium novamente: «Não, não está suficientemente forte. Deem as mãos e fechem o poder outra vez.»

Os assistentes obedeceram durante alguns minutos, durante os quais a corrente elétrica se tornou tão forte que as mãos de alguns dos assistentes eram sacudidas para cima e para baixo; não as conseguiam manter paradas. A assistente da ponta recebeu instruções para estender a mão em direção ao médium, como antes, e desta vez a vara de material vaporoso estava muito mais espessa e comprida. O Controlo expressou satisfação e começou de novo o movimento de atração.

À medida que puxava a substância cinzenta para si, parecia esfregá-la vigorosamente contra o seu peito, e depois atirou-a em espirais em redor do seu pescoço. Pudemos ver estas espirais dispostas em redor do seu pescoço e ombros durante alguns segundos; depois pareceram ser absorvidas pelo seu corpo. Esta operação levou vários minutos. Ele colocou então os dedos de uma mão levemente sobre o tampo da pequena mesa, instruindo a assistente da ponta a colocar ali também a sua mão esquerda.

Ela assim fez, e a mesa elevou-se vários pés no ar, de forma leve e graciosa. Ficou tão alta que a assistente teve de se levantar e erguer o braço o mais alto possível para conseguir manter os dedos sobre ela. Era muito curioso ver, com uma luz forte, uma mesa no ar sem

qualquer tipo de suporte por baixo. Um fenómeno simples, mas muito marcante e convincente.

O Controlo disse então aos assistentes que lhes daria uma demonstração do que aconteceria se eles soltassem as mãos e quebrassem a corrente de poder durante a sessão. Pediu a um assistente no centro da ferradura para se soltar e a mesa desabou imediatamente no chão. Os assistentes deram as mãos novamente por alguns minutos, e a assistente da ponta recebeu instruções para apagar o gás, que estava perto dela, depois de o médium ter recolhido para trás das cortinas e se ter sentado na cadeira de madeira vergada.

Estávamos agora quase às escuras, exceto por uma ténue luz vermelha que ardia bem alto num canto da sala. Tínhamos sido instruídos a cantar baixinho, de modo a criar as vibrações que parecem ser necessárias em todos os círculos para os fenómenos de Materialização ou de Voz Direta. Prometemos não «deixar a coisa desfalecer» ficando tristonhos e silenciosos, e pusemo-nos ao trabalho a pensar em todas as canções de que nos lembrávamos, para não haver longas pausas pelo meio.

Penso que todos tínhamos a sensação de que poderíamos ter de esperar algum tempo antes que algo acontecesse, e sei que o meu marido tinha a ideia de que, se visse realmente alguma coisa sob tais condições, seria sob uma forma muito vaga, provavelmente a uma distância tal dele que não seria capaz de a examinar minimamente de perto. Imaginem, então, a nossa surpresa quando as cortinas foram rapidamente afastadas e alguém saiu, pegou numa das tábuas iluminadas — ou lousas — e voltou o lado brilhante para si próprio.

Por este meio, todos pudemos ver claramente uma forma muito alta de um índio, com cerca de 6 pés e 6 polegadas de altura, vestido com uma túnica magnífica, com um turbante alto e uma espada ao lado. As suas vestes pareciam ser compostas por muitas jardas de tecido: parte dele era branca e caía em pregas pesadas a partir do seu ombro. Ele moveu-se diretamente através do círculo até onde o meu marido estava sentado e, colocando-se mesmo em frente a ele, inclinou-se e pôs o rosto colado ao do meu marido, segurando a tábua

luminosa de modo a que o meu marido pudesse examinar cada poro da pele.

Lembro-me de que, fiéis às nossas instruções, estávamos a cantar baixinho, mas com entusiasmo, «Annie Laurie». A tentativa do meu marido de continuar a cantar, com o índio ali parado em frente a ele, foi cómica. Os dentes dele batiam tão alto que podíamos ouvi-los acima do canto. Ele disse-nos mais tarde que nunca antes tinha compreendido o significado de «ficar com os cabelos em pé», mas agora dizia que sentira o cabelo erguer-se rigidamente na cabeça.

Era diferente de tudo o que ele esperava. Após um minuto ou pouco mais, o interesse superou o susto. Olhou atentamente para o rosto do índio e pôde ver, como eu mais tarde também pude, as pequenas veias vermelhas nos seus grandes olhos amendoados que ele generosamente revirava, para que o meu marido os pudesse examinar.

Depois o índio, cujo nome soubemos mais tarde ser Abdullah, veio ter comigo e permitiu que eu o examinasse de perto, e era de facto difícil perceber que este oriental belo e digno, cujo traje teria honrado uma produção do West End de, digamos, *Chu-Chin-Chow* ou *Kismet*, estava ali no meio de nós, por momentos aparentemente tão sólido como nós próprios estávamos, e no entanto sabíamos que ele iria desaparecer novamente dali a pouco. Mesmo enquanto eu o observava, ele começou a derreter-se. Essa é a única palavra em que consigo pensar para descrever o processo pelo qual ele desapareceu gradualmente diante dos nossos olhos. Foi exatamente como segurar cera em frente a um fogo, mas não ficou absolutamente nada depois.

Várias outras formas saíram do gabinete, uma de cada vez, por vezes tão rapidamente que a pessoa se perguntava como tinham conseguido pegar no poder e «moldá-lo» nos seus corpos etéricos ao ponto de os tornar temporariamente visíveis aos nossos olhos terrenos, porque é isso que acontece numa sessão de materialização. Claro que, ao dizer isto, estou a tentar descrever-vos uma operação complicada em poucas palavras, quando volumes inteiros poderiam ser, e são, usados para o fazer.

Ao todo, cerca de uma dúzia de formas se mostraram — homens e mulheres idosos, jovens, raparigas, crianças e também um cão

pequeno que tinha pertencido a uma das assistentes e que ficou tão feliz por manifestar-se à sua dona, e muito mais excitado com isso, a julgar pelos seus arquejos e pequenos ladridos frenéticos, do que até os espíritos «humanos» estavam. Estes últimos expressavam todos a sua felicidade por poderem mostrar-se em forma tangível aos seus amigos na terra, mas percebia-se que estavam mais ansiosos com o sucesso dos seus esforços do que o pequeno cão.

A dona do cão estava sentada ao lado do meu marido e, quando o cão correu para ela, colocou as suas duas patas dianteiras no joelho dela e as suas duas patas traseiras ficaram apoiadas no pé do meu marido, que disse mais tarde que o cão pesava exatamente o mesmo que um cão daquela raça (era um pequenês) pesaria no seu corpo físico. Por acaso tínhamos um pequenês na altura que se punha muitas vezes em cima dos nossos pés para conseguir trepar para o nosso joelho.

Poucos minutos depois, um outro espírito materializou-se para um outro assistente, a alguma distância à minha esquerda. Como estávamos sentados em semicírculo, eu apenas conseguia ver o perfil do espírito, mas reconheci-o como o marido da senhora, devido a uma fotografia que tinha visto dele. Notei que ele vestia roupas um tanto antiquadas; um casaco preto e um peitilho engomado branco e muito largo, com colarinho virado para baixo e gravata preta.

Uma mulher sentada ao meu lado, à minha direita, deu-me um toque com o cotovelo e sussurrou: «Olhe, não é espírito nenhum; é o médium mascarado. Reconheço o casaco dele nas costas, e o colarinho também. A barba, o peitilho e o casaco preto estão apenas pendurados à frente dele.»

Ela insistiu nisto, e isso perturbou-me e preocupou-me. Enviei uma prece silenciosa para que fizesse alguma luz sobre o assunto, pois eu própria achei que as costas do casaco pareciam diferentes da frente. A resposta veio rápida e inesperadamente.

O espírito materializado desvaneceu-se e, no seu lugar, surgiu novamente o Abdullah. Ele colocou-se mesmo à minha frente, olhando para mim de uma maneira perscrutante.

Senti que havia algo que ele me queria dizer ou mostrar, pelo que os meus olhos nunca o largaram enquanto ele caminhava lentamente através da sala até ao canto oposto, onde o médium jazia recostado numa cadeira, em transe profundo.

Segurando bem alto as «lousas» iluminadas, o espírito mostrou-nos o médium e a si próprio — lado a lado!

Como fiquei contente e aliviada. Infelizmente, a sessão chegou ao fim pouco tempo depois.

Penso que a atmosfera mental difícil que se tinha gerado através das minhas dúvidas e das do outro assistente foi responsável pela interrupção da sessão (mais cedo do que era habitual, conforme vim a descobrir durante a longa série de sessões que tive mais tarde), embora tivesse acontecido tanta coisa nela que foi uma revelação para muitos de nós.

O médium ficou terrivelmente exausto depois, e esse é sempre o caso quando surge uma condição adversa durante a sessão.

Quando as condições eram perfeitas — tempo limpo e seco, o que é tão importante para as manifestações físicas — e estavam presentes assistentes experientes e simpáticos, o médium parecia sentir pouca ou nenhuma fadiga. Certa vez, sentei-me com o mesmo médium, com apenas três amigos presentes, fazendo cinco de nós no círculo, e desabou uma trovoada enquanto estávamos sentados.

A trovoada lá fora não era nada em comparação com a trovoada dentro da sala, posso assegurar-vos. Foi aterrorizador. A sala e os assistentes ficavam iluminados por grandes e ofuscantes clarões de luz, e os choques elétricos eram tão severos que senti que, se se tornassem mais fortes, seríamos eletrocutados.

O Guia principal do médium falou subitamente durante uma pausa temporária no «fogo de artifício» e disse, de uma maneira urgente e um tanto irritada: «Soltem as mãos e parem a sessão imediatamente. Não veem que estão a formar uma bateria? É extremamente perigoso. Parem já.» Assim fizemos. O estado do médium era piedoso. Mal conseguia caminhar aos tropeções para fora da sala. Tinha sido, evidentemente, um grande esforço para ele.

CAPÍTULO XXVII

UM ESPÍRITO DÁ-NOS UM ABANÃO

TIVEMOS muitas sessões com este médium e o meu marido ficou cada vez mais interessado. Uma noite, um Controlo chamado Joey, que na sua vida terrena fora um palhaço famoso, disse ao meu marido, a quem ele tinha frequentemente provocado por ser tão reservado e calado: «Freddie, és sempre assim tão calado? Se sim, acho que vou ter de te ir visitar a tua casa, para ver se te dou um abanão.»

O meu marido disse: «Bem, Joey, gostaria muito que o fizesses, mas como saberia eu que estavas lá, se não temos nenhum poder deste tipo que te permita manifestar-te?»

«Oh, sim, têm», disse o Joey. «Acho que tens o suficiente para eu usar, de modo a conseguir que saibas quando estou lá, de uma maneira ou de outra.»

Sei que o meu marido estava muito cético quanto à capacidade de o Joey fazer algo desse género em casa. Vivíamos em Londres, num *maisonnette*, que era composto pelo rés do chão e pelo racha-de-fatos. A nossa própria sala de estar e a sala de jantar ficavam neste racha-de-fatos, e havia um lanço de escadas bastante longo até à porta de entrada do apartamento. Quando se abria esta porta, ela dava para o átrio, com cerca de 15 ou 16 pés de comprimento, na extremidade mais distante do qual ficava a porta usada pelos ocupantes dos apartamentos acima do nosso. Esta porta era mantida fechada, mas podia sempre ser aberta por dentro ou por fora, ao passo que uma campainha elétrica de pressão estava fixada nas portas privadas que davam para cada apartamento. A campainha da nossa porta tocava no racha-de-fatos.

Após a promessa do Joey de «dar um abanão» ao meu marido, esta campainha tocou várias vezes todos os dias da semana seguinte. Assim que o meu marido se sentava para uma refeição, a campainha tocava, alto e prolongadamente. O meu marido dava um salto e subia as escadas o mais depressa possível, apenas para não encontrar

ninguém. Ele ficou muito farto disto ao fim de um dia ou dois, e bastante irritado, pensando que seriam rapazes traquinas a fazê-lo.

Ficava vigia, mas não conseguia ver ninguém a vadiar por ali. Uma tarde, eu tinha ido às compras e entrei pela porta de entrada geral, fechei-a atrás de mim, caminhei pelo átrio até à porta do apartamento e toquei à campainha. No exato momento em que o meu marido me abria a porta, calhou olhar para a campainha e, para meu espanto, vi o pequeno botão afundar-se, tal como se um dedo invisível o estivesse a carregar. Simultaneamente, ouvimos o toque da mesma lá de baixo. O meu marido e eu olhámo-nos estupefactos. Não conseguíamos compreender aquilo.

Na noite seguinte, fomos à nossa sessão de materialização e as primeiras palavras que o Joey dirigiu foram para o meu marido. «Freddie», disse ele, «dei-te um abanão, não dei?»

«O que queres dizer, Joey?», perguntou o meu marido. «As campainhas, claro», respondeu o Joey.

O meu marido disse-lhe que já estava suficientemente impressionado com o facto de o Joey ter o poder de lhe «dar um abanão», e que ele não precisava de se dar ao trabalho de o fazer mais; mas o Joey disse que achava que podia fazer «mais algumas coisinhas» que nos interessariam, e depois pararia. Agradecemos-lhe por todo o trabalho que estava a ter. Eu estava secretamente bastante contente por o meu marido estar a receber uma dose realmente boa de evidências de que coisas «supernormais» podiam ser feitas na própria casa.

O Joey tentou agora uma nova linha: assim que o meu marido colocava qualquer um dos seus pertences — a bolsa do tabaco, a caixa de fósforos ou o cachimbo — em qualquer lado, eles desapareciam. Ele punha algo no canto da cornija da lareira, desviava o olhar por um segundo, olhava de novo e tinha sumido. Cerca de três dias mais tarde, aquilo era recolocado exatamente no mesmo local, muitas vezes apenas um momento depois de se ter olhado para o sítio e visto que não estava lá nada.

O mais notável destes pequenos ensaios foi realizado numa noite em que nos preparávamos para ir jantar a casa de uma amiga, a doze

milhas de distância. Ela ia enviar o seu próprio automóvel para nos buscar às seis horas. No preciso momento em que nos tínhamos acomodado no automóvel, o meu marido deu um salto, dizendo: «Valha-me Deus, deixei o meu cachimbo aceso no meio da tua cama, Gladys. Puz-o lá por um segundo enquanto tirava o meu casaco do guarda-vestidos, e depois esqueci-me dele. Pode ter pegado fogo ao edredão.»

Ele correu para dentro de casa e, passados alguns minutos, voltou a sair com um aspeto preocupado. «Não está lá», disse ele, «e não está em sítio nenhum da casa, pelo que consigo ver.» Eu disse-lhe para sacudir o casaco e revistar todos os bolsos, o que ele fez sem qualquer resultado. O cachimbo dele era de tamanho consideravelmente grande, não sendo fácil de ocultar num bolso.

Fomos para casa da nossa amiga, jantámos lá, dançámos durante uma hora ou pouco mais depois e, em seguida, subi, vesti o meu casaco e voltei a descer para a sala de estar para me despedir da nossa anfitriã. No preciso momento em que avançava para ela, senti algo tocar-me na manga. Ninguém estava a vários pés de distância de mim. Olhei para o meu braço e ali, presa no punho da minha manga, estava o cachimbo perdido! Fiquei a olhar para ele, assim como toda a gente. O punho do meu casaco era tão estreito que apenas uma pequena porção da boquilha conseguia caber lá dentro.

Da vez seguinte em que falámos com o Joey, assegurámos-lhe de que tínhamos tido ampla evidência da sua capacidade de «espremer de nós poder suficiente para nos mostrar que estava lá», e que ele não precisava de se esforçar mais nessas direções.

Por norma, a ordem dos fenómenos nestas sessões era quase sempre a mesma. O médium entrava em transe, era controlado, depois entrava num transe mais profundo, e os Guias que trabalhavam com ele falavam e mostravam-se; a seguir, ajudavam os parentes e amigos dos assistentes a «passar» e a manifestarem-se. Naturalmente, os operadores regulares eram mais proficientes em todos os sentidos do que os recém-chegados, que muitas vezes apenas conseguiam construir os seus rostos para nós vermos; ao passo que os mais

experientes eram capazes de nos mostrar as suas formas inteiras e cada detalhe do seu vestuário.

Como seria absurdo imaginar que, numa sessão como a que vos descrevi, o médium pudesse estar a «mascarar-se» com todos estes trajes elaborados, por vezes com apenas alguns segundos de intervalo entre as «mudanças», e por vezes sem intervalo nenhum.

Vimos frequentemente um espírito materializado pousar a lousa iluminada no chão e o segundo apanhá-la com uma rapidez relâmpago. Poder-se-ia quase dizer que um a arrebatava ao outro, tão ansiosos estavam eles por serem vistos enquanto o poder durava. Com algumas das materializações, este dura apenas escassos segundos; com outras, de dez a quinze minutos.

Depois, pensem no maravilhoso arsenal de caracterização que o médium necessitaria! As pessoas falam de máscaras, coisas realistas que iludem as pessoas fazendo-as pensar que são rostos humanos materializados. O meu marido está familiarizado com todo o tipo de caracterizações, peles, testas falsas, cabeleiras postiças e aditamentos faciais, mas ele diz que se conseguem detetar muito facilmente à distância de algumas polegadas, sob uma boa luz. O médium necessitaria de um guarda-roupa imenso com todo o tipo de vestuário de homem, de mulher, de criança, trajes orientais, vestuário inglês de todas as épocas, uniformes militares, etc.

Onde poderia ele colocá-los no espaço de que dispunha atrás das cortinas, com cerca de 3 pés de largura, tendo apenas o espaço estrito para a sua cadeira no canto extremo? Claro que estou a falar agora de sessões notavelmente bem-sucedidas, devidas a boas condições ao nível do tempo, da saúde do médium e dos assistentes, o que é importante; mas já assisti a sessões em que o Controlo principal disse, quase ao início: «Não vamos conseguir nada hoje — as condições não estão certas. É melhor dispersarmos, pois não vale a pena desperdiçar o poder do médium a esperar.» Ocasionalmente, devido à insistência de alguns dos assistentes, que podiam ter vindo de uma longa distância e ficavam desapontados por terem de se ir embora novamente sem verem qualquer manifestação, os Guias, por bondade, esforçavam-se por usar a pequena quantidade de poder de que

dispunham; mas os resultados eram muito fracos, consistindo a materialização em feições indistintas e esborratadas que podiam pertencer a qualquer pessoa.

Como o espírito de um jovem, que foi morto na guerra, disse à sua mãe numa sessão posterior, referindo-se às suas tentativas de lhe mostrar o rosto: «Mãe, senti que parecia mais um pudim de sebo mal cozido do que outra coisa.» Se um céptico estivesse presente numa destas sessões insatisfatórias, poderia ser desculpado por pensar que tudo aquilo era ou uma fraude grosseira ou algo sem valor para o propósito de provar a sobrevivência humana.

CAPÍTULO XXVIII

A RESPEITO DE FADAS E ATAQUES AÉREOS

DURANTE a guerra, o Controlo principal sabia sempre se havia um ataque aéreo iminente. Como sabia, não sei, mas presumo que estes Controlos estariam provavelmente a trabalhar em redor do médium e, talvez, da sala de sessões, algum tempo antes da sessão. Na verdade, eles disseram-nos muitas vezes que há muito a fazer no sentido de ajustar as condições psíquicas em redor de um médium previamente a uma sessão. Muitas vezes estive ciente de que algo deste género estava a ser feito em mim, e a pessoa tem de se guardar cuidadosamente do mau feitio, da ansiedade ou da excitação de qualquer espécie enquanto este processo de «sintonização» está a decorrer. (Penso muitas vezes que a mediunidade significa uma prática constante de autodomínio.) Pensem, então, no imenso trabalho que os Guias poderão ter na preparação do complexo e pouco compreendido pano de fundo da sessão física.

Como os Guias parecem estar de facto a funcionar nas condições terrestres por enquanto, eles provavelmente conservam grande parte da sensibilidade que possuem no seu próprio plano espiritual, sendo assim capazes de «pressentir» o perigo que se aproxima, tal como os cavalos e o gado pressentem o fogo que não conseguem ver e que pode estar a alguma distância. Em todo o caso, em três ou quatro ocasiões distintas, o Guia principal avisou-nos de que não nos devíamos demorar, mas sim ir para casa o mais depressa possível,

porque os aviões ou os Zeppelins inimigos estariam em breve sobre Londres.

Nunca falharam nas suas previsões e, numa das noites, o aviso foi-me dirigido especialmente a mim, pelo que, como o meu marido não me tinha acompanhado nesta ocasião, e sabendo que ele ficaria ansioso a meu respeito caso fosse dado um aviso oficial de ataque aéreo, apressei-me a ir para casa, chegando lá mais depressa do que o habitual, porque tudo, metropolitanos e autocarros, pareceu coincidir extraordinariamente bem.

Nenhum sinal tinha sido dado quando entrei na nossa casa e, como sabia que os Guias tinham estado sempre certos, pensei em começar o meu fabrico habitual de pão para a semana para ocupar o tempo; nunca adiantava nada ir para a cama para ser acordada pelo barulho terrível das peças antiaéreas. Depois, também, as pessoas dos apartamentos acima do nosso costumavam descer e perguntar se podiam ficar sentadas no nosso racha-de-fatos, por isso tínhamos de nos levantar para as deixar entrar.

Mal tinha misturado a massa e a tinha posto a levedar na cozinha, o ataque aéreo começou. Foi o pior que já tínhamos experimentado. A metralha caía simplesmente como granizo no telhado e, como a nossa cozinha estava construída nas traseiras da casa e tinha parte do teto em vidro, tive de me esquivar para a frente e para trás para cuidar do pão o melhor que podia.

De repente, uma bomba caiu perto de nós, as nossas janelas partiram-se, as luzes elétricas apagaram-se, os quadros foram projetados de um lado ao outro da sala e, mais tarde, descobrimos que cinco grandes casas compostas por apartamentos tinham sido totalmente demolidas, e quinze pobres pessoas, incluindo dois amigos pessoais nossos, ficaram soterradas sob as ruínas.

Assim que me recompus (os estrondos ensurdeceram-me por um par de minutos), salvei a massa e pu-la num lugar de maior segurança, e subi e abri a porta da frente para ver o que tinha acontecido. A rua estava literalmente coberta de vidro partido, tijolos e pedaços de cantaria, alguns dos quais projetados de um par de centenas de jardas de distância.

Percebi então por que razão o Guia me tinha avisado especialmente, já que eu era a única assistente que vivia nesta vizinhança e, se tivesse ficado na casa do médium até à hora habitual, estaria a passar pela área afetada precisamente na altura em que esta enorme bomba caiu, e não vejo como poderia ter evitado ser ferida pelos pedaços de alvenaria que voavam, etc.

Ocasionalmente, tínhamos materializações de um tipo totalmente diferente, pequenos acontecimentos espontâneos que eram de facto muito interessantes. Por exemplo, todo o círculo estava concentrado a observar uma forma que se esforçava por se mostrar à luz da lousa iluminada, a qual não estava muito forte nessa noite porque o médium se tinha descurado de a cobrir novamente com tinta fosforescente, pelo que levou uma boa reprimenda dos seus Guias durante a sessão. O meu marido estava sentado com os pés e os joelhos consideravelmente afastados.

O seu olhar foi subitamente desviado do espírito materializado para uma espécie de clarão perto dos seus pés. Olhando para baixo, viu um homem e uma mulher minúsculos, com entre 12 e 18 polegadas de altura, de pé entre os seus joelhos. Estavam de mãos dadas e olhavam para cima, para o rosto do meu marido, como se estivessem a pensar: «O que será aquilo?» Pareciam estar tão interessados, se não mais, nele e nos detalhes da sua aparência, como ele estava na deles.

Ficou demasiado estupefacto para chamar a atenção de mais alguém para as criaturinhas, que estavam vestidas de verde-vivo, como as imagens de duendes e fadas, e que usavam pequenos barretes pontiagudos. Um ligeiro fulgor rodeava-os, ou emanava deles, ele não tinha a certeza de qual das duas coisas, mas era suficientemente forte para ele ver claramente os seus rostos e formas minúsculas. Após um momento ou dois, desapareceram, parecendo derreter-se no chão.

Outra vez, dei por mim sentada ao lado de um estranho no círculo. Pelo menos, era um estranho para mim, mas ele já tinha frequentado os círculos duas ou três vezes quando eu não estivera presente. Não ouvi o nome dele, nem ele o meu, mas deparei pelos seus comentários que era um homem da marinha, e diria que era um

tipo de homem extremamente prático, direto e «sem rodeios». Durante a sessão, que estava a ser boa e proveitosa, enquanto acontecia muita coisa que ocupava a atenção de todo o círculo (que olhava quase sempre numa única direção a maior parte do tempo, isto é, para o canto com as cortinas, já que os espíritos materializados vinham habitualmente dali), senti subitamente um frio passar por mim e, no mesmo instante, senti o meu vizinho, o homem da marinha, dar um ligeiro estremecimento. (Lembrar-se-ão de que estávamos sempre de mãos dadas durante a sessão.) Em poucos segundos, fiquei fria como o gelo.

O mesmo aconteceu, aparentemente, ao homem da marinha, a julgar pela sua mão.

Ele voltou-se para mim e sussurrou: «Sente alguma coisa? Um frio terrível nas nossas costas, não é?» Concordei: o frio parecia vir de trás de nós. Olhei por cima do meu ombro direito, sem me mover na cadeira, e, para meu espanto, vi, mesmo atrás de nós, a figura branca como a neve e estatutária de uma mulher, parecendo exatamente uma bela estátua de mármore ou alabastro. Tinha os olhos fechados, as mãos coladas como que em prece: movia-se perto de nós, como se caminhasse num sono profundo.

Passou lentamente entre nós. Estando as nossas mãos ligadas, ela passou através dos nossos braços, pulsos e mãos. No segundo exato da sua passagem entre nós, o frio tornou-se cem vezes mais intenso, embora eu não o julgasse possível um momento antes. Nunca senti nada assim. Vimos o seu perfil claramente enquanto passava tão de perto.

«Valha-me Deus!», disse o meu vizinho, «é a minha mãe, mas por que razão está ela com esse aspeto?»

Ela moveu-se — mal se pode chamar caminhar, pois parecia deslizar sobre o chão sem mover as pernas ou os pés — em direção às cortinas e desapareceu. Alguns minutos mais tarde, reapareceu, feliz e animada, e teve uma conversa íntima com o seu filho, que ficou muito satisfeito, depreendi eu, com tudo o que ela lhe disse.

Numa data muito posterior, um Comunicador espiritual explicou-me que, por vezes, os espíritos que não estavam habitualmente em

contacto estreito com as condições terrenas viam-se dominados por um estado sonolento e de devaneio ao entrarem propriamente nas vibrações físicas.

Isto durava apenas pouco tempo com a maioria das pessoas, mas, se durasse mais, seriam escoltados de volta aos seus próprios planos por Guias cujo trabalho é ajudar dessa forma, porque não seriam capazes de comunicar, ou de se manifestar satisfatoriamente, enquanto estivessem nessa condição. Ao mesmo tempo, foi um fenómeno muito misterioso e intrigante, o único do seu género que alguma vez presenciei.

CAPÍTULO XXIX

CRIAM-SE COISAS ESTRANHAS NA NOSSA CASA

DESEFRUTÁMOS de muitas sessões interessantes com outros médiuns físicos, também. Sei que muitas pessoas dizem que não gostam de sessões de materialização, ou mesmo de Voz Direta, mas penso que é extremamente valioso ter tais experiências, para que se saiba o que é possível fazer, dadas as condições corretas. Por que razão não acontecem estas coisas às pessoas comuns, nas casas comuns pertencentes a pessoas comuns, é uma questão que se levanta frequentemente. Bem, elas acontecem mesmo.

Tive muitos amigos que nunca assistiram a uma sessão de materialização e que tiveram fenómenos extraordinários a acontecer nas suas próprias casas. Não os compreendem e, por vezes, têm medo

deles, possivelmente porque não os compreendem. Portanto, a manifestação é normalmente desperdiçada com eles.

Os Guias disseram-nos muitas vezes que sabiam que uma certa pessoa tinha poder que eles podiam usar, mas que, assim que o faziam, ele ou ela ficava com tanto medo que eles tinham de desistir.

Os Guias têm de ser muito cuidadosos com pessoas nervosas, porque quando eles, os Guias, estão a trabalhar na terra e a usar o poder que extraem de nós, estão nas nossas condições, não nas deles, e nem sempre se dão conta do efeito que estão a criar. Ocasionalmente, pensam que retiraram uma pequena quantidade de poder e descobrem ou que este é mais forte do que esperavam ou, por alguma razão desconhecida, produziram um efeito muito mais forte do que antecipavam, ou até desejavam na altura. Isto aplica-se especialmente a casos de fenómenos espontâneos, que são sempre mais difíceis de gerir ou controlar do que os fenómenos cuidadosamente planeados e ordenados da sala de sessões regular, onde os Guias, Controlos e médiuns foram todos cautelosamente treinados durante um longo curso de desenvolvimento.

Há, como é natural, algumas pessoas que têm uma maior reserva deste poder físico, aparentemente «perto da superfície», e os Guias conseguem usá-lo mais rápida e facilmente do que quando está «enterrado» profundamente: embora tenha notado que, onde é preciso uma escavação cuidadosa e um desenvolvimento lento e paciente, este é de uma qualidade melhor e muitas vezes mais duradoura do que aquele que surge rapidamente. Muito frequentemente, o poder mostra-se em pessoas que nunca se suspeitou que o possuísem. Na verdade, elas próprias não teriam acreditado que fosse possível!

Nunca esquecerei a primeira visita que nos foi feita por dois amigos, um homem e a sua esposa, que vieram passar um fim de semana connosco. As últimas pessoas no mundo, dir-se-ia, que dariam sinais de poder psíquico.

Após a sua chegada, saímos para uma curta caminhada antes do chá. Tive a curiosa impressão de que algo de importante ia acontecer, embora não conseguisse imaginar o que poderia ser. Talvez uma carta a chegar pelo correio do final da tarde, pensei. De qualquer modo,

senti isto tão fortemente que pedi aos meus amigos se se importariam de encurtar a caminhada e regressar a casa para o chá, mas não lhes disse o motivo.

Sentámo-nos e, enquanto eu servia o chá, fiquei maravilhada ao notar um forte cheiro a incenso. Estava tão forte como se se estivesse a queimá-lo mesmo em frente ao rosto. Olhei para os meus amigos e vi um olhar intrigado a surgir no rosto de ambos.

«Sentem algum cheiro?», perguntei.

«Sim», responderam ambos. «É incenso. De onde estará a vir? A sala parece estar cheia dele.» E estava de facto. Nesse momento, o jovem filho dos meus amigos entrou na sala. Assim que abriu a porta, gritou: «Oh, pai, a sala está cheia de perfume. Oh, está tão forte.»

Dissemos-lhe para entrar e fechar a porta, e tomar o seu chá. O perfume desvaneceu-se; depois veio outra vez, mais forte do que nunca. O meu marido entrou então e ele, também, exclamou imediatamente, dizendo: «Ora, o lugar está cheio de incenso. Estiveram a queimar algum?» ... embora se sentisse perfeitamente seguro de que não tínhamos nenhum em casa. Durante cerca de meia hora, o cheiro vinha e ia. Fiquei com a impressão de que os nossos amigos deviam ter poder, e pedi-lhes para se sentarem à mesa depois do chá, para ver se a Feda falaria connosco e nos diria o que significava.

Assim fizemos, usando uma pequena mesa de bambu, e a Feda passou imediatamente. Ela confirmou a minha impressão e disse que ambos os nossos amigos tinham poder para materialização, Voz Direta e levitação de objetos, a que o investigador científico chama telecinese, mas a que a Feda chama habitualmente «*Tincans*», pois diz que o nome verdadeiro a apoquentá.

Ela pediu-nos para começarmos a experimentar sentando-nos para a Voz Direta, mas que primeiro nos devíamos sentar em redor da mesa maior na sala de jantar. Quando a Feda mencionou a Voz Direta, lembrei-lhe como, alguns anos antes, eu tinha tentado desenvolver isso durante dois anos seguidos. (Não vos falei sobre isso porque as sessões foram quase abortivas e, por isso, não havia nada de interesse a relatar.) Ela respondeu que estava ciente disso, mas que o poder dos

nossos amigos se mostraria de facto muito rapidamente e que em breve nos seria dada prova disso, se nos sentássemos em redor da mesa maior.

Olhámos para la mesa referida e rimo-nos da simples ideia de ver mover-se uma mesa tão grande e pesada.

Era sempre usada como mesa de jantar e teria 7 pés de comprimento e 4 ou 5 pés de largura, assente em quatro pernas maciças e pesadas, uma em cada canto. Na noite seguinte, fizemos o que a Feda pedia e sentámo-nos em redor dela: eu numa ponta, o meu marido na outra e um dos nossos amigos de cada lado. Diminuímos um pouco a luz do gás, mas não a apagámos.

Conseguia ver-se claramente com ela. Nada aconteceu, e ficámos sentados durante meia hora ou mais. Então, lembrei-me de que, nos dias das nossas sessões com a mesa com a Florence e a Nellie, a Feda nos tinha dito sempre para cantarolar ou cantar se nada estivesse a acontecer, pois ajudava as condições psíquicas se criássemos vibrações harmoniosas.

Sugeri que cantássemos a favorita da Feda, «*Abide with me*», e assim fizemos. No preciso momento em que chegámos à linha, «*Where is death's sting, etc.*», a mesa ergueu-se firmemente de um dos lados até que duas das suas pernas ficaram a pelo menos um par de pés do chão (as nossas mãos estavam apoiadas levemente sobre o tampo dela). Foi descida novamente e ergueu-se de novo, subindo e descendo rápida mas ritmicamente em perfeito compasso com o nosso canto. Se tivéssemos as mãos por baixo e a empurrássemos para cima e para baixo, teria sido impossível mover um objeto tão pesado com a rapidez e a leveza com que a Feda o fez.

Até este momento, eu tinha-me esquecido completamente de que era sempre nessa linha significativa, «*Where is death's sting, etc.*», que a Feda começava a mover la mesa de alguma maneira especial. Os meus amigos ficaram maravilhados com aquela mesa pesada a subir e a descer tão graciosa e levemente, como de facto nós próprios ficámos. Depois de termos cantado o hino duas ou três vezes seguidas, a Feda começou a inclinar a mesa em «três», e depreendi daí que ela

queria soletrar uma mensagem pelo código habitual, isto é, a pessoa enuncia as letras do alfabeto e a Feda inclina a mesa a cada letra.

Uma inclinação para A, duas para B, três para C, e assim por diante. Um método lento, dirão. Sim, mas era notável a rapidez com que ela o fazia. Ela inclinava a mesa tão rapidamente que nos custava o nosso tempo enunciar as letras com rapidez suficiente para a acompanhar. Por este meio, ela soletrou uma mensagem no sentido de que devíamos transformar um certo quarto de hóspedes numa sala de sessões, e deu-nos instruções para a equipar muito nos moldes da sala usada pelo médium de materialização de quem vos falei, exceto que disse que ninguém se devia sentar no recanto com as cortinas, pois este seria apenas usado para «reunir o poder», e que nós quatro — os nossos dois amigos, o meu marido e eu própria — nos devíamos sentar em semicírculo transversalmente ao canto, e que uma trombeta de alumínio deveria ser colocada horizontalmente num suporte entre as cortinas, voltada para nós.

As instruções dadas foram muito claras, e pedimos aos nossos amigos que prolongassem a sua visita a fim de as podermos executar. No dia seguinte, preparámos o quarto de hóspedes conforme indicado e sentámo-nos como nos tinha sido dito. Não aconteceu absolutamente nada, nem sequer um golpe, pelo que, passada uma hora, descemos e sentámo-nos novamente à mesa. A Feda tinha muito pouco poder; aparentemente, tinha-o esgotado nos seus esforços infrutíferos lá em cima.

Conseguiu dizer-nos para nos sentarmos todas as noites à mesa, e não lá em cima, até que nos desse mais instruções. Depois, soletrou as palavras: «Campainhas, arranjem campainhas». Ficámos um pouco sem saber o que ela queria dizer, mas na manhã seguinte o meu marido foi a uma loja de brinquedos e comprou um ror de campainhas pequenas, daquelas que se dão a uma criança para brincar.

Nessa noite, mudámos a mesa grande para a sala de estar, visto que a casa era germinada e, numa noite anterior, quando a Feda se tornara um tanto perentória nas suas instruções, ergueu a mesa tão alto e atirou-a ao chão com tanta força que os nossos vizinhos do lado bateram na parede contígua em protesto. Por isso, não querendo

incomodá-los mais, mudámo-la, embora tenha sido um trabalho pesado e difícil.

Havia um biombo junto à porta para cortar as correntes de ar, e o meu marido pendurou as campainhas num dos cantos deste com uma fita azul que lhes tinha atado, pensando que a Feda iria admirar a cor.

Após estarmos sentados durante algum tempo, sem obter quaisquer resultados particulares a não ser pancadinhas na mesa, começámos a cantar novamente o hino favorito e, na linha, «*Where is death's sting?*» — as campainhas foram tocadas violentamente. O barulho surgiu tão de repente e, no momento, tão inesperadamente, que demos todos um salto, o que pareceu estragar as condições, pois nada mais aconteceu depois.

Um momento antes de as campainhas tocarem, o meu marido disse que sentiu uma mão pequena e quente colocada mesmo em cima da sua, e deixada lá por escassos segundos. Foi então retirada, e as campainhas tocaram imediatamente.

Na noite seguinte, assim que nos sentámos em redor da mesa, esta moveu-se, e a Feda disse-nos que o poder estava muito mais forte e que podíamos agora voltar para a sala de sessões lá em cima, e que deveríamos sentar-nos todas as noites durante uma hora, até novas ordens. Subimos imediatamente e sentámo-nos na mesma ordem que anteriormente, de mãos dadas, como eu fizera nas sessões de materialização. Tínhamo-las levado as campainhas para cima e colocado no suporte ao lado da trombeta de alumínio.

Enquanto cantávamos o hino habitual, «*Abide with me*», as campainhas tocaram alto. Estavam fora do alcance de qualquer um de nós, tanto das nossas mãos como dos pés. A sala estava quase às escuras, mas não totalmente, pois uma pequena lâmpada vermelha ardia no canto mais distante, junto à porta, mas a luz era impedida de incidir diretamente sobre nós por um biombo que tínhamos colocado à sua frente. Devem lembrar-se de que estávamos todos de mãos dadas, de modo que, se um de nós se movesse, o vizinho aperceber-se-ia disso.

Cantámos o hino novamente. Desta vez, o suporte (onde assentava a trombeta), um suporte de madeira alto, que pesava várias

libras, moveu-se por inteiro, raspando ruidosamente nas tábuas do chão que estava sem tapete ao fazê-lo. Mais tarde, descobrimos que se tinha movido cerca de um pé e meio da sua posição original. Nada mais aconteceu, mas ficámos todos arrepiados de emoção. Sabem que é empolgante quando um objeto familiar do dia a dia que conhecem, tal como um suporte de plantas que esteve solidamente imóvel durante anos, começa subitamente a comportar-se desta maneira extraordinária, animado por esta força pouco compreendida que é dirigida por um agente invisível.

Mais tarde, durante a ceia, discutimos o assunto longamente e todos concordámos que era mais interessante e fascinante do que tudo o que podíamos imaginar, embora até então não tivesse havido evidência de qualquer inteligência desencarnada a não ser a da Feda a soletrar as mensagens através da mesa.

Na noite seguinte, sentámo-nos outra vez. As campainhas começaram a «tilintar» suavemente bastante cedo na sessão, e constatámos que estavam a ser tocadas três vezes, depois uma pausa, e três vezes de novo. Perguntámos à Feda se podia responder a perguntas com um Sim ou um Não, tocando as campainhas três vezes para o Sim e uma vez para o Não. Ela ficou encantada com esta sugestão e tocou-as vigorosamente. Colocámos-lhe várias perguntas diretas e simples que podiam ser facilmente respondidas por uma afirmativa ou negativa; deste modo, obtivemos uma grande quantidade de orientações sobre o que deveríamos fazer no futuro. Uma das coisas que ela nos disse foi que nenhum de nós devia entrar em transe, sob qualquer condição. Isto foi em resposta a uma pergunta, pois eu tinha sentido uma tendência para entrar em transe. Ela disse que queria que permanecêssemos todos bastante normais, para podermos verificar e comparar os resultados e apreciar devidamente quaisquer fenómenos que pudessem surgir.

CAPÍTULO XXX

O PRIMEIRO SOPRO, E O QUE SE LHE SEGUIU

NA noite seguinte, as campainhas não tocaram. Ficámos sentados e cantámos calmamente. Tínhamos também instalado uma caixa de

música, o que foi de grande ajuda, pois preenchia as pausas quando ficávamos cansados de cantar ou não conseguíamos pensar em nada de novo para cantar. Enquanto trauteávamos baixinho, notei um som peculiar vindo do chão perto dos meus pés. Era uma respiração alta e pesada. O amigo que estava sentado ao meu lado ouviu-o também. Senti a sua mão enrijecer na minha.

Ele tremeu, assim como eu. Não tenho vergonha de o admitir. É uma experiência estranha estar sentada na nossa sala e ouvir uma respiração humana vinda, aparentemente, do chão. Tornou-se mais alta, ainda mais alta, depois veio de um nível mais elevado e, em breve, fui capaz de a localizar como vindo da direção onde estaria a trombeta de alumínio, no suporte. De um sopro, passou a uma voz «soprada», mas quais eram as palavras, se é que havia alguma, não conseguíamos distinguir.

Isto continuou por duas ou três noites, a respiração formava-se em sons e, na terceira noite, conseguimos mesmo perceber as palavras, «Sim, penso que sim», e «esplendidamente». Parecia-nos como duas ou três pessoas a ter uma discussão um tanto animada atrás das cortinas. Não se estavam a dirigir a nós de todo, mas pareciam estar a falar entre si. Era como ouvir o palco a ser preparado antes de uma produção importante. Depois disto, pensámos em falar novamente com a Feda na mesa grande, a fim de descobrir como as coisas estavam a progredir e se havia algumas dicas ou indicações que ela nos quisesse dar.

Por meio dos habituais «balanços», ela disse-nos que vários Guias nos estavam a ajudar, Guias que tinham tido experiência em fenómenos físicos com outros médiuns, e que entre eles estava o Abdullah, por quem a Feda tinha uma admiração muito profunda, embora se lhe referisse sempre como «Ab», o que de certo modo não parecia muito respeitoso. Ela disse que não devíamos continuar a sentar-nos todas as noites como vínhamos a fazer, porque não seria bom para mim, visto que eu dava as minhas sessões de transe todos os dias como habitualmente e, embora muito pouco ou nenhum poder físico fosse extraído de mim nas sessões da noite, ela sabia que eu tinha de sair e fazer mais exercício ao ar livre.

(É maravilhoso o cuidado que os Controlos têm com os seus médiuns; neste caso, eu estava tão intensamente interessada que nunca teria pensado em desistir das sessões, especialmente porque me sentia perfeitamente bem.)

Na noite seguinte, por conseguinte, não nos sentámos, mas na noite posterior fizemo-lo e ouvimos cantar ou trautear numa voz de baixo profunda. Depois de terminar, a Feda tocou as campainhas e, regulando os sons da mesma maneira que balançava a mesa, soletrou: «Ab — ele canta». Depois o trauteio continuou de novo, tornando-se muito mais alto, mas a Feda continuava a intervir com as campainhas, repetindo as palavras, «Ab — ele canta» a intervalos regulares, o que era perfeitamente desnecessário, pensámos nós, embora fôssemos demasiado educados para o dizer.

A caixa de música era dada à chave e tocava sempre que achávamos necessário, e ouvíamos pés a arrastar no chão, pés suavemente calçados com sandálias ou descalços, acompanhando o ritmo da música. A Feda interrompeu novamente com as campainhas com um, «Ab — ele dança». O efeito era um som de *flic-flac, flic-flac*. Dificilmente se poderia chamar àquilo dançar, mas aceitámos a palavra da Feda.

Começámos agora a notar movimentos pesados e curiosos na sala, como se houvesse várias pessoas bastante sólidas a moverem-se perto de nós e atrás das cortinas. Ocasionalmente, ouvíamo-las segredar umas com as outras. Senti uma mão quente ser colocada na minha. Ficou lá durante cerca de cinco minutos, depois tornou-se mais quente, até ficar tão quente que falei disso, e gradualmente a mão arrefeceu de novo até retomar uma temperatura normal.

Todo este fenómeno curioso era, soube-o mais tarde, a «elaboração» do poder, com a ideia de vir a produzir materializações. Evidentemente, os Guias e trabalhadores do outro lado estavam tanto «às escuras» quanto ao que podiam ou seriam capazes de fazer como nós estávamos. Tenho notado que muitas vezes eles têm de experimentar cuidadosamente ao longo de um período muito extenso antes de poderem tentar em segurança qualquer fenómeno definido. Estou também convicta de que nem sempre eles próprios estão cientes

do efeito que estão a produzir e, por vezes, quando nós na terra ficámos um pouco sobressaltados com alguma manifestação surpreendente e espontânea, os Guias expressaram espanto mais tarde, como se, pelos vistos, não estivessem cientes de que tinham sido capazes de usar o poder de uma forma tão forte.

CAPÍTULO XXXI

UM VISITANTE DA MEIA-NOITE

FOI-NOS dado um exemplo sobressaltante deste género, que foi de facto muito interessante. Durante as sessões em que o «Ab» arrastava ou esfregava os pés no chão ao ritmo da música, aquilo soava tão perto de mim, como se um corpo físico real e sólido o estivesse a fazer, que gritei: «Oh, Abdullah, como é estranho! Estás tão perto de mim, mas não te consigo ver. Quem me dera poder.» Ele aproximou-se ainda mais até os seus pés em movimento quase tocarem nos meus, e repeti que gostava de o poder ver. Os nossos amigos ecoaram ambos este desejo, mas não tínhamos grandes esperanças de que fosse cumprido.

Algumas noites mais tarde (não tínhamos sessão nessa noite), o meu marido e eu recolhemo-nos para passar a noite e, como habitualmente, ele adormeceu logo. Fiquei acordada durante algum tempo e depois peguei no sono. Devo ter dormido apenas um pouco quando fui acordada por um som no patamar. Ouvi então um tatear no puxador da porta: este girou e alguém entrou calmamente no quarto. Era uma noite de luar e uma janela de batente larga ficava virada para a nossa cama, e, ao luar que penetrava pelas cortinas, vi distintamente uma figura alta passar lentamente entre a nossa cama e o toucador (eu estava deitada no lado da cama mais afastado da porta). Não tenho pejo em admitir que fiquei com muito medo, pois tive a certeza de que era um ladrão, visto que tinha havido vários assaltos na vizinhança recentemente.

A figura avançou para o lado da cama onde eu estava deitada e, para meu horror, inclinou-se sobre mim. Não me atrevi a mover. O meu marido é ligeiramente surdo de um ouvido e deita-se sempre

sobre o que ele chama o seu ouvido bom, de modo que não é tarefa fácil acordá-lo, como eu sabia por experiência.

Não sabia o que fazer. Quase não me atrevia a respirar.

A figura inclinou-se sobre mim e colocou uma mão no meu lado esquerdo. Eu estava deitada em parte sobre o meu lado direito. Ele deu-me umas palmadinhas. Passou-me então pela mente que um ladrão não me tocaria se o pudesse evitar, e certamente não me daria palmadinhas! «Ora, é um espírito materializado», foi o pensamento que subitamente me surgiu. De imediato todo o medo me abandonou e voltei-me rapidamente para a esquerda a fim de tentar ver melhor a figura, mas ele não me prestou atenção e afastou-se da cama, contornou os pés desta e saiu novamente pela porta.

Fiquei com muita vergonha do meu medo e do meu pensamento tolo de que o meu visitante era um ladrão, e decidi não dizer nada ao meu marido nem aos amigos sobre o assunto, mas esperei que o visitante, quem quer que fosse (a figura parecia ser a de um homem), viesse outra vez e me revelasse a sua identidade.

Pela manhã calhou, sem nenhum motivo em especial, olhar de relance para a sala de sessões, que mantínhamos sempre trancada e éramos nós próprios que a limpávamos, de modo a resguardar as cortinas, o suporte, as campainhas e tudo o que os Guias usassem do contacto com mais ninguém a não ser nós próprios, pois sentíamos que esse era o seu desejo. Não sei o que me fez espreitar lá para dentro naquela manhã, já que não havia nada para arrumar porque tudo tinha sido posto em ordem no dia anterior, quando não estávamos a «fazer sessão».

Fiquei estupefacta ao ver que as cortinas estavam desalinhadas, o suporte mudado para uma posição diferente e as campainhas tinham caído ao chão. Chamei a atenção do meu marido para isto e ele ficou tão surpreendido e sem saber como explicar o facto como eu, e os nossos amigos a mesma coisa.

Nessa noite, uma hora ou duas depois de nos termos deitado, fomos acordados pelo som de gritos e de um burburinho noutra parte da casa, mas presumivelmente no andar de cima. Ora, a minha amiga e o marido estavam a dormir num quarto na outra extremidade do

patamar. Neste quarto havia duas camas de solteiro e tínhamos colocado as duas bastante juntas, a apenas cerca de um pé de distância uma da outra.

O que aconteceu, conforme soubemos depois, foi isto: a minha amiga foi acordada subitamente por um toque e, na penumbra, conseguiu apenas vislumbrar uma figura alta inclinada sobre si. Ela soltou imediatamente um grito alto, o que acordou o marido. Sendo acordado do seu sono de forma tão abrupta, ele esqueceu-se de onde estava e da posição das camas, saltou em linha reta e aterrou mesmo em cima da sua esposa. Ela pensou que o intruso tinha saltado para cima dela e desferiu golpes frenéticos, acertando em cheio na cara do marido. Demoraram dois ou três minutos a desenredarem-se e a entrarem em explicações mútuas.

Acalmámos os nossos amigos, que estavam estremecidos e perturbados, e contei-lhes a minha experiência da noite anterior, e chegámos à conclusão de que fora provavelmente o Abdullah quem nos visitara, já que a minha amiga disse que tinha vislumbrado uma figura de túnica, embora pensasse que era a de um homem.

Na noite seguinte, sentámo-nos à mesa, pois achámos conveniente perguntar à Feda se tinha sido o Abdullah e, se assim fosse, explicar-lhe que não queríamos manifestações daquele género a perturbar-nos durante a noite, quando devíamos estar a dormir.

Antes que pudéssemos começar, a Feda balançou a mesa e soletrou: «Pobre Ab, muito magoado. Ele muito desapontado. Teve muito trabalho a construir sólido bonito, para que o pudessem ver, e vocês não o acolheram. Pobre Ab, nenhum acolhimento, apenas gritos e medo».

Desculpando-nos, explicámos que estávamos gratos pela visita do «Ab», mas que era indesejável que ele nos perturbasse à noite. A Feda respondeu lembrando-nos de que todos tínhamos exclamado repetidamente, «Oh, se ao menos te pudéssemos ver», e que tínhamos sido tão importunos que o «Ab», na bondade do seu coração, se tinha esforçado por nos satisfazer, mas não se tinha dado conta de que devia regular a sua visita para nos convir. Ele tinha achado o silêncio da

noite muito adequado para extrair e usar o poder necessário para se materializar, embora não se apercebesse de qual era a hora real.

Depois de falar sobre isso connosco, a Fedá concordou que seria melhor reservar quaisquer manifestações semelhantes para quando estivéssemos de facto sentados para elas, e esta disposição foi cumprida a partir dessa altura.

CAPÍTULO XXXII

SURGEM ALGUMAS DIFICULDADES

O CARÁTER dos fenómenos começou agora a mudar. As tentativas de materialização tornaram-se menos frequentes e a maior parte do tempo passou a ser usada para o desenvolvimento das vozes; não só a Fedá, mas muitos outros amigos que já tinham partido vinham falar connosco novamente. A evidência quanto à personalidade destes amigos era, por vezes, notavelmente boa, mas dependia em muito grande medida das condições que lhes podíamos dar.

Por vezes, quando outras pessoas se juntavam a nós nas sessões, pessoas que tinham pouca ou nenhuma experiência em fenómenos físicos, ficavam sentadas num estado de tensão, aparentemente incapazes do ponto de vista físico de se juntarem ao canto ou de falarem com naturalidade quando uma voz se lhes dirigia através da trombeta. Antes da sessão, eu costumava dizer a estes novos assistentes para tentarem encarar tudo aquilo como um encontro entre amigos, os amigos que tinham partido e os amigos deste lado.

Dizia-lhes para falarem com naturalidade se lhes dirigissem a palavra, mas para não revelarem evidências, e eles prometiam sempre fazê-lo; na verdade, pareciam agastados por eu achar necessário incitá-los a uma linha de conduta tão óbvia; mas assim que a sessão começava, pareciam acometidos de uma espécie de paralisia mental, que travava toda a sessão, não só para eles, mas o que era ainda mais irritante, para nós também. Acho que a maioria das pessoas deveria passar por um curso de instrução antes de participar numa sessão de qualquer tipo, mas especialmente do género físico.

Durante os anos recentes há muitas instituições, tais como a *London Spiritualist Alliance*, o *British College of Psychic Science*, a *W. T. Stead Borderland Library*, onde são dadas palestras e realizadas turmas, com o propósito expresso de preparar os pretensos assistentes, para que possam aprender como comportar-se nas sessões e extrair o melhor delas. Este sistema de preparação é uma coisa excelente em mais do que um sentido, porque um certo número de pessoas mete na cabeça que gostava de assistir a uma sessão simplesmente porque leu sobre uma, ou a Sra. Ciclana lhes falou dos resultados notáveis que obteve com aquela médium maravilhosa, a Sra. Fulana.

É por vezes com o desejo de obter uma nova experiência, uma nova emoção, ou simplesmente por curiosidade, que este tipo de pessoa se aproxima do assunto, e devo admitir que, de vez em quando, deram excelentes assistentes e aplicaram-se a um estudo sério das matérias psíquicas depois de terem tido uma ou duas sessões bem-sucedidas. Alguns deles tornaram-se membros muito úteis e prestáveis do movimento Espiritualista, mas têm sido raros e isolados.

A maioria destes investigadores ocasionais fica muitas vezes muito desapontada com os resultados das suas sessões, já que raramente trazem as condições corretas para a sala de sessões, porque a sua atitude mental não é a correta.

A sinceridade de propósito é a única coisa que conta mais do que tudo num assistente. Os Guias pressentem a sinceridade e apreciam-na. O cético sincero dá melhor assistente do que a pessoa crédula e fútil, desde que ele reconheça que existem certas condições para as quais tem de dar margem, tal como faria se estivesse a investigar em qualquer campo comum de pesquisa material. Nada sei sobre química, mas sinto-me segura de que uma pessoa inexperiente não seria convidada para entrar num laboratório e ter autorização para fazer o que bem entendesse com tudo o que ali encontrasse, e, por outro lado, ela própria não esperaria que tal lhe fosse permitido.

Teria medo das consequências, no entanto pensa que tem o direito de entrar no campo complexo e, até agora, pouco compreendido, da pesquisa psíquica, e entrar na sala de sessões (que é o laboratório do Espiritualismo) ao calha, e impor as suas próprias

condições independentemente daquelas estipuladas pelas pessoas que investigam pacientemente o assunto há anos.

O assistente torna-se uma parte quase — talvez mesmo — tão importante de uma sessão como o médium, que provavelmente passou vários anos a desenvolver-se e a preparar-se, ao passo que em muitos casos o assistente «aparece por lá» sem qualquer preparação. Contudo, está a processar-se uma mudança e toda a gente reconhece a necessidade de melhor instrução nestas matérias; isto conduzirá a um padrão mais elevado de mediunidade e a resultados mais satisfatórios em geral.

A controvérsia a respeito dos fenómenos físicos torna-se acesa e tempestuosa por vezes. Tão pouco explorámos e compreendemos as condições, as dificuldades e as possibilidades no passado, que agora nem sempre sabemos como julgar os resultados. Alguns fenómenos excelentes e genuínos são muitas vezes condenados como sendo fraudulentos devido a algum incidente incompreensível que ocorre numa sessão, e outras vezes o maior absurdo completo e resultados obviamente espúrios são aclamados como «maravilhosos».

O desfecho de todas aquelas sessões tão interessantes na minha própria casa foi convencer-me de que era uma responsabilidade demasiado grande para eu dar conta, em acréscimo ao meu próprio trabalho psíquico, pelo que os meus amigos continuaram o seu desenvolvimento à margem de mim, sendo a esposa ajudada por um corpo responsável de Espiritualistas que reconheceram a qualidade notável da sua mediunidade e fizeram o seu melhor para a auxiliar a desenvolvê-la em moldes úteis.

CAPÍTULO XXXIII

UMA RATOEIRA CONTRA MIM PRÓPRIA

SENTI de facto muito a falta das sessões, mas a Feda continuava a assegurar-me de que era pelo melhor, e o meu senso comum dizia-me que eu não podia ter continuado indefinidamente a despender tanto tempo e energia apenas no lado psíquico da vida, e surgiram bastantes outros interesses e deveres que eram importantes, mas muitas vezes

desejei poder ver o «Ab» novamente, ou ouvi-lo cantar, ou os seus pés calçados com sandálias a fazerem a sua dança solene e compassada.

Uma noite — era o início do inverno — fui para a cama e, sentindo-me bastante desperta, comecei a ler. Imaginem a minha alegria quando subitamente me apercebi de que havia um som ténue, mas inequívoco, sugestivo de pés a arrastar no tapete, perto da minha cama. Não me movi por medo de perturbar quaisquer condições psíquicas delicadas que pudessem ter sido cuidadosamente construídas a fim de produzir alguma manifestação para mim. O meu marido estava profundamente adormecido, como de costume, pelo que sussurrei suavemente: «Estou a ouvir-te, quem quer que sejas, por favor, por favor continua».

De acordo com o meu desejo, pareceu que o som se tornou gradualmente mais alto, até eu ficar perfeitamente certa de que não era a minha imaginação, mas sim um som real, tão alto como o que tínhamos tido na sessão quando o Abdullah esfregava os pés no chão, acompanhando o ritmo da música. Continuou por cerca de meia hora, depois tornou-se mais ténue e cessou. Não disse nada ao meu marido, pois senti que ele poderia querer ficar acordado e escutar também, o que poderia alterar as condições ao trazer demasiada concentração sobre este novo desenvolvimento de uma antiga e favorita manifestação, dado que eu esperava imenso que os sons fossem produzidos pelo Abdullah, embora, por enquanto, fosse apenas uma suposição da minha parte.

Na noite seguinte, levei novamente o meu livro comigo para a cama. O meu marido adormeceu. Fiquei deitada de costas, com os olhos na página aberta, tentando ler calmamente de modo a manter uma condição passiva.

Após alguns minutos, ouvi um som ligeiro, e depois o arrastar inequívoco começou. Notei que havia pequenas pausas entre o som de *flic-flac*, *flic-flac*, e perguntei-me se seria possível a quem quer que estivesse a produzir o som regulá-lo e responder a perguntas simples fazendo o som de *flic-flac* três vezes seguidas para o «Sim» e uma vez para o «Não», como a Feda costumava fazer com as campainhas e com o balanço da mesa. Falando muito baixinho, para não acordar o

meu marido, fiz a pergunta acima e recebi imediatamente três *flic-flacs* distintos em resposta. Perguntei então se era a Feda a manifestar-se (embora de algum modo achasse que não era), e a resposta foi um único *flic-flac*, que considereei significar «Não».

Depois disse: «É o Abdullah?», e ouvi logo três *flic-flacs*. Fiquei de facto muito contente e, embora possa parecer uma conversa um tanto restrita quando está limitada apenas a «Sim» e «Não» de um dos lados, ainda assim deliciou-me mais do que vos posso dizer o pensamento de que o meu velho amigo, o Abdullah, não se tinha esquecido de mim e tinha pressentido o meu desejo de um sinal da sua parte.

Disse: «Oh, Ab, tenho tido muitas saudades de te ouvir».

«*Flic-flac, flic-flac, flic-flac*», diz o «Ab».

«Achas que vais ser capaz de desenvolver este som em moldes mais definidos, Ab?»

«*Flic-flac, flic-flac, flic-flac*» — muito clara e decididamente. «Isto não te apoquenta nem te perturba, fazer isto, pois não?»

Um forte e único «*flic-flac*» indicando «Não». «Ah, não quero fazer nada que estorve a tua progressão. Não venhas ter comigo se isso te estorvar».

A resposta foi um tanto indefinida.

«Seja como for, Ab, tu sabes o quanto aprecio o trabalho que tiveste para vir ver-me, não sabes?»

«*Flic-flac, flic-flac, flic-flac*» — muito alto.

Disse muito mais coisas, e os *flic-flacs* surgiam nos seus grupos de três e de um com assombrosa exatidão e precisão, desvanecendo-se novamente no espaço de cerca de meia hora, tal como na noite anterior.

Bem, na noite seguinte a manifestação começou de novo exatamente da mesma maneira. Assumi a minha parte na conversa acolhendo o «Ab», mas após ter feito algumas observações amáveis e apropriadas, comecei a sentir-me um tanto «encravada» quanto a

arranjar mais perguntas inteligentes que pudessem ser respondidas por um mero Sim ou Não.

Apoderou-se de mim o desejo de saber onde o «Ab» estava de pé e o local exato onde ele estava a esfregar os pés, pelo que perguntei: «Estás de pé perto da cama, Ab?»

(Flic-flac, flic-flac, flic-flac.)

«Ou perto da mesa?» (Apenas um «*flic-flac*».)

«Ou perto do varão das toalhas?» *(Flic-flac, flic-flac, flic-flac.)*

Ora, o varão das toalhas não ficava perto da cama, pelo que fiquei um pouco intrigada com esta resposta e disse: «Talvez não saibas o que é um varão de toalhas, Ab — estás perto do armário?»

(Flic-flac, flic-flac, flic-flac.)

Isto era mais confuso do que nunca, já que o armário ficava ainda mais longe da cama do que o varão das toalhas. «Ab», disse eu, «não acho que a tua ideia de distância seja muito rigorosa».

(Flic-flac, flic-flac, flic-flac — num protesto rápido do «Ab».)
Aqui senti que tinha simplesmente de resolver a questão por mim própria, e perguntei-me se conseguiria localizar melhor o som saindo da cama. Assim fiz e ouvi o som, um tanto mais fraco do que antes, a provir de algum ponto perto dos pés da cama. Saí calmamente da cama e podem imaginar os meus sentimentos quando descobri que tinha colocado a minha botija de água quente de faiança no chão, imediatamente após me ter metido na cama, e que a tampa de rosca estava um tanto frouxa, fazendo com que o vapor escapasse numa sucessão de sons de *flic-flac* extremamente convincentes!

Oh, o desapontamento e o nojo pela minha própria credulidade e falta de cautela ao investigar a causa do «fenómeno»! Como estávamos no início do inverno, eu só tinha começado a usar a botija de água quente há escassas noites, e a manifestação tinha começado nessa mesma noite. Acho que dei um pontapé na botija de água quente antes de me meter na cama outra vez! Contudo, o meu sentido do ridículo superou o meu desapontamento e decidi encarar o incidente

como uma lição necessária para não aceitar cada som desacostumado como um sinal do outro mundo.

Há um número considerável de pessoas que têm inclinação para o fazer, e fiquei maravilhada ao ouvir uma mulher, aparentemente sensata e pragmática, observar, quando lhe contei os detalhes precedentes como uma ratoeira contra mim própria: «Oh, querida Sra. Leonard, tenho a certeza de que estava redondamente enganada ao pensar que era apenas a botija de água quente. Tenho a certeza de que era o Abdullah a manipular a rosca da botija de uma maneira extremamente hábil e engenhosa a fim de comunicar consigo. Ele moveu a rosca três vezes ou uma, de acordo com a resposta que lhe queria dar».

Bem, pode ter sido assim. Pode, mas não é o tipo de fenómeno que apele à inteligência do homem ou da mulher comum que deseja evidências da realidade de um mundo espiritual. Pelo menos, essa é a minha opinião.

Os fenómenos físicos apelam-me mais quando revelam a presença de uma entidade espiritual inteligente por trás deles. Quando se vê pela primeira vez um movimento definido de um objeto alcançado por meios sobrenaturais (e por sobrenatural, concluo que queremos dizer «algo que ultrapassa ou excede os poderes ou leis da natureza», para usar a definição do dicionário para a palavra), a pessoa fica certamente arrepiada de emoção, mesmo que seja apenas a elevação de uma pequena mesa, como ocorreu na primeira sessão de materialização a que assisti.

Aquilo a que hoje se chama sobrenatural provavelmente chamar-se-á natural amanhã, tal como o uso do vapor para as locomotivas e as «carruagens sem cavalos», para citar a Mãe Shipton. O fenómeno simples da mesa e a materialização mais complexa e difícil são todos realizados através do uso de um poder natural que atualmente não conseguimos localizar, pesar ou medir à nossa vontade e, o que é ainda mais importante, não conseguimos comandar. Penso que esta última dificuldade possa dever-se ao facto de não estarmos a produzir o fenómeno por nossa própria vontade. Temos de confiar no operador invisível — os auxiliares desencarnados — para manipular o poder

que nós fornecemos. Sinto-me segura de que isto se aplica a todos os fenómenos físicos e mentais. Se fornecermos o poder e as condições corretas, o outro lado fará uso deles de uma maneira útil e evidente, se lhes dermos tempo para o fazer. Pela minha longa e variada experiência, estou certa de que há sempre um número de boas e inteligentes pessoas espirituais à espera ansiosamente que alguém na terra lhes dê a oportunidade de revelarem a sua existência. É tudo uma questão de cooperação entre as duas condições, a espiritual e a terrena.

Quando as pessoas dizem, «É errado evocar espíritos», ou «Não os devemos trazer de volta — é mau para eles», torna-se evidente que não têm qualquer experiência prática nesta matéria, senão saberiam que nenhuma quantidade de «evocações» teria qualquer efeito a menos que aqueles que já partiram estejam dispostos, aliás mais do que dispostos, a comunicar, e mesmo assim temos de trabalhar e estudar arduamente de modo a fornecer as condições corretas, conforme penso ter-vos mostrado através das minhas investigações e das de outrem.

Não — estabelecer comunicação com o Outro Lado não é tarefa fácil, e não será fácil até que nós, na terra, estejamos a viver vidas espirituais mais elevadas, de modo a estarmos espiritual e mentalmente mais sintonizados com aqueles que já partiram. Devo admitir que conheci alguns casos isolados em que pessoas de pouco ou nenhum desenvolvimento espiritual contactaram o Outro Lado e desenvolveram poderes psíquicos de certa espécie, e por um tempo limitado, mas isso não durou. Assim que o Outro Lado percebe que a pessoa na terra, após uma oportunidade justa, não se esforça por progredir em virtude do seu novo conhecimento e do privilégio do intercurso com o Mundo Espiritual, eles retiram-se gradualmente da comunicação de tipo definido e pessoal, embora continuem a vigiar, a rezar e a rodear o faltoso com pensamentos amorosos.

CAPÍTULO XXXIV

COMO «ELES» NOS AJUDAM EM MOMENTOS DE AFLIÇÃO

Quantos milhares de pessoas poderiam, se assim o entendessem, dar relatos das muitas maneiras pelas quais os seus amigos espirituais planejaram e organizaram coisas para seu benefício em momentos de dificuldade?

Um exemplo do género aconteceu-me em dezembro de 1924. O meu marido tinha sentido sempre o advento do inverno, e especialmente do nevoeiro perto de Londres, de forma muito severa. Nessa altura, o seu peito e a sua garganta estavam muito afetados, e a sua condição geral alarmantemente fraca.

Eu não sabia o que fazer, já que tínhamos tido despesas muito pesadas em ligação com outras pessoas a quem fora um dever ajudar, e o único remédio evidente para o meu marido era levá-lo para o ar do mar, que o ajuda sempre. Como conseguir isto, não conseguia imaginar. Os hotéis e as pensões são caros e muitas vezes demasiado frios para um doente, e a dieta correta é difícil de obter. Uns escassos dias fora seriam inúteis; implicava um mês, no mínimo, para surtir efeito.

Uma tarde, tinha acabado de dar uma sessão. Estávamos sozinhos em casa, pois eu só tinha uma «ajuda» diária para o trabalho mais pesado por uma hora ou pouco mais pela manhã, a fim de que não se causasse nenhum barulho que pudesse interferir com as minhas sessões.

Sentindo-me cansada e ansiosa, fui para a sala de jantar, peguei na minha cadelinha, a Ching, e, carregando-a nos braços, subi as escadas com o corpo e a mente invulgarmente fatigados. Entrei calmamente no quarto do meu marido e vi que ele estava profundamente adormecido, pelo que fiquei junto à cabeceira da cama a olhar para ele. Ele parecia macilento e pálido.

Na minha mente estava o pensamento: «É errado estar ansiosa com o que quer que seja, mas oh, como eu gostava de saber o que é correto fazer. Será correto cancelar todos os meus compromissos, desapontando assim muitas pessoas que poderão elas próprias estar em maior aflição do que a minha, e incorrendo também em pesadas despesas ao levar o meu marido para fora, e, além disso, para onde o poderia levar?»

Não tinha a menor ideia.

À medida que estes pensamentos me passavam pela mente, notei que a minha cadela (que continuava nos meus braços) virava a cabeça para um dos lados para observar alguma coisa.

Do meu lado direito, perto da cama, estava uma mesa. Sobre a mesa estava uma toalha branca bastante pesada, que media cerca de 3 pés quadrados. Vi que era para essa toalha que a minha cadela olhava com tanta atenção, pelo que olhei também e vi que a toalha começava a elevar-se da mesa, exatamente como se alguém tivesse pegado num bastão ou num atizador e o tivesse introduzido por baixo da toalha, de modo a que a ponta do bastão ficasse no centro, erguendo assim a toalha no formato exato de uma tenda. A toalha foi erguida de forma muito calma e uniforme até as extremidades quase, mas não totalmente, exporem o tampo da mesa. Depois foi descida novamente com a mesma regularidade, até ficar tão plana como antes, sem um vinco ou sinal do «toque».

Fiquei estupefacta, mas antes que tivesse tempo de começar a perguntar-me o que aquilo significava, recebi mentalmente uma mensagem inteiramente inesperada, tão claramente como se as palavras me estivessem a ser gritadas. Era no sentido de que, naquele preciso momento, algo estava a ser feito que resolveria o meu problema e as minhas dificuldades em relação ao meu marido, e a questão de um lugar adequado para ele. O meu sentimento de preocupação dissipou-se instantaneamente, como uma nuvem a desaparecer. Senti-me reanimada e cheia de esperança outra vez. Não me perguntei de que fonte viria a ajuda.

Apenas sabia que viria e que, se esperasse um bocadinho, compreenderia. Na manhã seguinte, chegou uma carta da Sra. Vale Owen, esposa do Rev. Vale Owen, com quem eu só me tinha encontrado uma ou duas vezes, mas a quem tinha escrito um par de dias antes dizendo que tinha pena de não ser possível organizar um encontro como tínhamos esperado fazer, já que o meu marido não estava bem, mas que escreveria novamente mais tarde quando ele estivesse melhor. A referência ao meu marido era apenas ligeira, pois eu não queria apoquentar as pessoas com os nossos problemas.

Assim que abri a carta da Sra. Vale Owen, soube que era a solução para as minhas dificuldades que me tinha sido prometida. Após expressar simpatia pelo mal-estar do meu marido, a Sra. Vale Owen escreveu: «Acabámos de ter a visita de um Sr. Alfred Morris, que a senhora nunca conheceu. Ele veio tomar o chá esta tarde e falámos de si. Senti-me fortemente impelida a ler-lhe a sua carta, embora não soubesse porquê, a não ser pelo facto de ele ter dito que estava interessado no seu trabalho, e quando li a parte que referia que o seu marido não estava bem, o Sr. Morris mencionou que tinha uma deliciosa casa mobilada vaga na sua propriedade privada junto ao mar, e pediu-me para lhe escrever e perguntar se gostaria que lha emprestássemos por algumas semanas ou mais?»

A Sra. Vale Owen enviou-me várias fotografias da casa, na qual ela e a sua família tinham ficado hospedadas durante algum tempo, e era de facto um lugar extremamente encantador e atraente, situado nuns terrenos pitorescos como raramente se veem tão perto do mar.

Fiquei cheia de gratidão, pois sabia que os nossos amigos invisíveis tinham providenciado tudo aquilo. O resumo da história é que fizemos lá uma visita de mais de um mês, o meu marido recuperou a saúde e isso formou a base de uma amizade extremamente feliz e prestável que ainda continua, e muitos outros elos importantes foram formados através desta visita maravilhosamente organizada.

Ao comparar notas com o Sr. Morris, verifiquei que a sua generosa oferta da casa foi feita à Sra. Vale Owen aproximadamente na mesma altura em que vi a toalha elevar-se da mesa e recebi a clara mensagem mental de que a ajuda estava a caminho para a minha dificuldade.

Este é apenas um exemplo entre muitos que eu poderia citar como indicação do cuidado amoroso com que somos rodeados por amigos no mundo invisível. Mas há uma coisa que a pessoa não deve fazer, e que é exigir, ou sequer esperar, ajuda dos nossos amigos espirituais nas coisas materiais da vida. A pessoa deve fazer o seu melhor, não importa quantas dificuldades ou quão pesado seja o fardo, tanto quanto for espiritual, mental e fisicamente capaz. Quando se

chega ao ponto em que se está, pelos vistos, impotente para fazer mais, então os nossos auxiliares invisíveis intervêm e dão uma mão.

Há alturas em que temos de passar por severos desgostos e problemas a fim de aprendermos uma lição que não conseguimos, ou nos mostrámos incapazes de, aprender de outra maneira. Então, até aqueles que mais nos amam «Do Outro Lado» têm de se manter à margem e ver-nos «passar por isso». Mesmo assim, não estamos sozinhos; os seus pensamentos de amor e simpatia devem ajudar-nos e ajudam-nos de facto, mesmo quando estamos a cambalear e a tropeçar cegamente através da dor e da dificuldade que poderão ser os únicos meios de nos fortalecer e purificar.

Deixa o teu ouro ser lançado na fornalha,
O teu ouro vermelho precioso e brilhante;
Não temas o fogo faminto,
Com as suas cavernas de luz ardente;
Pois o ouro tem de ser provado pelo fogo,
Como um coração tem de ser provado pela dor.

A. A. PROCTER.

Por vezes, quando as pessoas iniciam um curso de estudo psíquico com o objetivo de desenvolverem os seus próprios poderes, descobrem que são severamente provadas por reveses de natureza material, ou por sofrimento sob alguma forma, e sentem inclinação para se ressentirem disso. As palavras de C. H. Spurgeon:

«O Senhor obtém os seus melhores soldados das terras altas da aflição», aplicar-se-iam a elas. Algumas pessoas parecem passar por isso de forma mais leve do que outras, mas penso que todas são provadas de acordo com a sua medida e capacidade.

CAPÍTULO XXXV

ALGUNS FENÓMENOS MARAVILHOSOS

HOUVE uma altura em que eu teria dado tudo para ter sido capaz de desenvolver a mediunidade física em vez da mental. Talvez fosse porque a minha mente muito prática exigia provas tão concretas antes de eu própria ficar convencida das verdades do Espiritualismo que me dava a ideia de que as outras pessoas teriam maior probabilidade de acreditar em algo que pudessem objetivamente ver, ouvir e manusear por si mesmas.

Agora, olhando para trás, estou contente por os Guias me terem aconselhado a desenvolver apenas a mediunidade mental, porque estou segura, por diferentes experiências e pelo que nos tem sido dito pelos nossos auxiliares espirituais, de que eles próprios se sentem por vezes «desorientados» nas nossas condições físicas, que já não são as deles, e com as quais só conseguem contactar e nas quais só conseguem funcionar em certas alturas e sob certas condições. Quais sejam estas condições, nem nós próprios sabemos sempre, mas parecem ser muito difíceis de regular.

Também penso que há algumas pessoas «Do Outro Lado» que são adequadas para as vibrações mentais da terra, e outras que conseguem contactar também com as físicas. Tenho notado que dois tipos de pessoas inteiramente diferentes participam numa única manifestação, como se um grupo ficasse encarregue do lado intelectual ou mental da operação, e o outro grupo se aplicasse à parte física ou material.

Quando a minha cadelinha, a Ching, partiu, fui levada durante o sono para a ver. Ela parecia estar a levar uma vida canina comum no Mundo Espiritual e a estar feliz. A primeira vez que a vi, ela ficou um tanto intrigada por eu ter de a deixar novamente e olhou como se gostasse de correr atrás de mim, mas sabendo que não o devia fazer.

Fiquei contente por a ter visto no seu novo lar, mas pensei que gostava de a ver ocasionalmente na minha casa terrena. Enviei o pensamento, de forma bastante forte talvez, de que me poderia ser permitida uma visita da sua parte. Por norma, não peço nenhuma manifestação em particular, especialmente após a minha experiência com a visita do «Ab» e vários outros acontecimentos.

Uma manhã, cedo, fui acordada por algo que parecia uma bola pesada a saltitar na minha cama. Estava ainda meio ensonada e tolamente gritei com uma voz agastada: «Cai fora, cai fora». Não sei o que me fez gritar desta maneira, a não ser o facto de estar sobressaltada e de ter uma vaga ideia de que estava a desfrutar plenamente de um sono extra profundo, do qual tinha sido rudemente acordada por este bater persistente que se vinha a prolongar, creio eu, por alguns minutos antes de me dar conta do que era aquilo que me estava a perturbar.

Assim que gritei, vi uma figura — se era um homem ou uma mulher não conseguia distinguir na luz muito ténue que vinha através do estore — passar entre a cama do meu marido e a minha, inclinar-se e pegar no objeto infrator da minha cama. O espaço entre as nossas duas camas era inferior a um pé, e senti o impacto de um corpo sólido enquanto a figura se espremia pelo meio.

A figura recolheu o objeto nos seus braços e correu literalmente através do quarto em direção à porta.

Gargarejos de protesto, fungadelas e roncos a provirem de tudo o que tinha sido recolhido fizeram-me perceber, demasiado tarde, que a minha cadelinha me tinha sido trazida e colocada na minha cama, e que ela estivera a dançar em cima de mim, tentando propositadamente acordar-me, como fazia sempre todas as manhãs quando vivia aqui na terra connosco. Chamei mentalmente,

«Volta», mas era evidentemente demasiado tarde. Eu tinha repellido, ou interferido com algo através do meu incómodo e aversão.

Ora, a parte extraordinária foi esta. Observei a figura humana a apressar-se em direção à porta e ali ficar parada por um segundo ou dois como que à espera que a porta se abrisse. No lado de dentro da porta há uma corrente, e também uma fechadura, e ambas são mantidas presas e rodadas à noite. Ouvi distintamente a corrente a ser puxada do seu encaixe e depois a chave a rodar na fechadura, não pela figura materializada, mas por uma mão invisível. A porta abriu-se o suficiente para permitir que a figura passasse para fora, a corrente foi recolocada e a chave rodada novamente. Ouvi os passos descenderem as escadas e depois aconteceu a mesma coisa com os ferrolhos e a chave

da porta exterior. Foram puxados e rodados, a porta abriu-se, fechou-se novamente de forma bastante audível, e os ferrolhos correram e a chave rodou.

Soube mais tarde, através da Feda, que ela e alguns dos seus amigos tinham pensado agradar-me concedendo-me o desejo de uma visita da Ching, a minha cadela, e que duas pessoas se tinham voluntariado para a experiência: uma que estava habituada a entrar no estado físico e, portanto, a materializar-se de uma forma substancial, e a outra, uma pessoa que apenas conseguia manipular certas condições e objetos materiais, mas não conseguia usar o poder de modo a construir o seu corpo de forma suficientemente sólida para ser visível.

Foi esta segunda pessoa que «ficou de vigia» e puxou os ferrolhos, etc., e abriu as portas, porque a primeira pessoa tinha assumido as condições físicas de forma demasiado forte para ser capaz de passar através da matéria. Na verdade, por enquanto e para todos os efeitos, uma materialização torna-se parte daquilo a que chamamos matéria. Mais tarde, o material materializado tem de ser desprendido, e isto nem sempre se consegue fazer num segundo ou dois.

O espírito totalmente materializado pressentiu o meu nervosismo e incómodo. Isso evidentemente reagiu de forma desfavorável nele. Ele queria sair da minha presença a fim de se despojar do seu «invólucro» físico temporário e recuperar a sua própria condição.

Compreendo agora como devemos estar sempre bem equilibrados e ponderados na presença de fenómenos, especialmente do tipo físico, já que indubitavelmente carregamos a atmosfera em redor de nós com os nossos pensamentos e sentimentos, e isto produz o que podem ser condições construtivas ou destrutivas para os operadores espirituais.

Quando o último som se desvaneceu, fiquei acordada, desejando ter estado mais preparada para os meus visitantes espirituais e ter-lhes dado as boas-vindas. Perguntei-me de onde teria sido retirado o poder para construir um corpo tão sólido como o que se aproximou da minha cama. Desde a altura em que o Abdullah me fizera a sua única visita noturna que eu não via uma materialização tão completa sob condições comuns na minha própria casa.

A manhã chegou e o meu marido acordou, muito lentamente, com um ror de espreguiçamentos e bocejos. Esperei até que ele estivesse razoavelmente bem acordado antes de lhe contar a minha experiência, mas antes que o pudesse fazer, ele disse: «Ouve lá, tive um tempo extraordinário. Não foi como um sonho, foi demasiado real. Parecia estar neste quarto, mas havia Guias em redor de mim, e eles estavam a extrair poder de mim e a usar-me como um médium de materialização».

Ele devia estar num estado de semitranscendência a fim de ter sabido algo do que estava a acontecer. Lembrei-me de que, enquanto a figura estava no quarto, ouvi o meu marido a respirar de forma muito pesada. Isto acontece sempre se os Guias recorrem a ele para obter poder, e eu fiquei um tanto ansiosa quanto a se ele sentiria o cansaço desta última experiência, e observei-o com muito cuidado durante um dia ou dois, mas não notei nenhuma consequência má.

Os Guias pareceram pressentir a minha ansiedade e não usam o seu poder desta maneira agora, já que é melhor para ele usar todo o que tem para a edificação da sua saúde física, que não é muito robusta no melhor dos tempos.

Fazendo um balanço dos últimos anos, senti que tinha tido a minha justa quota de fenómenos físicos, tanto com um médium totalmente treinado sob as condições habituais da sala de sessões, como também na minha própria casa, estando presentes apenas o meu marido e eu própria. Foram todas experiências úteis, e extremamente valiosas para nos mostrarem como os Guias se conseguem adaptar às condições da terra.

Abriram tantas possibilidades, mas senti que agora que sabia o que podia ser feito por essa via, não queria uma repetição constante disso, nem sentia que tivesse qualquer direito de esperar que os meus amigos espirituais estivessem continuamente a contactar o lado material da vida, ou a manipular aquelas condições tão físicas meramente de modo a demonstrarem a sua capacidade para o fazer. Sabia que o podiam fazer, e isso era suficiente; por conseguinte, pedi-lhes para se concentrarem em ajudar-me no lado mental, para que eu me pudesse tornar mais receptiva aos seus pensamentos e desejos.

Sabia que eles tinham planos definidos para ajudarem as pessoas na terra, não apenas para o conhecimento do outro mundo, mas também para a tarefa muito importante de se prepararem para ele, e de se capacitarem para as condições por lá.

CAPÍTULO XXXVI

COMO DESENVOLVER AS SUAS FACULDADES PSÍQUICAS

Tantos e tão excelentes livros têm sido escritos sobre o tema do desenvolvimento dos vossos dons psíquicos que pareceria haver pouco ou nada a acrescentar sobre a matéria, mas um grande número de pessoas, na sua maioria desconhecidas, escreve-me e pede o meu conselho pessoal sobre o assunto. Posso aconselhá-las sobre a melhor forma de dirigir um círculo para Voz Direta — ou como fazer escrita automática, ou ver por clarividência?

Na verdade, fazem cento e uma perguntas, e é muito difícil aconselhar alguém sobre a melhor maneira de desenvolver qualquer uma destas formas de mediunidade, a menos que se conheçam as pessoas, a sua saúde, mentalidade e condições gerais e ambiente. Há muitos casos em que se desencorajariam os pretensos médiuns se os conhecêssemos pessoalmente, pelo que os encaminho sempre para alguma Instituição bem conhecida onde se realizam turmas para o efeito, e onde os candidatos serão entrevistados por alguma pessoa responsável e experiente, que verificará as suas qualificações e a conveniência de os incentivar a fazerem sessões para isso, tal como faríamos se pretendêssemos desenvolver qualquer outro dom, como a música, a pintura, a oratória, etc.

Depois, sopesem o custo, em tempo, concentração e, acima de tudo, lembrem-se de que está envolvida uma certa quantidade de sacrifício se quisermos fazer um trabalho de primeira classe como psíquicos, não apenas por um curto período, mas para sermos capazes de continuar a trabalhar, ano após ano, mantendo a qualidade da nossa mediunidade.

Mas poder-se-á dizer: «Eu não quero realmente aprofundar-me nisso e dar a minha vida a isso. Quero apenas desenvolver um pouco de poder, o suficiente para me permitir ver os nossos amigos espirituais ocasionalmente. Não quero dedicar a minha vida a isso.»

Bem, se é tudo o que querem, e se decidiram parar precisamente nesse ponto, podem ainda assim seguir o conselho traçado nas páginas seguintes, mas constatarão que é muito difícil estabelecer limites quanto ao que querem ou não fazer. Os operadores espirituais que se reunirão em redor de vós a fim de ajudarem no vosso desenvolvimento (e não o conseguem fazer «totalmente por vossa conta», sabem?), estão ansiosos por abrir os olhos de toda a gente na terra para a beleza e a realidade do Mundo Espiritual. Dizem-nos continuamente que anseiam por espalhar este conhecimento da Vida do Além, e uma grande alegria é deles quando encontram no corpo físico alguma pessoa disposta e zelosa que queira cooperar com eles para este objetivo. Que melhor trabalho poderia haver do que demonstrar a existência deste Outro Mundo aos desesperançados, aos tristes e aos fatigados?

Possa eu alcançar

Aquele Céu mais puro — ser para outras almas

O cálice de força em alguma grande agonia,

Acender um ardor generoso — alimentar o amor puro,

Gerar os sorrisos que não contêm crueldade —

Assim me juntarei ao coro invisível,

Cuja música é a alegria do mundo.

G. ELIOT.

Será que estas palavras não vos apelam, não acendem em vós o desejo de vos tornardes «um cálice de força» para algum pobre irmão ou irmã que está vergado pela dor? E que forma mais eficaz pode haver do que dando-lhe a certeza de um outro mundo onde se reunirá novamente com aqueles que «amou há muito tempo e perdeu por um momento»?

Não quero dizer que devam todos ambicionar tornar-se médiuns profissionais, embora espere que esteja a romper o dia em que um maior número de pessoas se qualificará para as fileiras profissionais da mediunidade, e nelas ingressará, tornando-se assim acessível aos investigadores genuínos, especialmente às pessoas enlutadas.

Muitas pessoas desejam preservar o seu estatuto de amadores e, tal como a lei se apresenta atualmente (pela qual qualquer pessoa que siga abertamente tal vocação pode ser processada e multada pesadamente, ou até aprisionada), não se pode culpá-las; mas um aspeto da questão, que é o facto de estarem assim a tornar extremamente difícil que desconhecidos e pessoas necessitadas de ajuda psíquica se aproximem delas, provavelmente não lhes passou pela mente.

Nos primeiros tempos do meu desenvolvimento, revoltei-me fortemente contra a ideia da Feda de que eu alguma vez devesse assumir o trabalho num sentido profissional. Foi apenas quando me dei conta de que, ao trabalhar meramente entre os meus amigos e conhecidos, estava a estreitar a esfera da minha atividade, que consenti finalmente em tornar-me médium profissional.

Como seria constrangedor se um clérigo, um médico ou um advogado tivessem escrúpulos em aceitar honorários pelos seus serviços. Daríamos connosco muitas vezes a dizer: «Oh, que chatice, não podemos mesmo pedir ao Dr. Smith para vir outra vez. Ele já cá esteve duas vezes ultimamente. É abusar do seu tempo e da sua generosidade.» Mesmo numa emergência, sentir-nos-íamos tímidos em ocupar o tempo do especialista sem uma contrapartida.

Todas as pessoas profissionais, especialmente os médicos, fazem uma grande quantidade de trabalho de graça. O mesmo fazem os médiuns; vários que conheço pessoalmente fazem tanto trabalho gratuito como pago, mas, tal como os médicos, exercem discrição e, tanto quanto possível, apenas prestam os seus serviços a casos de necessidade.

Contudo, poderá haver circunstâncias na vossa vida que vos impeçam de dedicar todo o vosso tempo e energia à mediunidade. Poderão ter outro trabalho muito importante a fazer em moldes inteiramente diferentes que não podem abandonar, e que é o vosso estrito dever considerar, talvez por amor de outras pessoas ainda mais do que pelo vosso.

Nesse caso, aconselhar-vos-ia a não tentarem o trabalho de «transe». Mantenham-se numa forma de desenvolvimento «normal»,

tal como a escrita automática, a clarividência ou a cura, que provavelmente deveria vir antes de tudo, pois foi o poder acima de todos os outros que o Nosso Senhor usou quando esteve na terra, a fim de demonstrar o poder dos Seus dons espirituais. Sabemos que Ele usou a clarividência e possuiu um poder maravilhoso de materialização, mas, a julgar pelos registos no Novo Testamento, parece que Ele praticou a «imposição de mãos» e a cura, de um modo geral, mais do que qualquer outro tipo de dom psíquico.

Se possível, façam pelo menos uma visita a um psíquico fiável e experiente, a fim de que ele ou ela, ou o Controlo, possam perceber a direção em que o vosso poder psíquico se desenvolverá melhor.

Também é possível que se consigam lembrar de algum incidente de natureza psíquica na vossa vida que fundamente a conclusão alcançada pelo médium.

Por exemplo, um homem que defendia sempre que nunca tivera qualquer evidência (como estas pessoas são categóricas!) que o levasse a supor que possuísse qualquer poder psíquico de qualquer espécie, foi a uma médium, cujo Controlo percebeu imediatamente que ele tinha um forte poder de cura, além do dom do diagnóstico, que é ainda mais raro do que a capacidade de curar. O homem mal conseguia acreditar que fosse verdade, mas o Controlo lembrou-lhe dois ou três casos em que ele tinha sido colocado em contacto com alguém que estava doente, e em que a sua presença tivera um efeito notavelmente benéfico sobre o doente.

Alguns anos antes, tinham-lhe dito que a sua filha estava a morrer de uma doença incurável e que uma operação muito drástica poderia prolongar-lhe a vida, mas haveria apenas a mais ínfima probabilidade de a salvar. Ele sentira uma repulsa profunda perante a ideia da operação e, sem qualquer razão comum para chegar a tal conclusão, disse que «algo lhe dizia, apesar do veredicto unânime dos eminentes médicos, que a sua filha não morreria, mas que recuperaria completamente». Isto tinha realmente acontecido, e o Controlador da médium explicou ao pai como, na sua rebeldia contra o édito dos médicos, ele permanecera na companhia da filha mais do que nunca e projetara todos os seus pensamentos na direção da recuperação dela.

Ele estava realmente a usar o seu poder de cura não descoberto sobre ela, e o contacto físico e mental estreito com ela deu-lhe as condições corretas para o exercer.

Este homem seguiu o conselho do Controlo e leu vários livros sobre o tema da cura, escolheu os métodos que mais lhe apelavam (há muita vantagem em fazer isso!) e seguiu em frente sem se juntar a nenhuma turma, nem receber qualquer tutoria pessoal, exceto pelas poucas dicas que lhe foram dadas pelo Controlo naquela única sessão.

Um outro homem, quando lhe disseram que tinha o dom da clariaudiência, negou-o categoricamente, embora dissesse que estimaria uma tal coisa mais do que tudo no mundo. Quando lhe pediram para pensar cuidadosamente para trás e lembrar-se se não tinha tido alguma evidência disso, disse: «Nem a mínima. Nunca fui psíquico na vida.» A sua esposa interveio aqui, observando calmamente: «Bem, querido, e quanto àquela voz que disseste ter ouvido nas trincheiras, que disseste que parecia a da tua mãe?» «Oh, essa — err — bem — sim. De facto, ouvi uma voz. Disse-me: “Sai desse lugar, meu rapaz, depressa”, e saí, senão teria sido morto no minuto seguinte.»

«Bem», perguntámos todos nós, «não foi isso uma experiência psíquica?»

«Não sei. Não tinha pensado nisso. Não — sim — bem, suponho que, agora que me ponho a pensar nisso, deve ter sido psíquica, mas nunca tinha pensado na coisa dessa maneira antes. Apenas ouvi uma voz que soava como a da Mãe.»

Este homem tomou medidas para desenvolver os seus dons psíquicos. É um homem de negócios extremamente trabalhador, mas desatender o tempo que consegue arranjar para aprender tudo o que pode sobre o tema do poder psíquico abriu as suas sensibilidades e poderes de percepção, e ele diz que é mais bem-sucedido, mais feliz e mais útil para as outras pessoas do que alguma vez fora antes. Os vislumbres muito ocasionais que obtém daqueles que já partiram dão-lhe força acrescida para superar as dificuldades da sua árdua vida material, de forma alegre e corajosa.

Sim, constatarão que um grande número de pessoas teve alguma experiência psíquica definida e nunca a reconheceu como tal. Porquê, não o sabem elas, nem eu; mas apenas podemos pensar que deve ser porque tudo o que é de natureza psíquica tem sido relegado para o caixote do lixo da memória da pessoa, como algo não muito normal, não muito recomendável, pelo que tem sido guardado rapidamente onde ninguém o veja, nem a própria pessoa. Uma jovem viúva que conheci, a quem chamarei Sra. A., tinha uma grande amarra sob a forma de uma parente idosa que dependia dela.

Não havia mais ninguém na família que pudesse ocupar o seu lugar, e ela levou uma existência muito circunscrita e solitária, numa pequena cidade de província, atendendo às necessidades da doente durante muitos anos, até ela própria atingir a meia-idade, altura em que a doente faleceu, deixando à sobrinha muito pouco dinheiro. Felizmente, um ano ou dois antes do falecimento da tia, a sobrinha tinha entrado em contacto com uma médium que viu que ela tinha um excelente poder de clarividência, o qual podia ser desenvolvido calmamente em casa, e deu-lhe algumas instruções simples, que repetirei num capítulo posterior. A Sra. A. executou-as, mas apenas progrediu lentamente. A médium visitou a cidade novamente vários meses mais tarde e disse-lhe que ela seria ajudada no seu desenvolvimento ao conhecer algumas pessoas que estavam interessadas no mesmo assunto e eram vizinhas, na medida em que calhava viverem a apenas uma curta distância.

O encontro prometido deu-se de uma forma aparentemente accidental.

Muito depois, a minha amiga soube pelos seus Guias do trabalho infinito que tinham tido para a colocar em contacto com estas pessoas, que demonstraram ser a maior ajuda para ela, primeiramente por falarem com ela sobre o seu desenvolvimento de uma maneira simpática e, em segundo lugar, por lhe permitirem praticar a sua clarividência um tanto elementar com elas tantas vezes quantas se sentisse impelida a fazê-lo. Isto foi uma grande ajuda, mas o encontro poderia ter ocorrido algum tempo antes, e ter-se-ia poupado um tempo precioso, porque na primeira sessão a médium tinha aconselhado a minha amiga a frequentar a Igreja Espiritualista local, que ela, a

médium, visitava nessa mesma semana para trabalho de propaganda, discursando na reunião de domingo à noite que ali se realizava regularmente. Tais reuniões realizam-se há muitos anos, em quase todas as cidades, grandes ou pequenas, em Inglaterra, no País de Gales e na Escócia, bastando que a pessoa se dê ao trabalho de as descobrir.

Ora, a Sra. A. tinha tomado medidas para encontrar o local de reunião, mas limitou-se a ir lá e a olhar para ele a partir da esquina da ruazinha um tanto suja onde se situava. Calhou ver o carteiro local e a sua esposa, e mais alguns membros da congregação cujo estatuto social ela adivinhou ser até inferior ao do carteiro, a entrar no edifício, e ela voltou prontamente a caminhar para casa!

Tenho constatado frequentemente que existe este lamentável sentimento de esnobismo, o qual se mascara sob a capa de uma superioridade intelectual. Várias pessoas já me disseram: «Sim, sei que há uma Igreja Espiritualista nessa e naquela cidade onde vivo, e ouvi dizer que há um excelente círculo de desenvolvimento realizado em ligação com ela, mas minha querida, devia ver o lugar e devia ver as pessoas — terrível demais para palavras. É simplesmente impossível; choca a pessoa, sabe?»

Sim, muitas coisas podem chocar a pessoa, se ela deixar, mas nesta matéria, como noutras, tem de se pegar nos melhores meios à mão e fazer o melhor uso deles.

Para regressar à Sra. A., os Guias eram muito compreensivos e viram que esta mulher em particular era meramente uma escrava das convenções e dos costumes, pelo que esperaram, e depois colocaram-na em contacto com estas outras pessoas que eram, conforme ela diria, da «sua própria classe», mas que frequentavam a mesmíssima igreja que ela desprezava, desde que esta abrisse!

Naturalmente, há algo a dizer a favor desta ideia do «ambiente». Quem não se sente mais feliz num ambiente agradável, com pessoas refinadas e cultas ao seu redor? Provavelmente, a pessoa consegue realizar tudo mais facilmente sob condições fáceis, mas não poderá o desenvolvimento que é alcançado através de um esforço árduo e persistente, e apesar das, e não por causa das, condições materiais, ser o de crescimento mais belo e forte no final?

Por favor, não me julguem egotista se me referir apenas ao facto de o meu próprio desenvolvimento ter ocorrido sob o que a Sra. A. teria chamado de condições «impossíveis», rodeada por pessoas impossíveis, em locais decadentes e até sujos, com pessoas a falar sobre todo o tipo de assuntos, até a discutir, a escassas jardas da sala em que tínhamos de nos desenvolver, mas fizemos o melhor uso disso — a Florence, a Nellie e eu. Durante um curto espaço de tempo antes de cada sessão, «carregávamos» o ar com pensamentos acolhedores e felizes para com os amigos espirituais que, assim esperávamos, pudessem estar a reunir-se em redor, preparando-se para falar connosco.

Por outras palavras, criávamos as nossas próprias condições, em vez de desperdiçarmos anos à espera que as condições fossem criadas para nós.

As nossas ansiedades eram postas de lado por uma hora, os nossos pensamentos elevavam-se numa prece simples pedindo uma bênção sobre as comunicações esperadas, os comunicadores e nós próprias, e a nossa sala sórdida e decrepita transformava-se num pedacinho do céu.

Alcançar isto noite após noite ajudou indubitavelmente as três a superar alegremente as vidas cinzentas e lúgubres que tínhamos de levar. Falando por mim, não creio que pudesse ter tido a coragem de lutar através de tudo aquilo se não tivesse sido por este contacto reconfortante com os nossos amigos que já tinham partido.

Felizmente, a amiga de quem vos venho falando possuía uma reserva de sólido «senso» comum, apesar dos seus pequenos preconceitos sociais, e trabalhou arduamente, lendo quaisquer livros que conseguisse pedir emprestados, já que não tinha posses para os comprar. Tinha apenas escassos amigos para testar o seu poder, mas foi bem-sucedida e acabou por vir para Londres, onde fez uma grande quantidade de trabalho útil de palco, deslocando-se regularmente a todas as igrejas em Londres e arredores, onde a sua clarividência era muito apreciada.

CAPÍTULO XXXVII

UM TRABALHO DE BASE NECESSÁRIO

CITEI o caso da Sra. A. porque mostra o que conseguimos alcançar sem dinheiro nem influência. Claro que, se puderem ir a um bom médium e obter conselhos, poupa-se tempo e eventuais erros; mas se não o puderem fazer e não tiverem confiança suficiente na vossa capacidade para avançarem sozinhos através do estudo e da abertura dos vossos poderes recetivos, então existe um outro caminho (mas que requer normalmente a assistência de pelo menos uma pessoa), e esse é através da mesa, exatamente como comecei com a Florence e a Nellie.

Pela minha própria experiência pessoal, diria que esta é de facto uma maneira muito boa. (O melhor método para dirigir uma sessão com mesa encontrar-se-á noutro capítulo.) A mesa parece absorver uma certa quantidade do vosso «poder» ou «magnetismo», extrai-o de vós, o que é uma coisa boa em si mesma, já que uma das dificuldades com que se deparam é a de projetar o poder. Enquanto estiver enterrado em vós, não se consegue expressar nem produzir qualquer resultado.

Ao início, apenas obterão o habitual balanço da mesa e o laborioso soletrar das mensagens, mas por este método um tanto lento conseguem entrar suficientemente em contacto com os vossos amigos espirituais para vos permitir perguntar-lhes se têm algum dom especial, se têm um Guia pronto a ajudar-vos a desenvolvê-lo, e assim por diante.

Os vossos amigos espirituais poderão dizer-vos que é demasiado cedo para verem com precisão que forma o vosso poder poderá assumir. Se vos disserem que há um Guia a acompanhar-vos que tem algum trabalho particular a realizar através de vós, ele provavelmente terá uma boa ideia sobre que forma a vossa mediunidade assumirá, e dir-vo-lo-á de imediato. Lembrar-se-ão de que a Feda me disse, quase assim que entrei em contacto com ela, que o meu trabalho havia de ser o de uma médium de transe, e que ela me controlaria.

Esta era a última forma no mundo que eu desejava ou que teria julgado adequada no meu caso. Os Guias raramente cometem um erro. Claro que, antes de lhes pedirem uma informação tão importante, têm

de se certificar da *bona fides* dos vossos Comunicadores espirituais. Se fizerem sessões regularmente durante algumas semanas, ou se possível meses, em breve descobrirão se eles são o que, e quem, pretendem ser.

Afinal de contas, como provam a genuinidade dos vossos amigos na terra? Apenas procurando conhecê-los o melhor possível, «testando-os» em moldes perfeitamente comuns e, se os considerarem honestos, verdadeiros e retos, confiam neles até a um limite razoável. Pois bem, se aplicarem as regras comuns do senso comum da vida quotidiana às vossas sessões com mesa, e a qualquer outra forma de investigação, não se afastarão muito do caminho certo.

Quando tiverem estabelecido contacto com o vosso Guia, seja através da mesa ou com a ajuda de um médium totalmente desenvolvido, e descoberto que tipo de desenvolvimento devem tentar, então podem seguir em frente; mas se os vossos amigos espirituais vos disserem que não há nenhum Guia pronto para vós de momento, não vos resta outro caminho senão esperar e participar no desenvolvimento de quaisquer outros membros do círculo que tenham a felicidade de contactar o seu Guia e iniciar o seu desenvolvimento especial. Obterão uma grande quantidade de interesse e prazer ao fazerem isto, além do conhecimento de que estão a ajudar o desabrochar de uma outra pessoa.

A Agnes, a Florence e a Nellie foram extremamente generosas ao concentrarem-se no meu desenvolvimento, mas ganharam uma grande quantidade de experiência psíquica e foram confortadas e ajudadas pelas sessões que todas partilhámos. Embora a Florence e a Nellie não estivessem aparentemente a ser desenvolvidas para nenhum trabalho especial, o seu próprio poder deve ter-se desenvolvido consideravelmente com as sessões, já que obtiveram fenómenos do mais interessante na sua própria casa quando estavam completamente sozinhas.

Era sempre de carácter espontâneo, e ambas tinham a forte convicção de que não era suposto tentarem «controlá-lo» ou usá-lo de qualquer forma pública ou profissional. Isto, penso eu, foi uma pena,

já que desenvolveram um poder notável em fenómenos físicos, especialmente no movimento de objetos pesados sem contacto.

De qualquer modo, sairão a ganhar e não a perder ao participarem em sessões com mesa bem dirigidas, frequentadas por pessoas sinceras e sérias, quer sejam selecionados para uma linha especial de desenvolvimento, quer se limitem a sentar-se e a ajudar outra pessoa.

Previamente ao início do desenvolvimento, uma das melhores coisas que podem possivelmente fazer é tirar um curso de Controlo Mental ou do Pensamento, para que compreendam o poder do Pensamento e a sua influência em tudo nas nossas vidas diárias.

Isto é extremamente importante. A pessoa comum nada compreende, ou muito pouco, sobre a sua mente superior. (No livro da Helen Macgregor e da Margaret V. Underhill sobre Desenvolvimento Psíquico, refere-se-lhe como o Superconsciente, e gosto dessa palavra.) Poderá até nem saber da sua existência e da possibilidade de se elevar até ele e, através dele, até ao tesouro do Mundo Espiritual.

A verdade, a intuição, a inspiração podem ser todas suas, através desta ligação da mente consciente com a superior, porque é com a mente superior que os nossos amigos espirituais contactam e, se houver um fosso entre as duas mentes, muito pouco se pode esperar que se filtre para a consciência comum. Por comum, quero dizer aquela parte da nossa mente que usamos habitualmente na vida quotidiana e através da qual registamos as impressões das coisas e dos factos objetivos.

Esta parte da mente raciocina, compara, deduz, e erra frequentemente nos seus cálculos e julgamentos, mesmo quando se exerceu o maior cuidado ao tentar chegar às conclusões corretas. Mas quando se usa, ou se contacta, a mente Superior ou Superconsciente, encontra-se a intuição e a inspiração, e todos os atributos do mundo do Espiritualismo e da verdade. Então, os nossos amigos e Guias espirituais conseguem ajudar-nos, porque nos elevámos até ao seu próprio plano de ser. Conseguimos, espiritual e mentalmente, viver com eles por vezes.

Isto não significa que devamos ignorar a vida física e os seus interesses e deveres materiais, ou descuidar o exercício dos nossos

poderes de julgamento e raciocínio. Longe disso. O contacto com a esfera superior do pensamento, a percepção do Amor e da Verdade aguçarão as nossas faculdades comuns, aumentá-las-ão e lançarão uma luz iluminadora sobre tudo em redor de nós.

Uma lição importante que deve ser dominada é o controlo do pensamento. Quero dizer a exclusão deliberada de pensamentos pessimistas, ciumentos, invejosos, cruéis ou de qualquer outro tipo indesejável que tenha propensão para voar para as nossas mentes. Não devemos reter esses pensamentos. Pode ser difícil ao início impedir que entrem, mas assim que nos damos conta deles, temos de os deitar literalmente fora de imediato. Não devemos permitir que as nossas mentes se tornem lixeiras, juncadas por quaisquer fragmentos insalubres que possam ser soprados no nosso caminho, em qualquer dia, a qualquer hora, nestes dias de grave tensão, contenda e dificuldade.

Há pouco tempo, estive muito em contacto com um certo homem e a sua esposa. Muitas vezes via as mais agradáveis e felizes pessoas espirituais em redor do marido. Era um homem sensato, alegre e simpático, de quem toda a gente gostava. A sua esposa também deveria ter sido estimada, pois era extremamente bondosa e até generosa a ponto de ser um defeito, e por vezes conseguia ser o que se chama uma muito boa companhia, além de ser jovem e bonita.

O homem era mais velho e de feições simples. Embora visse sempre os seus amigos espirituais a visitá-lo de forma perfeitamente natural e, pelos vistos, a encontrarem prazer em estar perto dele, nunca vi ninguém perto da sua esposa. Uma vez vi o pai do seu marido aproximar-se dela e depois parar, exatamente como se alguma barreira invisível tivesse sido colocada entre ele e a esposa. Ele pareceu surpreendido por um momento, fez outro esforço para chegar até ela, desistiu e voltou para trás a juntar-se novamente ao pequeno grupo feliz em redor do marido.

Enquanto observava ambos, fiquei impressionada com uma espécie de condição luminosa que via por clarividência em redor do marido. Estendia-se por uma área de quatro ou cinco pés a partir do seu corpo físico. Depois olhei para a esposa e não só não havia

qualquer luminosidade, como a atmosfera imediatamente em redor dela parecia estar consideravelmente mais escura do que a do resto da sala.

Perguntei-me porquê; mas após algum tempo na sua companhia, descobri que sempre que se mencionava qualquer uma das pessoas espirituais, ela lembrava-se sempre dos detalhes mais dilacerantes das suas respetivas doenças e mortes, ou de qualquer infortúnio ou sofrimento por que tivessem passado nas suas vidas físicas. Raramente ou nunca mencionava as coisas amorosas, felizes e divertidas que tinham feito ou dito.

Assim que eu mencionava alguém que já tinha partido, ela intervinha logo com um: «Sabia que ela morreu de isto e daquilo? Foi perfeitamente horrível, minha querida, os sofrimentos dela foram terríveis. Ela costumava — —», e aqui seguir-se-ia imediatamente uma categoria de maleitas físicas, dada com tal gosto e pormenorização de cada detalhe infeliz que penso que uma grande parte era imaginária; mas, como veem, vinha da mente da minha amiga, nascia e era retida na sua mente, quer fosse verdadeira em substância quer não.

Se esta mulher visse alguém com um inchaço na gengiva devido a uma dor de dentes, sussurrava-me: «Não me surpreenderia se isso fosse um tumor maligno. Vais ver. Foi exatamente assim que a pobre tia Emily começou», etc., etc.

Um dia, ela perguntou-me por que razão eu nunca via nenhuns amigos espirituais em redor dela, pelo que me enchi de coragem e disse-lhe que ela estava a criar uma atmosfera de pensamento sombria e indesejável em seu redor, na qual os seus amigos não conseguiam entrar.

Ela ficou estupefacta.

Ao início, negou que fosse «sombria» e lembrou-me de que era sempre considerada «a alma da festa» onde quer que fosse, o que era bem verdade; mas a «festa» não a via nem a ouvia noutras alturas, conforme lhe lembrei.

Era uma mulher sensata e refletiu seriamente sobre o que eu tinha dito. Quando a encontrei novamente, algumas semanas mais tarde, ela tinha melhorado imenso. Fui capaz de ver várias pessoas espirituais bem perto dela. A sua saúde tornou-se melhor e o seu rosto em repouso exibia uma expressão inteiramente diferente. Os acessos súbitos de depressão a que estivera sujeita tinham quase desaparecido, e ela disse-me que, assim que um pensamento destrutivo ou prejudicial lhe entrava na cabeça, ela dizia: «Rua — não tenho tempo para ti — vai — rua!»

É perfeitamente possível exagerar no «negócio do otimismo», como lhe chama um amigo meu. Não se devem excluir todos os pensamentos de cautela ou discricção, nem tentar ficar imune a um sentimento de perigo. Captar um raio de pensamento de perigo e retê-lo suavemente no fundo da mente, tendo o cuidado de não o deixar ensombrar indevidamente nenhuma das nossas ações com as quais não tem obviamente nada a ver, até ao momento em que tenhamos transposto o vão difícil para o qual ele nos foi dado para alertar, é uma coisa muito diferente de sermos vítimas e escravos de qualquer pensamento fortuito que permitimos que entre nas nossas mentes e que nunca aprendemos a pôr na rua novamente.

Ser otimista de forma fátua não é apenas um sinal de alguma forma inata de egoísmo, mas conduz frequentemente a prejuízos quando a pessoa está a investigar matérias psíquicas.

Há alguns anos, uma senhora — a quem chamarei Sra. N — veio ter comigo para uma sessão. Nesse mesmo dia, ela tinha recebido uma carta de uma velha amiga cujo filho fora morto durante a guerra, e que estivera em comunicação com os seus pais enviando-lhes mensagens através da Sra. N. sempre que esta ia a um médium, o que acontecia com muita frequência, pois ela era o que se poderia chamar «uma ardente Espiritualista». Esta carta continha um pedido urgente para que «Jacko», o filho, fosse interrogado pela Feda «sobre se tinha alguma mensagem especial para enviar aos seus parentes». Nenhuma outra indicação foi dada quanto à possível natureza da mensagem pretendida. A Sra. N. nada me disse sobre o assunto senão após a nossa sessão — na qual eu estivera em transe, como habitualmente.

«Conseguiu alguma mensagem do Jacko?», perguntei.

«Bem, não — não exatamente», respondeu a Sra. N. «A Feda foi um tanto estranha a esse respeito. Disse que algo de importante tinha acontecido e que o Jacko estava a cuidar da mãe. Era muito importante, mas a Feda disse que não conseguia explicar. Algo a impediu de dizer mais o que quer que fosse sobre o assunto. Claro que eu sei exatamente o que foi. O Jacko tem estado com a mãe, manifestando-se a ela como prometeu que faria, por isso limitei-me a dizer à Feda para não se apoquentar, pois eu queria uma conversa agradável e aprazível com — —» (mencionando o seu próprio Comunicador), «e a Feda estava a ficar tão terrivelmente séria.»

«Que pena não ter tentado obter mais pormenores sobre o Jacko», observei.

«Não», disse a Sra. N. «Não queria estragar a minha linda sessão porque sabia perfeitamente o que era — o Jacko estivera a fazer algo de extra inteligente pela mãe, mostrando-se, ou dando golpes, ou algo do género. Agora espere e veja se não tenho razão!»

Neste momento, quase antes de a Sra. N. ter cessado de falar, vi à minha frente uma luz vermelha, grande e brilhante, exatamente como um sinal de perigo. Vi-a objetivamente e, mentalmente, surgiu com ela a impressão de um grande e súbito perigo, e a certeza de que a Sra. N. estava enganada e de que a Feda tinha tentado quebrar-lhe alguma notícia de carácter trágico, mas que a mente da Sra. N. estava tão oposta a isso que ela não a tinha conseguido fazer passar.

Contei imediatamente à Sra. N. o que vira e sentira.

Ela foi categoricamente positiva de que tinha razão e eu estava enganada, e ficou um tanto indignada por eu sugerir «coisas desagradáveis desse género», pelo que nada mais pude dizer.

Três dias mais tarde, recebi outra visita da sua parte. Estava muito transtornada, pois acabara de receber uma carta da família do Jacko a explicar que a razão pela qual tinham pedido uma mensagem especial da sua parte era porque a mãe tinha sido atropelada e morta por um camião de mercadorias na noite anterior. Estava escuro e ela não se tinha apercebido das luzes do camião, que surgira subitamente

numa curva da estrada. Estavam terrivelmente desapontados com a versão distorcida da «mensagem» que a Sra. N. lhes tinha transmitido, e intrigados também, como bem se compreende.

A Sra. N. percebeu quão obstinada tinha sido e enviou-lhes um relato completo do que a Feda tinha realmente dito, e do que eu tinha visto e dito depois, o que os ajudou até certo ponto. Tenho relatado estes incidentes apenas para mostrar quanto mal as pessoas persistentemente pessimistas e, por outro lado, as persistentemente otimistas podem fazer. A pessoa tem de aprender a abrir-se à Verdade calmamente e sem preconceito para com o que quer que seja.

Quaisquer livros, tais como *In Tune with the Infinite* e *Thoughts are Things*, são da maior utilidade; e, recentemente, os dois livros da Miss Underhill que já mencionei, e que contêm informação completa e detalhada sobre os vossos poderes Espirituais e Mentais; e se os lerem em conjunção com o trabalho conjunto da Miss Macgregor e da Miss Underhill, e aplicarem a vós próprios os conselhos e regras perfeitamente diretos e simples nele contidos, não falharão e já terão começado bem no caminho para alcançar a vossa meta.

Muitos médiuns desenvolveram o seu poder psíquico sem qualquer treino mental consciente prévio e fizeram um trabalho excelente. O conhecimento espiritual e mental surgiu depois, como um resultado direto do trabalho mediúnico, mas defendo que o melhor e mais seguro plano é compreender e controlar a nossa mentalidade tanto quanto possível antes de prosseguir com o desenvolvimento mediúnico.

CAPÍTULO XXXVIII

DESENVOLVER A MEDIUNIDADE FÍSICA

O TERMO físico cobre uma vasta gama de fenómenos, tais como a Materialização, a Voz Direta, la Telecinese, a Fotografia Espiritual, etc.

Peguemos na materialização primeiro. É um dos poderes mais raros e por vezes manifesta-se durante a infância precoce do médium. Ocorre de forma espontânea ao início, e os parentes e amigos de uma

criança que possua um tal dom ficam frequentemente intrigados e assustados com os fenómenos que acontecem nos momentos mais inesperados.

O médium-criança natural é habitualmente muito sensível, adiantado e precoce em algumas coisas; atrasado, e até estúpido, e obstinado noutras. Difícil para os seus pais e difícil para si próprio, já que nem eles nem ele compreenderam a razão dos estranhos «acontecimentos» que ocorrem na sua proximidade.

Nestes dias esclarecidos, é provável que algum amigo inteligente possa explicar a razão, e a criança pode ser tomada em mãos e guiada cuidadosamente durante a sua juventude precoce, não suprimindo nem matando os fenómenos, mas explicando-lhos de uma forma simples e ajudando-a a concentrar-se em qualquer assunto absorvente e saudável, de preferência ligado à vida ao ar livre, durante alguns anos. Devem ser-lhe contados os factos sobre a vida após a morte e ser incentivada a encarar aqueles que já partiram como sendo amigos bondosos e sábios seus, que a ajudarão e protegerão quando a ocasião surgir. Um tratamento deste género baniria grande parte daquele medo desnecessário de estar sozinho, ou no escuro, que muitas crianças têm.

Com o passar do tempo, os fenómenos podem desaparecer e a criança esquece-se completamente deles. Depois, mais tarde, acontece algo que lhos traz à mente; as manifestações começam de novo, talvez sob uma forma diferente ou modificada, mas o suficiente para a lembrar das suas experiências precoces. Ela liga as duas coisas e resolve «fazer algo a esse respeito». Ou poderá ter tido apenas uma quantidade ligeira na sua infância, tão pouca que mal foi notada na altura, mas em anos posteriores esta pode mostrar-se com mais força.

Para qualquer pessoa que pense que possui poder para a materialização, a melhor maneira de começar o desenvolvimento é formar um círculo de, digamos, cinco a uma dúzia de pessoas, algumas das quais deverão ser assistentes experientes, e uma destas deverá assumir a liderança total do círculo.

Por norma, os assistentes formam um círculo completo, dando as mãos. Um par de cortinas de um tecido substancial, mas não demasiado pesado, é pendurado transversalmente a um canto da sala.

Sarja ou um tecido fino de lã de uma tonalidade escura é bom. Considerámos a cor de vinho bem-sucedida, mas também o azul-escuro ou o verde. O médium senta-se habitualmente numa cadeira em frente ao gabinete, que é como se chama o espaço atrás da cortina. Mais tarde, os seus Guias poderão dizer-lhe, ou incitá-lo, a sentar-se dentro do gabinete, deixando um espaço vago no lado do círculo, moldando-o assim mais no formato de uma ferradura; ou poderá usar-se uma mesa grande em redor da qual os assistentes são colocados com as mãos apoiadas na mesa, mesmo na borda extrema. Os seus dedos mínimos tocam-se habitualmente, mas os polegares das suas próprias mãos não se devem tocar um ao outro. O objetivo é que o poder corra livremente em redor do círculo, de um assistente para outro; por isso, se alguém coloca os polegares juntos, bloqueia ou corta a corrente nesse ponto.

Por vezes, um médium de materialização desenvolveu primeiro uma certa quantidade de «condição de transe», quer de ordem semiconsciente quer inteiramente inconsciente. Os Guias que vão manipular as forças psíquicas já são conhecidos por ele, e ele provavelmente já foi controlado por um ou mais deles. Se não for esse o caso, então esta parte do seu desenvolvimento começará provavelmente agora, e o Controlo, falando através dele ou incitando-o, poderá alterar ou modificar algumas das disposições de tempos a tempos.

Se o círculo se sentar em redor de uma mesa, é muito provável que as mensagens sejam dadas através da mesa, ao início por balanço e depois por golpes fortes. Isto aconteceu num círculo em que me sentei. Os golpes eram tão claros e distintos que costumávamos chamar-lhes «pancadas de carteiro». Por meio do alfabeto, os Guias soletrarão quaisquer instruções que desejem ver executadas, bem como outras mensagens; mas é conveniente não gastar demasiado poder a obter respostas a perguntas, senão restará pouco ou nenhum para a materialização.

Poderá ser necessária uma grande dose de paciência. Não se consegue dizer quanto tempo poderá passar antes que algo de marcante ocorra, mas haverá certamente sinais interessantes, tais como luzes, golpes, sons como se alguns corpos invisíveis se

movessem pela sala, perfumes doces, e os assistentes poderão ser tocados levemente. Aconteça o que acontecer, reconheçam-no sempre de imediato, para que os Guias compreendam exatamente que efeito o seu poder teve em vós. Eles estão a experimentar com o poder, e é-lhes extremamente útil que lhes seja dito, de forma pronta e rigorosa, o resultado do vosso lado em relação ao que quer que tenham estado a fazer, ou a tentar fazer, do deles.

No que diz respeito à temperatura e à iluminação da sala: antes de mais, esta tem de estar quente; cerca de 70 graus era a temperatura exigida por um Guia muito bem-sucedido e sábio com quem entrei em contacto.

Seria uma boa ideia ter uma pequena lâmpada, seja uma lâmpada elétrica de baixa potência pintada de vermelho, seja um pequeno candeeiro a óleo com um abajur vermelho, colocada numa parte da sala mais afastada do médium e dos assistentes. A luz, por mais ténue que seja, não deve incidir diretamente sobre nenhum deles. Tem de ser desviada através da colocação de uma espécie de biombo imediatamente em frente a ela.

Não tenho dúvida alguma de que os fenómenos físicos ocorrem com maior facilidade e rapidez na escuridão absoluta, mas também creio que seria vantajoso, sob todos os pontos de vista, se uma quantidade razoável de luz pudesse ser introduzida. Os fenómenos poderiam ser ligeiramente mais fracos e levar mais tempo a produzir, mas valeria a pena.

Nem sempre é o médium quem se opõe à presença de luz; mas os assistentes, que estão tão ansiosos por ouvir ou ver algo, não têm paciência para esperar mais tempo por isso na luz, quando sabem que provavelmente o obterão mais depressa no escuro.

Isto aconteceu num círculo em que me sentei. Fenómenos do tipo mais interessante estavam a acontecer com uma boa luz vermelha, mas sendo um candeeiro a óleo bastante velho e gasto, a luz oscilava, e notámos que as manifestações, especialmente a Voz Direta, eram mais fortes na proporção da fraqueza da luz, e um ou dois assistentes que estavam enlutados, e tinham sido grandemente confortados ao ouvirem os tons inequívocos das vozes dos seus entes «perdidos»,

pediram para que a luz fosse resguardada de forma mais completa, de modo a que as manifestações fossem mais fortes.

Assim fizemos, e os toques, as vozes e todos os fenómenos melhoraram palpavelmente, mas o valor científico diminuiu para qualquer pessoa cética a partir dessa altura, já que o médium começou a reagir ao desejo dos assistentes regulares por menos luz, e a ser muito sensível a qualquer impaciência da parte deles devido às esperas um tanto longas entre os fenómenos nas noites em que tínhamos uma luz mais forte; pelo que, passado algum tempo, demos connosco a fazer as sessões em escuridão completa, o que foi uma grande pena sob o ponto de vista da evidência.

Mantenham vibrações sonoras tão constantes quanto puderem durante a sessão; uma boa caixa de música é uma grande ajuda, melhor do que um gramofone, já que com ela não há discos para mudar, e tudo o que cause movimento ou perturbação indevida tem de ser evitado a todo o custo. Se os assistentes cantarem baixinho, mas de forma leve, quaisquer canções ou hinos adequados, é melhor do que tudo. Normalmente, assim que uma manifestação começa, é bom diminuir o som, e o Guia poderá ter previamente indicado para pararem inteiramente o canto ou a música assim que quaisquer fenómenos definidos ocorram. É conveniente certificar-se de antemão sobre o que o Guia controlador deseja, se ele ou ela estiver suficientemente em contacto convosco nestas fases iniciais.

Ouve-se uma certa quantidade de Voz Direta na maioria das sessões de materialização, mas quando o círculo decide «fazer sessão» apenas para os fenómenos de Voz, o procedimento é algo diferente.

Por vezes, um médium que desenvolveu um forte poder para a materialização pode exercer essa forma durante vários anos e depois constatar que o seu poder está a ser usado cada vez mais para produzir Voz Direta, e cada vez menos para a materialização; ou um médium de Voz Direta constatar que o seu poder acaba por ser utilizado para a materialização. Tenho conhecido casos de ambas as situações.

Talvez o médium de voz possuísse o poder para a materialização no início, até certo ponto, mas não o suficiente para permitir que os Guias produzissem tais fenómenos, mas o facto de fazer sessões para a

Voz poderá ter aumentado o poder; os Guias dão-se conta disso e introduzem gradualmente um tipo diferente de fenómenos de tempos a tempos, de carácter mais físico. Depois, se o médium estiver disposto, sugerirão provavelmente algumas alterações e ajustamentos na condução das sessões e prosseguirão nos novos moldes.

Um homem que possuía grandes dons como médium de materialização, e os usou durante muitos anos, viu a sua saúde deteriorar-se, não, note-se bem, como resultado da sua mediunidade, mas das condições «adversas» criadas por alguns dos assistentes, que se tinham comportado muito mal enquanto ele estava em transe, e isso reagiu no seu sistema nervoso. Isto aconteceu várias vezes e os seus Guias aconselharam-no a abandonar gradualmente as sessões de materialização, que necessitavam de que ele entrasse em transe profundo, e eles usariam o poder para a Voz Direta, de modo a que ele pudesse manter-se normal e consciente. Assim fez ele e constatou que a sua saúde melhorou vastamente, já que se conseguia proteger durante as sessões.

Os vossos Guias dir-vos-ão se devem concentrar-se no tipo «mais pesado» de fenómenos físicos, chamado materialização, ou no «mais leve», significando apenas a Voz Direta. Conheço médiuns que são capazes de manifestar a Voz Direta que dificilmente poderiam ser classificados como «médiuns físicos» de todo.

Na verdade, duvido que o ectoplasma seja usado em alguns casos, especialmente onde não se usa trombeta e quando as Vozes se formam no ar, à margem do médium ou dos assistentes. Por norma, o gabinete ou recanto com cortinas é desnecessário para o desenvolvimento da Voz Direta.

Quando os Guias aconselham o uso de cortinas, é habitualmente porque desejam testar a força do poder produzindo certos outros fenómenos, que acompanham frequentemente a Voz Direta, tais como toques, luzes e perfumes. Na verdade, estes sinais precedem normalmente a produção do próprio fenómeno da Voz. Vale a pena perguntar se os Guias desejam um gabinete para este propósito. Se não for o caso, limitam-se a colocar os assistentes no formato de uma ferradura, ficando o médium numa das pontas. Um assistente

simpático e experiente deve sentar-se na outra ponta da ferradura e deve decidir quaisquer pontos tais como a colocação os assistentes (os Guias podem dar instruções especiais sobre isto), a escolha das canções ou hinos a serem cantados, e assim por diante, de modo a evitar discussões e debates desnecessários durante a sessão; a discussão é muito diferente do efeito harmonioso de cantar ou falar calmamente uns com os outros ou com os Comunicadores espirituais.

Um método alternativo é sentarem-se em redor de uma mesa de tamanho conveniente, cujo tampo deve estar desprovido do máximo de polimento possível. Uma mesa de pinho simples seria a melhor de todas, mas como uma forma redonda ou octogonal, com um tampo não demasiado espesso, é habitualmente preferida, não é fácil de obter em madeira bruta, pelo que a melhor maneira é lixar minuciosamente uma mesa comum com lixa de papel até que reste muito pouco polimento.

A trombeta, feita de alumínio ou de cartão, pode ser colocada no centro da mesa. Se não se usar mesa, deve ser colocada no chão, no centro do círculo, a menos que os Guias aconselhem o contrário; uma bacia de água fresca na sala é uma boa coisa, e recomenda-se passar a trombeta por água (se for usada uma de metal) mesmo antes da sessão.

Os assistentes desempenham um papel da maior importância no desenvolvimento da Voz Direta. Tentem encontrar pessoas que consigam manter-se normais e «não-psíquicas» durante a sessão. O médium é a única pessoa que deve ser negativa, ou registar impressões de natureza psíquica. Os assistentes têm de estar alegres, bem despertos, prontos para reconhecer e acolher qualquer tipo de fenómenos que ocorram sem serem excitáveis, irrequietos ou agressivos.

É surpreendente como é difícil encontrar assistentes que tenham estas qualificações simples e que se agarrem a elas durante o decurso da sessão. Descobri isto durante o meu curso de dois anos de sessões a fim de desenvolver eu própria uma tal mediunidade. Durante estas sessões propriamente ditas, houve muito pouca evidência de Voz Direta e, pela minha experiência posterior, consigo ver agora que o poder foi esgotado de demasiadas outras maneiras. Por exemplo, um

dos assistentes calhava possuir o dom da clarividência e começou a exercê-lo durante as sessões, e quaisquer fenômenos de Voz eram sempre cortados nessa noite.

Eu própria cometi muitos erros porque, tendo-me desenvolvido como uma médium de transe para fenômenos mentais, assim que os amigos espirituais se aproximavam, eu pressentia-os e sabia por vezes o que estavam a sentir, a fazer ou a desejar dizer e, em vez de esperar que eles tentassem dar a sua mensagem na Voz Direta, eu repetia o que tinha ouvido por clariaudiência, usando o poder ao dá-la através do canal físico de uma laringe (como eles fazem frequentemente) ou criando uma vibração sonora de alguma outra maneira.

Mais tarde, a Feda explicou-me que, ao tornar-me consciente do meu poder mentalmente psíquico, eu atraía toda a força disponível para mim e a transmutava no poder mental; de modo que, em vez de as Vozes serem produzidas fora e longe de mim, eram produzidas em mim e através de mim, como o «controle» comum.

Tão delicadas são as forças nas fases iniciais — e, na verdade, nalgumas fases posteriores — que os próprios Guias estão ocasionalmente inconscientes quanto a se estão a falar fora do médium ou dentro dele ou dela. Isto pode apenas acontecer em raras ocasiões, mas quando acontece resulta frequentemente em acusações infundadas de fraude, porque as Vozes são localizadas como estando suspeitosamente perto do médium. Sempre que o poder está fraco devido a qualquer condicionamento errado, os sons parecem sempre estar mais perto do médium, mesmo quando este está totalmente desenvolvido.

Eu não poderia afirmar que possuo de facto a mediunidade de Voz, mas pareço ter a capacidade de extrair qualquer poder latente desse género que uma outra pessoa possa possuir. Nas minhas sessões comuns de transe, se o assistente possui um tal poder, mesmo que ele ou ela possam estar totalmente inconscientes da sua existência, uma certa quantidade de Voz Direta pode ser ouvida, de forma perfeitamente separada e distinta de mim própria ou do assistente, sendo o som habitualmente localizado a dois ou três pés, e por vezes mais longe, de qualquer uma de nós.

Claro que é apenas um fragmento de uma Voz, uma palavra ou duas, ou uma frase curta, já que a maior parte do poder disponível está a ser esgotada pela Feda ao falar através de mim. Verifico geralmente que o assistente com quem isto acontece consegue, se assim o entender, desenvolver a Voz Direta fazendo sessões regularmente para esse propósito.

Nunca se consegue dizer quanto tempo levará a desenvolver este dom.

Conheci um caso em que se obtiveram bons resultados após uma dúzia de sessões, e um outro em que o círculo fez sessões durante três ou quatro anos sem sucesso. Poderão sentir-se encorajados ao saberem que todos os assistentes constatarão que quaisquer dons que possuam serão fortalecidos por estas sessões, embora tenham sido impedidos de os exercer durante as sessões de desenvolvimento de Voz. Num círculo deste género, provavelmente constatarão que um ou dois assistentes têm clarividência, clariaudiência, escrita ou cura latentes — ou parcialmente desenvolvidas. Se as sessões de Voz forem realizadas sob boas condições e não durarem demasiado tempo (uma hora a uma hora e meia é tempo bastante), tais dons deverão melhorar grandemente com estas reuniões regulares.

Isto não se aplicaria no caso de um psíquico que já tenha tanto trabalho regular de mediunidade quanto consiga gerir em segurança. Sentar-se também em círculos de desenvolvimento poderia ser demais, a menos que ele abandonasse uma certa quantidade de trabalho psíquico regular, situação em que poderia considerar o círculo de desenvolvimento repousante e interessante. Um músico, um artista, um professor ou trabalhador de qualquer espécie não consegue continuar indefinidamente numa única linha de trabalho.

Se decidirem realmente tentar desenvolver os fenómenos de Voz, lembrem-se de que é necessária uma grande paciência, pois poderá levar muito tempo, mas enquanto esperam por isso não estão a desperdiçar tempo; nem os assistentes, já que os vossos outros poderes psíquicos e mentais serão melhorados se uma condição feliz, alegre e harmoniosa for mantida durante as sessões.

No que respeita à Fotografia Espiritual, tenho muito pouca experiência pessoal no seu desenvolvimento. Novamente tenho de vos remeter para o livro da Margaret V. Underhill e da Helen Macgregor, onde são dadas instruções detalhadas. Nunca tentei obter resultados desta maneira eu própria e creio que leva muito tempo a desenvolver um tal dom, já que o poder oscila imenso. Durante as fases iniciais, poderão obter-se alguns resultados marcantes e evidentes e depois, sem nenhuma razão óbvia, não ocorre absolutamente nada durante um longo período.

Eu própria penso que isto se pode dever por vezes a alguma alteração que os assistentes fizeram de total boa-fé, mas que interferiu com o fluxo do poder. Sempre que obtiverem um bom resultado com qualquer tipo de fenómeno, agarrem-se às condições sob as quais obtiveram esse resultado, independentemente de quais sejam as sugestões feitas, com boa intenção, pelos assistentes ou por quem quer que seja. Claro que, se os Guias sugerirem uma alteração, isso é diferente, mas tanto quanto forem capazes, não mexam no que está bem.

CAPÍTULO XXXIX

SESSÕES COM MESA — E COMO DIRIGI-LAS

UM TIPO de sessão de que sei mais do que de qualquer outro, exceto o transe, é a sessão com mesa. Assim que se menciona isso, as pessoas dizem: «Oh, eu nunca teria paciência para ficar sentada tanto tempo enquanto a mesa balança algumas palavras, letra por letra. É

tão lento e laborioso.» Sim, se começar e terminar aí, poderia parecer assim a muitas pessoas, mas tenho ouvido evidências das mais marcantes, nítidas e definitivas dadas em poucas palavras através dos seus meios, as quais, se eu fosse cética, me teriam convencido mais do que qualquer outra coisa em que consiga pensar.

À margem das mensagens em si mesmas, sentarmo-nos à mesa é um excelente ponto de partida. Tenho conhecido um grande número de médiuns de tipos variados que descobriram e desenvolveram os seus dons particulares através deste meio.

Algumas pessoas classificam os fenómenos com mesa como «físicos»; outras como «mentais». Eu chamar-lhe-ia uma mistura dos dois, porque se obtêm mensagens de carácter evidente e podem ocorrer também fenómenos físicos da natureza mais variada. Golpes noutras partes da sala, luzes e perfumes são frequentemente obtidos em acréscimo aos movimentos comuns da mesa e ao soletrar das mensagens.

Quase qualquer número de pessoas se pode sentar em redor de uma mesa, desde que haja espaço suficiente e os assistentes sejam escolhidos cuidadosamente. Devem sentar-se, homem e mulher alternadamente e, se os sexos não estiverem representados em números iguais, um homem que seja de um temperamento negativo e sensível pode ocupar o lugar de uma mulher, ou uma mulher de um tipo forte e positivo ocupar o lugar de um homem.

A luz deve ser ténue. As cadeiras devem ser de madeira simples, de estilo *windsor* ou de madeira vergada. Uma caixa de música ajudará, mas não é indispensável desde que mantenham uma vibração cantando quando nada estiver a acontecer, e especialmente no início da sessão. Designem um dos assistentes como orador para a noite; um outro deve ser escolhido para enunciar as letras do alfabeto e um outro para se lembrar, se possível, da ordem das letras, conforme indicado pela mesa, ou para as escrever. Neste último caso, o registrador não deve sentar-se à mesa, já que terá de estar continuamente a retirar uma das mãos para escrever as letras.

Durante as fases iniciais do desenvolvimento, é uma pena ter alguém sentado na sala à margem daqueles que estão sentados em

redor da mesa, e a melhor maneira é todos os presentes colocarem as mãos na mesa, até que os fenómenos se tenham tornado tão fortes e o poder esteja em tão bom funcionamento que seria preciso muito para perturbar as condições; então, um registrador pode ser designado para escrever as letras à medida que a mesa as soletra.

Sei de uma pessoa que consegue obter as mensagens mais evidentes soletradas através da mesa sentando-se completamente sozinha, mas não recomendo este método. Dois são melhor do que um, e um número maior trará maior poder, o que poderá em última análise resultar em fenómenos mais variados além das mensagens, mas quanto maior for o número de assistentes, mais trabalho há para manter a ordem e, como disse antes, os movimentos inquietos e a impaciência têm de ser evitados a todo o custo. Eu própria acho que três ou quatro assistentes é um bom número.

Após colocarem as mãos sobre a mesa, é uma boa coisa um dos assistentes proferir em voz alta uma prece simples pedindo proteção, orientação e ajuda para auxiliar os Comunicadores espirituais a manifestarem a sua presença a vós. Pessoalmente, defenderia fortemente o uso da prece no início de cada sessão de qualquer espécie, e especialmente durante o desenvolvimento. Digam a Oração do Senhor se não souberem nenhuma outra que considerem mais adequada. Algumas pessoas são tão autoconscientes em relação à prece, ou a qualquer coisa que considerem «religiosa», que parecem incapazes de proferir em voz alta quaisquer pensamentos espirituais que lhes surjam, no entanto, num serviço regular na igreja, juntar-se-iam energeticamente a quaisquer preces estabelecidas ou respostas.

Estou ciente de que algumas pessoas aceitam sentar-se em redor de uma mesa para «ver o que acontece», mais por diversão do que por outra coisa, e que outras estão decididas a sentar-se apenas com o «espírito científico». Nenhum dos tipos se dá conta daquilo em que se está a meter. Tentar a comunicação, sob qualquer forma ou feitio, com os «Mortos» não é um assunto leve, e ninguém deveria empreender tal investigação a não ser pelos melhores e mais elevados motivos.

Por isso, comecem com uma prece em qualquer círculo, e nas sessões com mesa o cantar calmo de hinos, ou de outras canções

adequadas, é de grande ajuda. A mesa começará a balançar. Assim que o fizer, incentivem-na calmamente, de modo a deixar os operadores espirituais saber que estão a produzir algum efeito. Passado um pouco, quando o balanço ou, porventura, os golpes — mas o balanço é mais habitual — se tornarem mais fortes, peçam ao Comunicador para parar um momento enquanto explicam o código através do qual esperam que ele comunique. Digam-lhe para balançar a mesa três vezes para o «Sim», uma vez para o «Não» e duas vezes para o «Não tenho a certeza» ou «Duvidoso».

Assim que isto for compreendido e demonstrado várias vezes, digam então que enunciarão em voz alta as letras do alfabeto e solicitem que a mesa seja balançada a cada letra, parando quando atingir a letra pretendida. Algumas pessoas preferem enunciar o alfabeto e que a mesa balance apenas quando a letra desejada é atingida, mas eu considerarei sempre que o primeiro método é melhor.

Quando isto for compreendido, peçam ao Comunicador para soletrar alguma palavra simples para praticar, isto, como é óbvio, a menos que ele ou ela já tenham experiência num tal trabalho. Assim que o Comunicador tiver percebido o método, podem seguir em frente. Descubram quem ele é e por que razão vos está a falar, e se outros estão com ele que também desejem comunicar, mas nas fases iniciais do desenvolvimento o mais sensato é cingirem-se a um único Comunicador, que vos possa dar informações sobre os outros, sem os deixar controlar propriamente a mesa.

Mais tarde, quando sentirem que estão em contacto fácil com esse, peçam-lhe para ajudar a passar um outro amigo, mas não deixem mais do que dois Comunicadores falar numa única sessão, senão resultará em trapalhadas. A sessão, já agora, não deve durar mais do que uma hora a uma hora e meia.

Ora, supondo que não há nenhum médium especial no círculo, tanto quanto saibam, o melhor será pedirem ao Comunicador principal para vos dizer se algum de vós possui algum dom especial e, se assim for, se há um Guia particular presente que esteja pronto a avançar com o seu desenvolvimento.

Naturalmente, o Comunicador poderá oferecer esta informação por iniciativa própria. É melhor se ela surgir de forma não solicitada, mas se tal não acontecer, após duas ou três sessões o ideal é indagar. Podem fazer sessão uma vez por semana, ou duas, de acordo com o tempo de que dispuserem. A Florence, a Nellie e eu fazíamos sessão todas as noites, porque o nosso trabalho calhava juntar as três e tornava uma tal disposição muito fácil, mas isto poderá não ser possível, ou aconselhável, em muitos casos.

À medida que continuam a fazer sessões e a entrar em comunicação natural e fácil com os vossos amigos espirituais, um ou mais membros do círculo podem desenvolver sinais de clarividência ou algum outro dom, e poderão ser aconselhados a juntarem-se a um outro círculo mais especialmente adequado ao desenvolvimento desse poder. A partir do sentar à mesa, sob condições boas e harmoniosas, podem desenvolver quase todo o tipo de dom psíquico, quer de caráter físico quer mental.

Algumas poucas pessoas disseram-me que têm sido muito importunadas por Comunicadores que dão mensagens falsas através da mediunidade da mesa. Quando analisei os prós e os contras da questão, verifiquei habitualmente que os assistentes tinham colocado algumas perguntas capciosas de teste que os Comunicadores não estavam preparados para responder, e resultou daí uma confusão na qual foi dada uma informação errada relativamente à pergunta. Ora, foram-nos dadas duas explicações para isto.

A primeira foi que há sempre um certo número de pessoas espirituais que desejam comunicar com pessoas na terra. Estes pretensos Comunicadores não são necessariamente malévolos, mas estão tão ansiosos que se «metem onde não são chamados», tal como fazem algumas pessoas no corpo físico quando, encontrando-se numa companhia na qual desejam obter uma posição e causar impressão, se oferecem frequentemente para dar informações sobre assuntos dos quais sabem muito pouco ou nada.

A segunda explicação foi que, ao sentarmo-nos em redor da mesa e ao colocarmos as nossas mãos sobre ela, carregamo-la com alguma emanção subtil de força psíquica, a qual anima, ou dá vida, à mesa;

de modo que apenas se requer um esforço mental da parte dos nossos amigos espirituais, primeiramente para mover a mesa e, em segundo lugar, para regular os movimentos de forma a que possam formar palavras e frases, e soletrá-las regulando a força na mesa que foi fornecida por nós.

Ora, porque nós fornecemos o poder ou força, conseguimos interferir com ela mentalmente.

Digo que conseguimos, mas não o deveríamos fazer.

O controlo mental da força deve ser deixado inteiramente nas mãos dos operadores espirituais, mas eles dizem-nos que, uma vez a mesa estando «carregada», fica extremamente sensível e tem propensão para responder à sugestão mental de qualquer um dos lados, físico ou espiritual.

Assim que os operadores espirituais obtêm um bom controlo, a mesa fica literalmente nas suas mãos e responderá apenas a eles. Mas caso seja feita alguma pergunta que seja difícil para o Comunicador espiritual responder, poderá haver algum mal-entendido. Porque ele tem provavelmente de ponderar a resposta com muito cuidado naquelas que são (por mais perfeitas que consigamos torná-las), afinal de contas, condições que não são as suas naturais, ele perde o domínio sobre o poder, o qual refluí dele em direção a nós, e torna-se sensível e recetivo a qualquer pensamento consciente ou subconsciente nosso.

Também em tais condições a mesa pode até «captar» qualquer vibração de pensamento que seja projetada em direção aos assistentes por outras pessoas na terra. Por este meio, poderá ser dada uma mensagem inteiramente errada, a qual perturba e desaponta por completo o investigador inexperiente.

Eu inclino-me, pessoalmente, para a segunda explicação. Em todas as sessões com mesa que tive — centenas delas — com a Florence, a Nellie, a Agnes e os meus outros amigos, nunca nos foi dada uma mensagem enganosa ou falsa.

Ora, a propósito desta segunda explicação quanto à percetibilidade da mesa à sugestão, a qual pode aparentemente ser controlada mentalmente, seja do nosso lado seja do Outro Lado, ouvi

um amigo observar: «As mensagens da mesa são todas uma farsa. Eu sempre fui capaz de fazer a mesa dizer tudo o que eu quis que ela dissesse».

Sim, claro que era capaz, mas para quê fazê-lo? Qual é a utilidade de se sentar em redor de uma mesa e carregá-la com força psíquica, e deliberada ou ignorantemente fazê-la repetir mecanicamente os devaneios da nossa própria mente consciente ou subconsciente? Lembrem-se, os vossos amigos Do Outro Lado são pessoas sensatas e inteligentes (presumindo que o eram quando estavam na terra!) e estão tão ansiosos por vos dar provas da sua identidade como vós estais por recebê-las. A grande questão é deixá-los dar-vos aquilo que puderem em termos de evidência. Não os agrilhoem impondo-lhes as vossas ideias sobre o que consideram que constituirá uma prova. Constarão que as ideias deles sobre o tema de provar a identidade são muito melhores do que quaisquer outras que consigam delinear para eles.

CAPÍTULO XL

DESENVOLVER A MEDIUNIDADE DE TRANSE

EXISTEM três tipos de condição de transe. Num deles, o Controlo espiritual toma posse total do médium, controlando o seu cérebro de forma tão completa que este fica inconsciente do que está a ser dito ou feito através do seu organismo.

Noutro, o Guia controlador apenas consegue tornar o médium inconsciente por períodos muito curtos durante o estado de «transe». No resto do tempo, o médium ouve o que o Guia diz, mas não consegue interferir sem causar uma quebra no controlo, o que provavelmente poria fim à sessão.

No terceiro tipo, o médium está inteiramente consciente durante todo o tempo. Sabe que o Controlo o está a usar, ouve tudo o que é dito e pode tanto encurtar como prolongar a comunicação se assim o entender, porque durante a sessão o controlo do seu próprio organismo e das faculdades mentais é mais forte do que o do seu Guia. Este terceiro grau tem as suas vantagens em certos aspetos, já que o médium aprende uma boa quantidade de coisas se o Controlo for

capaz de abordar assuntos interessantes — ciência, filosofia espiritual, etc. Por outro lado, tem as suas desvantagens, porque o médium pode interferir seriamente com o material que o Guia deseja transmitir através dele, especialmente se for de natureza espiritual ou científica, sobre matérias inteiramente fora do seu alcance normal de conhecimento; o seu nervosismo subconsciente de que aquilo seja dado de forma incorreta pode provocar uma tal tensão e «aperto» que muito pouco se conseguirá filtrar de todo. Se isto acontece ou não, depende em grande parte da estrutura mental do médium.

Se, antes de embarcar no seu desenvolvimento psíquico, ele tiver feito um curso de treino mental, tal como preconizei num capítulo anterior, e se a sua mente estiver habituada a tornar-se recetiva ao que quer que ele escolha — que neste caso seria a entidade controladora —, este terceiro grau demonstrar-se-á muito satisfatório. É certamente o método mais fácil e normalmente o mais rápido de desenvolver.

Muitos pretensos médiuns metem na cabeça que hão de ter o primeiro tipo de transe, ou nenhum de todo, o que é uma pena, já que poderá ser impossível para eles, ou poderão constatar que têm de esperar meses ou anos enquanto os seus Guias se esforçam por induzir uma condição de completa inconsciência. Ao passo que, se os médiuns estivessem apenas dispostos, ser-lhes-ia fornecido um ror de material útil através dos Guias durante esse período de espera, e o transe total acabaria por ser desenvolvido de forma perfeitamente natural e com menos esforço; o poder dos Guias e dos médiuns poderia assim ser utilizado durante todo o tempo de desenvolvimento. Olhando para trás, vejo como eu própria desperdicei anos porque insisti que a Feda me deveria controlar inteiramente, ou não controlar de todo.

Tenho tido conhecimento de vários casos em que o psíquico começou como um médium «normal», fazendo um excelente trabalho, e desenvolvendo gradualmente a condição de transe a par disso.

Por isso, o meu conselho pessoal para qualquer pessoa que deseje desenvolver-se como um médium de transe, ou controlado, seria o de permitir que o seu Guia o controlasse conscientemente, em primeiro lugar, deixando o Guia impressionar o seu cérebro com o que quer que

consiga, e ele próprio deveria cooperar conscienciosamente o mais possível, não interferindo intencional ou deliberadamente com nada do que o Guia diz ou faz através dele, nem duvidando disso.

Claro que, se o estudante der sinais de transe completo nas fases iniciais do seu desenvolvimento, tanto melhor. Pode prosseguir então dando simplesmente ao seu Guia todas as facilidades para o controlar, em momentos adequados e sob condições adequadas. Mas haverá muito poucos casos deste género, em comparação com o número muito maior daqueles que poderiam desenvolver-se de forma bastante rápida e satisfatória sob o terceiro sistema; pelo que repito, não desperdicem tempo continuando a impor o primeiro grau a vós próprios e aos vossos Controlos, quando já tentaram por uma quantidade de tempo razoável e falharam. Por razoável, quero dizer compatível com o que quer que esteja disponível para vós em termos de tempo e oportunidades. Claro que se percebe que muitos assistentes preferem falar com os seus amigos espirituais através de um médium que está inteiramente inconsciente quanto ao que está a ser dito através dele; naturalmente, cria uma atmosfera de maior privacidade. Algumas pessoas pensam que o estado de transe total dá mais margem ao Comunicador, permitindo-lhe dizer o que ele realmente quer dizer. Pode ser assim, mas penso que poderá haver exceções a isso.

A maioria dos médiuns de transe total é controlada por um Guia especial, tal como a Feda me controla a mim, e naturalmente este Guia torna-se muito proficiente a transmitir mensagens sobre quase qualquer assunto que o Comunicador espiritual possa dar; mas neste caso, certamente que a condição de estrita privacidade fica anulada pela presença do Controlo. Tenho ouvido assistentes dizerem: «Oh, mas um Controlo espiritual não é nada a mesma coisa que uma pessoa no corpo físico. Eu nunca me importo com o que um Controlo espiritual sabe ou ouve a meu respeito».

Bem, se uma vez aceitarmos a hipótese Espiritualista, não parece haver muito por onde escolher entre a presença de um Guia espiritual desencarnado a controlar o corpo do médium por um curto período e o próprio médium, que também é um espírito, com a única diferença de que calha estar a habitar o seu corpo físico por um tempo mais longo do que o Controlo consegue fazer. Cada um deles, o Controlo e o

médium, é uma personalidade humana. O Controlo, poder-se-á argumentar, deveria ser, por virtude de viver num mundo espiritual, de uma mentalidade mais pura e elevada do que o médium. Os factos nem sempre provaram que esta ideia estivesse correta. O Controlo é habitualmente escolhido, em primeiro lugar, pela sua apetência peculiar para a tarefa de mensageiro ou transmissor, mas não inteiramente pela sua santidade ou espiritualidade.

À medida que o seu trabalho avança, o Controlo desenvolve-se e progride. A sua é uma vida de serviço.

Que trabalho mais belo poderia haver para alguém que já partiu do que dedicar uma parte do seu tempo a auxiliar os outros a comunicarem com os seus amigos enlutados e desgostosos na terra e a confortá-los? A vida de um tal Controlo é feliz e interessante, mas acarreta sacrifício e uma estrita autodisciplina.

A Feda tem relatado frequentemente, de tempos a tempos, que «subiu um degrau» devido ao trabalho que tem sido capaz de fazer ao ajudar pessoas tristes e desesperançadas, mas também nos disse que não era de todo «boa» quando atingiu pela primeira vez o Outro Lado. Era jovem e ignorante, mas tinha uma mente muito rápida, ávida e entusiasta. Os seus poderes de observação e percepção eram adequados para o trabalho de um Controlo, e muitos outros são escolhidos, pura e simplesmente, por essa mesma razão, isto é, a sua adaptabilidade e apetência para o trabalho.

Quando o médium está a ser treinado como orador em assuntos espirituais e filosóficos, um Guia de uma ordem totalmente diferente é designado como Controlo, provavelmente alguém que ou trabalhou como professor ou pregador quando na terra, ou foi especialmente treinado desde que partiu. Alguns médiuns de transe têm apenas um Guia desta ordem, que dá aquilo a que se chama «discursos espirituais» ou sermões, frequentemente de carácter muito impressionante e inspirador. Outros psíquicos têm dois ou mais Controlos, um dos quais é proficiente em trabalho de teste ou de evidência, e os outros que atendem ao lado espiritual.

Falando de mim própria, apenas tenho tido a Feda como Controlo regular, e o trabalho dela destinava-se indubitavelmente, de forma

primordial, ao propósito de fornecer evidências da identidade pessoal daqueles que já partiram, mas ela possui também a capacidade de se tornar um porta-voz para os Comunicadores mais intelectuais, e repete o que eles dizem, mesmo que seja relativo a assuntos difíceis, espirituais ou científicos. Ela faz isto de forma tão rápida e fácil que os assistentes dizem ser quase o mesmo que se estivesse a ser dado diretamente pelos Comunicadores.

Ocasionalmente, estes Comunicadores controlaram-me eles próprios e alcançaram uma certa dose de fluência, mas habitualmente dão as suas mensagens através da Feda, que as transmite de novo.

Se vos foi dito pelo vosso Guia que o trabalho de transe é o vosso forte, perguntem-lhe qual dos métodos anteriores seria o melhor para vós. Ele poderá dizer-vos que não consegue indicar categoricamente até que tenham «feito sessão» por algum tempo. Em todo o caso, nunca deverão tentar desenvolver a condição de transe sozinhos. Penso que isto poderia ser um procedimento insensato e, nalguns casos, até perigoso.

Juntem-se a um círculo de desenvolvimento razoavelmente grande que seja presidido por um médium e instrutor experiente.

Sei que se podem desenvolver muitas das faculdades psíquicas, tais como a clarividência e a escrita automática, sentando-se num círculo de pessoas que tiveram pouca ou nenhuma experiência. Lembrar-se-ão de que todo o meu próprio desenvolvimento ocorreu com a Florence, a Nellie e a Agnes, em primeiro lugar, e a Florence e a Nellie não tinham feito mais desse tipo de trabalho do que eu própria, mas as muitas sessões com mesa que tivemos, aliadas a, se mo permitem dizer, uma perspectiva geral muito racional e inteligente sobre o assunto, pareceram ser tudo o que era necessário.

Mas poderá ser difícil encontrar três pessoas tão inteligentes, prestáveis, sensatas, de mente aberta e altruístas como a Florence, a Nellie e a Agnes. No entanto, duas delas tinham tido muito pouco nas suas vidas em termos de vantagens financeiras ou sociais.

Elas liam e pensavam.

Não tinham complexos, nem teorias estranhas e preocupantes sobre nada. Aceitavam as pessoas e as coisas pelo seu valor aparente. Se a Florence quisesse comprar uma libra de manteiga e entrasse numa loja de aspeto decente para o fazer, esperaria que a manteiga fosse boa e ficaria desapontada se a considerasse má.

Não a teria analisado nem sondado em todo o tipo de razões subtis e complexas para a sua má qualidade. Não haveria nenhuma autópsia sobre ela, mas tê-la-ia devolvido prontamente, dito ao vendedor o que pensava e não voltaria a ir àquele sítio, a menos que estivesse segura, para sua satisfação, de que fora um puro erro — um caso infeliz em mil.

Ela teria tratado o assunto da comunicação e do desenvolvimento exatamente da mesma maneira franca, simples e direta, provando os Espíritos pelos seus frutos. Se conseguirem conhecer algumas Florences, Nellies e Agneses, não precisam de procurar mais longe o vosso círculo. Mas a mais bela ramagem psíquica existente não dá muitas assim; pelo que pouparão tempo e o risco de desapontamento ao juntarem-se a um círculo de desenvolvimento realizado em ligação com uma instituição Espiritualista estabelecida, ou dirigido por qualquer médium fiável ou profissional que se especialize num tal trabalho.

Poderão considerar melhor juntarem-se a um círculo muito pequeno, onde o médium ou presidente terá tempo para se concentrar no vosso desenvolvimento individual, ou poderiam ter lições privadas, mas, em primeiro lugar, o círculo maior provavelmente ajudar-vos-á mais, já que o fluxo de poder psíquico e mental e de magnetismo é útil nas fases iniciais.

Se se estiverem a desenvolver para o transe total, no que chamei o primeiro sistema, poderão sentir «formigueiro» nos pés e nas mãos; por vezes, como se uma faixa estivesse em redor da vossa cabeça; ou poderão pensar que estão a crescer para um tamanho enorme. (Este último sintoma é um dos que senti mais do que qualquer outro.) Nunca deverá ser tão agudo que se torne desagradável ou doloroso.

Quando as pessoas me dizem: «Oh, senti-me tão esquisita no círculo ontem à noite. Foi realmente doloroso — faixas de ferro a

apertar-me a cabeça até pensar que ia gritar, e picadas terríveis por todo o lado», e por aí fora, suspeito delas como pertencendo ao tipo que se ocupa a fazer montanhas de montes de terra todos os dias das suas vidas, magnificando cada pequena coisa que acontece a si próprias. Pessoas bem-intencionadas, mas demasiado egocêntricas.

Se são excessivamente sensíveis a «sensações» e o sentimento se torna de facto insuportável, então façam o que é óbvio, afastem-no mentalmente, ou digam ao médium presidente, que vos ajudará a fazê-lo, provavelmente fazendo passes. Em todas as sessões que tive durante o meu desenvolvimento, nunca experimentei nada que tivesse apelidado de doloroso ou mesmo desagradável.

Poderão não sentir absolutamente nada e, após fazerem sessões durante muitos meses, ou mesmo anos, poderão começar a pensar, como eu pensei, que foi cometido um erro grave no quartel-general psíquico, e que não têm poder de espécie nenhuma e nunca o terão. Este poderá ser o preciso momento em que darão por vós a cair subitamente num transe completo pela primeira vez.

Se decidirem pelo segundo ou terceiro sistema, o procedimento é muito diferente, porque começam a «trabalhar» tentando cooperar com o vosso Guia logo desde o início.

Encontrem o círculo correto e tentem sentir-se «em casa» com os outros assistentes, bem como com o médium. Decidam-se a não reparar em todo o tipo de pequenas coisas pessoais neles de que instintivamente desgostam. Poderá não haver uma única pessoa com quem sintam que conseguiriam viver. Bem, não têm de viver com elas o tempo todo, por isso porquê preocuparem-se com elas?

Conheço uma mulher, bondosa na maioria das coisas, encantadora e possuidora de uma excelente faculdade psíquica de clarividência. Aconselhei-a a juntar-se a um círculo de desenvolvimento muito bom. Assim fez ela, e encontrei-a um pouco mais tarde e perguntei-lhe como estava a correr.

«De maneira nenhuma», respondeu ela. «Eu simplesmente não consegui ficar naquele círculo. Foi terrível demais para palavras».

«O que se passava com ele?», perguntei. «Eles têm tido alguns resultados esplêndidos no desenvolvimento de vários médiuns».

Ela disse: «Eram as condições. Eu sou tão sensível, sabe. Sinto as coisas e as pessoas de forma tão terrível. As outras pessoas que estavam sentadas faziam-me saltar os nervos. Estava lá o Sr. — — que come os h's todos o tempo todo, e a Sra. — — que transpira, e a Miss — — que é tão irritante. Ela tem uma aura, sabe, bate mesmo na pessoa. Vou ter de encontrar outro — um mais harmonioso. Talvez», esperançosa, «me possa recomendar um?»

Não o fiz, mas vi-a há pouco tempo e ela tinha experimentado mais uma série de círculos entretanto, e desperdiçado seis anos e meio. Para o dizer claramente, de nada adianta procurar uma condição já pronta para nós. Conseguimos fazer as condições moldarem-se a nós próprios decidindo ignorar as pequenas coisas insignificantes que não importam e não têm ligação com o nosso objetivo, e se elas forem bastante óbvias, lembrando-nos apenas das palavras: «Oh, isso é algum poder que os guias nos dão», etc. Os outros assistentes poderiam sentir o mesmo a vosso respeito, se tivessem tempo para pensar em vós — em vez de no desenvolvimento deles.

A vossa parte no desenvolvimento dos vossos poderes psíquicos é tornarem-vos sensíveis à influência do vosso Guia. A atenção das vossas faculdades conscientes deve ser retirada das pessoas terrenas e das coisas em vosso redor, e voltada para dentro e para cima, para os pensamentos e impressões do Mundo Espiritual. Devem fazer isto durante a duração da sessão. Em todas as outras alturas, a menos que o vosso instrutor vos tenha especificamente indicado para «fazer sessão» sozinhos e vos tornarem psiquicamente sensíveis, deverão manter-se o mais normais possível.

Quanto mais estiverem interessados então nas outras pessoas e nas coisas objetivas ao vosso redor, melhor. Mesmo antes de a sessão começar, tentem estar o mais calmos possível. Os vossos Guias estarão provavelmente a trabalhar em vós durante um tempinho prévio, e o resultado torna-vos mais sensíveis do que o habitual; mas se reconhecerem este facto e estiverem preparados para ele, usarão a vossa força de vontade e, de forma calma mas firme, recusar-se-ão a

«fazer fita» ou a ficarem perturbados com o que quer que seja, se o puderem de todo evitar.

Mesmo agora, após todos estes anos de trabalho mediúnico, sou por vezes apanhada desprevenida. Quando estou a dar uma sessão, posso verificar que estou a entrar numa condição enervada e altamente tensa. Talvez tenha chegado uma carta de natureza preocupante; as pessoas escrevem com muita frequência aos médiuns e derramam os seus problemas, evidentemente sob a impressão de que o médium possui algum tipo especial de poder que se porá automaticamente em funcionamento assim que recebe a carta, e incitará os Guias à ação em benefício do remetente. As pessoas que não estudaram o assunto creditam um médium com todo o tipo de poderes fantásticos. A única coisa que conseguimos fazer por estas pessoas é rezar por elas, a menos que, felizmente, haja algo de definitivo que possamos fazer para as ajudar, mas isto, em muitos casos, está fora de questão.

Seja qual for o problema que existiu, dou-me conta subitamente de que ele está ali e de que o estou a registar mais do que deveria fazer devido à condição hipersensível em que estou a ser colocada pelos Guias e pelo Controlo, e de que a minha parte do trabalho consiste em excluir os pensamentos terrenos preocupantes, mantendo ao mesmo tempo a condição de recetividade. Por este meio, alcança-se um estado passivo, mas altamente sensível, que é exatamente o que os operadores espirituais requerem.

Uma das melhores e mais simples coisas físicas que podem fazer é tirar um curso regular de exercícios de respiração. Eu faço sempre isto antes de uma sessão.

Coloquem-se junto a uma janela aberta se estiverem dentro de casa. Aspirem o ar pelas narinas, para a parte inferior dos pulmões, tendo o cuidado de não expandir a parte superior e o peito mais do que puderem evitar. Retenham o fôlego por escassos segundos, depois expirem-no lentamente pela boca. Façam isto apenas algumas vezes, para começar.

Depois, tomem o fôlego como antes, profundamente para os pulmões, e permitam que o peito receba algum também, de modo a preencher a totalidade dos pulmões. Exalem novamente, devagar, pela

boca. Depois, se não estiverem habituados à respiração «profunda», façam algumas respirações fáceis com a parte superior dos pulmões, à vossa maneira habitual.

Quaisquer exercícios simples de respiração que possam ser feitos sem esforço são de grande ajuda.

Infelizmente, verifico que caminhar (ou qualquer forma de exercício, além de escassos movimentos após o meu banho matinal) tem um mau efeito nas minhas sessões, pelo que tenho de o deixar para depois. Adoro jardinagem, mas seria fatal para uma sessão se eu saísse e fizesse alguma mesmo antes. Na verdade, não me posso deixar interessar verdadeiramente por nada até ter terminado o meu trabalho psíquico do dia; depois disso, tenho uma perfeita orgia de escavação, plantação, culinária, costura e tudo o mais que calhar estar em curso. Claro que algumas sessões desgastam a pessoa de tal maneira que um intervalo de descanso deve intervir entre o final da sessão e o trabalho físico ativo.

Nos dias do meu desenvolvimento propriamente dito, não me era possível executar estas instruções, mas estou a dar-volas porque sei que estão certas, e ter-se-ia poupado uma grande quantidade de tempo e desapontamento se eu tivesse sido capaz de as adotar. Se tiverem de percorrer alguma distância até ao vosso círculo de desenvolvimento, não se cansem a caminhar até lá; vão de transporte, se puderem, e caminhem depois. Resguarde-se para o círculo. Alguns dos meus leitores poderão ter um dia longo e árduo de escritório ou de algum outro trabalho antes de «fazerem sessão».

A única solução então é fazer o melhor uso de todo o tempo que houver entre o deixar o trabalho e o chegar ao local onde o círculo se realiza, relaxando mentalmente o mais que puderem. A Florence, a Nellie e eu tínhamos tido sempre um dia extenuante antes de podermos sentar-nos no nosso círculo à noite, mas éramos as três abençoadas com a capacidade de «sacudir as coisas» e colocar tudo de nós mesmas no usufruto das nossas sessões. Mesmo quando não obtínhamos nenhum resultado, sentíamos um profundo sentimento de felicidade pelo mero facto de estarmos sentadas com o conhecimento de que os nossos amigos espirituais estavam em nosso redor, e de que

sabiam que estávamos ali simplesmente para nos reunirmos com eles e estarmos entre eles, mesmo que não obtivéssemos uma palavra ou sinal durante toda a noite.

O círculo de desenvolvimento poderá abrir com uma prece, ou silêncio, ou alguma lição especial de concentração, mas assim que isso termine, tentem visualizar os vossos Guias como estando em vosso redor. Eles estão lá, senão não vos teriam dito para estarem lá. Lembrem-se, o seu objetivo é treinar a vossa mente para receber impressões de tudo o que o vosso pretense controlo possa desejar transmitir através de vós.

Como se estão a desenvolver sob o que chamei o terceiro sistema ou grau de transe, estarão totalmente cientes (no início, pelo menos) de tudo o que o Guia diz através de vós. Na verdade, o que ele diz parecer-vos-á como se uma ideia flutuasse para a vossa mente, aparentemente de lado nenhum, e devem recebê-la de imediato. Não a rejeitem nem a analisem mentalmente, senão a vossa própria mente tornar-se-á demasiado ativa e interferirá com o que quer que o Guia esteja a tentar transmitir-vos. Cedam ao desejo de articular e repetir em voz alta as palavras que se estão a formar no vosso cérebro. Não hesitem, senão estancam o fluxo.

É possível que o vosso Controlo tenha notado algum espírito em particular de pé perto de um dos assistentes e tente descrevê-lo através de vós como um exercício útil, o qual o ajudará a ficar *en rapport* com a vossa mente e cérebro. Supondo que o espírito que ele deseja descrever é o de uma mulher jovem, alta e bonita com, digamos, cabelo acaju, olhos avelã e que gosta de música. Ela é a esposa do assistente e partiu num acidente de viação há um par de anos.

Estes detalhes podem flutuar através da vossa mente, não na ordem em que os dei, ou como seria de esperar que fossem dados; poderão colocar a carroça à frente dos bois, por assim dizer. O Guia mostrá-los-á na ordem correta, mas a vossa mente destreinada poderá perder a primeira porção da sua descrição e responder apenas ao último item, e darão por vós subitamente cientes de que vos foi dada a impressão de um automóvel.

Não precisam de fazer imediatamente a declaração calva e insatisfatória: «Está ali um automóvel».

Isso é obviamente incompleto. Retenham a ideia do automóvel e esperem de forma tentativa e expectante por um outro elo. Ele poderá surgir rapidamente e será provavelmente a descrição do espírito. Poderão «ouvir» as palavras: «cabelo brilhante — acaju — mulher alta — bela — jovem», e no entanto poderá ainda não haver nada de definitivo com que consigam ligar a senhora àquilo que obtiveram primeiro — o automóvel.

Têm de se agarrar a todos os detalhes à medida que vos chegam e continuar ainda assim a ser recetivos. Depois, poderão obter o elo em falta entre a mulher e o automóvel através do sentimento ou da sensação, não por vos ser dito. Poderão obter uma sensação de choque — tragédia — depois acidente. Assim que obtiverem isto, transmitam-no logo, calmamente, sem excitação.

O Guia dar-se-á conta de que transmitiram o que ele vos deu e esforçar-se-á imediatamente por vos dar mais.

O Guia tem de descobrir, através da prática contínua, qual dos vossos sentidos é mais facilmente afetado. Ele poderá constatar que o vosso sentido da audição é aquele que pode ser afetado psiquicamente de forma mais rápida do que qualquer outro que possuam, situação em que começará por vos «falar» sobre a senhora que foi morta no acidente de viação. Ele «dir-vos-á» a cor do cabelo dela, sobre os seus talentos musicais, e assim por diante.

Não os «verão», a menos que o vosso Controlo constate que o vosso sentido da «visão» é muito recetivo. A Feda diz-me frequentemente que muda de um sentido para outro na mesma sessão, mas raramente consegue usar todos os sentidos ao mesmo tempo.

Mesmo que sejam um médium de transe total, inteiramente inconscientes ao longo da sessão de tudo o que o Controlo diz ou faz, ele ou ela estão a usar o vosso cérebro de forma muito semelhante a como se estivessem a desenvolver-se para o transe consciente ou semiconsciente; neste último, conseguem interferir com as mensagens ou descrições levantando objeções sobre a probabilidade de estarem corretas, ou conseguem ajudar obedecendo rapidamente à impressão

de repetir com a vossa garganta, língua e lábios o que quer que o controlo tenha incutido na vossa mente.

Uma cooperação inteligente e consciente deste género torna o ato de controlar uma tarefa fácil para o Guia. No estado inconsciente, ele tem de fazer todo o trabalho, impressionando o vosso cérebro e fazendo com que os vossos pulmões, laringe, língua e lábios respondam aos seus desejos, sem a vossa assistência consciente.

Depois de o Guia se ter tornado facilmente capaz de impressionar a vossa mente com descrições de pessoas, e quaisquer factos definidos e evidentes que lhes digam respeito, ele dará um passo mais além e pegará numa mensagem do espírito, a quem chamaremos agora o Comunicador, e tentará fazê-la passar através de vós. Ele só conseguirá fazer isto eficientemente se for capaz de usar o vosso sentido psíquico da audição, a menos que a mensagem se refira a um assunto que possa ser dado de forma pictórica.

Supondo que a Comunicadora quer dizer que viu o seu filhinho na terra a olhar para o retrato dela, o Guia poderia mostrar uma imagem do rapaz de pé junto ao retrato da senhora; mas poderá haver muitas mensagens que só consigam ser dadas sendo repetidas palavra por palavra, e isso exigirá uma grande quantidade de prática.

Talvez se perguntem o que quero dizer com o termo sentido psíquico, ou visão?

Bem, conforme eu o entendo, todos os nossos sentidos físicos — visão, audição, tato, olfato e até o paladar — têm as suas contrapartidas psíquicas. Isto é, o corpo da alma no qual funcionaremos após a «morte» (e que nos é acessível durante a vida terrena se aprendermos a estar conscientes dele) tem o seu próprio conjunto de sentidos, correspondendo a cada sentido do corpo físico e possuindo provavelmente outros que ainda não compreendemos. Na mediunidade mental, são estes sentidos da alma — ou como muitos lhe chamam, o corpo etérico — que percebem as pessoas e as coisas no plano espiritual ou na terra, a uma distância tal que os sentidos físicos não conseguiriam vê-las nem ouvi-las.

A mediunidade perfeita é a cooperação perfeitamente consciente entre os sentidos do corpo físico e os do corpo da alma. Na

mediunidade de transe, o Controlo trabalha primeiro através dos sentidos da alma, registando através deles a descrição ou mensagem necessária à qual os sentidos físicos respondem depois.

Peguem novamente no caso da senhora que deseja dizer que o seu filhinho tem estado a examinar o seu retrato. A imagem da senhora, do seu filho e do retrato seria registada, primeiramente, no sentido da visão do corpo da alma, e depois no do corpo físico. A tarefa do Controlo é interligar as duas mentes o mais rapidamente possível, de modo a que se perca pouco tempo entre a «captação» da visão da senhora e o «registo» da mesma. O corpo da alma poderia ser comparado à lente da câmara, e o corpo físico ao negativo que recebe a imagem.

Se a senhora espírito quisesse dar uma mensagem verbal que não pudesse ser dada de forma pictórica, só o conseguiria fazer se o Controlo fosse capaz de usar o sentido psíquico e físico da audição do médium; cada palavra teria de ser repetida à medida que vinha, cada palavra em particular, e nenhuma outra.

É muito mais fácil, diz-nos a Feda, dar uma mensagem de forma simbólica ou pictórica. Há tantas representações alternativas abertas para nós. Se o Comunicador desejasse declarar verbalmente que um parente na terra estava muito doente, teria de dizer definitivamente as palavras: «Fulano está muito doente». Mas se escolhesse dá-lo de forma pictórica, tem uma escolha de dois ou três métodos, mostrando o parente na cama, mostrando-o sentado numa cadeira com aspeto doente, ou dando ao médium o sentimento da doença, talvez até indicando o local exato no corpo que está afetado pela maleita.

A Feda diz que constata frequentemente ser fácil dar um nome, quer seja próprio quer apelido, desta maneira. *Ivy — May — Leo — Green, Smith, Potter*, e assim por diante.

O sentido psíquico da audição poderá possivelmente ser desenvolvido e usado antes do da visão, ou poderão desenvolver-se simultaneamente.

Façam o que fizerem, em circunstância alguma cedam à tentação de exercer as faculdades psíquicas a todo o momento. Os únicos casos em que soube que surgiu alguma tensão ou desconforto através do

desenvolvimento dos dons mediúnicos é onde estes foram deliberadamente mal utilizados. Digo deliberadamente porque algumas pessoas muito obstinadas e cheias de si insistem em desconsiderar o conselho daqueles que têm muitos anos de experiência pessoal nos campos da pesquisa psíquica. Pensam que são especialmente dotadas e que podem, por isso, ignorar todas as regras que as outras pessoas consideraram necessário, aliás, essencial seguir.

É uma tentação, quando nos vemos a abrimo-nos às belezas e maravilhas até então ocultas do Mundo Espiritual, entrar e habitar nelas o mais possível, mas temos de nos lembrar de que a vida física tem de ser vivida, não percorrida à deriva, e que permitirmo-nos viver inteiramente em contemplação mental das coisas espirituais, com o abandono ativo dos deveres terrenos, é algo de que nos devemos guardar a todo o custo.

Apenas poucas pessoas, felizmente, caem neste tipo de vida abstrata e egoísta. A grande maioria constata que a percepção da existência do Mundo Espiritual, e daqueles que amam e que foram habitar para lá, as estimula a executarem os seus trabalhos na terra de forma mais minuciosa do que nunca. Penso que é aí que o desenvolvimento do «transe consciente ou semiconsciente» ganha vantagem sobre o do «transe total», porque no primeiro o médium junta-se, por assim dizer, e beneficia com tudo o que passa através dele.

Quando a Feda me disse pela primeira vez que eu teria de desenvolver o transe total antes de ela conseguir trabalhar através de mim, fiquei desapontada de uma forma bastante egoísta, já que queria ter a vantagem de me dar conta de tudo o que ela diria e faria através de mim. Ela assegurou-me de que, se eu aceitasse trabalhar «sitiada às cegas» por um tempo, constataria que haveria alturas, embora não durante as minhas sessões de transe, em que seria capaz, conscientemente, de me abrir e tanto ver como ouvir no plano espiritual, o que, escusado será dizer, veio a acontecer.

Ainda assim, tive de esperar vários anos por isso, embora tenha valido bem a pena quando chegou. A grande questão é, assim que se dão conta do que o vosso Guia viu ou ouviu, e deseja transmitir

através do vosso organismo, deixá-lo fazê-lo: cedam-lhe o passo. A autoconsciência e a timidez são os maiores escolhos para o fazer. Nem sempre é fácil, num círculo composto por pessoas que mal conhecem, ceder subitamente ao impulso psíquico de lhes descrever uma forma espiritual, ou dar-lhes uma mensagem que, por tudo o que sabem normalmente, poderá ser um absurdo completo. A pessoa naturalmente reservada e tímida tem de tentar superar estes inconvenientes o mais possível nas suas vidas normais, à margem das sessões. É por isso que recomendo um curso de treino mental antes de embarcar no desenvolvimento mediúnico.

Gostaria de dizer algo aqui que se aplica não apenas aos diferentes graus de transe, mas a todas as outras formas de mediunidade também. A questão de saber se conseguem desenvolver-se como médiuns não depende da quantidade de poder que possuem. É esta: têm o temperamento correto e a vontade de usar o poder?

É minha firme convicção, e tem sido confirmada por muitos Comunicadores experientes do Outro Lado, que toda a gente nasce com a mesma quantidade de poder psíquico. Não é dado a uns poucos afortunados e negado à maioria por alguma razão totalmente incompreensível. O poder, a faculdade, está lá — em vós — pertence-vos.

A vontade de o usar depende de vós.

Por outras palavras, conseguem, e querem, desenvolver o poder de usar o poder, se o puder pôr dessa maneira?

Conseguem desenvolver o caráter, e a vontade e o poder, e alterar o vosso temperamento se o desejarem. Milhares de pessoas o fizeram, por razões comuns do dia a dia. Um homem que pensa que está apto por temperamento para uma vocação, mas constata que as circunstâncias o impelem para um outro trabalho inteiramente diferente, moldará as suas ideias, a sua vontade, a sua ambição nas linhas do seu novo trabalho. Não importa quão diferente seja, quão oposto a tudo o que pensava desejar fazer, se aplicar a sua vontade e energias a isso, porque está determinado a fazer disso um sucesso, conseguirá fazer bem essa coisa.

Em vez de dizerem, «Vou juntar-me a uma turma de desenvolvimento onde possa aprender a ganhar poderes psíquicos, clarividência ou clariaudiência», digam, «Vou aprender a ajustar-me ao dom perfeitamente normal que recebi à nascença e que é comum a toda a humanidade».

O poder psíquico é natural, como digo, comum a todos; é a forma que assume que poderá ser diferente, e dependerá da estrutura mental do médium. Tal como um músico desenvolve o seu dom musical de modo a conseguir interpretar uma certa escola ou classe de música melhor do que outros; ou um artista sobressai nas aguarelas, outro no óleo, outro no sépia, e assim por diante. Penso que toda a arte pertence mais à esfera psíquica do que à mental, e que os dons mediúnicos são apenas uma expressão, ou ramificação, dos poderes artísticos.

Algumas pessoas disseram-me que, quando desenvolveram dons psíquicos, tais como a clarividência ou a clariaudiência, perderam aparentemente qualquer faculdade artística que possuísem, mas a experiência tem-me mostrado que isto apenas precisa de ser por um tempo. A mente tem de parar de se concentrar num para conseguir obter um domínio firme sobre o novo ramo, mas uma vez feito isto, a faculdade artística ou qualquer outra deveria ser melhorada, não prejudicada, pelo despertar da consciência para o Mundo Espiritual.

Os Guias aconselham ocasionalmente um estudante a abster-se da concentração noutro assunto até ter atingido um certo ponto no seu desenvolvimento, mas isso não significa que ele precise de perder todo o interesse nele. Eles deixam habitualmente ao nosso senso comum julgar quanto tempo conseguimos dar a um ou a outro, mas se houver condições muito especiais ou nervosas que possam tornar desaconselhável a concentração intensa em mais do que um assunto de cada vez, os Guias aconselham frequentemente em conformidade. Claro que depende em grande parte da natureza do trabalho normal do estudante. Se a pessoa for capaz de levar uma vida ativa e saudável, sem demasiada tensão mental, poderá sentir-se ainda melhor por prosseguir-lo em acréscimo ao desenvolvimento psíquico. Deve trazer-se uma perspetiva sã e razoável a incidir sobre esta questão e determiná-la por si próprio o melhor que conseguir.

Diz-se muita coisa sobre os maus resultados de se ser um médium de transe. Muitos são os panfletos que me têm sido enviados anonimamente por pessoas que devem ser absolutamente ignorantes sobre este tipo de desenvolvimento.

Um folheto declarava que todos os médiuns de transe acabavam por se tornar obsessos por espíritos malignos e terminavam os seus dias num manicómio, a menos que fossem levados ao suicídio entretanto.

Evidentemente, os autores destes panfletos nada sabem sobre o cuidado que é tomado num bom círculo de desenvolvimento para instruir os estudantes sobre o seu desenvolvimento e para vigiar cuidadosamente o mais pequeno sinal de qualquer comportamento insensato. Ninguém deveria permitir que qualquer entidade desencarnada os controlasse a menos que saibam quem e o que é esse ser. Não me refiro a qual é o seu nome, mas ao seu carácter e propósito ao desejar controlar. Antes de aceitar que a Feda me controlasse, eu tinha provado a sua genuinidade e honestidade de propósito, e cada futuro médium deveria fazer o mesmo relativamente ao seu controlo.

Indubitavelmente, o próprio facto do desenvolvimento acentua as características de cada um, tanto as más como as boas. A pessoa torna-se mais sensível ao sentimento, ao sofrimento, a impressões de todos os tipos; portanto, tanto mais razão para se conhecer a si próprio e ser capaz de se controlar antes de iniciar esta «abertura da porta». Não são as maquinações de espíritos malignos que têm de temer, mas o funcionamento das vossas próprias falhas subconscientes, a menos que se tenham treinado mentalmente nas linhas corretas.

Não terão nada a temer de «espíritos malignos» se não tiverem nada a temer de vós próprios. Os médicos e as pessoas que têm estado presentes em operações dizem que muitos indivíduos de carácter e comportamento irrepreensíveis, quando sob a influência de um anestésico, usam ocasionalmente a linguagem mais sórdida e obscena.

Penso que isto não é mal real nas suas próprias naturezas, mas simplesmente uma memória despertada de algo ouvido nalgum momento, que chocou tanto o ouvinte que este enterrou o material obnócio na sua mente subconsciente, reprimindo-o e, ao mesmo

tempo, retendo-o, até que chega o momento em que a ação do anestésico o liberta e este vem à superfície, por vezes para espanto e consternação de quem quer que esteja a escutar.

As pessoas boas que levam vidas exemplares têm frequentemente sonhos que as chocam e desgostam.

Suponho que o psicanalista explicaria estes nas linhas da «repressão», e sem dúvida que tem razão, mas se as pessoas cuja subconsciência armazenou estes registos pouco recomendáveis, e os liberta sob o efeito do clorofórmio ou do sono natural (que é, num sentido, um anestésico), aprendessem a controlar as suas mentes conscientes selecionando os pensamentos corretos e rejeitando os indesejáveis durante as suas vidas diárias comuns, penso que se constataria que o material que derramam quando «inconscientes» estaria livre de qualquer coisa censurável.

Quando me refiro a selecionar os pensamentos corretos e rejeitar os errados, não pretendo sugerir por um único momento que a pessoa se deva tentar tornar alheia ao mal e ao sofrimento no mundo. É o nosso trabalho percebê-lo e enfrentá-lo com toda a força que conseguirmos. É o habitar estúpido, sem rumo e antinatural no desagradável, sem fazer qualquer movimento para o erradicar ou tomar medidas definitivas para melhorar as coisas, que cria a condição subconsciente insalubre. Compreender a importância do controlo da mente não significa excluir os problemas das outras pessoas, mas dar-nos-á uma melhor perspetiva relativamente aos delas e aos nossos.

Receio que haja um bom ror de pessoas (não necessariamente Espiritualistas, nem aquelas em treino como médiuns) que fazem um culto de nunca pensar, falar ou permitir que mais ninguém as lembre de nada desagradável. Nunca ajudam em nenhuma reforma ou em nenhum trabalho progressivo, porque se cegam deliberadamente para a necessidade disso. Estão sempre a esquivar-se à verdade se esta não lhes for palatável.

Ao aderirem a esta política egoísta de autoproteção, poderão parecer ter-se salvaguardado do conhecimento da crueldade, do sofrimento e da contenda no mundo em seu redor, e criado uma pequena ilha de faz-de-conta na qual se exilaram, mas não são felizes.

Na verdade, revelam-se habitualmente como sendo as pessoas mais infelizes e miseráveis quando as passamos a conhecer minuciosamente.

O perigo de obsessão no transe é insignificante, aliás, duvido honestamente que exista de todo se se seguirem as linhas corretas tanto de ação como de pensamento a todo o momento, tanto quanto formos capazes. Por obsessão, quero dizer a possibilidade de um espírito maligno ou não progredido controlar a mente da pessoa enquanto esta está em transe.

Existe uma condição muito importante de que se deve guardar mais do que de qualquer outra, e essa é o egotismo.

É, na minha opinião, responsável por mais problemas, desapontamento e prejuízo em geral no desenvolvimento psíquico do que qualquer outra causa. Está também na raiz da maioria dos casos de insanidade.

Tenho conhecido um bom ror de pessoas insanas, já que verifiquei sempre que exercia um efeito benéfico nelas, por alguma razão que não compreendo muito bem; portanto, se alguma se cruza no meu caminho, tento habitualmente manter-me em contacto com ela. Mesmo com aquelas de ordem aparentemente calma e mansa, encontrar-se-á sob a superfície um egotismo invencível e inalterável. Este esteve sempre lá, oculto até que a doença, o choque ou alguma outra causa o fez aproximar-se mais da superfície, onde se expressa sob a capa de um delírio quanto a a pessoa ser a Rainha Isabel, a Cleópatra ou alguma outra pessoa famosa. Mesmo que não se individualize desta maneira, produz uma obstinação sobre certas coisas que se torna uma mania com o tempo, em vez da idiossincrasia que parecia tão inofensiva aos amigos do paciente antes de algo ter acontecido que desse um choque à subconsciência pondo-a em ação, e desregulasse mais completamente a perspetiva mental.

Portanto, guardem-se contra o mais pequeno sinal de egotismo, ou de uma tendência demasiado positiva ou agressiva. As condições egotistas e positivas andam frequentemente de mãos dadas em pessoas que são extremamente negativas noutros aspetos. É o «equilíbrio»

errado destes dois estados — o positivo e o negativo — que torna frequentemente uma pessoa escrava de «humores».

Aqui, novamente, surge o valor de um bom círculo de desenvolvimento, levado a cabo sob os auspícios de uma pessoa sábia e experiente, que vigiará quaisquer sinais de tipo indesejável e avisará de imediato o estudante ou para tomar medidas para eliminar a condição, ou para abandonar a ideia do desenvolvimento psíquico (especialmente o transe) por completo.

Talvez o estudante estivesse inconsciente de possuir este traço em particular; provavelmente nunca ninguém gostou de lho dizer e, se ele for em todos os outros aspetos sensato e razoável, verá de imediato a conveniência de melhorar as coisas. Se o fizer, uma tal pessoa poderá tornar-se um instrumento psíquico de primeira classe e um trabalhador no movimento. O elemento muito enérgico e positivo que ameaçava ser uma fonte de perigo demonstrar-se-á um trunfo valioso para ele quando for podado e treinado nas linhas corretas. Em cada passo que der em direção a um tal fim, será ajudado pelos seus Guias.

CAPÍTULO XLI

CLARIVIDÊNCIA

A CLARIVIDÊNCIA e a clariaudiência entram na categoria da mediunidade normal. Pessoalmente, defendo a opinião de que toda a mediunidade é normal. Uma pessoa entra em transe e é controlada por uma entidade desencarnada, outra pessoa vê ou ouve psiquicamente sem ser controlada, mas continua a necessitar de ser ajudada por um Guia. A maioria dos clarividentes totalmente desenvolvidos que conheci disseram-me que estiveram conscientes da cooperação de um Guia no seu trabalho, mas há muitas pessoas que possuem poderes deste género bastante notáveis que não têm ideia quanto à sua fonte, ou como regulá-los, e nunca assistiram a uma sessão.

Sabem simplesmente que em certas alturas «veem» ou «ouvem» algo que está fora do alcance da sua visão ou audição comuns. Fala-se delas habitualmente como clarividentes naturais. Penso que o termo

natural neste caso significa que a faculdade da clarividência está simplesmente mais perto da superfície em algumas pessoas. Noutras tem de ser trazida cá para fora através do desenvolvimento.

Quantas pessoas que nunca estiveram numa sessão, ou sequer leram um livro sobre o assunto, vos dirão que tiveram alguma manifestação definida de natureza psíquica nalgum período das suas vidas! Penso que quase toda a gente conseguiria, havendo o desejo, a oportunidade e as condições corretas, desenvolver a clarividência ou a clariaudiência.

Um grande número de pontos de focagem diferentes são usados para ajudar com este objetivo, tais como uma bacia de água límpida, um cristal ou um puxador de metal brilhante que capte a luz.

Se for um puxador ou uma esfera de metal, o objeto deve ser colocado numa posição onde capte e reflita um feixe ou raio de luz. O resto da sala deve estar suficientemente ténue para ser repousante para os olhos e para fazer sobressair a esfera.

Sentem-se a cerca de cinco ou seis pés de distância da esfera, a qual deve ser colocada num suporte de modo a ficar mais ou menos ao nível dos vossos olhos. Após fazerem alguns dos exercícios simples de respiração que descrevi, fiquem sentados calmamente, numa condição relaxada — nunca tensa —, olhando fixamente para a esfera. Aqui está um ponto importante. Na maioria dos livros sobre o assunto dizem-vos para vos concentrardes.

A minha experiência tem sido a de que é melhor não concentrar, mas sim contemplar. A concentração cria uma condição um tanto tensa neste caso. Em grande parte do trabalho psíquico e mental, especialmente neste último, sabemos que a concentração é necessária, mas em tantas formas, tais como a clarividência e a clariaudiência, a contemplação deveria ser usada. Não é vantajoso estar tenso e positivo; a pessoa tem de estar passiva e suficientemente negativa para ser verdadeiramente receptiva. A tensão poderá tornar a pessoa sensível a sons, pensamentos e sentimentos que pertencem à terra, mas não ao espírito ou à alma.

Quando a pessoa se torna extremamente tensa, não é verdade que o medo entra facilmente?

Se alguém está sozinho numa casa e ouve um som que sugere ladrões no silêncio da noite, concentra-se imediatamente e fica tenso. Quanto mais o faz, mais nervoso e altamente tenso consegue ficar, até que o mais ligeiro ranger ou som de um caixilho de janela sacudido pelo vento sugere todo o tipo de coisas terríveis que não têm existência na realidade.

Por conseguinte, aprendam a contemplar a esfera ou puxador. É na verdade uma forma muito suave de auto-hipnose, desligando a nossa mente e atenção das coisas materiais ou objetivas, e permitindo-nos ver com a visão da alma ou psíquica, em vez da física.

Pode-se «ver» com os olhos abertos ou fechados. Pelo facto de se ver com os olhos abertos, não se segue que o que é visto seja, em qualquer sentido, objetivo. Uma segunda pessoa na sala poderia não ver absolutamente a mesma coisa. Já vi uma forma espiritual sentada num sofá numa sala de estar que continha cinco ou seis pessoas; duas, pelo menos, olhavam diretamente na direção do sofá, mas não viram nada da forma que eu via com clareza suficiente para descrever em detalhe. Parecia-me que via com os meus olhos físicos, mas penso que é como se os olhos da alma usassem os físicos, tal como se usa um par de óculos adequados para aumentar a visão física por vezes, embora se consiga passar sem eles noutras.

Poderão ver coisas um tanto sem sentido, e até tolas, ao início. Os vossos Guias poderão mostrar-vos algo que vos provará que não é nada que tivessem imaginado por vós próprios.

Uma das primeiras coisas que vi por clarividência foi um papagaio sentado numa gaiola ridícula composta por um grande abafador de bule de cetim vermelho, do qual se tinha cortado uma secção e colocado pequenas barras de ouro transversalmente. Após passar vários dias sentada e sem ver mais nada, fiquei muito desgostosa com este resultado, mas a Feda disse-me mais tarde que era meramente um pequeno exercício, algo que eu não poderia imaginar ter estado na minha mente.

Um papagaio sentado num abafador de bule era a coisa mais distante da minha mente que poderia ter sido escolhida, já que nunca tive um papagaio, nem estive interessada em nenhum, e detesto cetim

vermelho! Devem encarar os objetos isolados e sem sentido que possam ver primeiro como exercícios psíquicos de «cinco dedos» — para usar uma analogia musical — ou como os ganchos e traços que uma criança tem de ser proficiente a ver e a fazer antes de conseguir inscrever letras perfeitas, juntá-las e formar palavras.

Após um número razoável de exercícios deste género, não criem o hábito de ver estas coisas desconexas; peçam aos vossos Guias para vos ajudarem a ir mais longe, e a mostrarem-vos uma coisa que consigam juntar a outra e fazer sentido disso, tal como a criança juntou as letras para formar uma palavra.

Provavelmente ser-vos-ão dados símbolos. Tentem desenvolver o poder de compreender o seu significado. A interpretação chegará provavelmente até vós de uma forma inspiracional. Nesta fase, poderá ser bom, se estiverem a fazer sessão sozinhos, terem junto a vós um bloco de notas e um lápis. Não usem uma lapiseira de metal, já agora; os lápis comuns envoltos em madeira são os melhores. Depois, podem anotar calmamente qualquer símbolo importante ou interpretação que vos seja dada. Não façam esforço para o fazer. Algumas pessoas conseguem tirar notas deste género de forma muito mais fácil do que outras. Nas fases iniciais, é mais importante aprender a «ver» e ficar estabelecido e proficiente no ver, do que registar o que viram. Mais tarde, poderá ser introduzido um amigo simpático, que não interfira com as condições psíquicas, mas que possa tirar notas de tudo o que descreverem.

Todas as instruções acima destinam-se a aplicar-se ao estudante cujas circunstâncias o ou a impelem a desenvolver-se sozinho, mas a maioria das pessoas acha mais fácil e rápido desenvolver-se num círculo, sob a supervisão de um médium experiente. Pessoalmente, sou a favor do círculo de desenvolvimento em toda a linha, mas é uma questão individual. Tenho conhecido pessoas que desenvolveram excelentes poderes de clarividência completamente sozinhas, com grande melhoria da sua saúde física e mental, mas eram todas pessoas extraordinariamente equilibradas, com uma abundância de outros interesses saudáveis e normais.

Por outro lado, existem exceções. O doente inválido e impotente, por exemplo. Para uma pessoa acamada, é uma bênção indizível ser capaz de desenvolver um dom como a clarividência. Passa as longas e desgastantes horas de ociosidade e inatividade forçadas se conseguirem ver e ouvir os amigos espirituais em seu redor, os quais se dão ao trabalho extra de se fazerem notar pelas almas doentes e sofredoras na terra. Muitas dessas pessoas falaram-me da grande alegria que foi trazida às suas vidas ao entrarem em contacto com o Espiritualismo e os seus ensinamentos, e ao descobrirem que conseguem obter vislumbres ocasionais dos seus amigos espirituais e do Outro Lado.

Quer se estejam a desenvolver sozinhos, quer numa turma, assim que se derem conta de que conseguem ver por clarividência um rosto suficientemente bem para o descreverem, procedam a fazê-lo. É da maior importância desenvolver o dom de registar no vosso cérebro tudo o que veem, e descrevê-lo, durante as fases iniciais. Estamos todos familiarizados com a pessoa que descreve uma forma espiritual em termos tão vagos que a descrição se ajustaria ao pai, ao avô, ao tio, ao irmão e talvez a pelo menos meia dúzia de primos, ou a um grande número de amigos ou conhecidos.

Um rápido reconhecimento — e descrição imediata — dos detalhes de um rosto será de grande ajuda mais tarde, quando o estudante estiver totalmente desenvolvido e a usar o seu dom para ajudar e convencer os outros da realidade do Mundo Espiritual.

Algumas pessoas não são destras a observar e a registar detalhes da aparência das pessoas que encontram nas suas vidas terrenas comuns. Uma tal pessoa deveria começar imediatamente a remediar esse defeito praticando com pessoas que vê no autocarro, no comboio ou no metropolitano. Pode olhar para o rosto de um companheiro de viagem por um momento, depois desviar o olhar, ou fechar os olhos, e ver se consegue lembrar-se das feições com clareza suficiente para ser capaz de as descrever caso seja chamada a fazê-lo. É surpreendente como este exercício simples melhora o poder de observação, e é uma faculdade útil de possuir para lidar com os assuntos mundanos da vida, além de ser extremamente necessária no trabalho psíquico.

Quando se tiverem desenvolvido de modo a conseguirem ver, e descrever, rostos e formas dos amigos espirituais, peçam aos vossos Guias para vos capacitarem a obter algum tipo de mensagem do Comunicador.

«Porquê pedir ao vosso Guia?», oiço alguém dizer. «Será que ele não tem o bom senso de vos ajudar a obter uma mensagem sem lhe ser pedido para o fazer?»

Sim, claro que tem, mas ele não consegue sempre distinguir se estão prontos para que ele dê algum material mais difícil e possivelmente complexo. Poderia apenas confundir-vos se tentasse demasiado antes de se terem tornado proficientes e descontraídos nas fases mais elementares do ver. Portanto, deixem os vossos Guias saber quando estão prontos para mais. As primeiras mensagens que surgem podem ser — e são frequentemente — dadas sob forma simbólica, já que a maneira pictórica de dar mensagens será a mais fácil até terem desenvolvido o poder da clariaudiência. Este último poderá ser desenvolvido concorrentemente com a clarividência, mas não acontece frequentemente dessa maneira.

O simbolismo é a forma mais útil de comunicar uma mensagem, mas existe o perigo de um certo tipo de mente se agarrar ao método simbólico sem desenvolver o poder para o interpretar, ou nunca passar além dele de modo a «ouvir» uma mensagem definitiva.

Lembro-me de um rapaz que tinha partido na guerra e que estava a comunicar com a sua mãe através da Feda. Pouco tempo antes da sessão, a mãe tinha ido consultar uma psíquica que fizera uma descrição notavelmente boa da sua aparência pessoal. Através da Feda, a mãe perguntou ao filho por que razão ele não tinha sido capaz de lhe enviar uma mensagem convincente através dessa médium, em vez de lhe mostrar símbolos que ela evidentemente não era capaz de interpretar e que a mãe também não compreendia. O rapaz disse, através da Feda: «Bem, mãe, eu sabia que a médium me via, mas assim que quis falar contigo através dela, o Guia dela disse que ela não estava desenvolvida nessas linhas e que eu tinha de encontrar algum símbolo que explicasse o meu significado, ou que ele, o Guia, o faria por mim. Como fui morto num avião, era fácil mostrar a imagem

de uma máquina a cair como evidência de identidade, mas não consegui pensar em muito mais que pudesse mostrar como imagem, por isso tive de deixar o Guia e a médium fazerem-no por mim, e eles fizeram uma autêntica caldeirada daquilo.

Fiquei a ouvi-los e, depois de terem descrito um arco-íris, uma cruz escura que se transformava numa cruz de luz, estrelas flamejantes, rebanhos de belas ovelhas com campainhas de alegria penduradas ao pescoço e todos os animais que entraram na arca, fiquei farto daquilo e desisti».

Muitos de nós têm tido exemplos desta descrição infindável e maçadora de símbolos que apenas nos confundem e preocupam. Portanto, não fiquem nessa rotina. Se desenvolveram clarividência suficiente para «ver» uma ovelha gorda a usar um punhado de campainhas de alegria, então deveriam ter-se desenvolvido suficientemente para serem capazes de ver algo mais aplicável às circunstâncias e mais facilmente «traduzível».

Um outro método de desenvolver a clarividência é olhar para um cristal ou para uma bacia de água. O cristal ou a bacia devem ser colocados sobre um pedaço de veludo preto. O veludo deve estar ligeiramente elevado em redor do cristal, mas não demasiado perto dos seus lados. Olhem calmamente para dentro dele.

Novamente, é uma questão de contemplação.

Algumas pessoas dizem-nos que veem formas de pessoas, cenas e imagens de maneira objetiva no cristal, mas a maioria vê de forma subjetiva, penso eu. Nas escassas e únicas vezes em que eu própria vi alguma coisa, sei que era a minha visão subjetiva que estava a ser usada. A contemplação do cristal ou da água simplesmente produzia o tipo correto de condição mental que permitia à minha visão psíquica funcionar, exatamente como o olhar para o puxador brilhante fazia.

Verifiquei que a melhor maneira para mim própria de induzir a clarividência era deitando-me completamente de costas, numa cama de preferência, com uma almofada não muito alta. A sala deve estar na penumbra, mas não escura. Fecho os olhos por norma, mas permaneço meramente passiva. Não faço isto frequentemente, já que me desenvolvi definitivamente em moldes de «transe» e não quero

esgotar o poder de outras maneiras. Apenas se consegue ver uma certa quantidade cada dia.

A melhor clarividência tem-me surgido sempre de forma espontânea, normalmente quando menos a espero, mas neste capítulo estou a tentar dizer-vos como desenvolver o poder para que consigam, até certo ponto, controlá-lo e usá-lo para benefício de outras pessoas quando necessário. É muito semelhante a desenvolver a música, ou qualquer uma das outras artes.

A pessoa decide qual o ramo da música, ou instrumento, que melhor se adequa ao seu talento musical individual e, se escolher o violino e lhe dedicar todas as suas energias e tempo, não espera ser também uma pianista de primeira classe, embora seja possível executar com bastante dignidade no piano.

Na vida terrena, tudo tem de ser alinhado com o tempo. Não seria possível dispensar tempo suficiente do estudo do violino e obter também prática suficiente para o dedilhar e compreensão muito diferentes do piano.

Depois, por outro lado, há alturas em que o músico não está no seu melhor, mas toca da mesma forma, sabendo que a sua interpretação não está ao nível mais elevado, mas é o melhor que consegue fazer nas circunstâncias e provavelmente é muito apreciado pelo seu público. Poderia sugerir-se que ele não deveria tocar se sente que não está no seu melhor, tal como se diz frequentemente que um médium nunca deveria «fazer sessão» ou tentar qualquer trabalho psíquico quando não está certo quanto à qualidade do poder; mas isso poderia acontecer frequentemente e causaria uma grande quantidade de desapontamento às pessoas, e é sempre possível, aliás, muito provável, que se o público (ou os assistentes) forem simpáticos e demonstrativos no início, a atmosfera ficará carregada com condições tão prestáveis que o executante, ou psíquico, dará uma interpretação ainda melhor do que o habitual, embora não se «sentisse com feito para isso» de todo no início.

Vários clarividentes disseram-me que se tinham colocado no palco a perguntar-se como iam conseguir levar o serviço até ao fim, talvez sentindo-se indispostos, ou sentindo uma ausência de poder que

pode ter sido provocada por tantas causas diferentes. Pouco depois de terem começado a sua clarividência, deram-se conta de uma melhoria gradual que se desenvolveu a um ponto tal que, quando voltaram a descer, perceberam que tinham feito muito melhor do que alguma vez antes.

Poderia ser muito agradável e fácil se a pessoa apenas precisasse de trabalhar quando o espírito a movesse de uma maneira muito inequívoca, mas dificilmente seria possível realizar todo o trabalho que é necessário nesta curta vida terrena se se esperasse sempre que nos fosse dado um ataque de energia psíquica. O desenvolvimento significa que temos de nos tornar dispostos e prontos para estender o braço e deitar a mão ao que quer que esteja disponível, e não meramente esperar que nos seja dado. É como caminhar num pomar de belos frutos maduros, desejando-os, e no entanto nunca estendendo a mão para os colher. Se a pessoa caminhasse por ali à espera que eles lhe caíssem na boca, não teria obtido grande coisa ao fim do dia.

É extraordinário que imagens algumas pessoas conseguem ver, e descrever, nas brasas vermelhas de um fogo de carvão comum. A pessoa pode rir e dizer «disparates», mas penso que algumas pessoas constatarem que o seu poder subjetivo de clarividência é provocado por meios muito diferentes. Pessoalmente, nunca consigo ver nada no fogo, embora uma outra pessoa comigo possa estar a dizer-me que consegue e a descrever o que vê minuciosamente, e com uma perfeita riqueza de detalhes.

Lembro-me de que, no eclodir da guerra, eu estava muito preocupada com uma amiga que se tinha enfatuado por um oficial do exército prussiano. Esta amiga veio ver-me uma tarde. Não discutimos o seu caso amoroso, já que era um assunto um tanto controverso por essa altura. Após ela ter saído, uma segunda amiga, uma perfeita desconhecida para a primeira, entrou, sentou-se junto à lareira e começámos a discutir roupas. De repente, ela interrompeu e exclamou: «Esteve alguém aqui nesta sala que está apaixonada por um oficial prussiano. Consigo vê-lo perfeitamente no fogo».

Ela deu detalhes corretos do rosto dele, da figura e do uniforme (eu nunca o tinha conhecido, mas a minha amiga número um tinha-mo

descrito). Deu a inicial do nome dele, e a da minha amiga, e disse que haveria uma grande aflição em redor dela. Notei que isso era um tanto óbvio, visto que havia uma guerra em curso e cada um pertencia a lados diferentes, mas ela disse: «Não será a guerra; será por outras causas», e procedeu a dar-me uma ou duas indicações sobre o tipo de aflição que visitaria a minha amiga.

Mais tarde, tudo isto veio a acontecer. Cada detalhe estava correto. No entanto, por mais que me esforçasse na altura, eu própria não conseguia ver nada na grelha da lareira a não ser uma massa de carvões vermelhos a arder. A minha amiga continuava a chamar-me a atenção para as diferentes imagens que dizia estarem ali, mas eu continuava a não ver nada.

Visitei uma vez uma velha senhora que possuía notáveis poderes clarividentes, cuja genuinidade muitas pessoas tinham provado até ao tutano. Ela descreveu-me com exatidão muitas pessoas e lugares sobre os quais eu tinha a certeza de que ela nada sabia normalmente, e perguntei-me como os via, que método usava. Notei que mantinha os olhos bem abertos quase todo o tempo e que olhava frequentemente para um determinado local na parede da sala, a escassos pés de distância dela.

Isto era tão notório que acabei por lhe perguntar por que razão o fazia.

Ela explicou que estava a olhar para um quadro — uma gravura comum — de três rapazes pequenos, e que as expressões nos rostos dos rapazes se alteravam de forma muito definida, de modo que se obtivesse uma visão clarividente de uma pessoa e desejasse descobrir se as condições em redor ou as perspetivas dessa pessoa eram más ou boas, apenas tinha de olhar para o rosto de um dos rapazes no quadro e obteria a resposta correta através da sua expressão. Na verdade, ela assegurou-me de que as feições dos rapazes mudavam de tantas maneiras diferentes e expressivas que ela era capaz de extrair uma grande quantidade de informações através delas. Demonstrou-me a verdade desta afirmação de uma maneira inequívoca.

Na altura, eu estava ansiosa pelo meu irmão que estava na guerra e do qual não tinha notícias há um tempo alarmantemente longo. A

velha senhora descreveu-mo (ela olhava de forma interrogativa para «os rapazes» de vez em quando, como que a pedir confirmação sobre diferentes pontos, e assegurou-me de que eles acenavam com a cabeça vigorosamente várias vezes, embora eu não conseguisse ver nada dessa atividade extraordinária da parte deles!).

Aqui, novamente, penso que ela tinha feito um «terreno de focagem» — se se pode usar uma tal expressão — do quadro, tal como se pode fazer do cristal, da água, das esferas, dos puxadores ou do fogo. Uma outra amiga tinha um estore de cotim sobre a janela da sua sala de estar.

Um dia, quando o estore tinha sido descido para excluir o sol forte do meio-dia, ela estava a ler um livro interessante e de repente deu-se conta de que o sol tinha desaparecido e de que era necessário erguer o estore. Olhou na direção deste, sentindo relutância em incomodar-se e atravessar a sala para o erguer. Enquanto olhava para ele, para sua surpresa, viu formas começarem a formar-se no mesmo, silhuetas de pessoas cujos perfis eram facilmente distinguíveis, quase como um espetáculo de cinematógrafo ou de lanterna mágica.

A partir dessa altura, costumava descer o estore sempre que se sentia impelida a fazê-lo e via nele frequentemente imagens de pessoas que pensavam nela, ou que pretendiam visitá-la, e muitas coisas de natureza profética. Era notável como muitas destas profecias eram verificadas mais tarde.

Estranho dizer, embora eu tivesse falhado em ver o que quer que fosse no fogo ou no quadro dos rapazes, quando tentei este último método e descii o meu estore, vi, e fui capaz de descrever com exatidão, formas e rostos que me eram desconhecidos, os quais, se outras pessoas estivessem presentes, seriam habitualmente reconhecidos por elas.

A forma parecia estar finamente desenhada no estore como um retrato a caneta e tinta, mas assim que eu a «descobria», assumia uma forma mais definida e «saía» do estore, intensificando-se, por assim dizer, até eu a conseguir ver perfeitamente a cores, de pé, longe e separada do estore.

A julgar por estas experiências, penso que seria uma excelente ideia para qualquer pessoa tentar o estore como um terreno de focagem ou de «elaboração», de preferência ao cristal.

Valeria a pena tentar. O estore que eu tinha era de linho azul.

Poderá argumentar-se que uma pessoa altamente imaginativa conseguiria ver tudo por tais métodos, quer tivesse alguma existência real quer não. Eu não recomendaria a uma pessoa deste género tentar ver o que quer que fosse, em lado nenhum, a qualquer hora.

A imaginação é um dom maravilhoso, mas tem de ser mantida sob o controlo da vontade e da razão e, acima de tudo, se o proprietário tiver aprendido a desenvolvê-la nas linhas corretas, usando-a apenas conforme os seus instintos mais elevados indicam. Conforme sugeri várias vezes, se o treino mental for feito previamente ao psíquico, a imaginação tornar-se-á então a arma ou ferramenta útil do seu possuidor, em vez de este se tornar um pobre escravo das extravagâncias de um poder desenfreado, descontrolado e totalmente impulsional, no qual a imaginação se pode transformar.

Qualquer destes métodos que apele mais ao estudante será o melhor a adotar em primeiro lugar. Se não conseguirem progredir com um, tentem outro, até encontrarem o correto. Se pertencem aos afortunados que não necessitam de uma ajuda externa para a sua clarividência e que conseguem criar os seus terrenos de focagem nas suas próprias mentes, dispensem por completo quaisquer outros meios. Por outro lado, através do uso criterioso de tais meios estranhos, poderão constatar que o desenvolvimento é auxiliado nas suas fases iniciais, ao passo que mais tarde podem ser dispensados.

CAPÍTULO XLII

CLARIAUDIÊNCIA

A CLARIAUDIÊNCIA é uma forma de poder diferente da Voz Direta, embora tenha ouvido frequentemente referirem-se às duas como sendo a mesma coisa. A Voz Direta é ouvida por todos os presentes; na clariaudiência é apenas o psíquico quem ouve.

Existem duas ou mais formas de clariaudiência.

Algumas pessoas dizem-vos que ouvem uma voz que lhes parece ser objetiva, porque aparentemente a ouvem através do intermédio do ouvido, como qualquer som físico comum. Outras dizem que apenas ouvem «na mente» e, mais uma vez, encontrarão pessoas que vos dirão que ouvem objetivamente por vezes, e mentalmente noutras. Eu própria oiço de ambas as maneiras.

Com o primeiro tipo, a voz é inequívoca. A pessoa está tão certa dela como estaria da voz de qualquer indivíduo no corpo terreno que calhasse a falar-lhe. Até os tons — o timbre — são tão distintos que se consegue habitualmente reconhecer a quem pertence a voz, a menos que, como é óbvio, seja a de um Guia desconhecido ou de um estranho.

Com o segundo tipo, a pessoa poderá achar mais difícil estar segura de que está a ouvir uma voz psiquicamente e não a imaginá-la, mas isto acontece apenas nas fases iniciais do desenvolvimento. Sabemos que conseguimos frequentemente lembrar-nos de uma voz terrena e física com clareza suficiente para a ouvirmos nas nossas mentes, no entanto estamos apenas a reproduzi-la na nossa imaginação e memória. Foi feito um esforço mental para o fazer, mas com a voz supernormal não se faz nenhum esforço; ela surge, e esta é uma distinção muito importante a fazer, e tenho de tentar fazer o meu melhor para a descrever. Quando se ouve uma voz supernormal, ela dá-nos a impressão de ser mais fina, mais pequena e, no entanto, de uma forma curiosa, mais límpida e mais distinta do que qualquer voz lembrada ou imaginada alguma vez poderia ser. É muito fácil obter uma mensagem falsa desta maneira até se ter aprendido a distinguir a diferença, e uma tal mensagem surge habitualmente como uma resposta a algo que esteve fortemente na mente da pessoa.

A menos que se esteja muito seguro do seu poder mediúnico nesta direção, não se deve pedir uma resposta a uma pergunta sobre a qual se está muito ansioso ou se sente agudamente, já que a mente subconsciente que sente e teme a ansiedade poderá também fornecer uma resposta, habitualmente de natureza enganosa. Mensagens falsas deste género são frequentemente atribuídas à ação de espíritos malignos ou malévolos. Na minha estimativa, baseada em dezassete anos de experiência prática e vários mais despendidos na investigação, estou certa de que muito poucas, se é que alguma, provêm de uma tal fonte, mas são fornecidas apenas pela mente do ouvinte.

Por alguma razão, as pessoas são muito relutantes em reconhecer que estiveram enganadas em algo que pretendem ter recebido supernormalmente; adoram pensar que são infalíveis em matérias psíquicas e, por conseguinte, é-lhes mais palatável lançar toda a culpa sobre espíritos personificadores, em vez de reconhecerem francamente que elas próprias ainda não aprenderam a discriminar entre o psíquico e o imaginário.

Eis um exemplo do género que me aconteceu. Eu não tinha desenvolvido a faculdade de ouvir psiquicamente até há poucos anos, mas estive sempre ansiosa por o fazer. Em 1917 ou 1918, eu esperava a minha irmã da América para vir a Inglaterra oferecer os seus serviços à Cruz Vermelha inglesa. Como a guerra submarina estava então no seu auge, eu estava muito ansiosa por causa dela; na verdade, poder-se-ia dizer que a minha mente estava cheia dela desde o momento em que soube que ela tinha colocado o pé a bordo do navio de passageiros em Nova Iorque.

Cedo numa noite, enquanto escrevia cartas, apoderou-se de mim um forte sentimento de inquietação e depois ouvi mentalmente uma voz a dizer distintamente: «Grace», que é o nome da minha irmã. Depois: «Perigo — perigo — grande perigo».

Senti-me como se estivesse rodeada por uma grande extensão de água. Parecia que estava quase dentro dela, com uma sensação de barulho e confusão em todo o meu redor, embora não conseguisse ver nada a não ser a água azul.

A minha mente normal tornou-se então agudamente ativa. Se soubesse o que sei hoje, ter-me-ia esforçado por permanecer o mais passiva possível, de modo a manter-me exatamente na mesma condição psíquica de quando ouvi as primeiras palavras: «Grace — perigo», mas sentei-me direita na minha cadeira e gritei em voz alta: «O que é? O que aconteceu à Grace? Diz-me, tenho de saber». Fiquei preenchida por uma terrível sensação de tragédia e subitamente ouvi a palavra «afogada».

Fiquei imediatamente com a certeza de que a minha irmã estava afogada. Estava tão segura disso que nada teria abalado a minha certeza e, no dia seguinte, fiquei aliviada, embora estupefacta, ao receber um telegrama da minha irmã, enviado de Liverpool, dizendo: «Chegarei no comboio tal e tal. Amor — Grace».

Não conseguia compreender aquilo de todo. A voz tinha parecido tão límpida.

Diretamente após a sua chegada, a minha irmã começou a contar-me a terrível experiência que tinha tido. Parecia que, na mesmíssima altura em que eu tinha sentido a sensação de perigo, ela estava de pé no convés do navio, com um jovem americano ao seu lado de quem se tinha tornado amiga na viagem. Um submarino inimigo tinha sido avistado e toda a gente recebeu ordens para «ficar de vigia» junto aos barcos salva-vidas.

Aparentemente, tinha sido disparado um torpedo pelo submarino, o qual parecia ter atingido o navio de passageiros e o erguera em parte para fora do mar. Houve uma boa dose de confusão e excitação e, à medida que os barcos estavam a ser preparados para serem arreados, toda a gente pensou que o navio tinha sido atingido e provavelmente ia afundar-se. O jovem americano, tendo tido a experiência de sofrer um ataque de submarino numa viagem anterior, sugeriu à minha irmã que seria inútil entrar nos barcos, já que parecia haver uma grande dificuldade em soltá-los, e ele estava seguro de que o navio fora gravemente atingido, a julgar pela força terrível do impacto do torpedo, e que provavelmente se afundaria imediatamente.

A minha irmã é uma mergulhadora de primeira classe, e ele também. Tinham discutido muito sobre mergulho e natação durante a

viagem, bem como sobre a possibilidade de sofrerem um ataque de submarino, e ambos tinham decidido, na eventualidade de uma tal catástrofe, que mergulhariam e nadariam rapidamente para uma distância segura do navio e, sendo bons nadadores, esperavam ser capazes de se manter à tona até serem recolhidos, desde que fosse de dia e com um mar razoavelmente calmo. Como se verificavam ambas as condições, sendo a tarde de um belo dia de verão, assim que o esperado aconteceu eles selecionaram um local a partir do qual mergulhar.

O jovem disse que mergulharia primeiro e estaria pronto para ajudar a minha irmã caso ela precisasse. Assim fez, mas mal tinha entrado na água, o capitão deu ordem para que o navio seguisse em frente o mais depressa possível, já que se descobrira que o torpedo tinha passado por baixo do navio; pelo menos, essa foi a explicação, conforme a minha irmã a compreendeu, que foi dada mais tarde. A minha irmã estava no preciso momento de mergulhar quando se deu conta de que algo de diferente estava a acontecer, o que estava a alterar todo o curso dos acontecimentos.

Ela gritou que estava um passageiro na água, mas era absolutamente impossível o navio esperar, pois era claro que o submarino pretendia apanhar o navio de passageiros se pudesse de todo, e a única oportunidade de salvar todas as outras vidas a bordo era seguindo com a força máxima em frente o mais rápido possível.

Eles escaparam do submarino, mas a minha irmã não conseguia tirar a ideia do jovem da cabeça. Disse que passava o tempo a repetir para si própria «Afogado», de uma forma chocada e atordoada, como se mal conseguisse dar-se conta disso.

Portanto, como veem, ouvi a verdadeira voz supernormal dizer: «Grace, perigo, etc.», e pressenti que alguém se tinha afogado; mas a minha própria imaginação fixou os factos verdadeiros na relação errada uns com os outros, já que eu tinha sido incapaz de manter a minha mente na condição psíquica correta. O meu erro esteve em tentar obter mais informações do que as que me chegavam de forma natural e espontânea. A primeira parte da clariaudiência e da clarividência surgiu sem ser pedida e estava correta em detalhe.

Depois, quando mentalmente «forcei a marcha» com uma pergunta definida, obtive uma resposta confusa, parcialmente errada e certamente enganosa.

O leitor poderá perguntar: Não se poderá esperar que nos seja dada ajuda ou conselho por via clariaudiente se estivermos numa grande aflição? A minha resposta é: «Sim». A ajuda é sempre dada livremente por aqueles que já partiram àqueles que estão no plano da terra quando tal é desejável e correto, mas se a faculdade clariaudiente da pessoa não estiver fortemente desenvolvida, é melhor não tentar obter uma resposta muito evidente ou definitiva por si própria, mas sim recorrer a um psíquico experiente cuja mente ignore (e esteja, portanto, isenta de preconceitos sobre) a vossa aflição.

Peço frequentemente aos amigos espirituais para cooperarem comigo em algum projeto, especialmente ajudando pessoas em grande angústia, quer se trate de um assunto espiritual quer material, mas lembro-lhes sempre que não exijo a sua assistência. Limito-me a falar-lhes das circunstâncias e das pessoas que necessitam da ajuda deles, e da minha, na esperança de que seja correto e permissível que o façam. Lamento dizer que conheço uns quantos Espiritualistas entusiastas que se gabam orgulhosamente de «nunca fazerem nada, mas mesmo nada, minha querida, sem consultar os queridos Guias». Quão cansados deles devem estar os queridos Guias!

Um dia, estava a almoçar em casa de uma senhora que era uma apoiante ardente de tudo o que fosse Espiritualista ou psíquico. Era uma mulher inteligente e sensata no trato do mundo na maioria dos aspetos. Mesmo para o final da refeição, a porta da sala de jantar abriu-se de rompante e entrou uma aparição extraordinária (muito terrena) — uma mulher idosa, de olhos firmemente fechados, com uma das mãos a agarrar um pano de loiça molhado, do qual escorria uma abundância de água gordurosa para o sumptuoso tapete da minha amiga.

Na outra, segurava uma tampa de panela, também a pingar água. Isto, juntamente com um avental molhado, sugeriu-me que ela fizera uma saída súbita da copa direto para la sala de jantar. Deu escassos passos cambaleantes sala afora. «Estou aqui, meu amor, estou aqui»,

disse ela, numa voz muito gutural, de certa forma artificial, com um sotaque *cockney* pronunciado.

A minha anfitriã saltou literalmente da cadeira e avançou para a desconhecida, dizendo num aparte apressado para mim: «É o Herbert». (Herbert era o nome do seu falecido marido.) Envolveu o «Herbert» nos seus braços num abraço extático, pano de loiça, tampa de panela e tudo.

O «Herbert» gargarejou e engasgou-se várias vezes, mas o único sentido que consegui extrair foi que ele estava «aqui». Isso pareceu perfeitamente suficiente para a minha amiga, que conduziu suavemente a «médium» para uma cadeira, onde esta foi «reanimada» com um cálice de vinho do Porto velho. A minha anfitriã informou-me então de que esta maravilhosa manifestação da parte do «Herbert» ocorria todas as noites. Ele agarrava sempre o pano de loiça, disse ela, «nunca o largava», mas não era tão metuculoso quanto ao que segurava na outra mão; por vezes era um galheteiro, ou um bule, mas sempre o pano de loiça na outra.

Não consegui conciliar a predileção do «Herbert» pelo pano de loiça com o que sabia dos seus gostos na terra, mas estava demasiado estupefacta para discutir quer esse ponto quer qualquer outro. A minha amiga também me disse que o Herbert lhe dava as informações mais maravilhosas sobre o que ela devia fazer em cada detalhe da sua vida material. Uma torneira nova para a casa de banho, um tapete para o quarto, a reparação da cisterna, nada era feito sem consultar o Herbert.

Estava ansiosa por compreender como ou por que razão esta mulher, que era tão sã e razoável em todos os aspetos, tinha descido a um nível tão ridículo nas suas crenças. Pelo que ela me contou, depreenði que, nas suas primeiras investigações sobre o tema da sobrevivência, o marido lhe tinha dado uma excelente prova da sua identidade ao descrever-lhe uma certa alteração que fora feita numa propriedade dele, sobre a qual ela nada sabia normalmente. Ele disse que tinha sido o próprio a providenciar a alteração e que fora capaz de impressionar os homens na terra que a executaram.

Ao verificar que era verdade, ela ficou tão impressionada com o seu valor de evidência que pensou que o Herbert conseguia não só ver

e ouvir cada detalhe que acontecia na terra, como também alterá-lo e controlá-lo exatamente como desejasse. Infelizmente, contratou uma mulher como cozinheira temporária que tinha estado ao serviço de uma amiga crédula, a qual lhe disse que esta cozinheira era uma «médium maravilhosa». A minha amiga contratou-a principalmente por causa disso, e não tardou muito para que o «Herbert» fizesse a sua aparição. Fortalecida pelo conhecimento da natureza convincente do teste que ele lhe tinha dado anteriormente, a minha amiga fazia-lhe todo o tipo de perguntas sobre praticamente tudo debaixo do sol, e não só acreditava como agia de acordo com cada palavra de conselho que lhe era dada por este meio.

Argumentei e raciocinei com ela; tentei mostrar-lhe a fraqueza, e até o erro, de uma tal política, mas ela foi muito obstinada e disse-me francamente que, evidentemente, eu não tinha entrado em contacto com uma mediunidade tão perfeita como a da sua cozinheira, ou com um Controlador tão maravilhoso como o Herbert. Penso que algumas das observações que fiz pesaram, no entanto, e por feliz coincidência, pouco tempo depois, ela recebeu um forte choque através do «Herbert», que lhe deu uma informação que se veio a revelar tão mentirosa — e absurda — que convenceu a minha amiga de que a mensagem nada tinha a ver com o marido.

Não, não foi um espírito maligno ou personificador que deu todas estas mensagens ridículas. Dou o crédito aos espíritos malignos de terem algo de mais interessante para fazer do que armarem-se com panos de loiça e outros utensílios desagradáveis mas inofensivos, e falarem disparates suaves sobre a conveniência de não sair da cama até às onze numa segunda-feira, visto a primeira parte desse dia ser azarada, e de descartar um certo vestido porque a sua «vibração não era boa», que são exemplos de algumas das mensagens inspiradoras que a minha amiga atribuía ao Herbert.

Toda a situação era um conglomerado de pensamentos tolos que a pobre cozinheira (que possivelmente poderia ser «sensível» e psíquica de uma forma elementar) não conseguia evitar captar e reagir, já que a minha amiga era uma pessoa muito positiva, insistente e entusiasta, que parecia imbuir sempre as pessoas na sua proximidade com as suas próprias ideias. A percepção do absurdo e da falsidade das mensagens

do «Herbert», em aditamento às minhas advertências, foi uma lição para ela. Viu plenamente por que razão e como se tinha enganado, e conduziu-se cuidadosamente para as linhas corretas.

Se a pessoa iniciar o seu desenvolvimento com a percepção de que os seus amigos espirituais não são onnipotentes, nem estão suficientemente em contacto com as coisas materiais da terra para ficarem absortos nelas ou terem controlo sobre elas (exceto sob condições e circunstâncias muito especiais), não será importunada com nenhuma destas manifestações insignificantes e tolas. Certamente que não devemos desejar que aqueles que entraram nos planos mais elevados fiquem limitados às coisas da terra?

Amor, amizade e simpatia por toda a vida, quer na terra quer nos reinos espirituais; interesse amoroso por aqueles que deixaram para trás e comunicação com eles, e cooperação em qualquer projeto que tenha por propósito a elevação e o progresso da humanidade — sim, esperamos e ansiamos por tudo isto, porque a participação em tais objetivos beneficiá-los-á tanto a eles como a nós próprios. É neste trabalho construtivo e saudável que devemos esperar receber a sua assistência e orientação, e capacitarmo-nos para isso, e não na expectativa de que eles encontrem um alfinete de peito perdido, ou uma mala, ou que nos aconselhem sobre fundos ou ações, como algumas pessoas esperam que os seus amigos espirituais façam, embora dê graças por verificar que o seu número é muito reduzido, graças à instrução que é tão livremente difundida pelas várias instituições, centros de formação e jornais e revistas Espiritualistas.

CAPÍTULO XLIII

A PERCEÇÃO

A PALAVRA percepção deveria ser frequentemente usada em vez dos termos clarividência ou clariaudiência. Ouvi uma psíquica dizer: «Vejo um homem», e passar a dar uma descrição detalhada dele e, quando lhe perguntei como o via, se era com ou sem os seus olhos físicos, ela respondeu: «Não — não posso dizer que o tenha visto verdadeiramente de todo». Perguntei-lhe então como era capaz de dar uma descrição tão excelente e detalhes minuciosos de alguém que não

conseguia ver, e ela disse: «Eu sabia simplesmente cada detalhe. Não o via, mas sabia-o.

Não consigo explicá-lo exceto dizendo que sabia que o homem era alto, sabia que o cabelo dele era cinzento, sabia que o seu corpo era muito longo em proporção às pernas e sabia todos os outros detalhes que lhe dei. Digo sempre “vejo” porque poupa um ror de perguntas que eu consideraria quase impossíveis de responder».

Esta médium disse-me que também «ouvia» da mesma maneira.

A maioria dos psíquicos refere-se a este tipo de ver e ouvir como «percepção», mas na verdade trata-se de «conhecimento», embora a primeira possa ser a melhor palavra para a maioria dos efeitos. Quando se entra numa casa que se supõe ser assombrada, «sente-se» frequentemente uma condição desagradável.

Um facto interessante é que uma pessoa pode pressentir uma condição inteiramente diferente de outra, na mesma casa.

Vivi numa casa muito antiga, da qual fui e serei sempre muito de gostos. Quando fomos para lá, há alguns anos, chegámos ao início da noite. Foi a primeira vez que entrei na casa desde que os anteriores moradores tinham saído. Na verdade, eles apenas tinham mudado as últimas peças de mobiliário restantes escassos dias antes, pois estávamos com pressa de tomar posse. Assim que entrei na casa, que tem trezentos ou quatrocentos anos, fui direto para cima sozinha.

Ao deter-me no quarto que tinha adotado para mim, senti subitamente o impulso de me ajoelhar, fazer o sinal da cruz, e uma pequena prece improvisada saltou espontânea e inesperadamente dos meus lábios. Foram apenas escassas palavras, simplesmente pedindo para que todas aquelas almas que alguma vez tivessem vivido naquele quarto no passado fossem abençoadas e ajudadas a erguerem-se para maiores alturas, para coisas mais elevadas, melhores vidas no Mundo Espiritual; que cessassem de pensar no que quer que as amarrasse às condições inferiores da terra — quaisquer pecados ou tragédias que as suas vidas terrenas tivessem contido para elas, e que as mãos daqueles que amavam, que tivessem subido para planos mais elevados Do Outro Lado, se estendessem para as ajudar a avançar, se elas apenas voltassem a sua visão para cima.

Estou apenas a repetir o essencial da minha prece de memória, mas na altura fiquei bastante surpreendida por ela me surgir de forma tão espontânea. Mal as palavras se formaram no meu cérebro, saltaram-me dos lábios. Levantei-me e fui para o quarto seguinte, e senti que tinha de fazer a mesma coisa novamente, e assim fui continuando de quarto em quarto.

Como se tratava de uma casa antiga e labiríntica, na altura em que terminei a visita a todos os quartos os meus joelhos doíam e sentia-me rígida e cansada, mas tinha o sentimento curioso de ter feito algo que necessitava de ser feito. Por esta altura, as vozes muito terrenas e impacientes do meu marido e da criada exigiam a minha atenção para a colocação e disposição do mobiliário, que os homens das mudanças estavam agora a trazer para dentro, e fiquei de imediato imersa num turbilhão de atividade material, e tudo aquilo me passou da mente.

No dia seguinte, surgiu um assunto muito difícil e problemático que me causou grave ansiedade. Veio como um raio em céu aberto. Não conseguia ver nenhuma saída para aquilo. Parecia ser um dos problemas mais sérios que alguma vez me tinham visitado. Fui para a cama a pensar que não ia pregar olho, mas para meu espanto passei para um sono dos mais pacíficos assim que me meti na cama. Acordei de manhã por volta das sete horas.

O quarto estava luminoso com o sol matinal a brilhar através das cortinas um tanto finas. De pé contra a parede, no lado oposto do quarto, estava uma mulher, com cerca de trinta anos de idade, vestida com a época de há cerca de 150 anos. As suas feições eram perfeitamente cinzeladas, os seus olhos e pele eram belos, embora a expressão fosse como se tivesse passado por uma provação e saído dela purificada e espiritualizada. Recebi a impressão disto de forma muito forte. Vi-a com bastante clareza, notei cada detalhe do vestido de seda cor-de-rosa e da gola de renda ou fita que usava.

Ela falou, a sua voz era redonda e encorpada. Apenas escassas palavras, mas compreendi-as e soube que ela se referia ao problema que tinha desabado sobre mim. As suas palavras continham uma garantia absoluta, dizendo que eu seria protegida e ajudada.

Permaneceu ali a olhar para mim por dois ou três minutos e desapareceu. O problema foi-me retirado, inteiramente desfeito por aquilo que pareceu ser uma série de coincidências, cerca de cinco dias mais tarde.

Instalei-me na casa muito alegremente. Uma noite, duas amigas muito psíquicas vieram ver-me para uma sessão de transe. Após as suas sessões, elas são habitualmente muito demonstrativas e vivazes, mas nesta ocasião fiquei surpreendida por as encontrar extremamente silenciosas; na verdade, pareciam estar profundamente deprimidas.

«Passa-se alguma coisa?», perguntei-lhes. Uma delas disse relutantemente que sim, visto ter visto a figura das mais desagradáveis de um homem de pé perto de mim no preciso momento em que eu estava a entrar em controlo. Deu-me uma descrição que soava à de um pirata um tanto sanguinário. Disse que «percebeu» que ele tinha cometido um crime terrível e que estivera no ponto de pressentir o que fora quando a Feda começou a controlar-me, e a visão e as condições inteiras desapareceram. Tudo aquilo soava tão melodramático que receio ter rido interiormente. A minha amiga assegurou-me de que tinha sentido toda a situação como muito trágica e real, e eu sabia que o seu poder psíquico era de excelente ordem, mas como não conseguia compreender o intuito da visita do homem, limitei-me a deixar o assunto onde estava.

Uma semana ou duas mais tarde, veio ver-me uma outra amiga.

Também ela era psíquica, mas não tinha qualquer ligação com a primeira senhora. Nunca se tinham conhecido, nem esta segunda amiga sabia da visita da primeira a minha casa.

Levei-a a fazer uma visita de inspeção pela casa.

Estávamos a falar sobre todas as suas vantagens domésticas quando subitamente a minha amiga empalideceu e cambaleou. Pensei que se sentia mal e agarrei-a para a ajudar a ir para uma cadeira. Não, disse-me ela que não estava doente, mas que apanhara um choque ao ver «um homem de aspeto muito vilão» de pé perto de mim, e que uma clara «percepção» de tragédia e pecado lhe entrara fortemente na mente. Pedi-lhe para descrever o homem e cada detalhe correspondia ao dado pela minha primeira amiga.

Falei-lhe então da sua visita anterior e ela disse que tinha pena de ter ficado tão transtornada, mas que não tinha estado preparada para ver uma pessoa de aspeto tão assassino. Estava mesmo para observar que não tinha visto nem sentido nenhuma destas pessoas e condições alarmantes, quando a minha amiga disse que o homem continuava ali, mas que não tinha senão bons sentimentos para comigo, já que eu o tinha ajudado ao rezar por ele, e que queria dizer-mo. Disse que ele tinha tentado fazê-lo antes, mas a sua mensagem não tinha sido recebida. (Percebi que a aversão da minha primeira amiga à aparência dele tinha fechado o seu sentido psíquico, de modo que ela não «absorveu» o que ele lhe queria dizer.)

Escassos meses mais tarde, a primeira amiga veio de novo. Nada lhe disse de todo sobre a segunda visita do misterioso homem até nos termos sentado prontas para a nossa sessão habitual, altura em que ela exclamou: «Gladys, consigo ver esse mesmo homem novamente, mas já não me importo tanto com ele como antes».

Após uma pausa, continuou: «Ele está a tentar dizer-me que tu o ajudaste e que ele se interessou por condições mais felizes do que antes, e está a progredir». Falei-lhe então do susto que ele tinha pregado à minha outra amiga e da mensagem que ela recebera, a qual estava agora corroborada.

Mais tarde, a Feda explicou que não fora o homem em si, isto é, o seu espírito ou corpo da alma, que tinha sido visto por qualquer uma das psíquicas.

Quando ele partiu, há muitos anos, os seus pensamentos estavam de tal forma fixados na casa, e a memória de tudo o que tinha feito na sua vida ali era tão forte, que não conseguia compelir-se a tomar qualquer interesse por nenhum outro plano; na verdade, parecia-lhe que a vida que tinha deixado era a única real, e que qualquer outra era apenas um sonho, e que ele próprio não estava agora a funcionar em nenhuma das duas, pelo que persistiu em viver em memórias, em vez de voltar a sua atenção para a sua nova vida.

Nenhuma das pessoas que o tinham conhecido na terra se tinha dado ao trabalho de rezar por ele, ou sequer de se lembrar dele se o pudessem evitar. Pareciam felizes por se verem livres dele, embora,

pelo relato da Feda, ele não tivesse tido uma alma má tanto quanto uma natureza desenfreada, que o tinha conduzido a muitas dificuldades e terminado em tragédia.

O efeito da sua memória persistente das condições terrenas resultou em ele produzir uma forma de pensamento de si próprio na minha casa. Muitos dos seus amigos espirituais tinham tentado ajudá-lo tentando voltar os seus pensamentos para o seu plano mais elevado, mas ele não abria a sua mente para eles. Quando cheguei à casa, esses amigos foram capazes de me contactar e incitaram-me a rezar por ele da maneira e feitio que melhor se adequavam ao seu caso. Parecia ser a primeira vez que alguém na terra o fazia; e, estando muito mais em contacto com as condições terrenas do que com quaisquer outras, ele captou o sentido da minha prece muito definidamente expressa e fez uma tentativa de responder ou, antes, de cooperar com ela.

Parece que o poder do pensamento é tudo-poderoso tanto no plano espiritual como no terreno, mas aqueles que se encontram nos planos inferiores do Mundo Espiritual respondem por vezes mais aos pensamentos das pessoas nos corpos físicos do que aos de um plano mais elevado. Por conseguinte, é da maior importância que nos lembremos das nossas responsabilidades dessa maneira e nos certifiquemos de que os nossos pensamentos (não esquecendo as nossas ações e palavras) sejam tais que os elevem e ajudem.

Quantas vezes se ouve a declaração de que é perigoso comunicar com o Mundo Espiritual, porque a pessoa se pode colocar sob o poder dos espíritos do plano inferior! Sei que suscitarei oposição com o que vou dizer agora, mas como creio firmemente ser verdade, considero correto fazê-lo.

Aqueles que estão nos planos inferiores estão mais sob o nosso poder, mais à nossa mercê, do que nós sob a deles.

Sei que há casos em que parece que um indivíduo é influenciado adversamente por um espírito desencarnado de um plano baixo. Sim, é possível, mas apenas se o indivíduo na terra estiver a viver e a pensar num plano tão baixo quanto aquele em que o espírito desencarnado vive. Diretamente após deixarmos o corpo físico, ficamos amarrados pelas nossas próprias condições de pensamento. Elas rotulam-nos, de

modo que ninguém nos consegue confundir. Onde estão os nossos pensamentos, aí estamos nós. O que são os nossos pensamentos, assim somos nós.

Na terra, na vida física, conseguimos fazer uma grande quantidade de camuflagem, fingir ser algo que não somos. Uma certa dose de astúcia e «esperteza» e poderemos forçar-nos a entrar em condições materiais agradáveis para as quais não temos qualquer direito espiritual ou moral. Se as outras pessoas em nosso redor tivessem desenvolvido os seus sentidos psíquicos, não seríamos capazes de «levar a nossa avante» por muito tempo, já que veriam através do verniz as nossas verdadeiras condições de alma, e todo o nosso artifício e fingimento de nada nos valeriam. Seríamos derrubados do nosso pedestal roubado e colocados de volta no local a que pertencíamos, e «ficaríamos quietos» porque não teríamos verdadeiro poder para fazer mais nada.

Ao correr das coisas, e visto que a maioria das pessoas se permitiu permanecer espiritual e psiquicamente cega, continuamos a tolerar hipócritas e charlatões egoístas se não de bom grado, pelo menos de forma simpática.

Ao desenvolverem a arte da «percepção», desenvolvem um dom muito útil, já que cobre grande parte do mesmo terreno que a clarividência e a clariaudiência. Há alturas em que é mais satisfatório para o psíquico ser capaz de «ver» uma pessoa ou objeto claramente, ou ouvir uma palavra ou nome definitivo, embora este último possa ser dado sob uma forma simbólica que possa ser «percebida» sem ser «ouvida». As pessoas que se tornam proficientes na «percepção» por norma constatarem que outros dons psíquicos são desenvolvidos a par disso, ou poderão surgir numa fase posterior.

Qualquer forma de desenvolvimento que ajude algum dos poderes psíquicos a desabrochar é útil, pelo que não fiquem desapontados se por um tempo verificarem que o vosso desenvolvimento consiste em sentir as coisas em vez de as verem ou ouvirem como esperavam fazer. Quase invariavelmente, uma coisa conduz à outra.

Muitos estudantes promissores têm travado o seu progresso por insistirem numa forma definida de clarividência. Dizem que «nunca seriam capazes de confiar em si próprios se tivessem de depender da percepção».

Poderá ser mais difícil para eles «confiar em si próprios» nas fases iniciais do seu desenvolvimento, mas à medida que ganham experiência prática serão capazes de discriminar entre os seus próprios pensamentos e ideias e aqueles a que os seus Guias desejam que respondam.

Aqui, tenho de vos lembrar de que deverão desenvolver as vossas faculdades de modo a conseguirem entrar em contacto com o vosso próprio eu superior a qualquer momento. Esta é uma parte essencial do desenvolvimento psíquico. Os Guias e o Controlo aumentam e auxiliam-vos no vosso trabalho de serviço para os outros, mas eles próprios desejam que percebam e usem as vossas próprias faculdades nas melhores e mais elevadas linhas.

Um método muito conveniente e fácil para aprender a «percepção», e também para verificar os vossos resultados ao mesmo tempo, é pedir a um amigo para vos deixar segurar num objeto que tenha sido usado por alguém que não conhecem. Um anel, um alfinete de peito, uma luva ou uma gravata — qualquer coisa que não tenha sido limpa, nem usada por uma outra pessoa desde que o proprietário a usou. Tornem-se passivos e esperem para ver que impressões vos surgem. O que quer que surja, relatem-no calmamente, sem esforço ou excitação, ou afirmações volúveis de que «têm a certeza de que não está certo, mas sentem isto e aquilo», que apenas esgotam o poder psíquico que estiver disponível. O que quer que sintam, digam-no.

Combinem com o vosso amigo para vos verificar dizendo «Sim» quando estão corretos, e «Não» quando ele tiver a certeza absoluta de que estão errados, mas não antes disso. Se ele estiver minimamente incerto, deverá dizer: «Não penso que esteja correto, mas vou tentar descobrir», ou: «Não estou certo sobre este ponto». Poderão estar certos e a investigação subsequente dar-vos-á razão, mas uma negação positiva na altura poderá dar um retrocesso à faculdade psíquica

sensível e um tanto subdesenvolvida, e pôr um travão a que surja mais alguma coisa para essa sessão.

Uma objeção bastante séria a psicometrizar as coisas desta maneira é que podem ganhar o hábito de colher pensamentos de pessoas, lugares e condições que pertencem unicamente ao plano da terra. Se conseguirem desenvolver-se de modo a usar o anel, ou outro objeto, simplesmente como um elo para vos ajudar a contactar a pessoa desencarnada a quem pertence, tanto melhor; mas eu própria penso que é frequentemente difícil discriminar entre as duas situações, embora seja possível e deva ser feito.

A Feda recusa frequentemente tocar num objeto que lhe é oferecido por um assistente, dizendo ter receio de obter apenas «impressões da terra» a partir dele.

Ainda assim, penso que se trata de um exercício elementar muito útil para despertar os sentidos psíquicos e tornarmo-nos recetivos a impressões, e é tão fácil saber se o estamos a fazer corretamente se obtivermos a ajuda de um amigo sensato e simpático, que verificará e ponderará calmamente tudo o que descreverem.

CAPÍTULO XLIV

A ESCRITA AUTOMÁTICA

DE todas as formas de desenvolvimento psíquico mental, penso que a escrita automática é uma das mais úteis e, ao mesmo tempo, uma das mais perplexas.

A *planchette* entra na mesma categoria que a escrita automática. A escrita inspiracional é frequentemente apenas uma forma mais elevada do tipo automático. Neste último, a mão é geralmente movida pelo espírito comunicador de forma totalmente independente da volição do médium, que sente muitas vezes uma mão a tocar ou a guiar a sua, mas possui habitualmente pouca ideia do que está a ser escrito através de si, ou do que virá a seguir. Às vezes, pode começar uma palavra sem saber qual será o fim dela. Pode estar ciente das letras à medida que surgem, uma a uma. As mãos de alguns automatistas são

usadas de forma tão rápida por vezes que cobrem uma quantidade imensa de terreno num espaço de tempo incrivelmente curto.

Outros constataam que o Comunicador apenas consegue usá-los de forma muito lenta e hesitante e, durante as fases iniciais do desenvolvimento, uma boa quantidade de tempo pode ser despendida na elaboração de ganchos, círculos ou curvas. Isto acontece habitualmente quando tanto o médium como o Guia desejam obter uma forma de escrita puramente automática, o que por vezes leva um tempo considerável, já que o Guia pode registar mais dificuldade do que esperava em obter o controlo completo da mão física do médium, tal como no caso do estudante que determina desenvolver o estado de transe completo antes de o seu Controlo falar através dele.

Eu própria tenho feito muito pouco no que respeita à verdadeira escrita automática. Se faço sessão para isso, raramente a obtenho; surge habitualmente de forma espontânea enquanto estou a meio da redação de uma carta comum e depois, ocasionalmente, interpõe-se uma mensagem sobre a qual nada sei, mas que subsequentemente se vem a revelar muito evidente.

Para desenvolver a escrita automática, recomendaria ao estudante que tentasse fazer sessão com alguma pessoa que já tenha desenvolvido esse poder. Se tal não for possível, deverá decidir-se a experimentá-lo apenas em certas alturas, digamos uma ou duas vezes por semana, de acordo com as suas circunstâncias, e não deverá fazer sessão por mais de meia hora de cada vez, pelo menos nas fases iniciais, e até ser capaz de avaliar quanto tempo o poder dura sem se cansar em demasia.

Um lápis é melhor do que uma caneta; um lápis de madeira simples, do qual o verniz ou o polimento tenham sido cuidadosamente removidos com lixa de papel, é bom. O ideal é usar uma folha de papel grande, para o caso de a mão divagar e, por conseguinte, haver propensão para sair de uma folha pequena. Uma condição calma e pacífica é necessária para esta, como para qualquer outra forma de desenvolvimento psíquico. Pessoas excitáveis, nervosas e impacientes não devem tentar desenvolver a escrita automática.

Hesitaria em recomendar a tais pessoas o desenvolvimento de qualquer tipo de poder mediúnico até terem aprendido a controlar as suas mentes até certo ponto. Poderá notar-se que a maioria dos médiuns são indivíduos extremamente sensíveis e altamente tensos. Sim, de facto são, mas todos aqueles que conheci refrearam qualquer tendência em si próprios para a excitação ou impaciência indevidas; médiuns, entenda-se, cujos poderes se tornaram tão altamente desenvolvidos que puderam ser colocados ao dispor de algum serviço útil.

Um médium profissional que cedesse aos «nervos» ou a birras de qualquer espécie acabaria por se tornar inútil para o trabalho público ou privado. O médium amador que deseje fazer um trabalho útil e evidente deve esforçar-se por alcançar o controlo absoluto sobre os seus nervos e imaginação.

Isto é especialmente desejável na escrita automática, pois mesmo que o estudante comece o seu desenvolvimento fazendo sessão com uma outra pessoa, mais tarde terá frequentemente de trabalhar sozinho quando tiver desenvolvido o poder até certo ponto. Em todos os casos em que a natureza da mediunidade torna o trabalho solitário desejável, maior é a sabedoria e a cautela necessárias para não exceder os limites da nossa resistência física e mental, e para manter uma perspetiva feliz e sã sobre tudo.

Eis escassas instruções que podem ser seguidas se a pessoa tiver de fazer sessão sozinha e não tiver nenhum amigo psíquico para a aconselhar ou para se sentar com ela.

Coloquem o papel sobre uma mesa firme e apoiem a mão nele, segurando o lápis de forma bastante frouxa. Deve haver alguma luz na sala, a qual não deve incidir diretamente sobre o papel ou sobre o escritor. Tornem-se o mais passivos possível esvaziando a vossa mente de quaisquer problemas ou interesses especiais que a possam ter ocupado durante o dia. Já agora, as 6 horas da tarde é, verifiquei eu, uma altura muito boa, mas isto, novamente, deve ser governado pelas vossas circunstâncias. Muitas pessoas não estão livres para «fazer sessão» tão cedo e têm de esperar até muito mais tarde.

Pessoalmente, nunca faço sessão após uma refeição pesada, ou mesmo comum.

Não olhem para a vossa mão; esqueçam-se dela. Passado algum tempo, poderão sentir um formigueiro nela, ou uma ligeira pressão. Se for o caso desta última, a vossa mão poderá parecer querer mover-se por si própria, conforme vos poderá parecer. Deixem-na fazê-lo. Poderá divagar pelo papel e não produzir nada legível durante algum tempo, já que o vosso Guia ou Comunicador espiritual poderá estar a praticar e a descobrir até que ponto pode estar certo de controlar a vossa mão independentemente da vossa mente. Algumas pessoas constataam que cobriram folha após folha de papel com uma série de curvas, mas passados momentos ver-se-á que uma letra está mais ou menos perfeitamente formada aqui e ali. Diretamente após notarem isto, falem com o vosso Guia, em voz alta ou mentalmente (em voz alta é melhor, se ele estiver a tentar controlar a vossa mão no sentido físico e estiver, portanto, a funcionar total ou parcialmente nas condições físicas por essa altura), e digam-lhe que discerniram certas letras entre as curvas e os rabiscos. O número de letras legíveis deverá então aumentar e constatarão palavras a formarem-se, e depois frases.

Supondo que continuam por um longo período e nada surge exceto marcas insignificantes ou indecifráveis no papel, então aconselhar-vos-ia a desistirem de tentar o tipo automático de escrita, por essa altura, e a tentarem o tipo mental em vez dele. Nisto, seguiriam instruções muito semelhantes às que dei em ligação com a mediunidade de transe «normal», a clarividência ou a clariaudiência. Tenham o papel ao vosso lado e segurem o lápis, mas esperem que as palavras vos surjam na mente em vez de no papel.

Novamente surge a questão: «Como saberei se estou a obter as palavras psiquicamente de uma inteligência desencarnada ou da minha própria mente?» Apenas através da prática, e verificando e confirmando o resultado como em qualquer outra forma de mediunidade. A melhor maneira de se certificarem é pedirem ao vosso pretenso Guia ou Controlo espiritual para vos transmitir alguma informação que não seja do vosso conhecimento, possivelmente sobre um amigo, onde ele ou ela se encontram, ou qualquer coisa que possa ser evidente ou facilmente confirmada mais tarde. Por mim, preferiria

pedir ao Guia para encontrar, se possível, algum parente que tenha partido, ou outra pessoa bem conhecida de um amigo que esteja na terra, e pedir ao espírito para vir dar-vos alguns detalhes da sua aparência e caráter, da sua vida quando na terra — tudo o que consiga pensar que constitua uma evidência da sua identidade. Não peçam testes complexos e difíceis. Deixem o Guia e o Comunicador fornecerem o material entre si. Poderão ser capazes de dar nomes ou iniciais, mas se não o conseguirem fazer, não lhes peçam que o façam. Eles sabem que quereis o maior número de nomes e outros detalhes evidentes possível, e o melhor é deixar ao critério deles darem estes factos quando e conforme puderem.

À medida que os detalhes vos são «dados», escrevam-nos o mais depressa possível, mas sem qualquer sentimento de agitação ou pressa. Parecer-vos-á quase como se estivessem a escrever sob ditado, mas se continuarem, poderão constatar que o Comunicador, ou o vosso próprio Guia a escrever por ele, aprenderá gradualmente a controlar a vossa mão, e a escrita tornar-se-á então automática. À medida que progredirem neste desenvolvimento, poderão constatar que o vosso Guia consegue usar o método automático ou o inspiracional alternadamente na mesma sessão; ou poderá usar o automático do princípio ao fim, e o inspiracional numa outra altura.

Embora tenha aconselhado os pretensos escritores automáticos a escreverem apenas em certas alturas, e a não permitirem em circunstância alguma serem controlados numa altura despropositada qualquer, devo admitir que as únicas ocasiões em que fui controlada para a escrita aconteceram inesperadamente, mas como se tratava habitualmente de apenas duas ou três vezes num ano, não havia possibilidade de exagero. Apenas num período, há cerca de doze anos, obtive uma curta série de mensagens com regularidade. Penso que surgiam cerca de uma vez por semana. Nesses momentos, a minha mão era controlada e as mensagens passavam para um homem que vivia a uma longa distância, na Cornualha, enquanto eu vivia em Buckingham, e todas se referiam a assuntos de que eu nada sabia. Apenas tinha visto este cavalheiro duas vezes. Declarações bastante definitivas eram feitas pelo Comunicador espiritual, muitas das quais eram desconhecidas do destinatário, que mais tarde as tinha de

confirmar através de uma terceira pessoa, de modo que toda a ideia de telepatia entre nós ficava excluída.

Durante a guerra, uma senhora da África do Sul sentou-se comigo escassas vezes para a minha sessão habitual de transe, a fim de entrar em contacto com o seu filho que fora morto na guerra. Ela esteve apenas em Inglaterra por um ano ou dois e regressou a África pouco depois do final da guerra. Pediu-me para lhe escrever ocasionalmente e assim fiz. Um dia, sentei-me apenas para lhe enviar escassas linhas, quando subitamente verifiquei que não conseguia pensar numa palavra para lhe dizer. Na verdade, sabia muito pouco dela pessoalmente e esforcei-me por pensar nalguma notícia que a pudesse interessar.

Enquanto ali estava sentada calmamente, estando a minha mente numa condição passiva mas recetiva devido ao facto de estar à espera do que pensava que seria uma inspiração «normal», senti que a minha mão queria mover-se, embora não estivesse consciente do que iria escrever. Tinha começado a minha carta com «Querida Sra. L....», mas agora a minha mão começou a escrever a palavra «Mãe». Deixei-a fazê-lo e senti que queria continuar, num estilo um tanto curiosamente apertado. Mais algumas palavras foram escritas com uma certa dose de dificuldade. A minha mão e o meu braço sentiam-se rígidos e moviam-se aos solavancos.

Passados escassos momentos, a velocidade aumentou e duas ou três páginas de papel de carta ficaram cobertas com uma letra pequena. Parte do tempo não tinha ideia do que vinha a seguir, mas de vez em quando sabia qual ia ser a frase seguinte enquanto a minha mão estava na verdade a escrever a frase anterior. O Comunicador terminou exatamente como uma carta comum de um filho muito afetuoso para uma mãe faria, e dei com a minha mão a assinar o nome de um homem — um nome carinhoso — que não era aquele que a mãe tinha usado ao falar comigo sobre o seu filho.

Quando a escrita cessou, li as últimas duas ou três frases, mas vi que eram de natureza obviamente íntima e privada, referindo-se a assuntos familiares, pelo que não gostei de examinar todas as mensagens; na verdade, tive um forte sentimento de que não era pretendido que eu o fizesse, pelo que me limitei a adicionar um pós-

escrito, contando brevemente à senhora o que tinha acontecido e pedindo-lhe para não me considerar completamente louca por lhe enviar a coisa toda tal e qual como estava, já que, por tudo o que sabia, poderia ter sido uma mixórdia de disparates; eu tinha tão pouca experiência pessoal de escrita automática.

Mais tarde, tive uma resposta da sua parte, a dizer-me que tinha compreendido perfeitamente todas as mensagens e que estas eram da maior evidência, e a pedir-me para lhe enviar quaisquer outras que pudessem surgir. Vi que a comunicação tinha sido um grande conforto para ela e, assim que consegui dispensar algum tempo, sentei-me e esperei expetante que o filho dela viesse e escrevesse novamente, mas nada aconteceu, embora tivesse esperado por perto de uma hora. Tentei de novo, sem resultado.

Passados escassos meses, enquanto escrevia a uma outra amiga, senti subitamente que tinha de escrever de novo à Sra. L., na África do Sul. Peguei nalgumas folhas de papel maiores e, mal lhe tinha escrito escassas palavras por minha própria conta, senti o mesmo solavanco rígido entrar na minha escrita que tinha notado na ocasião anterior. Novamente o filho escreveu uma carta à mãe, e ela escreveu mais tarde a dizer-me que ele se tinha referido a uma série de reuniões espirituais que ela tinha organizado, e sobre as quais ninguém em Inglaterra sabia, mas ela tinha pedido mentalmente ao filho para a ajudar com as mesmas.

Esta correspondência entre mãe e filho manteve-se por cerca de dez anos. Por vezes, não surgia mensagem nenhuma durante vários meses e depois vinha uma em dois ou três meses sucessivos. Nunca adiantava nada eu tentar obter uma. Talvez isso acontecesse porque eu fazia sessão regularmente para as minhas próprias sessões de transe, e o rapaz tinha de esperar até eu ter um momento livre — ou não estar já psiquicamente esgotada antes de ele conseguir «passar» até mim.

Depois chegou uma altura em que ele parou por completo.

Sentei-me um dia e comecei a escrever à mãe dele, e depois dei comigo a rasgar a carta. Esperei escassos meses e depois tentei novamente. Comecei com o meu habitual «Querida Sra. L.» e fiz escassas observações comuns «por minha conta» na esperança de que

o filho interviesse como habitualmente; mas nada aconteceu e tive receio de que a mãe ficasse muito desapontada quando recebesse uma carta minha sem qualquer mensagem do seu rapaz, já que raramente, ou nunca, lhe tinha escrito inteiramente sozinha desde há alguns anos.

Algo na minha mente continuava a dizer «Não escrevas de todo», mas pensei que era meramente um instinto egoísta para me poupar a trabalho e forcei-me a escrever uma nota explicativa, dizendo à mãe que tinha sentido que o seu filho já não me vinha ver, mas que me ocorrera que talvez ele soubesse que eu tivera um pequeno problema na mão e pensasse que isso poderia interferir com a minha escrita, mas que lhe falasse ela própria e lhe dissesse que a minha mão estava bem de novo, e que eu tinha o maior prazer em escrever por ele se ele viesse ter comigo novamente.

Uma noite, pouco depois de ter enviado esta carta pelo correio, no preciso momento em que ia a adormecer, vi o rosto e a figura da mãe nitidamente. Ela não me falou e apenas a vi por escassos segundos.

Escassas semanas mais tarde, recebi uma carta de um dos seus parentes a dizer-me que ela tinha partido. Ao comparar as horas, verifiquei que ela se deve ter juntado ao filho pouco depois da última comunicação deste através de mim, pelo que compreendi então a razão pela qual ele já não queria escrever-lhe através de mim!

A Feda explicou-me depois que o único elo dele comigo era o psíquico, o qual ele apenas era capaz de usar devido ao seu grande amor pela mãe e afinidade com ela. Quando isso foi retirado da terra, ele deixou de ter o poder de comunicar comigo por si próprio, mas a mãe tinha tentado deixar-me saber que tinha partido, e que se lembrava de mim, mostrando-se a mim naquela noite mesmo antes de eu ir dormir. A escrita automática é uma forma de mediunidade muito útil que pode ser usada para ajudar pessoas que vivem à distância, talvez num local isolado onde não têm oportunidade de assistir a uma sessão ou círculo de qualquer espécie. Há tantas pessoas colocadas nesta posição. Tenho tido as cartas mais patéticas de pessoas — uma num local solitário na Costa do Ouro, outra na Índia; na verdade, por todo o mundo.

Seria da maior utilidade se escassas pessoas psíquicas (que tivessem desenvolvido o seu poder de escrita automática suficientemente bem para lhes permitir obter uma certa quantidade de matéria fiável e evidente) se constituíssem numa pequena sociedade para benefício de almas enlutadas e solitárias que estão isoladas em locais recônditos no estrangeiro, ou mesmo em Inglaterra, onde há pessoas que estão amarradas pelo seu trabalho, falta de dinheiro e por aí fora, de assistir a sessões ou de tomar qualquer parte ativa nestas coisas, tanto quanto se vivessem no Saara ou nos confins da Austrália.

Algumas pessoas dizem-me que nunca obtêm verdadeira escrita automática; estão totalmente conscientes de cada palavra que escrevem, no entanto sabem que não estão a fornecer o material a partir das suas próprias mentes; na verdade, estão frequentemente sem saber qual será a palavra seguinte. Eu própria tenho experimentado este tipo, embora pense que a quantidade comparativamente pequena de escrita que tem passado através de mim tem sido uma mistura do automático e do inspiracional. Não é apenas possível obter curtas mensagens evidentes na escrita automática, mas em anos recentes tem havido um trabalho maravilhoso feito desta maneira. Vejam os *Scripts of Cleophas*, da Miss Gertrude Cummings. Muitas pessoas instruídas que leram este livro dizem que ele sobressai como uma obra maravilhosa e inspirada, cujo semelhante nunca foi igualado. Creio que uma grande parte do que se chama trabalho literário normal de ordem elevada é inspirado por pessoas do Outro Lado. Isso não significa que não possuímos poder criativo próprio.

Possuímos, e devemos desenvolvê-lo tanto e tão bem quanto conseguirmos, mas a ajuda de um perito sobre qualquer assunto em que nos estejamos a concentrar será certamente prestável, mesmo que o perito já tenha partido para o Outro Lado. O facto de ele ter partido tornará a sua assistência tanto mais valiosa, já que ajudará sem interferir; não tem interesses pessoais a defender e deixou o ciúme e a inveja para trás, podendo, por isso, ser um melhor colaborador do que qualquer outro que conseguissem encontrar no corpo físico, se tão-somente conseguirem colocar-vos em contacto com um tal indivíduo.

Creio que existem muitas almas intelectuais nobres no Outro Lado cuja missão é ajudar no progresso espiritual e mental daqueles

que estão na terra, e que aguardam ansiosamente por uma oportunidade de trabalhar através de um instrumento psíquico adequado. Aqui, novamente, reside a necessidade de desenvolvermos a nossa mentalidade para conseguirmos pensar e viver num plano de pensamento puro e elevado, pois de outro modo não conseguimos contactar as mentes destes Mais Elevados.

CAPÍTULO XLV

A CURA E O DIAGNÓSTICO

QUE maravilhosa demonstração de poder espiritual pode ser dada através da cura, quer seja pela «imposição de mãos» quer seja do tipo mental!

Neste capítulo não estou a falar das maravilhas da Ciência Cristã, mas do trabalho prestável que pode ser feito se a pessoa cooperar com um Guia de cura, alguém que poderá ter sido médico na sua vida terrena, ou um curador natural. Muitos destes últimos são Índios da América do Norte, que praticavam a arte de curar como uma parte das suas vidas normais quando na terra. Parecem ter um poder tremendo em ajudar a dirigir as forças de cura através de um médium adequado. Penso que não há dúvida de que o poder para curar está disponível para todos. Temos apenas de aprender a usá-lo — conduzi-lo, por assim dizer.

Quando o Nosso Senhor esteve na terra, sinto-me segura de que Ele pretendia que compreendêssemos que assim era, e que podíamos e devíamos recorrer ao poder Divino a fim de nos curarmos a nós próprios e aos outros. É uma coisa curiosa que é sempre mais fácil curar os outros do que curarmo-nos a nós próprios. É como se o poder apenas conseguisse fluir através de nós e sair de novo para uma outra pessoa, quase como se não conseguisse permanecer em nós a menos que seja para aí dirigido por outrem. Esta é uma coisa difícil de explicar e sei que existem exceções, mas estou certa de que esta é a

regra geral. Por outras palavras, o médico considera muito difícil curar-se a si próprio.

Num capítulo anterior, contei-vos como o Estrela do Norte entrou em contacto comigo e ele ajudou certamente várias pessoas de uma forma extraordinária. A Feda também possui uma certa quantidade de poder de cura, mas dispõe de muito pouco tempo livre para o usar, já que este é todo absorvido pela transmissão das mensagens dos diferentes Comunicadores para os assistentes. Há muitos anos, mesmo antes de eu iniciar o meu trabalho profissional como médium de transe, trabalhei com um médico do West End como sujeito de transe com o propósito de curar pacientes de diferentes problemas, habitualmente de ordem nervosa, tais como a gaguez, o esmorecimento, alucinações, melancolia, etc.

Este processo era chamado «Sugestão por Transferência», tanto quanto me lembro. Eu entrava no estado de transe (ninguém alguma vez me colocou nessa condição — sou sempre eu a induzi-la) e o médico falava à minha mente subjetiva e dizia-lhe o que estava errado com o paciente, e que esta se deveria colocar em contacto com a mente subjetiva do paciente de modo a eliminar o problema da mesma. Pelo menos era assim que o médico explicava o processo, mas a Feda contradizia-o sempre categoricamente.

Ele não acreditava na existência da Feda e, por vezes, ela costumava insistir em falar com ele com a ideia de que o tinha de convencer de que era realmente uma pessoa. Ele repetia-lhe sempre a mesma coisa vezes sem conta: «Não, você não é uma personalidade, é simplesmente mente subjetiva». A Feda não compreendia de todo o termo nesses primeiros tempos do seu trabalho e costumava assegurar-lhe:

«A Feda não é uma mente subjetiva; a Feda é uma pessoa».

Os argumentos devem ter sido muito banais e sem interesse, já que evidentemente o médico e a Feda muito pouco mais diziam um ao outro sobre o tema da personalidade dela a não ser as frases que dei, mas aparentemente nunca se cansavam de as repetir um ao outro vezes sem conta. De vez em quando, a Feda dava-lhe uma mensagem de algum parente dele no Outro Lado, mas ele atribuía-a sempre à

«mente subjetiva» e penso que a Feda imaginava que este era um termo um tanto injurioso porque, durante muito tempo depois, se ela desaprovava alguém, dizia ter receio de que a pessoa fosse uma mente objetiva.

Eventualmente, a Feda produziu uma prova de evidência tão convincente para o médico que este já não a pôde atribuir à «mente subjetiva», e solicitou a um amigo comum para me visitar e pedir para dizer à Feda que finalmente estava convencido de que ela era realmente uma entidade — uma personalidade — e não uma mente subjetiva de todo. A Feda recebeu a notícia com muita calma, mas penso que ficou satisfeita, já que gostava do médico apesar dos seus métodos um tanto perentórios com ela.

Tudo isto é um tanto «à margem», mas tive de o introduzir a fim de apontar a diferença entre as linhas de cura inteiramente mentais e as da espiritual.

Achei o tipo mental extremamente desgastante, a um ponto tal que, pouco depois de iniciar a minha mediunidade de transe, tive de o abandonar por completo. Quando trabalhei com o Estrela do Norte não achei tão cansativo, mas como é óbvio verifiquei que não o conseguia fazer em aditamento às minhas sessões de «Feda», pela simples razão de que não tinha tempo para ambos. Penso que o trabalho de cura do médico era realmente muito ajudado por médicos e Guias espirituais, embora na altura ele não quisesse acreditar. Na verdade, penso que foi a falta de cooperação consciente com o trabalho dos ajudantes espirituais, e de reconhecimento do mesmo, que me fez considerar esse trabalho tão desgastante.

O curador que conhece e reconhece a cooperação de Guias constata que, embora ele ou ela possam sentir uma certa quantidade de cansaço natural corporal e mental após um longo período de trabalho de cura, recebe algo de volta mais tarde — é recarregado, de facto. É extraordinário quão rapidamente a pessoa recupera. Este não tinha sido o caso de todo quando eu estava a trabalhar inteiramente nas linhas da «mente subjetiva». Ficava muito cansada depois e não recuperava até ter tido uma boa dose de descanso.

Uma boa quantidade de pessoas possui o poder de cura, mas depende da maneira como o desenvolvem e usam se matam ou curam com ele. Penso que é muito necessário compreender escassas regras simples — regras que talvez o instrutor experiente de cura dificilmente consideraria necessário incutir no estudante, mas que eu pessoalmente considere da maior importância na prática real.

Existem agora muitos centros para a cura, e para instruir as pessoas a curar também. Ninguém precisa de dizer: «Não sei como começar a aprender um tal trabalho». Em Londres existem excelentes instituições onde se realizam turmas de cura e, mesmo em pequenas cidades de província, tais círculos podem ser encontrados, onde estão sempre prontos a admitir qualquer pessoa que deseje sinceramente desenvolver os seus dons e ajudar os outros por sua vez.

Quando o Estrela do Norte me controlava para a cura, parecia sempre apelar a alguém muito mais elevado do que ele próprio antes de iniciar o seu tratamento. Nunca falava, mas costumava erguer as mãos para cima e para fora, como se esperasse que algo lhe fosse colocado, ou vertido, nelas. A sua atitude era obviamente de prece ou de súplica, embora estivesse habitualmente na posição de pé. Após um momento ou dois, aproximava-se do paciente. Se o problema era local, encontrava habitualmente o local exato e começava a tratá-lo, por vezes amassando o ar mesmo acima dele, fazendo curiosos pequenos movimentos e tocando o local de forma muito leve, de modo que, mesmo que este estivesse muito sensível, nunca conheci um paciente que sentisse qualquer dor quando ele o fazia, apenas um curioso sentimento de alívio. Isto acontecia mesmo quando o paciente tinha sido incapaz de suportar a pressão de um lençol sobre a área afetada.

É da maior importância que se tornem previamente sensíveis ao vosso Guia, e que estejam em contacto suficiente com ele para que este seja capaz, através de vós, ou de diagnosticar a condição do paciente, ou de pressentir a parte doente ou o foco do problema, logo que comece a controlar-vos.

Se o problema for de origem nervosa, o Guia tratará provavelmente a coluna, a parte de trás do pescoço e a cabeça. Através

de mim, o Estrela do Norte fazia sempre passes descendentes, após ter tratado o problema localmente (se fosse possível fazê-lo), terminando os passes ou num ângulo, como os ombros para começar, os cotovelos, as pontas dos dedos, depois descendo até aos joelhos e, finalmente, varrendo para baixo desde o cimo da cabeça até às pontas dos dedos dos pés, como se estivesse finalmente a limpar o organismo inteiro. Os seus movimentos eram extremamente vigorosos por vezes, mas o seu toque era extraordinariamente leve e delicado. Hoje em dia, ele vai frequentemente trabalhar com um cavaleiro que não é um curador profissional, mas que tem feito uma grande quantidade de trabalho por «tratamento à distância».

Encontrarão excelentes instruções tanto para o tratamento presencial como para o à distância no livro da Margaret V. Underhill e da Helen Macgregor sobre *Desenvolvimento Psíquico*, o qual, como disse anteriormente, deveria ser lido por toda a gente que esteja desejosa de desenvolver qualquer uma das faculdades psíquicas. Apenas dei os detalhes relativos ao Estrela do Norte e aos seus passes porque se tratava da minha própria experiência pessoal de cura; mas existem muitos outros métodos diferentes, embora várias pessoas que conheço tenham trabalhado com muito sucesso nas linhas do Estrela do Norte.

Existem duas coisas que sinto que cada curador deveria evitar. Uma é tentar dar um tratamento demasiado longo de cada vez. A outra é falar, permitindo que a mente divague enquanto trata um paciente. Isto, como é óbvio, aplica-se a curadores que usam o seu poder «normalmente», como a maioria faz; apenas um número comparativamente reduzido de pessoas cura em «transe total».

Uma amiga minha (chamar-lhe-ei Sra. B.) tinha excelentes poderes de cura, quando optava por usá-los adequadamente. Ajudou-me imenso em uma ou duas ocasiões e comecei a ficar muito esperançosa, de facto, quanto à qualidade do seu poder e ao seu serviço para com as pessoas doentes e sofredoras. Um dia, fomos juntas visitar uma amiga que era quase uma desconhecida para a Sra. B., pois esta apenas se tinha reunido com ela uma ou duas vezes antes. A nossa anfitriã queixou-se de uma dor de cabeça muito forte e a Sra.

B. ofereceu-lhe algum tratamento de cura, no qual a nossa anfitriã acredita e ao qual costuma responder muito rápida e satisfatoriamente.

Durante o tratamento, a Sra. B. manteve um fluxo incessante de conversa, na sua maioria reminiscências de pessoas, lugares e coisas sobre as quais a sua paciente nada sabia e, receio bem, nada se importava. Após cerca de dez minutos daquilo, tentei dar uma dica à Sra. B. de que era melhor manter os seus pensamentos no assunto em mãos, mas ela não a aproveitou. Todo este tempo as suas mãos faziam passes e a «cura» estava aparentemente a ser levada a cabo, mas a nossa anfitriã estava visivelmente a murchar sob o tratamento e, finalmente, não conseguiu aguentar mais, arranjou uma desculpa qualquer e escapou para o seu quarto.

A próxima vez que a vi, disse-me ela que o «tratamento» a tinha quase enervado; a cabeça estava pior; tinha passado uma noite irrequieta e sentiu-se muito mal todo o dia seguinte.

A Sra. B. veio ver-me novamente escassas semanas mais tarde.

Notou que eu parecia cansada e sugeriu gentilmente dar-me um tratamento. Consenti, porque queria descobrir se ela teria o mesmo efeito drástico em mim que tivera na minha amiga. Sentei-me e ela começou a fazer os passes habituais.

Foi muito repousante e relaxante, e comecei a sentir o benefício daquilo bastante depressa. Após escassos minutos, a Sra. B. começou a falar sobre um assunto mundano que não tinha qualquer ligação com o tratamento de cura que me estava a dar. Ao início não fiz caso, mas tentei manter a minha mente e corpo passivos e recetivos para conseguir absorver o seu poder de «cura», mas após um espaço de tempo muito curto comecei a sentir uma condição das mais irritáveis nos nervos. Não conseguia ficar sentada quieta — sentia-me invulgarmente sobressaltada — e acabei por ter de interromper o tratamento, sentindo-me pior do que antes de ela o ter começado.

Depois, a Feda explicou que era da maior importância que a mente do curador (quando ele ou ela estão a trabalhar normal e conscientemente) ajudasse a dirigir o poder, cooperando com o Guia ao focá-lo no paciente. A Feda disse que usar o poder mental para recordar e relatar incidentes que não tinham relação com o assunto em

mãos desperdiçaria absolutamente o poder. Na verdade, os Guias têm-me avisado repetidas vezes para nunca desperdiçar a minha energia psíquica ou mental em conversas desnecessárias quando pretendo usar os meus poderes psíquicos em qualquer direção, seja em sessões seja em trabalho criativo ou construtivo de qualquer espécie.

Creio que a pessoa está a deitar poder fora quando esgota as suas forças em tagarelice sem sentido. Há alturas em que uma certa quantidade de conversa nos «solta» — uma troca entusiasta de pontos de vista e planos entre amigos é frequentemente muito estimulante e abre as válvulas de segurança, por assim dizer —, mas a pessoa deve ser cautelosa em ceder mesmo a este passatempo agradável se tem algum trabalho definitivo para realizar. Nunca falo antes de uma sessão nem me permito escutar mais ninguém a fazê-lo, se o puder evitar.

Sei que há escassas pessoas que me dizem que simplesmente existem à base de excitação e reboição, e que fazem o seu melhor trabalho psíquico quando no meio disso. «Bem, talvez realizem uma certa quantidade de trabalho psíquico, mas também tenho conhecido alguns dos amigos que elas afirmam ter ajudado e, se tivessem ouvido o que estas infelizes pessoas disseram sobre os resultados da sua “ajuda”, penso que mudariam de tática.»

CAPÍTULO XLVI

A PROFECIA

Ergue à volta do dia de hoje uma
pequena cerca de confiança;
Preenche esse espaço com trabalho
feito por amor e permanece nele.
Não espreites, através das grades que
te abrigam, para o amanhã;
Deus ajudar-te-á a suportar o que vier,
seja alegria ou tristeza.

M. F. BUTTS

SE estivéssemos todos contentes em viver no dia de hoje, e em fazer o nosso melhor nele, a vida poderia ser uma questão melhor e certamente mais simples do que é para a maioria de nós. Sondar as probabilidades do amanhã traz muito pouca felicidade real, e penso que conseguimos desgastar os nossos poderes de resistência na contemplação das dificuldades de amanhã, tornando-nos incapazes de enfrentar também o trabalho de hoje.

Algumas pessoas parecem ter um dom notável de profecia, ou de ver o futuro. Penso que o dom em si mesmo é da maior utilidade para descartar a afirmação de que todas as mensagens dadas de uma forma «supernormal» são meramente o resultado de alguma forma de telepatia entre mente e mente no plano físico, a qual cessa quando o cérebro físico morre.

Sabemos que muitos acontecimentos dos mais improváveis têm, desde tempos imemoriais, sido profetizados através de psíquicos e têm vindo a acontecer exatamente como vaticinado. Tenho tido algumas ilustrações das mais marcantes deste género eu própria. Embora tenha usado as palavras, «Algumas pessoas parecem ter um dom notável de ver o futuro», apenas o fiz porque essa é a maneira como o seu dom é habitualmente descrito, mas pela experiência pessoal que tenho tido, e pelas informações recebidas de vários Guias dignos de confiança no Lado Espiritual da vida, penso que podemos sempre procurar uma ou duas explicações para a informação relativa ao futuro, à qual designamos como profecia.

O que me tem sido dito é que aqueles que se encontram nos Planos Mais Elevados estão sempre a traçar e a dispor certos planos para o benefício da humanidade no plano da terra. Os espíritos que estão em comunicação com a terra recebem permissão para cooperar dando a conhecer os planos, ou a parte deles que for desejável que saibam, aos seus amigos na terra com quem estão em contacto, de modo a alistar a sua ajuda na matéria.

Alguns médiuns parecem estar mais bem qualificados para transmitir corretamente detalhes de planos relativos ao futuro do que outros. Na verdade, existem alguns psíquicos através dos quais nada passa a não ser o registo de coisas e acontecimentos que já lá vão.

Outros não conseguem tocar no passado, mas parecem «bater» às mentes dos ajudantes espirituais apenas em matérias pertencentes ao futuro, e não conseguem dar praticamente nenhuma informação relativa aos amigos da pessoa no Outro Lado, nem qualquer evidência sobre eles de todo. Fui uma vez a um tal médium no Oeste de Inglaterra. Pensei que poderia ser interessante obter uma mensagem do meu pai ou da minha mãe, ou de algum outro amigo, caso desejassem dá-la, já que não lhes tinha dado uma oportunidade de comunicarem comigo há um tempo considerável.

O médium deu-me uma sessão que durou perto de uma hora, mas do início ao fim nunca descreveu, nem tentou fazê-lo, ninguém que eu conhecesse, mas deu-me algumas mensagens muito notáveis sobre um assunto importante a respeito do qual eu nada sabia na altura, e que confirmei três ou quatro meses mais tarde. Descreveu, minuciosamente, as pessoas que ficariam envolvidas no caso, pessoas que eu nunca tinha visto na altura da sessão.

Algum tempo depois, a Feda disse-me que sabia de toda a situação, visto ter sido tudo providenciado por pessoas no Outro Lado e estar ligado ao meu trabalho psíquico. Como nem ela nem nenhum dos meus familiares conseguia passar nada sobre si próprios na sessão, a Feda pensou que mais valia utilizar o poder e o tempo contando-me algo que eu seria capaz de provar mais tarde e em que estaria interessada. Não era muito importante que eu soubesse o que quer que fosse sobre o assunto, mas, por outro lado, não havia nenhuma razão em particular para que não o soubesse.

Este médium estava totalmente alheio a que lhe estivesse a ser dada a informação por uma entidade desencarnada. Dizia, «Vejo — ou oiço — esta e aquela coisa», sem nunca se referir uma única vez a ninguém ou a nada no Outro Lado. A dada altura, pouco depois de ele ter começado a sessão, interrompi dizendo: «Obrigada, o que me contou é muito interessante, mas não vê ninguém que tenha partido perto de mim? Nenhum dos meus amigos espirituais quer enviar uma mensagem?»

Isso foi perfeitamente suficiente. Ele parou um momento, depois disparou, como se tivesse sido subitamente carregado com corda: «Lá

— ao — longe — no — vale — das — sombras — eu — vejo — um
— homem — e — uma — mulher — conhece-os?»

Esperou então que eu reconhecesse esta descrição um tanto vaga e eu apressei-me a dizer-lhe que não podia ter a certeza, pelo que se faria o favor de continuar de novo nas suas próprias linhas. Conseguia ver que ele era um psíquico genuíno, já que me deu excelentes evidências sobre coisas pertencentes à terra, mas diretamente após contactar com «O Vale das Sombras» pareceu perder-se. Evidentemente, os seus Guias tinham sido incapazes de o desenvolver além do campo da profecia.

A previsão mais marcante — e uma que afetou todo o meu futuro e trabalho — foi-me dada no ano de 1906. Foi durante esse período difícil em que eu tinha insistido em assistir a reuniões Espiritualistas, apesar da oposição da minha mãe e da sua aversão amarga por tudo ou por quem quer que pertencesse ao assunto. Tinha perdido a minha voz de canto, no que dizia respeito a ser de alguma utilidade para fins profissionais, mas com os restos dela cantava ocasionalmente nas reuniões Espiritualistas de domingo.

Uma amiga tinha-me perguntado se eu cantaria numa tarde de domingo numa reunião de crianças (o tipo de Escola Dominical Espiritualista de que vos falei num capítulo anterior), e pediu-me para a ir buscar à casa onde morava para que ela me pudesse acompanhar até ao salão. Ela era órfã e tinha feito o seu lar com uma amiga — uma mulher mais velha que era médium e que ia dirigir o serviço nessa tarde, e dar também a clarividência na reunião da noite que se seguia ao serviço das crianças.

Cheguei a casa da minha amiga e fui conduzida por ela para uma sala de estar. Ela saiu da sala para ir buscar a sua amiga, a médium, que eu não tinha visto antes. Esqueci-me do nome desta senhora, mas chamar-lhe-ei Sra. A. Bem, quando a Sra. A. entrou na sala, avançou para mim com a mão estendida. Coloquei a minha na sua e ela olhou-me nos olhos e disse: «Não diga nada, não me interrompa — os seus Guias estão aqui e desejam que eu lhe diga algo de grande importância».

Nessa altura, eu sabia muito pouco sobre os meus Guias, se é que sabia alguma coisa de todo; na verdade, penso que não me tinha sido dito que tinha alguns em especial.

A Sra. A. fechou os olhos e, continuando a segurar as minhas mãos, pareceu estar a falar em parte, ou quase inteiramente, sob «controlo». Disse que os meus Guias me iam preparar para um importante trabalho espiritual, mas que as minhas condições atuais eram antagónicas a isso; que eu não seria capaz de embarcar nele até que grandes mudanças tivessem ocorrido e eu tivesse conhecido o homem que era a minha afinidade, em direção ao qual os Guias me iam conduzir.

Nessa altura, eu não tinha pensado seriamente em fazer qualquer trabalho eu própria no movimento. O palco parecia ser a única abertura para mim, mas, como a maioria das raparigas novas, fiquei radiante com a referência à «minha afinidade». Assim que consegui fazê-lo com decoro, perguntei à médium se ela conseguia descrever o homem que os Guias estavam tão gentilmente a guardar para mim.

«Sim», disse ela, «vejo-o com bastante clareza», e para meu desgosto e desapontamento procedeu a descrever «um homem de cerca de sessenta e cinco anos, grande bigode cinzento, cabelo branco nos lados, nariz adunco, alto, com mais de 6 pés, muito magro; a usar calças cor de cereja (»Que figura«, pensei!), casaco azul-claro guarnecido de pele. Chapéu feito de verniz ou de algum material brilhante. Um punhado de penas brancas ao lado do mesmo».

Disse que eu o deveria conhecer no prazo de um ano. Fosse como fosse, foi da maior enfática em como ele era o homem para mim, e era o que melhor se adequava ao trabalho espiritual que eu haveria de fazer. Procurei por ele durante escassos meses e esqueci-me dele de vez em quando. Quando tinham passado cerca de dez meses, juntei-me a uma companhia que estava a encenar uma espécie de drama romântico do tipo de reino mítico, no qual um inglês que, por causa dos seus feitos extraordinariamente heroicos, é proclamado rei de um desses reinos misteriosos, sempre descritos como estando no «coração da Europa».

Eu não tinha querido juntar-me a esta companhia, já que tinha um contrato muito melhor aberto para mim, mas senti-me fortemente (embora nessa altura não lhe chamasse psiquicamente) impressionada a aceitar este papel em particular. Fiz amizade com uma outra rapariga e, durante a nossa troca de confidências, contei-lhe, mais como uma piada, sobre a figura ridícula, idosa e muito pouco interessante que me tinha sido descrita como sendo a minha afinidade, e mencionei que ainda não o tinha conhecido e esperava nunca conhecer. A minha companheira observou que já tínhamos visto todos os homens da companhia e não havia ninguém assim, pelo que eu estava segura durante essa digressão, pelo menos.

Ora, nós não tínhamos tido um ensaio geral e não sabíamos como iam ser todos os figurinos, visto que algumas das canastras de roupa tardaram em chegar. Pelo que, na noite de estreia, a maioria de nós tinha um aspeto muito diferente.

Eu tinha acabado de sair de cena após a minha primeira entrada e estava a aguardar nos bastidores, a ver o que se seguia, quando para meu espanto entra a minha afinidade, com calças cereja, casaco azul-claro guarnecido de pele, bigode cinzento, chapéu preto brilhante, penas e tudo, e com o aspeto de ter precisamente cerca de sessenta e cinco anos. (Supunha-se que ele representava um oficial do exército silovoniano.)

Corri para o meu camarim e gritei à minha amiga que tinha visto a minha afinidade, e que era um homem de quem ela e eu tínhamos aversão absoluta, já que era pavorosamente rigoroso e estava sempre a «fazer-nos a vida negra» por tagarelarmos e perturbarmos os ensaios. A minha nova amiga ficou tão desolada quanto eu, mas confortou-me com a sugestão de que, se uníssemos firmemente as nossas cabeças, poderíamos possivelmente congeminar algum plano para «fazer com que ele fosse posto na rua».

Bem, nós não unimos as nossas cabeças em redor deste digno objetivo. Em vez disso, vimo-nos, de forma gradual e perfeitamente natural, a tornarmo-nos boas amigas dele; e, acabada a história, tudo se veio a verificar exatamente como a médium tinha vaticinado perto de um ano antes.

Ora, tudo isto mostrou a prova de um plano definitivo da parte dos Guias. A médium tinha ou «escutado» o plano, ou este lhe tinha sido propositadamente contado pelos Guias. Não estou inteiramente certa de qual das duas situações foi, e penso que não importa. Muitas «previsões ou profecias» significam simplesmente que nos é dito o que está a ser providenciado, ou tentado, pelos nossos próprios Guias e amigos Do Outro Lado. Ocasionalmente, quando as coisas correm mal e parece que a profecia não se está a cumprir, é porque nós próprios, de alguma forma, interferimos ou embrulhámos os assuntos. É extraordinário que quantidade destes acontecimentos previstos chega de facto a cumprir-se, e quão poucos falham.

A Miss Louise Owen, que poderá ser conhecida de muitos de vós pelo nome, possui um dom notável nesta direção. No inverno de 1924, quando a Sra. Vale Owen me tinha escrito a respeito da oferta do Sr. Alfred Morris para me emprestar uma casa à beira-mar, a Miss Louise Owen (que não tem qualquer parentesco com o Rev. George Vale Owen) veio ver-me, e eu disse-lhe que iríamos brevemente passar uns dias fora para mudar de ares e, quando lhe disse o nome do local, ela informou-me de que tinha uma casa de campo lá e que vivia lá parte do ano. Mesmo antes de me deixar, ela voltou-se e disse: «Tenho uma forte impressão de que não vai apenas para esse local por um mês, como pensa; vai ter uma casa lá e vai fixar-se lá. Será bom para a saúde do seu marido e os Guias vão ajudá-la a organizar isso. Consigo, por clarividência, ver-vos lá».

Parecia tão impossível na altura que nem sequer discuti a possibilidade disso; na verdade, esqueci-me por completo do assunto. Mais de três anos mais tarde, as coisas começaram a mover-se na direção de termos uma casa de campo perto do mar, para onde eu pudesse levar o meu marido ocasionalmente, já que os hotéis e as casas de hóspedes eram tão caros e ele não conseguia obter neles a dieta correta.

Alugar casas mobiladas de outras pessoas era muito dispendioso e nem sempre podíamos estar seguros de conseguir alojamento precisamente quando este era necessário. Sem me lembrar da profecia da Miss Owen, dei comigo a negociar, a contrair uma hipoteca e a construir uma pequena casa à beira-mar, exatamente como ela tinha

dito que eu faria. Tudo conspirou para me ajudar, mas só quando tinha começado a tarefa da construção é que me lembrei do que tinha sido dito.

Desenhei os planos para a casa eu própria e soube que o meu pai, que era um talentoso arquiteto amador, me ajudou. Fui afortunada por encontrar um construtor que não se riu dos meus planos e desenhos: na verdade, disse que eram perfeitamente viáveis. Antes de a construção começar propriamente, a Miss Helen Macgregor convidou-me para fazer uma sessão com ela. O seu Controlo é uma menina muito vivaz e inteligente chamada Pollyanna. A Miss Macgregor nada sabia sobre a minha construção à beira-mar, mas durante a sessão, que foi extremamente evidente, a Pollyanna introduziu subitamente o assunto começando a descrever a casa que eu tinha esboçado, e passou a descrevê-la em detalhe. Tudo o que ela disse aplicava-se ao meu plano da casa de campo, exceto num pormenor que me intrigou imenso na altura.

A Pollyanna disse: «Senhora» (é assim que ela se dirige a qualquer pessoa — casada ou solteira, idosa ou jovem), «o que é aquela grande coisa de vidro saliente ao lado da casa?» Eu disse: «Nada, a menos que esteja a ver por clarividência uma das janelas de caixilho aberta; elas abrem para fora, como é óbvio». Ela respondeu: «Não, não é uma janela — é parte da casa. Tem muito vidro e tem um telhado, tal como a casa tem».

Disse-lhe que isso estava inteiramente errado, já que eu fora impelida a desenhar uma casa quadrada, sem ângulos ou saliências, visto ser muito mais barato de construir. Até as janelas haviam de ser planas — sem ressaltos — e o construtor tinha aprovado, sob o ponto de vista da economia, embora como é óbvio eu tivesse preferido um traço mais «recortado» e artístico se o tivesse podido suportar financeiramente.

A Pollyanna estava totalmente positiva de que tinha razão.

Aceitou passar para outros tópicos, mas ao longo do resto da sessão, ia exclamando de tempos a tempos: «Sim, tem uma peça muito grande construída para fora, tem, tem». Não fiz caso, pois sentia-me

tão segura de que ela tinha cometido um erro. Não mencionei o assunto ao meu marido nem a ninguém.

Três meses mais tarde, a casinha estava quase concluída. O telhado estava colocado e apenas escassos detalhes menores sobre a pintura e a caiação faltavam ver. O meu marido e eu marcámos um encontro com o construtor na casa uma manhã.

Quando chegámos, ficámos muito satisfeitas com tudo.

Subitamente, dei-me conta de que o meu marido e o construtor estavam a discutir algo e a apontar para o lado da casa. O construtor começou a tirar medidas. Perguntei-lhes o que era que estavam a fazer e eles explicaram que lhes tinha ocorrido subitamente que seria absolutamente necessário adicionar um alpendre espaçoso, ou vestíbulo, à casa, de modo a que os ventos fortes de nordeste não soprassem direto para a porta da frente quando esta fosse aberta. O construtor disse temer que não fôssemos capazes de usar a porta principal muitas vezes no inverno a menos que tivéssemos o alpendre, com uma segunda porta ali construída. Estranhamente, nenhum de nós tinha pensado nisso antes.

Pelo que a clarividência da Pollyanna estava certa, afinal de contas!

Quando o alpendre ficou terminado, era exatamente como ela o tinha descrito: «Grande coisa de vidro; telhado como o da casa». Ela tinha visto o edifício concluído tal como o meu pai sabia que ele devia ser.

A Pollyanna é notavelmente rigorosa a dar informações sobre coisas que são inteiramente desconhecidas do assistente na altura da sessão. A sua médium, a Miss Macgregor, possui um poder extraordinário de diagnóstico. Uma senhora que conheço foi visitá-la para uma sessão quinze dias antes de se submeter a uma operação interna; tudo tinha sido providenciado para a mesma. A Miss Macgregor disse-lhe que ela não a faria, visto não estar «lá nada para operar». Quando a assistente foi para fazer a operação, o cirurgião examinou-a novamente no dia anterior e disse-lhe que o problema se tinha dissipado inesperadamente e que nenhuma operação seria necessária.

Estes são apenas dois pequenos exemplos do rigor da mediunidade da Miss Macgregor. Tenho-a conhecido a fazer muitas afirmações que a pessoa pensava que deviam estar erradas na altura, coisas sobre as quais se estaria também inteiramente ignorante, mas nunca a conheci estar errada. Estou certa de que isto se deve não apenas à força do seu poder psíquico, mas às suas qualidades e características naturais de conscienciosidade e sinceridade. Ela está tão segura do seu terreno, dos seus Guias espirituais, dos seus factos; e isso faz toda a diferença no mundo quando um psíquico tem de se «ajustar» a muitos Comunicadores diferentes e a condições difíceis e variadas.

CAPÍTULO XLVII

DAS TREVAS PARA A LUZ

Pelo amor até à luz! Ó maravilhoso é o caminho
Que conduz das trevas ao dia perfeito;
Das trevas e da tristeza da noite
À manhã que chega cantando sobre o mar.
Pelo amor até à luz! Pela luz,
Ó Deus, até Ti,
Que és o Amor do amor,
A eterna Luz da luz.

R. W. GILDER.

A ONDE conduz toda esta investigação de fenómenos, este desenvolvimento espiritual e psíquico? Esta é a pergunta que tanta gente faz — pessoas que não estudaram o tema do Espiritualismo.

«Qual é a utilidade de tudo isto?»

A minha resposta, a minha resposta cuidadosamente ponderada e definitiva, fundada em muitos anos de experiência pessoal, é que o Espiritualismo conduz da ignorância ao conhecimento, das trevas para a luz, do «desgosto da noite para a manhã que surge a cantar sobre o mar».

Existirá algum outro assunto debaixo do sol que consiga fazer tanto por nós? Uma vez que nos damos conta de que existe uma Vida Além, onde os nossos entes queridos aguardam por nós, não fará isso toda a diferença no mundo, não apenas para a nossa felicidade, mas para a edificação do caráter, fazendo-nos ter consideração pelos outros por virtude da nossa percepção da continuidade da vida e do amor?

Sei que a Igreja nos diz para termos fé. Escassos de nós parecem ter nascido com uma boa dose dela. Um grande número parece ter nascido sem nenhuma de todo. Que coisa maravilhosa de se ter — a Fé! Quem a não teria se pudesse? Penso que existe um caminho, uma rota direta para a fé para aqueles que não foram abençoados com ela à nascença. É o caminho do conhecimento e da razão que conseguimos atingir através do estudo do Espiritualismo. Poderá objetar-se que a fé que tem de se basear no conhecimento já não é fé. Sim, é, é uma fé mais forte, uma que consegue suportar os embates da dificuldade, do desgosto e até da tragédia.

Tenho visto pessoas que, a dada altura, teriam jurado pela sua fé, ministros da Igreja ortodoxa e outros, mas quando um desgosto avassalador e inesperado surgiu sob o feitiço de um luto, a sua fé foi abalada e, nalguns casos, despedaçada.

A evidência que receberam mais tarde através do Espiritualismo, o conforto e a satisfação da comunicação com o ente querido «perdido», devolveu-lhes os fragmentos da sua fé partida, agora cimentada para além de qualquer possibilidade de quebra pela força do seu novo conhecimento e certeza. J. G. Whittier escreveu:

Vivemos pela Fé, mas a Fé não é escrava
De textos e de lendas. A voz da Razão e a de Deus,
A da Natureza e a do Dever, nunca estão em desacordo.
Que pede o nosso Pai aos Seus filhos, senão
Justiça, misericórdia e humildade?
Um culto racional expresso em boas obras,
Vida pura, ternura para com as necessidades humanas,
Reverência e confiança, e a oração pela luz necessária para ver
As pegadas do Mestre nos caminhos do nosso dia a dia.

Penso que a comunicação com aqueles que já partiram nos ajuda a seguir «As pegadas do Mestre nos nossos caminhos diários», não apenas em teoria, mas na prática. Muitos assistentes, cristãos confessos, ateus ou agnósticos, após estabelecerem comunicação com os seus queridos entes «falecidos» através da Feda, têm pedido uma fórmula, algum plano espiritual claro e direto sobre o qual pudessem começar a moldar as suas vidas de novo. A resposta tem sido sempre a mesma.

«Vós já tendes o único ensinamento, o único plano, o único exemplo de que necessitais. Voltai-vos para o Novo Testamento. Lede o registo da vida de Cristo, dos Seus atos e palavras, enquanto esteve na terra, e segui-o o melhor que conseguirdes. Parai de discutir sobre pontos abstrusos, incidentais e subsidiários, e obedecei simplesmente ao Seu mandamento de vos Amardes uns aos outros e de Fazerdes aos outros o que quereríeis que vos fizessem a vós.»

Sorrio quando leio os disparates que se escrevem sobre a facilidade com que espíritos malignos personificam aqueles que amamos, usando os seus nomes, adotando as suas maneiras, sendo capazes de ler a história passada inteira daquele que personificam, o seu parentesco com o assistente e um ror de outras exhibições igualmente maravilhosas.

Os espíritos malignos teriam realmente de ser anjos ministradores!

«Pelos seus frutos os conhecereis», é-nos dito. Os únicos «frutos» de que alguma vez tive qualquer experiência pessoal têm sido uma orientação sábia e amorosa, exortando-nos a boas ações, a pensamentos puros e nobres. Nunca, em todos os milhares de mensagens de que tenho tido conhecimento durante muitos anos de trabalho, ouvi uma única palavra que pudesse ter outra influência que não fosse prestável e enobrecedora no caráter e na mente do destinatário.

Como é óbvio, pretendo que esta declaração se aplique apenas às comunicações que têm surgido através de psíquicos devidamente desenvolvidos, ou a investigadores que fazem sessão sob as condições corretas com nada senão o «bem» nas suas próprias mentes. Não me

estou a referir à matéria que possa entrar na mente perturbada e desequilibrada de uma pessoa histérica ou mentalmente doente.

Tenho tido alguma experiência de manicómios, tendo-os visitado pessoalmente, e também tenho duas grandes amigas que trabalharam nesses locais. Como resultado das nossas indagações e observação, e estas estão apoiadas por estatísticas, chegámos à conclusão de que muitas destas pobres pessoas podem estar a sofrer de mania religiosa, mas nunca assistiram a uma sessão espiritualista nas suas vidas. Certamente que não estudaram o assunto de forma adequada e minuciosa, senão não estariam lá!

Quantas pessoas me têm dito que foram salvas do manicómio, e não empurradas para ele, por aquilo que ouviram e viram através do Espiritualismo! «Se eles veem as nossas provações e os nossos desgostos, como conseguem ser felizes?», perguntam-me frequentemente.

Eles são felizes porque conseguem ver mais longe do que nós: sabem que é apenas por um pouco que choramos e lutamos aqui. Não são insensíveis ao nosso sofrimento, nem querem que cedamos a ele, mas sim que beneficiemos com ele, deixando que nos ajude a compreender os problemas das outras pessoas, até nos conseguirmos juntar a eles novamente.

Não sei quem escreveu as seguintes palavras. Li-as recentemente num pequeno livro ao qual não estava anexado qualquer nome, mas tenho de as transcrever aqui, porque são uma resposta tão completa à pergunta repetida vezes sem conta: «Será que aqueles que amamos, que já partiram, nos veem e sabem o que sentimos por eles?»

Estamos bem certos
De que Ele no-los devolverá — luminosos, puros e belos;
Sabemos que apenas os guarda,
Como Seus e nossos, até que adormeçamos.
Sabemos que não pretende
Quebrar os laços que se estendem
Entre o Aqui e o Além.
Não pretende, embora o Céu seja tão belo,
Transformar os espíritos que ali entram

De modo que esqueçam
Os olhos erguidos e banhados em lágrimas,
Os lábios demasiado imóveis para rezar,
O desespero silencioso.
Estou bem certo de que um dia nos alegraremos muito
Por termos estado, durante algum tempo, tão tristes.

FIM